

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARLENE TEREZINHA GREDEL

**DE COMO A DIDATIZAÇÃO SEPARA A
APRENDIZAGEM HISTÓRICA DO SEU OBJETO:
ESTUDO A PARTIR DA ANÁLISE DE CADERNOS ESCOLARES**

CURITIBA

2009

MARLENE TEREZINHA GREDEL

**DE COMO A DIDATIZAÇÃO SEPARA A
APRENDIZAGEM HISTÓRICA DE SEU OBJETO:
ESTUDO A PARTIR DA ANÁLISE DE CADERNOS ESCOLARES**

**Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Educação,
ao Programa de Pós-Graduação em Educação,
Linha de Pesquisa: Cultura, Escola e Ensino,
Setor de Educação, da Universidade Federal
do Paraná.**

**Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Schmidt**

CURITIBA

2009

ficha catalográfica



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Tese de **MARLENE TEREZINHA GRENDEL** para obtenção do Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados: DRª MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS SANTOS SCHMIDT, DR. JULIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS, DRª MARLENE ROSA CAINELLI, DRª OLGA MAGALHÃES e DRª LEILAH SANTIAGO BUFREM argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Tese: **“DE COMO A DIDATIZAÇÃO SEPARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA DO SEU OBJETO: ESTUDO A PARTIR DA ANÁLISE DE CADERNOS ESCOLARES”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DRª MARIA AUXILIADORA M. DOS S. SCHMIDT		Aprovada
DR. JULIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS		APROVADO
DRª MARLENE ROSA CAINELLI		Aprovada
DRª OLGA MAGALHÃES		Aprovada
DRª LEILAH SANTIAGO BUFREM		Aprovado

Curitiba, 30 de abril de 2009.

Prof. Dr. Ângelo Ricardo de Souza
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

*Ao meu pai Leonardo,
pela constante e desmedida oferta de amor.*

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Schmidt, minha orientadora, pelo exemplar empenho para formação de professores pesquisadores, pela dedicação obstinada, corajosa e perspicaz, enfim, pela convivência frutífera e estimulante em todas as atividades realizadas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da UFPR, por ter acolhido o presente trabalho.

À Secretaria do Programa, Francisca de Jesus Guimarães, Darci Terezinha Preuss Tissi e Irene Sedoski, pela atenção, especial, dada a este trabalho.

Aos amigos e professores de História do Grupo Araucária, em especial, Lindamir Zeglin, Neide Lorenzi, Leôncio de Portes, Almir Compagnoni, Catharina Nastaniec, Henrique Theobald, Cristiane Perretto, Elenice Elias, pelo compartilhamento de ricas experiências de ensino e generoso afeto.

Aos alunos e professores que conviveram e participaram da minha trajetória e que dispensaram atenção e interesse, contribuindo para a realização desta pesquisa. Sem eles esta investigação não seria possível.

À Dr.^a Ana Cláudia Urban e à Dr.^a Rosi Terezinha Gevaerd, pela amizade e pelo apoio na trajetória de formação para pesquisa.

Devo um agradecimento muito especial à Antônia Schwinden, pela generosidade em disponibilizar seu tempo e seu saber para o precioso e necessário trabalho de revisão e amparo seguro.

Agradeço sobretudo à Neusa Maria Tauscheck e ao Dr. Marcos Zanlorenzi, pela amizade, pelas muitas "conversas" acompanhadas de chimarrão e carinho sem igual.

À Rosane Dias de Almeida, pela perspicácia e "proteção certa" nas horas mais "incertas", assim como, à Caroline Dias e ao Fábio Tiومان, pelo empenho e brilhantismo no desempenho da profissão escolhida.

À Márcia Almeida, Samantha Berg Curi, Jerusa Mendes de Oliveira, Maria Elena Soczek, Léia Rachel Castellar, pelas "palavras" e presenças sempre positivas, e por fim, de modo bem especial, agradeço, ao colega Adilson Trojan, por compartilhar a concepção de escola marcada pela valorização do estudo e lembrar, ainda que, "informalmente", a presença do "doce" da época escolar. Ele se faz presente, independentemente, alegremente, simbolicamente, não dito, mas, mesmo assim, apreciado e desejado como o *conhecimento* por ser conquistado e ganhado.

A todos que, de uma forma ou de outra, esforçaram-se para atender ao meu anseio de conhecimento e contribuíram para que o presente trabalho se realizasse, o meu muito obrigada.

Áporo

*Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.*

*Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?*

*Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)*

*presto se desata:
em verde, sozinha,
antieuclidiana,*

uma orquídea forma-se.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

RESUMO

Este estudo busca analisar o caderno escolar, um dos instrumentos mais utilizados no processo de ensino e aprendizagem, na tentativa de identificar seu significado e importância para a compreensão das formas de se registrar as ideias históricas dos alunos. Está inserido entre os temas da Educação Histórica, cujo foco é a necessidade de apreender e analisar relações de alunos e professores com o conhecimento histórico, com os conceitos e as categorias históricas, bem como compreender a forma pela qual a relação com fontes, as estratégias de ensino, os materiais didáticos, os objetos históricos, entre outros, colaboram para a formação das ideias históricas e da consciência histórica de alunos e professores. O estudo parte do pressuposto que o caderno escolar – um material didático ainda pouco investigado – é o elo que aproxima a relação entre cultura, cultura escolar e cultura da escola pelo significado do conteúdo ministrado institucionalmente. Por meio de uma abordagem diacrônica são apontadas formas e funções que progressivamente vão sendo desempenhadas por materiais associados ao objeto de estudo. Sublinham-se aqui os diversos papéis sociais que o caderno assumiu e assume, com relevo para sua transformação em objeto de cultura. Isso posto, pesquisaram-se em uma escola pública do Município de Araucária, PR, o significado e a importância do caderno tanto para os sujeitos que atuam como profissionais como para os jovens alunos. Em específico, estão analisados 18 cadernos de alunos, na perspectiva de compreender tais registros como traços da construção do conhecimento histórico. Constataram-se operações de cunho mais didático do que propriamente desenvolvimento do pensamento histórico, o que revela, uma separação entre as formas de aprender a pensar e as formas de pensar com e a partir da História, dando a entender que há, ainda, pouco autorreconhecimento dos sujeitos escolares como agentes ativos de sua própria educação histórica.

Palavras-chave: Educação histórica. Cultura escolar. Caderno de aluno.

ABSTRACT

The present study aims at analyzing the school notebook as a common tool used in the learning-teaching process so that we can identify its meaning and relevance to understand the student historical ideas. The notebook is included in the Historic Education subject, that analysis how the student/teacher relationship, teaching strategies and materials, as well as history knowledge, categories and objects help to build student and teacher historic ideas and awareness. Although the school notebook has not being deeply studied yet, this study is based on the supposition that it links general culture and school culture through the meaning ascribed to institutionally taught contents. By using the diachronic approach, the study indicates forms and functions that are progressively performed by materials related to this study object by highlighting several roles played by the notebook, mainly its transformation into culture object. Thus, the study analyzed school notebooks of 18 students at a public school in the Araucaria municipality, State of Paraná/Brazil, to understand how important they are both for young students and teachers, mainly seeking to view such records as historical knowledge builders. The study noticed that operations trend is towards being more didactic than addressed to develop historical thoughts, showing a separation between ways of learning /thinking and ways of thinking based on History. Thus, we inferred the school actors are yet little self-aware of their role as active agents of their own historical education.

Key-words: Historic Education. School culture. Student notebook.

LISTA DE TABELAS

1	NÚMERO DE CITAÇÃO DO MATERIAL LEMBRADO.....	83
2	CONSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR COMO ALGUM TIPO DE LEMBRANÇA.....	83
3	MATERIAL CONSERVADO, POR UM TIPO DE LEMBRANÇA.....	84
4	MATERIAL CONSERVADO, POR DOIS TIPOS DE LEMBRANÇA.....	85
5	MATERIAL DIDÁTICO, SEGUNDO A RELEVÂNCIA.....	93
6	EPISÓDIO RELATIVO A CADERNO.....	98
7	EPISÓDIO ENVOLVENDO CADERNO.....	98
8	FUNÇÃO DO CADERNO ESCOLAR.....	99
9	IMPORTÂNCIA DO CADERNO DE HISTÓRIA.....	100
10	MATERIAL ESCOLAR GUARDADO 7. ^a A e 7. ^a B.....	103
11	SENTIDO DO MATERIAL ESCOLAR GUARDADO 7. ^a A e 7. ^a B.....	103
12	MATERIAL ESCOLAR GUARDADO - ALUNOS DA 6. ^a A DE 2007.....	104
13	SENTIDO DO MATERIAL ESCOLAR GUARDADO - ALUNOS DA 6. ^a A DE 2007.....	104
14	EXPERIÊNCIA COM PERDA DE CADERNO.....	106
15	EPISÓDIO RELATIVO A CADERNO.....	107
16	FUNÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CADERNO ESCOLAR.....	108
17	IMPORTÂNCIA DO CADERNO DE HISTÓRIA.....	109
18	ORIENTAÇÃO SOBRE O USO DO CADERNO DE HISTÓRIA.....	109

LISTA DE QUADROS

1	PROFESSORES QUE ATUAM NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA F	72
2	DIFERENTES PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA F	73
3	PROFESSORAS QUE ATUAM NAS DUAS ETAPAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA F	74
4	PROFESSORES QUE ATUAM NA SEGUNDA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO PERÍODO MATUTINO, NA ESCOLA F	74
5	PROFESSORES QUE ATUAM NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL, NO PERÍODO VESPERTINO, NA ESCOLA F.....	75
6	INSPETOR, SECRETÁRIA, BIBLIOTECÁRIA QUE ATUAM NA ESCOLA F	76
7	PEDAGOGAS QUE ATUAM NA ESCOLA F	76
8	COZINHEIRA, ZELADORA QUE ATUAM NA ESCOLA F.....	76
9	MOTORISTAS QUE ATUAM NA ESCOLA F.....	77
10	ASSISTENTES QUE ATUAM NA ESCOLA F.....	77
11	SITUAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 6. ^a SÉRIE A, EM 2007	78
12	CARACTERIZAÇÃO DAS CAPAS DOS CADERNOS DE ALUNOS E ALUNAS.....	126

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	TÁBUA DE BARRO COM ESCRITA CUNEIFORME ASSÍRIA – CORTESIA DO MUSEU BRITÂNICO.....	34
FIGURA 2	DÍPTICO	35
FIGURA 3	POLÍPTICO.....	35
FIGURA 4	UM HORNBOOK INGLÊS: A CARTILHA DO SÉCULO XVII	40
FIGURA 5	MAPA DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA.....	65
FIGURA 6	PRÉ-REQUISITO	128
FIGURA 7	CLASSIFICAÇÃO 1	130
FIGURA 8	CLASSIFICAÇÃO 2	131
FIGURA 9	QUADRO COMPARATIVO DE ALUNO.....	132
FIGURA 10	QUADRO COMPARATIVO DE ALUNA	133
FIGURA 11	MAPA DAS NAVEGAÇÕES	134
FIGURA 12	GLOBO TERRESTRE	135
FIGURA 13	CRISES.....	136
GRÁFICO 1	ALUNOS DA 6.ª SÉRIE A, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA	78
GRÁFICO 2	SITUAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 6.ª SÉRIE A, EM 2007	79
GRÁFICO 3	CONSERVAÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR COMO UM TIPO DE LEMBRANÇA	84
GRÁFICO 4	MATERIAL DIDÁTICO, SEGUNDO A RELEVÂNCIA.....	93
GRÁFICO 5	ATITUDE PERANTE O EXTRAVIO OU A PERDA DO CADERNO	95
GRÁFICO 6	EPISÓDIO ENVOLVENDO CADERNO	99
GRÁFICO 7	FUNÇÃO DO CADERNO ESCOLAR.....	100
GRÁFICO 8	IMPORTÂNCIA DO CADERNO DE HISTÓRIA	100
GRÁFICO 9	CARACTERIZAÇÃO DAS CAPAS DOS CADERNOS DE ALUNOS E ALUNAS.....	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - O CADERNO COMO ELEMENTO DA CULTURA ESCOLAR:	
ALGUMAS DEFINIÇÕES	25
1.1 O CADERNO E A CULTURA ESCOLAR: HISTÓRICO.....	30
1.2 O CADERNO, A CULTURA E A CULTURA DA ESCOLA: APROXIMAÇÕES.....	44
CAPÍTULO 2 - OS SUJEITOS NO UNIVERSO ESCOLAR E O SIGNIFICADO DO	
CADERNO	62
2.1 O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO	64
2.2 O CAMPO DA PESQUISA: A ESCOLA E OS SUJEITOS NO UNIVERSO	
ESCOLAR	67
2.3 O SIGNIFICADO DO CADERNO PARA OS SUJEITOS QUE NÃO ATUAM NA	
ESCOLA F COMO ALUNOS.....	81
2.3.1 O Caderno: da Lembrança à Relíquia	82
2.3.1.1 Memória: lembrar e relembrar – o lugar do caderno	88
2.3.1.2 O lugar da lembrança – o caderno como relíquia.....	91
2.3.1.3 O caderno como arquivo ou morada do conhecimento.....	92
2.3.1.4 A identificação com o caderno.....	95
2.4 O SIGNIFICADO DO CADERNO PARA OS SUJEITOS QUE ATUAM NA	
ESCOLA F COMO ALUNOS.....	102
2.4.1 O Uso do Caderno	104
2.4.2 O Caderno como "Mal Necessário"	106
2.4.3 A Função do Caderno.....	108
2.4.4 A Produção do Caderno de História	109
2.4.5 O Caderno na Aula de História	109
CAPÍTULO 3 - A PRESENÇA DAS IDEIAS HISTÓRICAS NO CADERNO DOS	
ALUNOS	112
3.1 O ESTUDO PILOTO	112
3.1.1 A Investigação nos Cadernos	115
3.1.2 Considerações a partir da Análise dos Cadernos.....	117

3.2 O ESTUDO PRINCIPAL: AS IDEIAS HISTÓRICAS NOS CADERNOS DOS ALUNOS.....	120
3.2.1 Os Cadernos Pesquisados e suas Características Formais.....	122
3.2.2 As Ideias Históricas de Cunho Didático.....	127
3.2.3 As Ideias Históricas Substantivas.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	160
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA MUNICIPAL F.....	168
APÊNDICE 2 - RESPOSTA DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA MUNICIPAL F.....	170
APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DA SÉTIMA SÉRIE QUE ESTUDAM NA ESCOLA MUNICIPAL F.....	192
APÊNDICE 4 - RESPOSTA DOS ALUNOS DA SÉTIMA SÉRIE QUE ESTUDAM NA ESCOLA MUNICIPAL F.....	194
APÊNDICE 5 - "CAPAS" DE CADERNOS (7 ALUNOS E 11 ALUNAS).....	213
APÊNDICE 6 - FOTOS DAS CONTRACAPAS DOS CADERNOS.....	232
APÊNDICE 7 - VERSO DA CAPA DE DOIS CADERNOS DE ALUNAS.....	240
APÊNDICE 8 - QUATRO TEXTOS (FOTOCOPIADOS) PRESENTES NOS CADERNOS CONFORME A ORGANIZAÇÃO APRESENTADA PELOS ALUNOS.....	243

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi instado pelas inquietações gestadas na vivência escolar e familiar da pesquisadora, como aluna e como professora das disciplinas de História e de Filosofia. O conforto e desconforto experienciados ao longo dessa vida escolar, como professora que "ensina" e como aluna que "aprende", no desenvolver das atividades curriculares dessas disciplinas, somados aos estudos desenvolvidos para o mestrado, concentraram a energia e forneceram a base empírica e teórica necessária para este desafio intelectual que, antes de tudo, tem a preocupação em resgatar a escola sob o olhar do aluno, busca dar voz a quem muitas vezes é pouco ouvido e que, paradoxalmente, é o fim único da existência material e abstrata da escola.

Como foco principal deste trabalho, a intenção foi entender que tipo de material didático é o caderno e qual seu significado e importância para se compreender as ideias históricas dos alunos. O caderno tem sido caracterizado como um tipo de material didático pouco investigado. Presume-se que teria no aluno seu dono, autor, portador e confidente. Nesse sentido, este trabalho busca identificar em que medida o aluno, que cursa entre a quinta e oitava séries do ensino fundamental, se relaciona com o conhecimento histórico, levando em conta a utilização do caderno.

Os sujeitos escolares sejam alunos ou profissionais que atuam na escola têm seus próprios interesses, os quais tentam perseguir baseados em suas próprias circunstâncias materiais e em suas histórias. Transformam e tentam, em geral, colocar limites sobre o que é imposto a partir de fora. Eles também tentam utilizar essas "imposições" para seus próprios fins, que terão muito a ver com sua própria localização de classe e gênero. Esses sujeitos, possivelmente, podem apresentar sinais indicativos de alguma percepção, tanto de bem como de não bem-estar, no que diz respeito às mudanças impostas e ao risco de não ficarem mais tão ligados às suas origens de classe, dos ideais de feminilidade ou de masculinidade previstos pela comunidade da qual são parte. Afinal, é inevitável o ingresso no universo cultural da escola e a sua relação com outros sujeitos e com o conhecimento histórico escolar, mesmo que não se tenha objetivado em projetos, ou até, não tão almejado

pela tradição familiar, que na maioria das vezes, apresenta pouca relação, ou mesmo até algum receio, no que diz respeito a ambientes escolares e suas práticas.

Podemos dizer que os cadernos, como suporte da escrita escolar, já foram louvados e contestados, foram minimizados e supervalorizados. O depoimento de uma experiente professora acena para essa, estranha, situação:

O caderno na minha opinião já teve muita importância. Eu mesma cheguei a guardar por muitos anos meus cadernos da 3.^a e 4.^a séries. Hoje em dia os alunos não valorizam os cadernos, arrancam folhas, etc. No meu entender o aluno não dá importância ao seu caderno, sempre quer comprar o novo, o da moda (Pedagogia.a, Apêndice 2, p.186).

No entanto, os cadernos, como qualquer outro suporte da escrita, exigem de quem os emprega que conheça suas possibilidades, saiba aproveitá-las e lhes invente novas utilizações. Os cadernos desempenham uma função num momento determinado da vida escolar e sempre estão presentes na vida e na cultura escolar. "A sabedoria antiga era a de um homem oprimido, à que de seu restava apenas um poder: recusar... A tarefa daquele que possui grandes recursos é muito mais difícil: tem de inventar o próprio uso dos meios de ação" (DIEUZEIDE, 1973, p.157).

Percebemos modos variados e diferenciados de iniciação para o universo escolar. Ademais, nas muitas das vezes, esse modo é decisivo para o futuro escolar dos sujeitos. No interior das famílias os pais atuam de forma, quase, imperceptível. Às vezes, por meio de uma brincadeira como a de produção de *cadernos* de forma *caseira* e artesanal, como foi no caso da pesquisadora em particular, cortando e costurando as folhas, na maioria das vezes, de papel disponível em casa, como o papel utilizado para a produção de calendários, a "folhinha" aqueles distribuídos gratuitamente, ou até o papel de presente, mas também já utilizado para os presentes do último Natal. Às vezes, esses eram mais bonitos que os próprios presentes (que na maioria das vezes reduziam-se a alguma peça de roupa), muitos desses de excelente qualidade, como podemos conferir ainda atualmente. Alguns continuam sendo confeccionados com papel brilhante ou outros tipos de papel que na maioria das vezes são de qualidade superior aos demais e que continuam acessíveis, economicamente falando, pois, indiscutivelmente, o papel faz parte do presente.

Ao adquirir os primeiros cadernos, industrializados, para o uso na escola, a pedido da professora, as folhas dos calendários ou as "folhinhas", como na maioria das vezes são chamadas, passaram, no caso, a ser utilizadas como papel para o encapamento dos cadernos. O papel recomendado "tigre verde" era utilizado só em último caso, ou seja, a pedido da professora ou então na falta do papel de calendário. Era uma disputa ferrenha com os irmãos e colegas de escola para ficar com a figura mais bonita, a mais interessante ou a mais colorida. Ao que parece, a indústria dos cadernos tem uma inspiração muito próxima para a produção do que, na maioria das vezes, é parte dos calendários no seu aspecto decorativo. É um material que acompanha, também, por um ano, seus portadores e faz parte das relações com a identificação e escrita do tempo passado, do tempo presente e do tempo futuro. Esse papel, que é a "folhinha" acompanhada do calendário, seria apenas mais um material consumível e com prazo de validade previamente definido, não fossem a experiência criativa e as diferentes necessidades criadas pelos sujeitos na sua relação com a iniciação, manutenção e preservação de suportes dos materiais escritos.

À primeira vista, é apenas uma simples forma de os pais interagirem com o material escrito disponível e acessível a partir de seus cotidianos, possibilitando, assim, um compartilhamento de suas experiências pessoais com os filhos, colegas e amigos dos filhos com os quais há relações próximas e cordiais. Não necessariamente, incluem-se aí as possíveis e também determinantes dificuldades financeiras para a compra de cadernos e de suas capas. Foram, essencialmente, as simples circunstâncias materiais, econômicas e culturais que introduziram essa prática na experiência escolar da pesquisadora. No início da década de 1980, algumas indústrias de cadernos com capas mais resistentes (ainda não de capa dura) e que dispensam o encapamento passam a colocar no mercado essa formatação de cadernos tipo "universitário".

Em algumas outras vezes, o papel que servia de embalagem para produtos industrializados, como o açúcar e a farinha de trigo, com pacotes de papel branco, entre outros papéis, e até os que eram utilizados como embrulho serviam também para a produção de blocos de anotação, de rascunho, de desenhos e outros. Essas

embalagens de produtos industriais contêm na escrita, compulsoriamente, a propaganda da sua marca, de seu produto e que são facilmente identificadas e reconhecidas. Em alguns casos o nome da marca torna-se tão forte que adquire o poder de substituir o nome do produto.

Os motivos da decoração dos cadernos atuais, principalmente os de capa dura, guardam alguma semelhança com a decoração das "folhinhas" que incluem paisagens de lugares paradisíacos, telas de pintores famosos, fotos de plantas e flores, espécies variadas de animais, carros importados, personagens de desenho animado, personagens da televisão, Nossa Senhora Aparecida, A Santa Ceia de Leonardo da Vinci, santos e ídolos, as bonecas famosas como a Barby, Moranguinho, Jolie, fotos sensuais de alguns modelos, tanto masculinos como femininos, e tantos outros mais.

Os papéis das "folhinhas" são produzidos e utilizados como material de propaganda por lojas de armarinhos e outros estabelecimentos comerciais. Em muitas casas de famílias, ainda hoje, esses calendários cumprem funções distintas e simultâneas como a *localização do tempo*, como *objeto de decoração* e como *lembrança*. Em muitos dos casos torna-se uma lembrança por tratar-se de brindes de lojas com as quais é previsto que se estabeleçam relações que possibilitam a criação de vínculos, sejam eles comerciais ou afetivos como de amizade e gratidão. Normalmente esses calendários são oferecidos como presentes na época de natal ou próximo, como sinal de simpatia e agradecimento pela preferência.

O verso dessas "folhinhas" é todo branco, nele, para a continuidade da brincadeira, eram, então, marcadas as linhas para o futuro registro da escrita, ou seja, era apenas um treinamento prévio, um exercício que antecipava a alfabetização. Quando não se utilizava esse verso da folha da "folhinha", utilizava-se a escrita dos nomes dos meses e dos números do mês para o decalque do traçado das letras e, principalmente, dos números, ao qual pertenciam àquela "folhinha" de datas passadas. Um trabalho artesanal, como essa produção do caderno, provoca uma relação forte com seu produto final. Operações simples mas essenciais, aparentemente, parecem

insignificantes por serem aprendidas por observação, imitação e melhoradas, é claro, pela experiência. Os materiais já utilizados são, muitas vezes, o apoio e o socorro de alunos, para se relacionarem com o conhecimento, como mostra a investigação aqui realizada.

O ser humano, necessariamente, precisou procurar materiais para se proteger da temperatura e mais tarde utilizou-os para a pintura e a escrita – principalmente materiais de origem vegetal e animal, além de material de origem mineral, em especial o barro. Segundo Katzenstein (1986), não é sempre reconhecido claramente que o desenvolvimento de todos esses materiais – pele animal, casca ou folha de árvore, barro, papiro, papel ou outros, porém, "[...] em todas as civilizações e em todos os períodos da história, seguiu por linhas idênticas" (p.114).

Surpreendentemente, as tábuas de ardósia usadas até recentemente por sujeitos escolares, no Ocidente, e as tábuas de cera utilizadas há séculos na Grécia e em Roma tinham o mesmo formato e eram colocadas em molduras de madeira. Com o tempo, a cera é substituída por ardósia no processo de desenvolvimento e a oferta do caderno pequeno, tipo brochura, passa para o caderno maior, tipo "universitário" e de capa dura.

A familiaridade e a experiência com o manuseio do caderno, como a identificação das linhas, do início e do final, tanto da folha como do caderno, do traçado das letras e dos números, ficaram garantidas nessa nossa "brincadeira" inicial. Houve um diálogo entre a experiência familiar e a cultura escolar, um primeiro enfrentamento, uma nova experiência.

Meu pai lia jornais – nem sempre os do dia – e fazia cálculos quase que diariamente. Era um grande momento quando ele se ajeitava à mesa, da cozinha grande, com seu caderno de anotações e folhava com cuidado seu bloco de pedidos (de adubo). Depois, lentamente, desdobrava o jornal e punha-se a lê-lo, movendo os lábios. Se precisasse dele nesse tempo, sabia que, de forma alguma, não me responderia. Eu, quando ninguém olhava, imitava-o – tendo, algumas vezes, o azar de segurar as letras, todas, de ponta cabeça. Em diversas situações, flagram-me

nos meus imaginários movimentos de leitura. Então, meu pai, para me tranquilizar, se dirigiu a mim e explicou que eu também aprenderia a ler. Com isso, despertou em mim um insaciável anseio pela escola e conseqüentemente pelos seus materiais.

Na maioria das vezes são os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições para o ensino e a aprendizagem na sala de aula. No entanto, são os textos registrados no caderno, mesmo que alguns sejam selecionados a partir do livro didático, que definem nesta investigação as ideias de História compartilhadas entre a professora e os alunos da turma escolhida para a presente investigação.

Os livros, por serem emprestados, são obrigatoriamente devolvidos à escola. No entanto, não se pode esquecer que as pressões econômicas e ideológicas sobre os textos são intensas. "Embora o livro didático possa ser parcialmente libertador, uma vez que fornece o conhecimento necessário onde faz falta, freqüentemente o texto se torna um aspecto de sistemas de controle [...]" (APPLE, 1995, p.82).

Mesmo assim, não é pouco o que é deixado para a decisão dos professores e alunos. Na mesma medida em que o município ou governo de um modo geral tentam controlar os tipos de conhecimento que devem ser ensinados, ao distribuir gratuitamente livros didáticos, percebe-se uma exigência e, portanto, uma seletividade significativa, no sentido da qualidade desses textos. Os alunos, muitas vezes, fazem questão de "esquecer" o livro didático. Em algumas turmas a quantidade de livros não é suficiente, faltam livros e nem sempre tem sido possível à escola providenciar as reposições. A cota destinada à escola não prevê acréscimos, e mais, baseia-se no número de alunos do ano anterior. O professor seleciona outras fontes, outros recursos como mostra parte da investigação.

[...] cultura, estado e economia apresentam complexos inter-relacionamentos – que foram e são mediados pela dinâmica de classe e gênero [...] Ainda que o objetivo declarado de nossas instituições escolares tenha muito a ver com os produtos e processos culturais, com a transmissão cultural, foi somente a partir da última década que a política e a economia da cultura *realmente* transmitida nas escolas vêm sendo examinada como um campo de pesquisa séria (APPLE, 1995, p.82-83).

Ao analisar as relações do mundo comercial de alguns materiais escolares, pode-se obter uma melhor compreensão da forma como aspectos particulares são

apresentados e tornam "aquilo" que é comprado um outro produto. A escolha de conteúdos e das formas como devem ser abordados na escola está relacionada, também, tanto com as relações de dominação existentes quanto com as lutas para alterar essas relações. Embora exista, no Brasil, um patrocínio oficial do governo federal, as estruturas são produzidas pelo mercado. Talvez, o mais importante desses elementos possa vir a ser os vários modos da construção possíveis de seus próprios materiais escolares.

Para falar um tanto tecnicamente, as relações dominantes são continuamente reconstituídas pelas ações que empreendemos e pelas decisões que tomamos em nossas próprias e pequenas áreas de vida locais. A economia não está "lá fora", ela está bem aqui, perto de nós. Nós a reconstruímos rotineiramente em nossa interação social. A dominação ideológica e as relações de capital cultural não constituem algo que nos é imposto a partir de cima. Em vez disso, nós mesmos as reconstituímos em nosso discurso cotidiano meramente pelo fato de seguir nossas necessidades e desejos comuns na tarefa de ganhar a vida, encontrar diversão e sustento e assim por diante (APPLE, 1995, p.98-99).

Da minha trajetória profissional fazem parte várias experiências com a prática de ensino de História. Cursei as disciplinas de Metodologia e Prática de Ensino, tanto para a disciplina de História como para Filosofia. Em 1991, a Secretaria de Estado da Administração, PR, organizou concurso público para contratação de professores. Aprovada para as duas disciplinas, História e Filosofia, atuei no ensino fundamental, lecionando História, e no Ensino Médio, Filosofia. Posteriormente, em 2003, prestei concurso para ingresso como professora do sistema municipal de ensino de Araucária.

Nesse meio tempo, cursei o mestrado na PUC de São Paulo, tendo defendido a dissertação denominada *Recrutamento e Seleção de Professores de Filosofia*. O referencial para análise foram os estudos sobre aspectos da organização do trabalho pedagógico no âmbito da definição de conteúdos e de processos avaliativos para a disciplina de Filosofia. A conclusão a que se chegou é que, mesmo havendo o *concurso* que envolveu recrutamento amplo e seleção rigorosa com base em critérios tecnicamente estabelecidos, a seleção não se orientava pela formação específica do professor, nem pelo programa que ele, supostamente, deveria seguir ao

ministrar tal disciplina. Esse estudo revelou, portanto, um tratamento dicotomizado para elementos que, esperava-se, deveriam estar em íntima relação e interação. As práticas institucionais e pedagógicas em execução mostraram-se insuficientes para dar conta, plenamente, do ensino da Filosofia.

Ao que parece, para manter a aparência "progressista", o governo em 1989, ao implantar as novas grades curriculares, privilegiou apenas as questões relativas à forma, desconsiderando a essência e o conteúdo. Essa mesma prática "realiza-se" nas direções (pessoa do diretor escolar) com excessiva concentração de decisões e total ausência de mecanismos que possibilitassem a transparência das informações, ou a discussão colegiada das questões fundamentais, pedagógicas ou administrativas que envolvem a todos (GRENDDEL, 2000, p.38).

Minha aproximação com a *Educação Histórica* deu-se quando passei a fazer parte do grupo de professores de Araucária, denominado *Grupo Araucária*, em abril de 2003. O grupo, coletivamente, construía seu processo de profissionalização, procurando redirecionar a trajetória do ensino de História no município de Araucária. Para tanto, foram levados em conta alguns documentos produzidos coletivamente, como as diretrizes do Plano Curricular de História de 1992; de 1996; a sistematização preliminar da disciplina de História de 2000 e reorganização dos conteúdos em 2001/2003. Também algumas discussões e depoimentos vivos das experiências passadas, assim como a apropriação e realização de estudos sobre o ensino de História, compreenderam parte desse diálogo, fazendo valer o redirecionamento curricular da disciplina.

Com essa medida, o ensino de História em Araucária, por meio do Grupo Araucária, incitou os professores à reflexão sobre a sua prática docente, bem como à produção de textos sobre a profissão, assim como os levou à leitura dos teóricos da área. Esse aprofundamento ficou evidenciado com o desenvolvimento de pesquisas sobre elementos do trabalho docente no ensino de História, tanto pelos professores que ingressaram no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR quanto pelos demais professores que tiveram produção fora do ambiente acadêmico. Essas pesquisas foram posteriormente apresentadas em eventos nacionais e internacionais sobre o ensino de História.

Tal iniciativa habilitou esses professores, inicialmente, para que participassem de Congressos, Seminários e Encontros alinhados à chamada *Educação Histórica*. Em seguida, o grupo recebeu a visita de teóricos do ensino de História de diversas partes do mundo, que enriqueceram sobremaneira o conhecimento acumulado pelo grupo ao longo desse tempo.

Esse esforço teve o claro objetivo de não permitir que a *Educação Histórica* praticada em Araucária corresse o risco de ser transformada em algum tipo de presentismo ou de ser banalizada ou naturalizada. Existe uma consciência histórica acerca da prática do grupo de professores tal como das dúvidas e dos projetos, até porque uma entre as tantas tarefas da *Educação Histórica* constitui-se na desconstrução e desnaturalização das representações tidas ou entendidas como únicas e certas.

A partir da década de 1980, tiveram início as pesquisas sobre a aprendizagem histórica de alunos. Essas pesquisas foram desenvolvidas, inicialmente, nos Estados Unidos e principalmente na Inglaterra (LEE, 2001) e têm se constituído em referência já há algum tempo em Portugal (BARCA, 2000; BARCA; GAGO, 2001). No Brasil, embora recente, essa área de investigação denominada *Educação Histórica*, encontrou seu *locus* mais promissor na UFPR.

A *Educação Histórica* está focada na necessidade de apreender e analisar as relações de alunos e professores com o conhecimento histórico, com os conceitos e as categorias históricas, assim como as *ideias substantivas* e *ideias de segunda ordem* da disciplina de História. Tal foco compreende ainda a análise da forma pela qual a relação entre as fontes, as estratégias de ensino, os materiais didáticos, os objetos históricos, entre outros, colaborou para a formação das ideias históricas e da consciência histórica de alunos e professores.

A presença do *caderno do aluno* para o ensino das *disciplinas escolares* é uma característica histórica do processo educativo. Os professores, em sua maioria, cobram um caderno para a prática de estudo e, no ensino fundamental, costumam exigir que o aluno o apresente para sua *disciplina*. Porém, a posse de um *caderno completo* – argumento muitas vezes utilizado para qualificar positivamente o material

escolar – revela só uma parcela do que o aluno tenha compreendido do conteúdo que anotou.

Há que se notar, ainda, que a apresentação, disposição e organização interna do caderno são fatores importantíssimos quando se está aprendendo. Mesmo a sua apresentação estética faz parte desse processo de aprendizagem.

Cada professor que atua no ensino de História em nível fundamental tem uma ideia de como pôr em prática o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, para tentar entendê-lo melhor, busca-se analisar um dos instrumentos mais utilizados no referido processo – *o caderno escolar*. Suporte didático que ainda não se revelou em sua plenitude para o professor, e talvez ainda pouco para o aluno, autor e portador daquele, que o mantém e o conserva como fonte de consulta para seus estudos futuros. É o caderno do aluno, pois, é único na sua forma de registrar e se relacionar, não importando muito que os conteúdos, a princípio, sejam determinados pelo professor.

Dos cadernos, acabam restando *lembranças*. Sabendo disso, buscou-se antecipar ligeiramente ao término do ano letivo de 2005 para o recolhimento dos cadernos a serem analisados no estudo piloto, no sentido de que não ficassem temerosos com, talvez, uma possibilidade do não-retorno do caderno – já que era uma professora de outra escola e que não conheciam.

Para o estudo principal partiu-se do pressuposto de que o caderno é o elo que aproxima a relação entre *cultura*, *cultura escolar* e *cultura da escola* pelo *significado do conteúdo* ministrado institucionalmente.

Para ter acesso garantido ao caderno produzido no ano letivo de 2007, houve necessidade de uma negociação prévia, por meio da qual se garantiu a posterior disponibilidade deles para a pesquisa – ao todo 27 cadernos dos quais para a análise final selecionaram-se 20 e 18 foram efetivamente analisados. Todos os estudos foram feitos em escolas públicas, municipais, na cidade de Araucária, PR.

A partir das questões apresentadas foram propostas as seguintes perguntas de investigação:

- 1) Que tipo de material didático é o caderno?
- 2) Qual a relação entre o caderno dos alunos e o ensino de História?
- 3) Que ideias históricas podem ser observadas e são predominantes no registro feito pelos alunos?

Essas questões constituíram o foco da análise, cujas discussões e reflexões estão distribuídas nos três capítulos que compõem esta tese.

No capítulo 1 trata-se do caderno na e a partir da relação *cultura e escola*. Pensando que a cultura jamais pode ser uma forma em que as pessoas estão vivendo, num certo momento isolado, mas sim uma seleção e organização, de passado e presente, necessariamente, e, de certa forma, providenciando seus próprios tipos de continuidade.

É característica das escolas pretenderem transmitir "conhecimento" ou "cultura" em sentido absoluto ou universal, embora seja óbvio que escolas diversas, em épocas diversas e em países diversos, transmitam versões seletivas diferenciadas, e (ou) diversas, de práticas, de conhecimento e de cultura.

A especificidade da "cultura escolar" e da "cultura da escola" é anunciada por Forquin (1993, p.167), para quem

a escola é também um "mundo social", que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta "cultura da escola" (no sentido em que se pode também falar da "cultura da oficina" ou "cultura da prisão") não deve ser confundida tampouco com o que se entende por "cultura escolar", que se pode definir como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, "normalizados", "rotinizados", sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas.

As obras escritas e seus suportes são importantes por serem uma herança do passado e por nos vincularem a um tipo de cultura, inclusive aquela produzida no interior da escola. Nessa relação inscreve-se o caderno como um produto e produtor de cultura. No entanto, este produto e produtor de cultura, contém, necessariamente, um entendimento, uma interpretação da realidade escolar que, ao interagir com a

escola (em suas múltiplas formas) e a nossa coexistência, principalmente, como uma experiência vivida, torna-o pouco "acessível", mesmo para quem participa do ambiente escolar.

Assim, no capítulo 2, o intento é versar sobre os sujeitos no universo escolar e o significado do caderno. Percebe-se, por meio da escrita dos sujeitos escolares, que as motivações são sempre múltiplas e por mais que se esmiucem os detalhes, alguns escaparão, no entanto, a escrita dos sujeitos se mostra reveladora da atribuição de um valor social ao caderno.

A maior parte dos fatores que afetam diretamente a rotina diária de uma escola não se deve ao fato de existirem grandes indústrias de caderno, grandes editoras ou outras grandes empresas. Em vez disso, cotidianamente, a cultura da escola é mais fortemente influenciada pela política da escola e pelas relações existentes entre os diversos sujeitos escolares, pois são eles que dão sentido e significados às ações das quais nascem os elos entre a sociedade e a escola. O desconhecimento das origens e valores dos sujeitos, pode constituir um obstáculo para a construção de uma prática pedagógica autônoma e produtiva. As diferenças entre, gênero, tempo de escola e "formação" são dados interessantes para o aprofundamento deste estudo.

Os capítulos 1 e 2 possibilitam encontrar o caderno e inseri-lo num universo relacional, para além de sua definição como mero material de consumo didático.

O capítulo 3 trata dos percursos da investigação, sobre a presença das ideias históricas nos cadernos dos jovens alunos, da análise realizada com base nos resultados do estudo piloto, da organização da pesquisa e a técnica de investigação dos cadernos (como e o que se investigou). Na sequência, tratar-se-á especificamente dos cadernos e das ideias históricas, procurando-se realizar uma análise dos cadernos dos alunos, na perspectiva de compreender tais registros como traços de uma determinada relação entre o ensino, a aprendizagem e o seu objeto, que é o conhecimento histórico.

CAPÍTULO 1

O CADERNO COMO ELEMENTO DA CULTURA ESCOLAR: ALGUMAS DEFINIÇÕES

O objetivo deste capítulo é procurar localizar e delimitar os conceitos de *cultura*, *cultura escolar* e *cultura da escola*. Tal objetivo compreende ainda a produção de uma análise teórica – nos limites do escopo deste trabalho – fundamentada nas investigações científicas que oferecerão a base para a delimitação conceitual aqui explorada. Assim, calcando-se nesta base teórica, buscar-se-á comprovar como é possível fundamentar o conceito de *caderno* como *produto da cultura escolar* e da *cultura da escola*.

O sentido original do termo latino *cultura* era propriamente o ato, efeito ou modo de cultivar (*colere*) que, desde seu aparecimento, significou tanto o cultivo das plantas, de animais como a produção humana em geral, seja material, seja espiritual. Contemporaneamente, cultura é uma palavra polissêmica, abriga vários sentidos que se irradiam em múltiplos outros, derivam infinitamente, de tal forma que o sentido desta palavra constitui-se em objeto de controvérsias. De fato, não há uma definição que abranja todas as possibilidades de sentido atribuídas ao termo cultura (FUNARI, 2003).

Isso posto, será necessário explicitar o que, neste trabalho, se entende por *cultura*. Para investigar o que significa *cultura*, tomar-se-á aqui a perspectiva de Williams (2003, p.51-77), que entende a *cultura* para além do conjunto de conhecimentos, pois a vê também como uma experiência ordinária, que designa os significados comuns a uma sociedade moderna, aos seus usuais modos de vida, assim como a sua produção artística e intelectual. Ou seja, a cultura está relacionada ao processo integral da vida e ao seu caráter social, que requer ser compreendido numa perspectiva *relacional*, observando-se uma interdependência entre todos os aspectos da realidade e da dinâmica social. Assim, é preciso levar em consideração que todo produto cultural – e entre eles inclui-se o *caderno*, objeto deste estudo – é determinado historicamente e pela sua relação com os sujeitos sociais aos quais ele está relacionado.

A concepção que se tem da *cultura* é fundamental para a *educação* e em particular para a *escola*. Esta define o olhar que temos e a maneira de apreendemos os saberes, de nos relacionarmos com os sujeitos escolares, de lidarmos com os objetos materiais e com as práticas escolares. Por isso, para tratar da escola, toma-se antes de tudo aqui o conceito de *cultura* como *relacional*. Quando a cultura é entendida como *relacional*, segundo Williams (2003), não há exclusão entre os seus níveis e suas categorias. Segundo este autor, a cultura não se situa como elemento superestrutural, nem, por outro lado, pode ser entendida como reflexo da infraestrutura, mas necessita ser apreendida e assimilada em processos *relacionais*, nos quais há um entrelaçamento de relações e dependências num processo que se mantém em constante transformação. Essa reorganização das relações não advém de um planejamento, mas das mudanças na maneira como as pessoas se veem obrigadas a produzir e a conviver, ou seja, há uma correspondência entre suas ações e as alterações ocorridas no âmbito maior da sociedade.

O fato de se examinar o *caderno escolar* e vê-lo como *produto cultural* não nos faz abstrair um valor ideal ou transformá-lo em um documento específico e, acima de tudo, não nos induz ao erro de vê-lo a partir de uma única cultura determinada. Se a perspectiva é *relacional*, o *caderno escolar* apresenta-se como *meio* para uma produção específica, no caso, *escolar*, mas sempre apreendido na e a partir da sociedade, a qual pode explicitar o conteúdo da experiência dos sujeitos. Segundo Williams (2003, p.55): "Para estudar com propriedade as relações, devemos estudá-las dinamicamente, vendo todas as atividades como formas particulares e contemporâneas da energia humana". O que equivale a dizer que devem ser estudadas todas as relações, sem priorizar uma ou outra, analisando as relações entre todos os elementos envolvidos.

O objetivo, no que diz respeito ao *caderno escolar*, não é a comparação ou a produção de escalas, mas o de descobrir o potencial deste, bem como o seu significado na experiência dos sujeitos do universo escolar. Para tanto, tem-se em vista a relação do caderno com o universo escolar, com a cultura escolar, ou,

se pensamos na conceituação de Forquin (1993), na *cultura escolar* e na *cultura da escola*.

Pode-se dizer que a *cultura escolar* é um conceito que apreende o deslocamento, de transferência da marca didática e acadêmica, dos seus saberes e modos de pensamento, dos hábitos e critérios de excelência escolares, para as demais atividades, sejam culturais, profissionais e políticas. Processo este que, segundo Forquin (1993), revela uma relação entre a cultura tipicamente escolar com as outras dinâmicas culturais, tanto as culturas ditas eruditas quanto as culturas ditas populares.

A relação de *sistemas de pensamento*, de *dispositivos cognitivos e simbólicos* da escola com o campo social transforma-se, assim, segundo o autor em questão, em *força formadora de saberes*. A partir dessa visão, Forquin (1993, p.18), na esteira de Williams (2003), põe ênfase na complexidade da relação *escola e cultura* e renuncia à idéia de entender essa relação complexa, esse transbordamento, como um simples "reflexo de uma cultura posta como entidade una e indivisa".

Percebemos a escola como uma instituição complexa que vai além das atividades de ensino e aprendizagem ou das chamadas atividades pedagógicas. Caracteriza-se por ser, antes de tudo, um grupo social cuja estrutura compreende não apenas as relações conscientemente ordenadas, ou prescritas, pois há relações que vão além daquilo que se espera para ela e que nascem da própria cultura da escola. É formada por grupos relacionais que vivenciam códigos e sistemas de ação num processo que faz dela, ao mesmo tempo, produto e instrumento cultural. Ela constrói e reconstrói, inclusive, as formas pelas quais essas determinações alcançam efeito no cotidiano, e tudo isto é expresso na cultura da escola.

Esta perspectiva alia-se às idéias de Williams (2003), para quem o conceito de cultura deve ser analisado a partir de três categorias gerais, quais sejam: a *cultura ideal*, a *cultura documental* e a *cultura social*.

A definição que Williams dá para *cultura ideal* é a cultura do ponto de vista do que há de mais universal e de mais permanente nas produções do pensamento

humano. "A cultura é um estado ou processo de perfeição humana nos limites de certos valores absolutos ou universais" (WILLIAMS, 2003, p.51).

Aceita essa definição, a análise da cultura (sob o prisma da cultura ideal) "é em essência o descobrimento e a descrição, na vida e nas obras, dos valores que podem compor uma ordem atemporal ou fazer uma referência permanente à condição humana universal" (WILLIAMS, 2003, p.51).

Já na categoria documental, a cultura é definida por Williams (2003, p.51) como: "a massa de obras intelectuais e ficcionais nas quais se registram de formas diversas o pensamento e a experiência humana". Segundo essa definição,

[...] a análise da cultura é a atividade da crítica, através da qual se descrevem e avaliam a natureza do pensamento, a experiência e detalhes da linguagem: a forma e a convenção em que estes se manifestam. Essa crítica pode oscilar desde um processo muito similar à análise *ideal*, o descobrimento do *melhor que se tenha pensado e escrito no mundo*, passando por um procedimento que, interessado na tradição, se concentra particularmente na obra estudada (o principal objetivo que visa é sua clarificação e avaliação), até uma espécie de crítica histórica que, depois da análise de obras específicas, procura relacioná-las com as tradições e sociedades nas quais surgiram (WILLIAMS, 2003, p.51).

Quanto à definição da cultura sob a ótica *social*, Williams (2003, p.51) diz que a cultura é: "a descrição de um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não só na arte e no aprendizado, mas também em instituições e no comportamento ordinário".

De acordo com essa definição, conclui que a análise da cultura é o "esclarecimento dos significados e valores, implícitos e explícitos, num modo específico de vida, numa cultura específica" (p.52).

O foco de Williams é a *cultura social*. Porém, como reiteradamente esclarece, a análise da cultura em nenhum momento poderá ser feita sob apenas um dos três conceitos, senão sob a ótica dos três, relacionando-os sempre.

O exemplo que usa para explicitar essa necessidade é a obra *Antígona*, de Sófocles. Destaca inicialmente que, analisando essa tragédia pelo viés da cultura

ideal, pode-se ressaltar o valor ético e moral do respeito aos mortos¹. Já, analisada sob o viés da *cultura documental*, pode-se extrair e ressaltar, por exemplo, o alto valor poético dos versos, sua métrica, rítmica etc. Porém, segundo o autor, sem qualquer demérito às possibilidades anteriores, não se pode deixar de analisar o contexto social no qual esse texto dramático se desenvolveu, o momento histórico do povo que o concebeu e o recebeu, e mais, como as gerações têm recebido essa obra através dos séculos.

Ao tempo em que divide a cultura nesses três conceitos, a obra de Williams (2003) sugere pelo menos duas funções aos produtos da cultura: as funções primárias (utilidades práticas) e as funções secundárias (simbólicas). O *caderno* escolar, objeto deste estudo, pode ser visto como um exemplo disso, pois, por um lado, apresenta funções básicas como a de registrar um texto, servir ao cálculo e ao desenho, por outro é ícone escolar, pois, assim como o quadro de giz, é difícil pensar em caderno sem ligá-lo à escola e à experiência dos sujeitos com o conhecimento. Tal se confirma, também, devido ao fato de o caderno aparecer, como sujeito, na poesia e na música, sistematicamente.

As funções práticas e simbólicas do caderno foram sendo construídas historicamente e acompanhando a elaboração da cultura no processo de humanização. Conforme Williams (2003), a cultura, quando vista sob a lente da *cultura ideal*, se refere a um estado ou processo de perfeição humana. A cultura ideal pode relacionar-se com o letramento, e este se vale historicamente, como se vale hoje na vida de cada indivíduo, do caderno escolar. Minimamente é possível afirmar que a alfabetização inicia-se intrinsecamente ligada ao caderno. Dada essa importância, busca-se a seguir uma contextualização, uma historiografia da escrita e do surgimento do caderno escolar, como elemento da cultura humana e sua inserção nesta, como produto da cultura escolar e da cultura da escola.

¹ Nessa peça, Creonte, rei recém-empossado de Tebas procura impedir que se prestem rituais fúnebres a um de seus sobrinhos, Polinice, filho de Édipo e Jocasta (irmã de Creonte) que morreu num assalto por ele liderado à cidade para tomar o poder que ficara nas mãos de seu irmão Etéocles.

1.1 O CADERNO E A CULTURA ESCOLAR: HISTÓRICO

Sabe-se que a representação pictórica foi o primeiro passo usado pelo homem como forma de registrar uma idéia ou fato. Porém, a origem da arte da comunicação por meio de uma escrita que pode ser lida por outros remonta aos sumérios, na Mesopotâmia, há cerca de 3.500 a.C., época em que, nas outras civilizações, as únicas comunicações escritas, ainda, consistiam em gravações da arte rupestre (KATZENSTEIN, 1986). Pode-se dizer que a escrita se desenvolveu por meio de um processo longo em que esses pictogramas foram mais e mais se abstraindo, até que se transformaram em ideogramas e símbolos, e os últimos se sofisticaram a ponto de, gradativamente, perder a ligação pictórica com o objeto original e, cada vez mais, ter relações com os sons pronunciados na fala.

Segundo Katzenstein (1986), há indícios de que os primeiros textos sumérios preservados consistiam de listas de gado e outros inventários das amplas propriedades dos templos, as quais acreditavam pertencerem aos deuses e deverem ser administradas pelos sacerdotes, seus representantes, e portanto responsáveis pela conservação, melhoramento e pela receita dos bens de seus senhores. A eles deviam prestar contas das suas tarefas e, quando os dispositivos mnemotécnicos se tornaram inadequados, fizeram-no inscrevendo sinais em tabuletas de barro.

O conteúdo desses documentos sacerdotais, ao que parece, tem sido interpretado como o de caráter unicamente "prático econômico", o que sem dúvida o eram para aqueles a quem os escreviam, porém, sua essência é vista como "religiosa", uma vez que os textos eram escritos por "profissionais representantes dos poderes sobrenaturais que dominavam a vida dos homens na antiguidade e a eles dirigidos no cumprimento de uma obrigação sagrada" (KATZENSTEIN, 1986, p.23).

Segundo Funari (2003), para os antigos romanos, as letras latinas, chamadas maiúsculas ou capitais (caixa alta), restringiam-se às grandes inscrições oficiais: eram as letras da erudição, esculpidas na rocha ou batidas em metal. O povo comum, mesmo nos dias atuais, utiliza-se da letra de mão ou cursiva que possui características

morfológicas distintas. Antes de tudo, sua forma tão diversa das capitais, possui uma flexibilidade e uma estética particularmente maleáveis.

As letras cursivas são escritas com instrumentos que permitem a continuidade do traço, como o "estilete" e o "pincel", antigamente, e atualmente, a famosa caneta esferográfica e o lápis ou a lapiseira; as letras entrelaçam-se de forma sutil. Além disso, as letras tendem a ter seus traços alongados, o que permite uma verdadeira iconografia na simples escrita².

Os seres humanos, ao atribuírem poderes mágicos a todas as coisas, conferiram significado sagrado e rituais ao material de escrita, à forma como se apresentava, às suas letras e ao próprio ato de escrever. Os caracteres usados nos textos sagrados foram também considerados sagrados: "as letras quadradas usadas pelos judeus para escrever a Tora, e as letras do Corão islâmico. A palavra grega para hieróglifo significa 'gravação de textos sagrados'" (KATZENSTEIN, 1986, p.31).

Algumas civilizações continuam a usar materiais de escrita pouco práticos e caros para textos religiosos, mesmo depois de os abandonarem para outros escritos – os rolos de pergaminho dos judeus são um exemplo dessa prática cultural. Métodos de produção antiquados e materiais de escrita ultrapassados têm sido conservados em muitas civilizações sem motivação religiosa, mesmo sendo contrários ao seu interesse material, ambiental, e nem sempre as razões têm sido explicadas satisfatoriamente.

Contudo, a idéia de uma "evolução" da escrita tem sido percebida como puramente teórica e lógica. Nada indica que a escrita ideográfica tenha sido inventada por sujeitos que não mais se satisfaziam com a escrita pictográfica, e menos ainda que a escrita fonética tenha nascido de uma consciência da insuficiência dos sistemas ideográficos.

Na perspectiva de Martins (1996), não há entre esses sistemas nenhuma sucessão necessária no *tempo*, sendo que poderíamos tender ao pensamento de

² É comum ouvir professores alertarem alunos sobre a necessidade de escreverem com material que proporcione visibilidade e legibilidade ao registro escrito. Em uma dada ocasião ouvi um professor frisar sobre não ser o Champollion que supostamente dominaria a arte do deciframento da escrita. Foi bem engraçado para a turma que o ouvia.

que são antes razões de ordem geográfica que devem ter predominado, ao lado de outras, mais complexas, de ordem social. E a prova é que, *até hoje*, sistemas pictográficos e ideográficos se perpetuam, em círculos restritos no espaço, qualquer sujeito pode comunicar-se com seus semelhantes por meio da mais rudimentar, possível, escrita.

Segundo esse autor (1996, p.35), há "criação" dentro de cada sistema, maior ou menor conforme os casos, mas não de um sistema para outro. Tudo indica que a invenção da escrita tenha respondido, para cada um, a intenções completamente diferentes.

Com essa forma de pensar, ao mesmo tempo que recorremos ao passado, nos abrimos ao futuro, pois, a forma original não deixa de ser, simultaneamente, uma restauração e, sendo assim, uma continuidade e também um inacabamento na arte da escrita, assim como na utilização de seus suportes. Longas etapas – que não são *sucessivas*, nem no espaço nem no tempo – marcam, de um ponto de vista teórico, o desenvolvimento da escrita e da utilização dos seus suportes.

Assim, por exemplo, a escrita pictográfica parece responder a necessidades ideológicas completamente diferentes das que iriam provocar o nascimento do sistema fonético, estranhas a estas últimas e muitas vezes antagônicas em seus objetivos. O que exigimos à escrita não é o que o primitivo exigia aos recursos que convencionalmente também chamamos de escrita. Conforme Martins (1996), tanto quanto se pode saber, as pinturas e esculturas das grotas pré-históricas não respondiam nem a uma intenção estética, isto é, desinteressada, tendo em vista exclusivamente a beleza, nem a uma intenção racional, isto é, lógica, tendo em vista a fixação e a transmissão do pensamento.

Os suportes, tanto dos pictogramas quanto da posterior escrita, eram, em geral, quaisquer superfícies planas oferecidas pelo ambiente natural. No entanto, tem-se observado que, de fato, alguns desses suportes para registros se situam a grandes distâncias subterrâneas, nas partes mais obscuras das cavernas. Por exemplo, em Cabrerets (França), para se chegar ao local onde foram feitos alguns registros, é necessário rastejar em túneis estreitos. Em Niaux, as pinturas estão a oitocentos metros da entrada (GAXOTTE, 1951).

Possivelmente muitos dos outros suportes utilizados não sobreviveram ao tempo, como pedra, osso, casca de árvore (líber), barro, papiro, folhas de palmeira, pergaminho (couro), bambu, seda e possivelmente alguns outros tipos de papéis.

É compreensível que freqüentemente muito tempo se passe antes que os sujeitos se interessem pela origem de um material ou técnica. É comum não dar atenção ao seu alcance, pois era quase impossível prever se no futuro seria ou não base para outros desenvolvimentos e, além disso, demora um bom tempo para se atingir um ponto de algum tipo de "perfeição".

Desde os tempos pré-históricos a natureza tem provido os sujeitos com material em abundância para registrar fatos e pensamentos: pedra, mineral, madeira, casca e folha de árvore. Os animais contribuíam com cera, chifre, osso e marfim, e, às vezes, os seres humanos têm pintado e escrito em sua própria pele. Em algum momento o homem percebeu que aquilo que gravava na superfície das pedras podia ser preservado *para sempre*; isso significava que podiam ser registrados contratos legais e códigos de leis, feitos heróicos, textos e pinturas religiosas e transmitidos à posteridade.

Com experiência adquirida, para melhor servir seus propósitos, o homem submetia os diferentes materiais a tratamentos que, com a passagem do tempo, se tornaram mais sofisticados. Assim, os suportes da escrita e suas formas não foram "inventados" no sentido comum da palavra. Passaram por um processo de aperfeiçoamento, de ensaio e erro, que durou milênios, assim como outras técnicas e como as seleções e mutações da natureza.

De acordo com Katzenstein (1986, p.129), a entrecasca de árvore foi a matéria-prima para a fabricação de um pré-papel ou papel de entrecasca. Foi feito por muitos povos e teve influência fundamental na origem do verdadeiro papel.

Os primeiros cadernos que deram origem aos livros na Mesopotâmia consistiam de várias tábuas de barro individuais gravadas com texto, numeradas e com título, que constituíam as "páginas". Eram registradas, catalogadas e marcadas com referências cruzadas (figura 1). Sendo tão bem organizadas, como as atuais

bibliotecas, é de se supor que um longo desenvolvimento anterior tenha levado a esta organização, que não pode ter surgido de repente.



FIGURA 1 - TÁBUA DE BARRO COM ESCRITA CUNEIFORME ASSÍRIA – CORTESIA DO MUSEU BRITÂNICO

FONTE: Katzenstein (1986, p.116)

A forma de tábuas foi preservada, mas o material mudou: tábuas de madeira e de marfim eram usadas isoladamente ou formando par, chamado *díptico* (figura 2), ou três, o *tríptico* ou ainda reunidas em grupo de, no máximo dez, chamado *políptico* (figura 3), e cobertas com escrita em tinta ou com cera, na qual era gravado o texto que podia ser apagado.

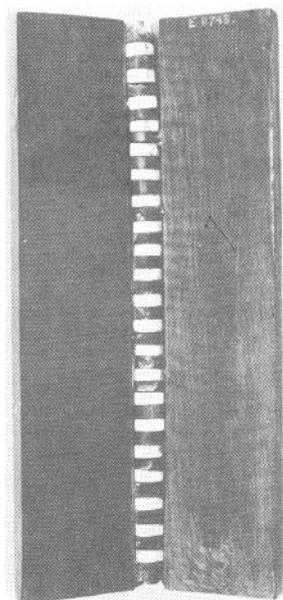


FIGURA 2 - DÍPTICO

FONTE: Katzenstein (1986, p.117)

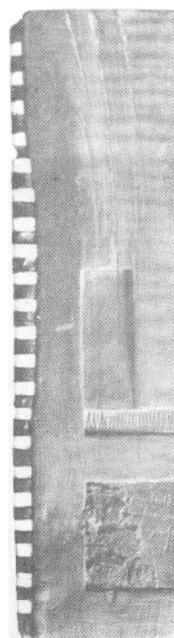


FIGURA 3 - POLÍPTICO

FONTE: Katzenstein (1986, p.117)

Segundo Katzenstein (1986, p.233-234), a necessidade de acelerar a produção fez com que os fabricantes europeus de papel introduzissem "métodos de produção novos e mais fáceis, ao que parece, até meados do século XIX". Esses papéis utilizados para o suporte da escrita são julgados por sua durabilidade, resistência à ruptura, penetração de líquidos e pelas chamadas propriedades óticas: brilho, opacidade e lustre.

O início da utilização da "imprensa", a reforma protestante e a expansão marítima colonial estimularam o aumento da fabricação de papel e a escassez da matéria-prima, obrigando à regulamentação do "comércio de trapos"³. A partir do século XVII é possível observar algumas tentativas na Inglaterra e na Alemanha para produção de papel com outros materiais (ripas de madeira, cascas de árvore e palha) que substituíssem os trapos, mas sem sucesso devido à baixa qualidade do material produzido.

³ Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/papel.php>. Acesso em: 24 nov. 2008.

No decorrer do século XIX, com o crescente aumento da demanda de papel para impressão de livros e jornais, aliado às constantes melhorias tecnológicas no seu processo de fabricação, culminaram com a invenção do papel feito a partir da pasta de madeira (1845). Graças a esse desenvolvimento, de artigo de luxo, o papel tornou-se barato e acessível nas últimas décadas do século XIX, embora seja muito mais vulnerável ao tempo do que o papel de pasta de trapos. No Brasil, ao que parece, a produção industrial de papel se desenvolveu no final do século XIX com matéria-prima importada⁴.

Para Katzenstein (1986, p.234), a qualidade dos papéis começa a declinar no século XVII, ao mesmo tempo em que aumenta o consumo. O efeito cumulativo da introdução, durante 200 anos, de "melhorias nos materiais e processos" como foram chamados, implicou um declínio progressivo e, finalmente, na completa deterioração da qualidade.

A Revolução Industrial se tornou uma revolução social que levou por sua vez, apesar dos percalços, ao desenvolvimento da tecnologia moderna. Os artesãos, possivelmente, eram analfabetos, mas uma vida de experiência empírica os tornava – e ainda os torna – peritos e autoridades no campo das técnicas. Na moderna sociedade industrial, poucos artesãos podem se orgulhar de "um trabalho bem feito"; o trabalho na linha de montagem separa-os do produto final. Na maioria das vezes, sua motivação é imediata. A intenção de um artesão, na área de suportes para a escrita, no passado, possivelmente, era preservar textos para as gerações futuras. Hoje, a maior parte dos cadernos produzidos requer cuidados especiais, principalmente devido ao manuseio e transporte constante.

Pouco se produziu sobre a História do caderno. Provavelmente o caderno escolar, tal como o conhecemos hoje, tenha surgido de materiais diversos, especialmente a partir das tabuletas de argila e do pergaminho – na realidade, as habilidades e os instrumentos de artesãos anônimos contribuíram de maneira decisiva para o

⁴ Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/papel.php>. Acesso em: 24 nov. 2008.

desenvolvimento dos suportes da escrita – com as tabuletas guardam a semelhança do formato plano, com o pergaminho a semelhança da flexibilidade e, principalmente, a possibilidade de registro de textos longos, que não caberiam numa única tabuleta. As tabuletas eram revestidas com cera, e nelas os romanos, entre outros povos, escreviam com estiletes (buris).

À primeira vista, pode parecer que o aperfeiçoamento dos suportes materiais para a escrita e técnicas foi retardado ou detido por certas atitudes sociais como, por exemplo, a classe superior chinesa, enquanto continuava a escrever em seda, estigmatizava o papel como "o substituto da seda para o pobre" (KATZENSTEIN, 1986, p.39).

Em geral, essas atitudes são classificadas como um tipo de conservadorismo. Elas podem ser encontradas em muitos campos e não somente nos materiais de escrita, como no nosso, tradicional, caderno. O mecanismo de propagação de técnicas é dominado pela tendência a reproduzir invariavelmente as formas transmitidas por gerações mais velhas e transmiti-las à geração seguinte. Dessa maneira, algumas formas foram preservadas completamente inalteradas desde épocas pré-históricas, por milênios, uma vez que esta tendência se opõe a qualquer mudança na tradição.

Na Mesopotâmia antiga havia dois processos básicos de registro em tabuletas de argila, a tabuleta úmida e a tabuleta encerada. A tabuleta úmida recebia as inscrições diretamente na argila e depois era levada a um forno, que a secava. A tabuleta encerada recebia uma camada de cera e sobre esta cera é que se escreviam os textos. A primeira destinava-se a textos que se queria manter, publicar. Uma vez que fosse secada, a tabuleta perdia a condição de suporte para escrita e passava a desempenhar um papel semelhante ao do livro em nossos dias. Já a tabuleta encerada, uma vez que tivesse toda escrita, recebia nova camada de cera e voltava à condição inicial.

Como visto, essa tabuleta desempenhava naquela época o papel que o caderno escolar desempenha hoje, guardadas as dessemelhanças, já que no caderno, mesmo quando a escrita é a lápis, em geral, mantém-se o texto, virando-se a página

para continuar a produção do registro. O caderno escolar concentra, assim, as características que se encontravam nos dois tipos de tabuleta, pois permite que se escrevam vários textos, mas mantém todos os textos ali escritos, e estes que acabam funcionando como fonte de consulta para estudos futuros, entre outras funcionalidades.

Posteriormente, na Europa, surgiram outras formas para conservar os escritos, que finalmente, culminaram no *codex*, cujo formato guarda semelhanças com os cadernos atuais. A substituição do papiro pelo pergaminho teve lugar quando os fenícios deixaram de exportar papiro para os demais países da Ásia e da Europa. Dada essa carência, o rei de Pérgamo, atual Bérghamo, na Turquia, ordenou que se descobrisse algo para substituir o papiro. O resultado foi um material feito de peles de animais – que eram esticadas, secadas e polidas (após um banho de cal). O produto final recebeu o nome de pergaminho, numa referência a Pérgamo, onde a tradição diz que foi criado e aperfeiçoado⁵. A partir de então esse tornou-se o principal suporte de escrita.

Os primeiros *codex* foram compostos com folhas de pergaminho de dupla face que, com uma única dobra, óbvio, gerava quatro páginas. Os romanos a denominaram *quaternu*, termo que originou a palavra portuguesa *caderno*.

Caderno, segundo dicionários, é qualquer conjunto de folhas de papel cortadas, constituído por várias folhas de papel dobradas juntas para formar duas, quatro, oito, dezesseis ou mais páginas de manuscritos ou códices impressos; "os cadernos de códices de papiro em tempos antigos possuíam até cem páginas" (KATZENSTEIN, 1986, p.421).

⁵ Uma vez que *pergamino*, vocábulo latino para pergaminho, e o nome da cidade de Pérgamo têm a mesma raiz, acredita-se na adoção do termo como homenagem à cidade. Um possível caminho para esclarecer a natureza do pergaminho, uma vez que estudiosos emitiram opiniões opostas e contraditórias, é a abordagem a partir de um ângulo puramente técnico.

Por quase toda a Idade Média era sobre o pergaminho que se escrevia, pois ele tinha as vantagens de ser mais duradouro e mais flexível. Essas qualidades iriam influenciar o formato do livro e, por conseqüência, dos futuros cadernos. Os escritos em papiro eram feitos sobre superfícies retangulares com seis, dez e, às vezes, até 20 metros de comprimento. Como se esfarelavam se dobrados, esses papiros eram enrolados em um bastão de madeira, e a esse conjunto denominou-se *volumen*.

Mais resistentes, os pergaminhos continuaram a ser usados na forma de rolos até o século segundo depois de Cristo, época em que ocorreu uma espécie de revolução com o surgimento do *codex*, o qual, conforme mencionado, apresentava formato semelhante aos dos livros e cadernos atuais.

A inovação trouxe vantagens que garantiram sua sobrevivência⁶, afinal um códice podia reunir vários pergaminhos, continha mais informação que um rolo e era mais fácil de transportar e conservar. Os fólhos (as páginas) podiam ser numerados, o que facilitou a organização dos textos. As folhas reunidas de pergaminho fino, às vezes, eram de cores diferentes. Por volta do século terceiro, na Roma antiga, essas folhas reunidas começaram a ser encadernadas com chapas decoradas de marfim, e acabaram virando um *objeto*, geralmente oferecido como presente a pessoas importantes, com dedicatórias e (ou) poemas. (Exemplo de capas, Apêndice 5, p.229, 230, 231; exemplo de contracapa, Apêndice 6, p.239; "folha de rosto" Apêndice 7, p.241 e p.242). Nesse sentido pode-se dizer que nesses desenhos ou nessas marcas existe algo relacionado à herança cultural da humanidade.

Nos dias atuais, a montagem dos livros ainda obedece a esse sistema. Ao serem impressas, as folhas contêm o texto de 4, 8, 16 ou 32 páginas que posteriormente são dobradas, formando cadernos. Estes são depois unidos (costurados,

⁶ Segundo Katzenstein (1986, p.39), os romanos foram os primeiros a usar a forma mais prática do códice mas demorou 300 anos para que adotassem de forma generalizada. Os rolos eram escritos em colunas, no entanto, 1.500 anos depois de se tornarem obsoletos, as páginas de códices e mesmo as de alguns impressos do século XV ainda eram divididas em colunas, portanto um "anacronismo" para as páginas dos códices.

colados) e encapados, resultando finalmente no livro. Por isso é que se diz que os livros são *encadernados*. O livro impresso viabilizou-se a partir do desenvolvimento da indústria do papel que, por sua vez, se desenvolveu a partir da invenção da imprensa, no século XVI. Se o suporte da escrita continuasse a ser apenas o pergaminho, seria fatídico, a tipografia não teria sido possível nos meados do século XV (CHARTIER, 1999).

O *hornbook* (*horn*: chifre; *book*: livro), feito com uma tábua fina, geralmente de carvalho, com cerca de 23 cm de comprimento e 12 ou 15 de largura, sobre a qual se fixava uma folha de papel onde estavam impressos o alfabeto, os números e uma oração, foi o primeiro *livro de alunos* em uma escola (HILSDORF, 2006, p.175). Seu formato lembrava uma tábua de cortar carne: tinha um cabo para segurar e uma camada transparente, feita com chifres, que funcionava como um verniz para proteger o livro da sujeira (figura 4).



FIGURA 4 - UM HORNBOOK INGLÊS: A CARTILHA DO SÉCULO XVII

FONTE: Hilsdorf (2006, p.206)

O *hornbook* foi utilizado na Inglaterra e nas colônias americanas do século XVI ao XIX. As mais antigas anotações escolares presentes em cadernos, porém, datam dos últimos anos do século XV. Trata-se de dois cadernos de anotações que estão em uma biblioteca na França, mais precisamente na cidade de Sélestat. Eles pertenceram a dois estudantes (Rhenanus e Gisenheim) que foram alunos da escola de latim da cidade entre os anos de 1477 e 1501. Um caderno tem 300 páginas e o outro, 480 (MANGUEL, 2002).

O termo caderno compreende tanto o material como a forma. Ou mais precisamente: os cadernos transmitem as informações por meio da escrita ou ilustração, ou ambos, e consistem de vários elementos, em geral, reunidos. Tais elementos podem ser de papiro, pergaminho, materiais têxteis, folhas de palmeira, madeira ou papel, costurados, colados, perfurados e unidos por paus, tiras de couro ou linha. A mais antiga e, por algum tempo, a única forma dos cadernos foi a tábua, seguida logo pelos rolos, não obstante o conceito, atualmente popular, de que um caderno é um códice de folhas de papel.

O caderno, como material necessário ao registro da escrita, pertence à cultura da humanidade e à cultura ideal (WILLIAMS, 2003). Quando do uso do pergaminho a escrita era como no papiro, de um lado só, até que se descobriu ser perfeitamente possível fazê-lo nas duas faces. Enquanto a escrita era realizada apenas na frente, o pergaminho era enrolado como o papiro, para constituir o *volumen*. A escrita na frente e no verso vai dar nascimento ao *codex*, isto é, ao antepassado imediato do caderno. Com ele revoluciona-se o aspecto da matéria escrita e o das bibliotecas. A diferença é que o caderno moderno apresenta-se em tamanhos reduzidos, ao passo que o pergaminho não era dobrado nem cortado em folhas pequenas, o que significa que os códices são cadernos grandes, "in-fólio", quer dizer "em folha", no tamanho da folha. "Embora escritas dos dois lados, as folhas de pergaminho, conservou-se, até o fim da Idade Média, o hábito de apenas numerá-las no reto, o que significa que a noção de página somente aparece no fim desse período" (MARTINS, 1996, p.68).

No entanto, da mesma forma que os próprios materiais, as formas se desenvolveram por um processo gradual, dependendo sempre do material disponível localmente. Seguindo esta perspectiva, Martins (1996) faz observar o caráter utilitário da maior parte dos livros antigos e medievais, o que, em contrapartida, leva-o a pensar que muito foi preservado quando se escrevia pouco, e pouco se preserva quando muito se escreve. Quando da resposta sobre a conservação de materiais escolares, argumentou-se, de forma próxima, ao sentido indicado por Martins (1996, p.73): "*Sim, mas porque no tempo antigo usava-se só um de cada. Agora é demasiado esses materiais*" (Inspetor, Apêndice 2, p.172).

O conceito de *cultura documental*, segundo Raymond Williams (2003), é o que permite a atividade da crítica. Passa por um processo semelhante ao da análise da *cultura ideal*, a um procedimento que se centra, segundo a tradição, na particularidade de uma obra até uma análise histórica, a qual, por meio do estudo de obras específicas, pretende relacioná-las com as tradições e sociedades que as produziram.

Ademais, faz-se necessário lembrar que os sujeitos têm seus próprios interesses, os quais tentam perseguir, baseados em suas próprias circunstâncias materiais e em suas histórias. No entanto, dificilmente o homem inventa qualquer coisa de inteiramente novo.

Bem examinadas, as invenções, mesmo as mais revolucionárias, são apenas transformações ou aperfeiçoamentos de coisas anteriormente conhecidas, ou de pedaços de invenções anteriormente tentadas. Os primeiros aviões aspiram ser monstruosas libélulas ou enormes gafanhotos; os primeiros automóveis parecem-se muito mais com as carruagens de cavalos do que com automóveis atuais, e assim por diante. Pode-se, mesmo afirmar que, quanto mais complexa uma invenção, mais tempo e mais degraus exigirá o seu pleno aperfeiçoamento, *para alcançar a sua própria personalidade* (MARTINS, 1996, p.174).

Martins (1996) observa que os manuscritos, longe de desaparecer imediatamente do mercado diante da invenção da imprensa, ganharam, ao contrário, nos primeiros tempos, um extraordinário prestígio, passaram a gozar da mesma consideração de que tinham usufruído os rolos de papiro em face dos primeiros livros de pergaminho, ou nos tempos modernos, os livros feitos em prensa manual diante dos que são

compostos à máquina. Nesse sentido, percebe-se que nenhum produto é trocado ou trocável por outro, desde que não satisfaça a um desejo ou uma necessidade.

Entende-se que, desde o século XIX, as formas de escolarização foram criando modos de documentar a experiência escolar dos sujeitos, e a base, o suporte por excelência da escrita na escola, o *caderno escolar* se consagrou como o principal deles. Documentam-se, naturalmente, as experiências humanas vivenciadas pelos sujeitos que a compõem a partir das relações sociais em que se inserem, levando em conta, por óbvio, sua natureza histórica.

Os chamados *sketchbooks* (*sketch*: anotação, registro; *book*: livro) podem ser definidos como livros de rascunho, de estudo, e estiveram ao lado de grandes gênios da arte. Os que pertenceram a Leonardo da Vinci, por exemplo, são famosos; já o pintor espanhol Pablo Picasso produziu mais de 178 *sketchbooks*. O escultor britânico Henry Moore e o pintor francês Henri Matisse tiveram igualmente seus cadernos de estudo, assim como a pintora mexicana Frida Khalo, que usava seu *sketchbook* também como diário⁷.

Mas não há como falar da importância dos cadernos para a História sem mencionar os diários de pessoas que viveram em uma determinada época e que foram resgatados depois. Duas crianças judias, por exemplo, descreveram o seu dia a dia em cadernos, deixando para a humanidade as suas memórias da Segunda Guerra Mundial. Fala-se de Anne Frank e Petr Ginz.

O diário de Anne Frank é mais conhecido do que o de Petr Ginz, descoberto apenas em 2003. Ambos, porém, relatam como era a vida de uma criança judia durante a Guerra, quando alemães realizaram a perseguição ao povo judeu. O caderno converteu-se em produto da cultura, recebeu uma forma dada pelo homem, portanto, encerra em si um conteúdo social e econômico, continuamente construído em nossas vidas cotidianas.

⁷ Disponível em: <<http://gonzodesign.wordpress.com/2008/10/24/tmdg2008-001/>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

1.2 O CADERNO, A CULTURA E A CULTURA DA ESCOLA: APROXIMAÇÕES

Apple (1995, p.83) nos chama a atenção para se examinar "a economia política da cultura". Faz observar a necessidade em falar da cultura de duas maneiras diferentes: como um processo vivido, como aquilo que Raymond Williams denominou uma forma global de vida; ou então como uma mercadoria, enfatizando os produtos da cultura, a própria condição de "coisa" das mercadorias que produzimos e consumimos.

A partir daí observa-se que essa distinção pode ser mantida apenas no nível analítico, pois a maior parte daquilo que nos parece ser coisas – como computador, livros, e até mesmo o caderno – é na realidade parte de um processo social muito mais amplo. Produtos e trabalhos constituem relações entre sujeitos sociais e de mercado do capitalismo. Parece haver, desde a revolução industrial, um movimento de sedução pelas idéias de utilidade e produtividade, uma submissão ao processo industrial. O capitalismo produz, distribui e estabelece os valores relacionados com o consumo. Sendo assim, pode-se falar na construção do caderno como documento de uma dada cultura que é a cultura escolar e a cultura da escola.

O caderno como elemento da cultura documental na escola tem uma forma específica: *a forma escolar*. Sobre a forma escolar Vincent; Lahire e Thin (2001), interrogam-se sobre as sociedades orais e sociedades escritas, relacionando modos de conhecimento a maneiras de exercício do poder.

Esses autores, para uma definição do que seja esta *forma escolar*, buscaram fazer uma análise sócio-histórica, que superasse a simples historiografia das instituições escolares. Assim sendo, a *forma escolar* e os produtos dessa forma escolar adquirem um valor paradigmático.

Na perspectiva de Vincent, Lahire e Thin (2001), a escola passou a ser vista como uma forma peculiar de socialização, a escolar, cujo sentido exprime um tipo específico de relação social, como relação com regras impessoais e relação com outras formas sociais. A finalidade é a pedagogização do social, isto é, das

relações sociais pela via da impessoalidade das normas. No âmbito mais específico da escola, ocorreria um disciplinamento das relações pedagógicas pelo represamento do elemento espontâneo constitutivo de um estilo de vida e da transformação dessa relação, de relação comunitária entre mestres e alunos, em uma relação de governo dos alunos pelos mestres (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

A forma escolar, segundo esses autores, engendra, busca a inteligibilidade de um tempo e de um espaço específicos e a *formação* pela qual o processo se constitui e tende a se impor em instituições e relações, retomando e modificando certos *elementos* de formas antigas.

O modo como nos relacionamos com a escola pode ser reveladora das formas de uma tentativa de controle. A necessidade da construção de um futuro faz com que a própria existência passe por uma previsibilidade. Passado, presente e futuro desdobram-se em fases que referendam a ideia de um processo linear. A cada etapa corresponde um comportamento previsto, e dessa relação pontual é que são forjados alguns critérios de avaliações.

Cada forma escolar, portanto, é nova, ou renova-se, indefinidamente. Essa renovação, porém, se dá de forma dificultosa, é resultante de conflitos e lutas. Esta análise explica, pelo menos em parte, o porquê de as polêmicas e as posições exacerbadas fazerem parte do ensino e por que este está sempre em crise.

A teoria da forma escolar, ao contrário do pregado nas teorias estruturalistas, permite pensar a mudança, as constantes emergências de novas formas e a relação destas emergências com as demais transformações sociais. Possibilita, ainda, compreender a emergência de uma forma colocando-a em relação a outras transformações.

[...] Segundo parece, a forma escolar de relações sociais só se capta completamente no âmbito de uma configuração social de conjunto e, particularmente, na ligação com a transformação das formas de exercício do poder (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p.16-17).

Para demonstrarem de modo mais concreto o significado de forma escolar, os autores analisam uma configuração social de conjunto, a França urbana do fim do século XVII à primeira metade do século XIX, da qual extraem algumas características relativamente invariantes de algumas formas escolares de relações sociais, tais como: a existência objetiva dos saberes e disciplinas escolares, a necessidade de constituição e produção de efeitos cognitivos duráveis, bem como a inserção desses processos em determinadas relações de poder.

A partir das considerações desses autores, entende-se que a análise da cultura escolar, pelas lentes da cultura social, compreende o desvelamento dos "significados e valores implícitos" em uma cultura específica, de uma sociedade e época específicas. Esta análise comporta a crítica histórica e também o estudo dos elementos do modo de vida, como: "a organização da produção, a estrutura familiar, a estrutura das instituições que expressam ou governam as relações sociais" e as "formas de comunicação" específicas dos membros de uma sociedade (WILLIAMS, 2003, p.51-52).

A *cultura social* faz a escola ser vista no interior da cultura de uma classe social, de uma classe determinada, que nos faz pensar e entender a maneira pela qual essa experiência é vivenciada e como se diferencia de época em época, de acordo com a escala social e outras tantas possíveis determinações. O modo como os sujeitos do universo escolar, alunos e educadores, se relacionam com os elementos da cultura é determinado historicamente. Daí porque o modo como esses sujeitos se relacionam com o *caderno* não é igual, ainda que da mesma época, como também não são iguais as escolas.

Assim, com a ascensão da burguesia e à medida que a sociedade se industrializa e moderniza, mediante a aquisição de novos recursos tecnológicos, a escola e seus materiais escolares assumem características diferenciadas. Tendo como pano de fundo essa nova ordem social, percebem-se transformações significativas para todos os grupos sociais. E, se uma das características próprias do ser humano é criar, modificar e ser modificado permanentemente pelo meio sociocultural, o

caderno só se torna legítimo quando é possível com ele interagir, recriando-o, suplementando-o como autor/portador.

A partir das três categorias gerais de cultura, Williams (2003) afirma que as disciplinas se reúnem em uma "tradição" que representa, por meio de variações e conflitos, uma "cultura humana geral". Esta, contudo, realiza-se em sociedades específicas, contextualizadas local e temporalmente. A história cultural não é a soma das culturas particulares, mas sim o estudo das relações entre elas.

A análise da cultura busca descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações. Com isso, a cultura é relacional à medida que os membros de uma sociedade, por meio de suas ações e dos significados que eles dão a elas, articulam a estrutura simbólica e a infraestrutura de uma época.

Essa cultura relacional pode ser descrita ainda como uma estrutura de sensibilidade (*feeling*), ou seja, a cultura comum vivida em uma época. Com isso, uma geração pode formar a sua sucessora, mas a nova geração terá uma estrutura de sensibilidade distinta: a nova geração apropria-se à sua maneira do *feeling* que herda, mesmo considerando as continuidades e a reprodução de inúmeros elementos de sua cultura, ela sente diferentemente a sua vida e configura sua "resposta criativa" em uma nova estrutura de sentimentos (WILLIAMS, 2003, p.53-58).

Uma estrutura de sensibilidades deixa vestígios de seus portadores por meio da "tradição seletiva". Forquin, a partir das reflexões de Raymond Williams, sintetiza este processo cultural,

Os processos de funcionamento desta "tradição seletiva", ao longo dos quais se constrói a memória cultural de um grupo, de um país, de uma civilização, são extremamente complexos, [...] a decantação começa imediatamente, desde que a experiência humana dá lugar a uma expressão que escapa a seu autor e se objetiva num mundo "público". Mas na medida em que os anos passam, ela se faz sem dúvida mais severa, contudo com reestruturações, reinterpretações, até mesmo possíveis reabilitações. Quando os testemunhos vivos de uma época desaparecem um após o outro, a herança desta época divide-se de certo modo em três partes sob o efeito do processo da "tradição seletiva" uma parte encontra-se integrada à cultura humana universal, a

esta "linha geral de desenvolvimento humano" da qual Williams afirma a existência [...], contra todas as leituras estreitamente "historicistas" e redutoras da cultura; uma outra parte é conservada em estado de arquivos, como um material interessante no plano documentário; enfim, uma boa parte é rejeitada nas trevas do esquecimento definitivo (FORQUIN, 1993, p.34).

Pode-se pensar – pelo viés da cultura social de Williams, corroborada por Forquin – nos cadernos escolares como parte dos produtos culturais simbolicamente vinculados à estrutura de sensibilidades dos sujeitos.

O caderno tem sido tratado como um recurso, ou meio auxiliar para o ensino. Têm-se, na escola, os materiais escolares como régua, lápis, borracha etc. e os materiais didáticos como os livros, apostilas, mapas. E tem-se o caderno que não cabe bem em nenhum desses dois grupos. A razão para este fato é que o caderno pertence inteiramente ao primeiro e inteiramente ao segundo grupo, porém, em momentos diferentes. Desde a hora da compra até a primeira aula, o caderno é antes de tudo ou apenas um material escolar, contudo, ao receber os conteúdos e as impressões pessoais de seu portador/autor passa gradativamente para o segundo grupo, vai transformando-se em material didático. Um caderno completamente preenchido não pertence mais, de nenhuma maneira, ao grupo dos materiais escolares. Quanto a essa função, se perdeu completamente o valor, como material didático é pleno. O fato é que o caderno, em geral, chega como um material escolar e constitui-se em material didático no decorrer de seu uso. Nesse aspecto é *sui generis*, não há outro material que tenha esta propriedade, e este talvez seja um dos motivos de o caderno, apesar de ser usado nas mais distintas áreas, ser sinônimo de aula e de escola.

A importância fundamental do caderno não se limita apenas às séries iniciais ou intermediárias, mas em todo processo de escolarização encontrar-se-á o caderno desempenhando diferentes funções e adquirindo vários significados, entre eles, o material didático como suporte da escrita e material didático como fonte de consulta.

Contudo, parece haver resistência em se incluir e aceitar o caderno como elemento da cultura da escola, como se observa na classificação de materiais

didáticos apresentada por Carvalho (1974), e posteriormente por outros autores, de acordo com a função que desempenha no processo de ensino:

1. *Material instrumental ou de trabalho* (régua, compasso, quadro de giz, giz, lápis, papel, tintas, pincéis, massa para modelar, tesouras, tecidos, linhas, agulhas, material cirúrgico, equipamento e material dentário, pranchetas e todo material necessário à elaboração de projetos de engenharia ou de arquitetura etc.);
2. *Material ilustrativo*, ou seja, aquele a que melhor se aplica a denominação de recursos audiovisuais;
3. *Material experimental* que abrange desde o equipamento e instalações de laboratórios de ciências físicas, químicas, biológicas etc., até a aparelhagem e mesmo os testes dos serviços de psicologia experimental;
4. *Material informativo*, constituído por qualquer tipo de publicação, que divulgue fatos ou idéias (dicionários, enciclopédias, livros, revistas, folhetos etc.) (CARVALHO, 1974, p.151).

Embora também Libâneo (1991) e Piletti (2007) apresentem um conjunto de materiais, em nenhum deles figura o caderno.

Tomando outro recorte analítico, o caderno é apreendido, levando-se em conta a cultura como experiência vivida e somente acessível para os que a vivem em um determinado momento e que se explicita por meio de produtos simbólicos, como aqueles resultantes da experiência dos sujeitos do universo escolar.

Parte-se do pressuposto da existência de uma cultura da escola como produto da vivência e experiência dos sujeitos escolares com o conhecimento. Quem experiencia a escola tem ideia do que é a escola, afinal, tem a sua vivência. Ao circular nela, percebe o trabalho que é encaminhado numa escola específica e consegue entender no universo escolar a cultura da escola, que nunca se repete. Mas esta dimensão só é acessível para quem vive a escola – mais que na escola, ou seja, estabelece relações com a escola (específica), vendo-a como uma entidade diversa, especial e única. Neste sentido houve necessidade de se buscar o significado que o caderno tem na cultura da escola em dois aspectos: o significado e sentido que são atribuídos pelos sujeitos do universo escolar e significados e sentidos que o caderno tem no processo ensino aprendizagem como será visto no capítulo 2.

A especificidade de cada escola não deriva somente do ponto geográfico que ocupa, tampouco exclusivamente das pessoas que a compõem e lhe dão vida, mas se origina desde seu mais ignoto aspecto arquitetônico, sua cor, seu entorno, sua história, entendendo-a aqui como história viva e não estática e determinada. Cada escola é plurivalente e polifônica, rica de passados; mas também ela mesma é história viva; comprometida, intensa, impregnada de presente, vencendo a lógica da resistência a revelar futuros possíveis e promissores.

A escola e sua história se confundem, são uma e a mesma, portanto uma dissociação resoluta tenderá a resultar artificial; nesse sentido, entende-se a relevância do produto da cultura, objeto deste estudo, que guarda mais vivo o passado escolar: o caderno do aluno.

Ancora-se, aqui, na perspectiva de Williams (2003), de que a cultura pode ser registrada sob todos os momentos da realidade, desde a arte até os fatos mais cotidianos de um período, abarcando todos os aspectos de uma realidade, desde as possíveis relações que um professor pode estabelecer a respeito de valores históricos dos acontecimentos até algo simples, como uma moda qualquer criada entre os alunos: o uso do boné, por exemplo, com a viseira, criativamente virada para trás, bem como a produção de caderno de recordações, em que todos os colegas registram pareceres sobre o(a) dono(a) do caderno. Enfim, as cores e os modelos de cadernos (com capa dura, formato universitário, formato pequeno, encapado ou não encapado), as orientações que são dadas para o seu uso são provenientes da cultura escolar e especialmente da cultura da escola.

Neste caso, o caderno é um fenômeno da cultura, que é resultado da cultura vivida e essa cultura vivida é, também, resultado da cultura da escola. O caderno, por um lado, é produto da cultura escolar que é imprevisível já que é constituída de fora para dentro, e, por outro lado, ele é produto da "cultura vivida", constituindo-se como elemento da escola, ou seja, do interior da escola. Nesse sentido, ele tem que ser olhado a partir dos contextos nos quais são produzidos, distribuídos e consumidos.

Do ponto de vista de Williams (2003), para quem a cultura é resultante da tradição seletiva, como todos aqueles elementos da cultura que vão sendo selecionados, escolhidos no próprio processo de formação histórica, os seus produtos podem ser vistos como idéias, signos, símbolos, linguagens e tudo o que permite e realiza mediações entre os sujeitos em relações historicamente determinadas e o mundo real. Esse processo é, às vezes, espontâneo, às vezes, intencional, às vezes, compulsório. Em acordo com esse autor, a idéia é de que o caderno faz parte desse processo da "cultura vivida", que emerge como um produto da cultura vivida de um período e da tradição seletiva, registrada, ideal, documental e social.

Tem-se como referência que, na escola, podem ser analisados alguns níveis desse processo da tradição seletiva, neste caso, se os sujeitos escolares apresentam o caderno como um produto que está permanecendo na cultura escolar, fazendo-se necessário, então, verificar essa permanência nos significados que o caderno tem para os sujeitos do universo escolar.

Entende-se que os sujeitos que frequentam a escola conhecem, produzem e são determinados pela realidade social na qual estão inseridos. Mesmo que seja por meio do conhecimento comum, eles apreendem os elementos envolvidos nesse processo. Assim, podem ser vistos não somente como reprodutores, mas também como sujeitos criadores de um determinado tipo de cultura.

Embora os sujeitos do universo escolar não publiquem seus pensamentos acerca da escola, eles podem e eles agem a partir da relação com o objeto de conhecimento. Segundo Charlot (2000, p.77-78), deve-se procurar a relação que existe entre cada um desses indivíduos e os produtos da cultura, como os eventos, os objetos e os lugares. Isso quer dizer que, na verdade, a "influência" é uma relação e não uma ação exercida pelo ambiente sobre o indivíduo.

É em termos de relações que, efetivamente, se deve pensar, dado que o que está em jogo é um ser vivo e, mais ainda, um sujeito [...]. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação *simbólica, ativa e temporal*. Essa análise concerne à relação com o saber que um sujeito *singular* inscreve num espaço *social* (CHARLOT, 2000, p.78-79).

Assim, mesmo que a experiência escolar não seja teorizada ou sistematizada pelos sujeitos que nela atuam, estes a concebem de uma determinada forma, visto que foram, ou são, sujeitos históricos sociais no cotidiano e suas atividades são exercidas numa realidade escolar.

Segundo Edwards (1997, p.20),

A relação que os sujeitos estabelecem com o conhecimento escolar que deve ser transmitido é uma instância importante, em que, por um lado, se define a situação escolar e, por outro, se constitui o próprio sujeito. A importância dos conhecimentos escolares em relação ao sujeito reside em que eles são apresentados como sendo os *verdadeiros* conhecimentos, implicando uma certa autoridade, a partir da qual definem também implicitamente o que não é conhecimento, e uma certa posição para o sujeito em sua apropriação. Desse ponto de vista, os conhecimentos escolares delimitam o legitimamente cognoscível a partir da experiência escolar.

Assim, de alguma forma, os sujeitos pensam a *cultura da escola*, a qual está em relação com a *cultura*, com a *sua cultura*, com a *cultura de um período* e com o processo de tradição seletiva realizado no contexto da *cultura universal*, bem como as condições nas quais eles a vivenciam.

Diante dos limites, das proibições e obrigações impostas à instituição escolar e aos seus sujeitos, faz-se necessário levar em conta as especificidades inerentes à cotidianidade do processo escolar, o qual se organiza dentro das relações que incluem mudanças alcançadas entre os sujeitos desse processo, considerando os conflitos, as divergências e os mecanismos de enfrentamentos acionados por eles, bem como as suas práticas, diferenciadas nos usos e apropriações desses modelos, conferindo certa autonomia à escola e dotando-a de especificidades.

Para Williams (2003), o processo seletivo, que faz parte de toda tradição, comporta sempre uma parte de arbitrário e supõe um questionamento contínuo da escola. Tal modo de pensar é apreendido, e de certa forma, correspondido por Forquin (1993, p.14-20), quando apresenta o conceito de *cultura escolar* e *cultura da escola*.

Forquin (1993) caracteriza a *cultura escolar* como seletiva, principalmente no que se refere à *cultura social*. Percebe nas práticas internas às salas de aula,

seus rituais e rotinas, um trabalho de reinterpretação e reavaliação do que deve ser preservado, e (ou) esquecido, sendo que tal seleção se dá em decorrência de fatores sociais, políticos e ideológicos.

Quanto à *cultura da escola*, pode-se dizer que o conceito de Forquin (1993), absorve a ideia de *cultura vivida* de Williams (2003). Nesta perspectiva, o conceito de *cultura da escola* diz respeito ao fato de diferentes escolas realizarem diferentes tipos de seleção no interior da cultura. "Os docentes podem ter hierarquias de prioridades divergentes, mas todos os docentes e todas as escolas fazem seleções de um tipo ou de outro no interior da cultura" (FORQUIN, 1992, p.31).

Olhando a abordagem do caderno da perspectiva de Williams e Forquin, o caderno como produto da cultura, da cultura escolar e da cultura da escola se diferencia das abordagens construídas pela historiografia da educação, a qual vê o caderno exclusivamente como fonte/documento histórico, porque a ideia de cultura da escola está centrada na própria escola, nos processos de ensino, nos conteúdos dos programas, nos modos de estruturação, de legitimação, enfim, na transmissão e produção da cultura escolar. Trata-se de um conjunto de investigações que tem contribuído para se entender os processos históricos das formas de escolarização na perspectiva histórica.

A partir da relação entre cultura e escola, Viñao Frago e Escolano Benito (VIÑAO FRAGO, 1998a) permitem significar a escola e o caderno como elementos que integram a cultura escolar, como um tipo característico de manifestação cultural. Trata-se de uma abordagem advinda da perspectiva da história cultural. Viñao Frago (1998b) atribui historicamente algumas tendências para que a escola realize sua estabilidade, sua independência física e sua especificidade, como um lugar dotado de fronteiras, que permitem manter seu particularismo e, portanto, a sua cultura. A escola é considerada, pelo autor, como um território segmentado, com divisões internas, e é isto que provoca a análise das relações entre suas duas dimensões – a externa e a interna. Neste sentido, produzida cultural e historicamente, aparelhada para disciplinar e educar, a estrutura espacial escolar distribui alunos, professores e

pedagogos, assim como seus outros sujeitos escolares, em salas, biblioteca, corredores, campos, quadras, pátios, estacionamentos e cantinas. Nesses cenários, com posições e papéis definidos, regras e ritos informam onde e como se estabelecer, estar e ser.

Orientados cotidianamente por esse mapeamento, os sujeitos escolares familiarizam-se com as situações impostas, fazendo uso dos móveis, objetos e espaços ali dispostos. Como observam Antonio Viñao Frago e Augustín Escolano (VIÑAO FRAGO, 1998), a configuração do espaço e sua transformação em lugar utilizado especificamente para o ensino e a aprendizagem é resultado de uma construção relacional, que envolve a percepção, as vivências e as culturas dos indivíduos e de seus grupos sociais no interior da própria escola e não na sua relação com a cultura universal, como aponta Williams (2003).

Esses autores, ao analisarem o espaço escolar como construção cultural, apontam para um discurso mudo. Sua configuração, sua arquitetura e sua simbologia atuam silenciosamente, instituindo um sistema de valores e projetando seu exemplo sobre a sociedade. Nessa configuração espacial, a escola é uma construção material e cultural; a ocupação daquele espaço e sua transformação em lugar de ensino expressam, criam e reproduzem vontades e concepções.

Assim, a dimensão espacial da atividade educativa não é um aspecto tangencial ou anedótico da mesma. Tal qual a dimensão temporal ou a comunicativo-linguística, é, como já disse, um traço que toma parte de sua própria natureza. Não é que a condicione e que seja condicionada por ela, mas é parte integrante dela, é educação. O espaço escolar não é, pois, um "contenedor" nem um "cenário", mas "uma espécie de discurso que institui em sua materialidade um sistema de valores". (VIÑAO FRAGO, 1995, p.69).

Para os mesmos autores, a escola utilizou e produziu "artefatos" materiais que nem sempre foram nomeados por ela ou inseridos no foco de suas análises, a ponto de serem esquecidos. Assim, os materiais didáticos, do dia a dia escolar, possuiriam uma trajetória e finalidades específicas em si mesmo, muito embora suas formas e utilizações variem segundo o tempo e o local em que se inscrevem. Esses materiais passam a ser vistos como fontes ou documentos produzidos por uma certa

e determinada cultura, a cultura escolar. E nem sempre se pode contar com um espaço de conservação ou de preservação que disponibilize esses documentos.

Nesse sentido, como documentos escritos, registros do cotidiano, um exame desses cadernos, individual e coletivamente, serviria de base para uma história em continuidade, podendo dar a conhecer o aproveitamento de cada aluno, o cumprimento do programa de ensino e o desenvolvimento prático na sala de aula. Com esse raciocínio, o caderno poderá ser considerado como fonte para se apreender um instrumento de trabalho e de controle, tanto do aluno como do professor.

Nessa mesma direção, para Hébrard (2001, p.137), o estudo dos cadernos permitiria ver que: "por meio do exercício, passa a acontecer não somente uma técnica do corpo, mas também uma técnica intelectual específica feita do saber de fazer *gráficos*". O aluno terá um instrumento próprio para "organizar a enciclopédia de seus conhecimentos". Para Anne-Marie Chartier (2002, p.9), o interesse pelo estudo dos cadernos estaria na caracterização de um dispositivo "sem autor", que estrutura de maneira forte, mas impensada, as representações que os mestres e os alunos fazem dos saberes escolares, de seus conteúdos, de sua hierarquia e de seu valor.

Na perspectiva desses autores, pode-se referir aos cadernos escolares como sendo um documento histórico resultado da forma pela qual os artefatos se incorporam e se moldam às regras e às práticas produzidas em meio ao contexto escolar.

Na mesma perspectiva, mas em outra direção, está a preocupação de Vera Mendes dos Santos (2002), que localiza os cadernos escolares como produtores de práticas pedagógicas, buscando compreender seu processo de perpetuação, assim como a permanência e a naturalidade dispensadas aos elementos da cultura material escolar. Em seu estudo faz perceber que a presença do caderno no interior dos colégios jesuítas partia da concepção que este seria um recurso para ocupar os alunos e manter a disciplina. Daquele momento, até sua legitimação como um recurso pedagógico, o caderno teria passado por algumas transformações, orientado por modelos e práticas diversos que evidenciam o uso da escrita como indispensável ao processo de ensino e aprendizagem no interior da escola.

Com base nessa análise, o caderno seria apenas um dos dispositivos para que os alunos pudessem adentrar no universo da escrita. Como o ato de escrever estaria, de tal forma, incorporado ao ato de ensinar e aprender, alguns outros materiais utilizados para o mesmo fim dividiriam com os cadernos a mesma condição de naturalidade, ou seja, o uso destes, na maioria das vezes, sequer seria questionado.

Em outra perspectiva estão as investigações que estudam o interior das instituições de ensino e suas práticas como as de Gvirtz (1997) e Anabela Almeida Costa e Santos (2002), que nos revelam que a materialidade da escola e seus materiais didáticos são, às vezes, fatores preponderantes na constituição de determinadas práticas escolares. Pensando-se como Julia (2001), tais práticas poderiam estar acompanhadas de mudanças muito pequenas e que, no entanto, transformariam o interior do sistema. Em busca de compreender como se dá o aprendizado da utilização desses importantes instrumentos didáticos, bem como de identificar as funções e significados que lhe são atribuídos em sua utilização, foi desenvolvida por Anabela Almeida Costa e Santos (2002) uma pesquisa etnográfica em uma sala de aula de 1.^a série do Ensino Fundamental, de uma escola municipal da cidade de Hortolândia, interior de São Paulo.

Segundo Anabela Almeida Costa e Santos (2002), para a professora da escola parecia, inicialmente, 'natural' utilizar cadernos, algo que poderia ser aprendido de modo intuitivo e que dispensaria maiores esforços, idéia corrente em meios educativos e no senso comum. Observou que para alguns alunos, realmente, a iniciação a este material escolar se dava de modo tranquilo, sem grandes percalços. Para outros, no entanto, aprender as regras de utilização dos cadernos, tais como em qual linha e em qual página se deve escrever ou, ainda, quais são os espaços onde eram feitos desenhos, constituíam-se em árduos obstáculos⁸.

⁸ Um exemplo desse fato é encontrado nas lembranças de Graciliano Ramos ao registrar a penosa etapa do aprendizado da escrita a que foi submetido: "Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, a pena caprichosa fugia da linha, evitava curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata doida, semeando borrões. De nada servia pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los: resistiam, divagavam, pesados, úmidos, e a tinta se misturava ao suor, deixava na folha grandes manchas" (RAMOS, 1955, p.113).

Severino, um dos alunos investigados por Anabela Almeida Costa e Santos (2002), demonstrou tal sofrimento. Esse aluno, frequentemente, passava horas tentando copiar o cabeçalho da lousa em seu caderno, mas nunca parecia ficar satisfeito com o resultado. Apagava, voltava a fazer e novamente apagava. Ora começava pelas últimas letras apresentadas na lousa, ora começava pelo início. Todo esse empenho perseguia um fim, revelado à pesquisadora: fazer com que aquilo que a professora escrevia em uma linha na lousa também coubesse em uma linha de seu caderno. Este objetivo perseguido por Severino pode parecer um tanto bizarro, afinal sabe-se que não importa tanto em qual linha seja registrada a informação, desde que isto seja realmente feito. No entanto, para alguém que começava a aprender uma série de regras sobre a escrita e sobre a utilização dos cadernos tornava-se muito difícil definir qual destas regras deveria ser seguida sem questionamentos e quais poderiam ser relativizadas. Dessa forma, ele seguia a indicação, repetida frequentemente pela professora: "se estiver igual à lousa, está certo." Destaca-se que a tarefa era bastante difícil para Severino, afinal sua letra era bastante grande e seu caderno, pequeno. A professora, baseada nos registros feitos no caderno de Severino, concluía que ele era preguiçoso e que não gostava de ir à escola.

Com esse exemplo, a autora aponta para as muitas informações importantes sobre os alunos e seus processos de aprendizagem que não ficam registrados nos cadernos e necessitam ser investigados. No caderno de Severino, e no de outros alunos, não ficavam registradas as lógicas utilizadas para a realização das lições, nem as dúvidas e muito menos os esforços, por vezes enormes, empenhados. Esse trabalho vai em direção contrária aos estudos da historiografia da educação, nos quais os cadernos escolares são vistos apenas na perspectiva da materialidade do registro, revelando elementos fundamentais da sala de aula e do processo de aprendizagem, mas não conseguindo revelar os bastidores dessa produção, isto é, os inúmeros processos que compõem sua materialidade.

Uma terceira perspectiva é visualizada a partir de Cuesta Fernandez (1998), quando nomeia como "código disciplinar da História" a construção das

relações entre o significado da História como ciência e seus usos no processo de escolarização. Esse autor indica como elementos da construção de tal *código*: os *textos visíveis* (currículos, manuais didáticos, cadernos etc.) e os *textos invisíveis* (as práticas escolares, as concepções de história de alunos e professores etc.). Desse modo, sugere uma análise dos elementos que afetam a teoria e a prática de ensino, tendo como referência o conhecimento histórico e a história como disciplina escolar.

Esse autor permite, ainda, seguir as pegadas da construção do "código disciplinar da História", porque a escola é tributária de um complexo de objetivos que se combinam mediante os programas e outras formas propostas. Explicitam-se, assim, as concepções científicas da disciplina de história, o estado de desenvolvimento em que se encontra e quais os métodos e as técnicas que foram produzidos para esses alunos, dessa escola. Mais ainda, as concepções sobre o conhecimento escolar se evidenciam em tais documentos.

Também, ainda segundo Cuesta Fernandez (1998), as manifestações que levam em conta as experiências sociais dos sujeitos escolares, como o uso do caderno, as formas de registro, as "culturas de resistências", podem ser indícios para pensar a "cultura da escola" e a sua relação com a ciência de referência, no caso, a História. Na esteira das investigações desse autor, o caderno pode ser entendido como um dos elementos na construção das disciplinas escolares, no caso específico, da História.

Assume-se a perspectiva de que o caderno é um elemento e produto da cultura e, portanto, deve ser apreendido na e a partir da tensão existente entre a cultura escolar e a cultura da escola. Inserido no movimento histórico de constituição das formas de escolarização, o caderno tornou-se produto e produtor da cultura escolar. Pode-se afirmar que, na sociedade moderna, ele foi apropriado e fetichizado como mercadoria, passando a existir também como produto e objeto de consumo, tornando-se, inclusive, instrumento de marketing político e comercial.

Do ponto de vista da cultura da escola, o caderno é criado no interior da escola, portanto, é fruto da cultura da escola. No entanto, historicamente, a cultura escolar contribui com seus bens simbólicos, os produtos materiais incluindo-se aí

os cadernos com seus variados formatos e que dentro da escola passam por novas recriações, nas quais não é possível ver a influência, pura e simples, de "uma cultura dominante" exterior à escola.

É necessário reconhecer entretanto que aquilo que pode parecer como sendo artefatos ou subprodutos derrisórios, em nome de uma concepção romântica ou 'carismática' da produção cultural, constitui, ao mesmo tempo, a base e o solo de toda a vida intelectual, científica ou artística fecunda (FORQUIN, 1993, p.17).

O caderno pode ser visto como produto da cultura escolar feito para a escola e apresentado em variados formatos: universitário, capa dura, pequeno, com espiral, tipo brochura, caligrafia, xadrez, linguagem, desenho; pode apresentar divisões para as disciplinas ou não etc. Por outro lado, o caderno, também pode ser visto a partir do significado que os sujeitos escolares atribuem a esse artefato e, portanto, da cultura da escola.

Para Forquin (1993), a questão da cultura só pode ser empreendida de modo "indireto e fragmentário". A relação entre educação e cultura pode ser mais bem compreendida por meio da "metáfora da bricolagem" (p.15). Ou seja, a memória cultural passa a ser sempre uma "reinvenção". Entretanto, considera a conservação e a transmissão da herança cultural do passado uma função essencial da educação em todas as sociedades.

A percepção de uma cultura material escolar, como expressão de atividades diferenciadas, produzidas e desenvolvidas no contexto educativo, também permite relacionar essa materialidade ao contexto político de cada época.

No Brasil, o programa de distribuição de livros e materiais didáticos pelo Ministério da Educação passou por várias fases e sua execução, por diferentes órgãos. A Fundação Nacional de Material Escolar (Fename), criada em outubro de 1967, absorveu os programas desenvolvidos pela extinta Companhia Nacional de Material de Ensino.

A Fename teve como finalidade básica a produção e a distribuição de material didático, principalmente cadernos, às instituições escolares, mas não contava

com organização administrativa nem recursos financeiros para desempenhar tal tarefa. Fruto dessa situação, em 1970 foi implantado o sistema de coedição com as editoras nacionais, por meio da Portaria Ministerial n.º 35/70.

A política do livro didático esteve inserida num contexto maior de política educacional que teve no Estado Novo um período de efervescência. Pelo menos dois projetos de alta significação deram ao projeto do livro didático uma importância destacada: o da nacionalização do ensino e o do movimento da Juventude Brasileira, ambos tendo adquirido no período um caráter urgente, propunha-se uma ampla e profunda reformulação do ensino primário.

Como tal, esses artefatos materiais estão distantes da neutralidade, pois respondem a determinadas intenções e necessidades educativas. Concebidos como contribuintes ao fazer escolar, auxiliando alunos e instrumentalizando professores, dia após dia, ao longo do tempo da escola, esses objetos cotidianos possuem significados, vinculam concepções pedagógicas, saberes e práticas que produzem a cultura escolar, bem como programas e estratégias de políticas educacionais.

No entanto, Forquin sugere um olhar atento para a complexidade das relações entre escola e cultura (FORQUIN, 1993, p.18). Isto porque, de acordo com a posição ocupada, os sujeitos escolares vivenciam as situações de modo específico, e é precisamente da relação entre a visão de mundo por eles desenvolvida e a experiência vivida, que se processa o conhecimento de determinada situação.

Diante de uma situação a ser conhecida e representada, os sujeitos apresentam-se com suas condições de existência que não são apenas condições materiais, mas também representações elaboradas anteriormente, as quais irão interferir no conhecimento dessa nova situação.

A passagem pela escola possui, assim, características que estão relacionadas às condições materiais e sociais de existência, ou seja, a origem social, mas também as novas situações que envolvam a escola e que são constantemente colocadas

aos sujeitos, demandando uma reorganização da experiência anteriormente elaborada, visto que estas estão sujeitas a mudanças a partir do contato do já conhecido⁹.

No processo histórico de constituição das formas de escolarização, o caderno ganhou estatuto de material didático, estabelecendo-se uma contradição entre o caderno que pode ser usado como lugar de registro espontâneo, a partir da necessidade comum, e o caderno como produto da cultura escolar e da cultura da escola, no qual o registro é obrigatório e compulsório.

É a partir dessa tensão e contradição estabelecida entre a cultura escolar e a cultura da escola que se buscou investigar a relação que os sujeitos do universo escolar estabelecem com o caderno, no sentido de ampliar as possibilidades de definir e explicar este produto cultural e das suas potencialidades para se entender os processos de ensino e aprendizagem da História como disciplina escolar em um determinado contexto escolar e um determinado tempo e lugar. Nesse caso o olhar etnográfico na pesquisa qualitativa, os enfoques sociológicos, particularmente na compreensão da escola e dos sujeitos do universo escolar, são considerados fundamentais nos capítulos seguintes.

⁹ Graciliano Ramos apresenta uma passagem "engraçada" e menos sofrida sobre o seu, também, difícil aprendizado da "arte de ler": " Samuel Smiles – Eu tinha visto esse nome várias vezes na seleta, mas, como não sabia pronunciá-lo, acostumei-me a tossir no fim das lições em que ele aparecia subscrevendo medonhas trapalhadas [...]" (RAMOS, 1955, p.193).

CAPÍTULO 2

OS SUJEITOS NO UNIVERSO ESCOLAR E O SIGNIFICADO DO CADERNO

Este capítulo traz os resultados da investigação acerca da experiência dos sujeitos do universo escolar com o caderno. As investigações foram realizadas a partir de questionários aplicados em todos os sujeitos desse universo escolar: jovens alunos(as), professores, pedagogas, secretária, inspetor, bibliotecária, cozinheiras, zeladoras, motoristas e assistentes. O objetivo foi construir o significado do caderno como elemento da cultura da escola para que, a partir de uma definição, pudessem ser olhadas as suas potencialidades no processo ensino aprendizagem da História como disciplina escolar.

A relação dos sujeitos com a escola foi analisada sob a perspectiva de Dubet e Martuccelli (1998), desde a qual a escola é vista como um espaço essencial da vida infantil e juvenil, como lugar de manifestação da cultura e da experiência social dos sujeitos escolares com o conhecimento. Assim, entende-se que não é possível reduzir a escola apenas a sua materialidade ou institucionalidade, já que ela é construída também pelas múltiplas relações simbólicas que se constituem entre professores, alunos e demais sujeitos escolares.

Parte-se do pressuposto de que os sujeitos escolares, por sua vez, não são meros receptáculos passivos das ideologias, mas criadores de relações lógicas de ação, estratégias, significados, criando-se a si mesmos de forma instável, tensa e, muitas vezes, independente (DUBET; MARTUCCELLI, 1998).

Nessa perspectiva, a escola é produzida e organizada, essencialmente, por quem ali está, isto é, pelas relações entre os sujeitos escolares. É o espaço social da experiência relacionada ao conhecimento, ou seja, é um produto da experiência social com o conhecimento, mesmo considerando-se as suas divisões internas, devido à hierarquia que se estabelece entre professores, funcionários e direção, e dentre estes os jovens alunos. Ademais, a escola não se permite ser vista apenas

como um organismo governamental, ou seja, como um espaço que existe para ser somente fiscalizado e controlado pelos seus mantenedores.

Sendo assim, a escola se caracteriza como uma construção histórica de longa duração, fortemente associada à cultura de uma sociedade. Então, na perspectiva de Dubet e Martuccelli (1998), inicialmente os alunos da escola fundamental são dominados por um princípio de integração e interiorização das expectativas dos adultos. Depois, de acordo com o sistema escolar brasileiro, nas séries da segunda etapa do ensino fundamental, isto é, de quinta a oitava séries (a sexta série foi a escolhida para este estudo), eles entram num processo de afirmação de sua subjetividade, o que introduz alguma tensão com a escola (p.20).

Os alunos não definem nem as relações das culturas familiares, nem da cultura escolar, nem as utilidades sociais objetivas vinculadas aos seus estudos, nem os conhecimentos escolares e os métodos pedagógicos. Porém são eles que devem combinar estes diversos elementos, e toda investigação necessariamente vai do ator ao sistema, do trabalho dos sujeitos para as dimensões objetivas da sua experiência (DUBET; MARTUCCELLI, 1998, p.20).

Um exemplo da percepção dessa situação foi obtido no estudo que antecedeu a este trabalho. É o caso de uma aluna da sétima série que, ao ser indagada em aula, quando da experiência investigativa sobre os conhecimentos prévios dos alunos, acerca de um exemplo da relação entre *conhecimento e poder*, expressou-se escrevendo: "tenho conhecimento da escola, porém, não tenho poder sobre ela" (GRENDEL, 2004).

Quanto a tal aspecto, Dubet e Martuccelli (1998, p.21) observam ainda que "a escola não é somente desigual, ela produz também diferenças subjetivas consideráveis, ela sustenta a uns e enfraquece a outros. Uns se formam na escola, outros fora, apesar dela e contra ela".

2.1 O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

Se a escola for analisada em sua relação com a sociedade e o sistema de ensino no qual ela se insere, pode-se afirmar que ela faz parte de uma estrutura burocrática, no qual existe uma hierarquia de cargos e uma diferenciação de funções. No entanto, ainda que os ocupantes dos cargos da hierarquia escolar estejam fadados a desempenhar funções burocráticas e operacionais, na prática, conseguem alguma flexibilidade de ação e alcançam, invariavelmente, relativa autonomia, mesmo se usam essa autonomia para atenuar ou para reforçar a burocratização que representam.

Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell (1986), analisando a escola pela ótica do cotidiano, reforçam a tese de certa autonomia dos vários sujeitos que se movimentam no espaço escolar, apesar do controle exercido pelos órgãos governamentais, pois "Cada escola é produto de uma permanente construção social" (p.58).

Essa é a perspectiva que se tomou ao ter e ver a escola como objeto de pesquisa, considerando-se que a teoria e os dados empíricos têm, por objetivo, realizar, ao menos, um contorno próximo daquilo que é a escola e daquilo que se é capaz de ver. Assim, nesta pesquisa, buscou-se utilizar as orientações sobre o estudo em um caso, que consiste tanto na observação detalhada de um único contexto quando de um acontecimento específico. Por isso, escolheu-se, para o estudo principal, uma única unidade escolar. As unidades escolares, tanto do estudo piloto quanto do estudo principal, localizam-se na cidade de Araucária, município da região metropolitana de Curitiba (RMC), a uma média de 38 km a oeste de Curitiba.

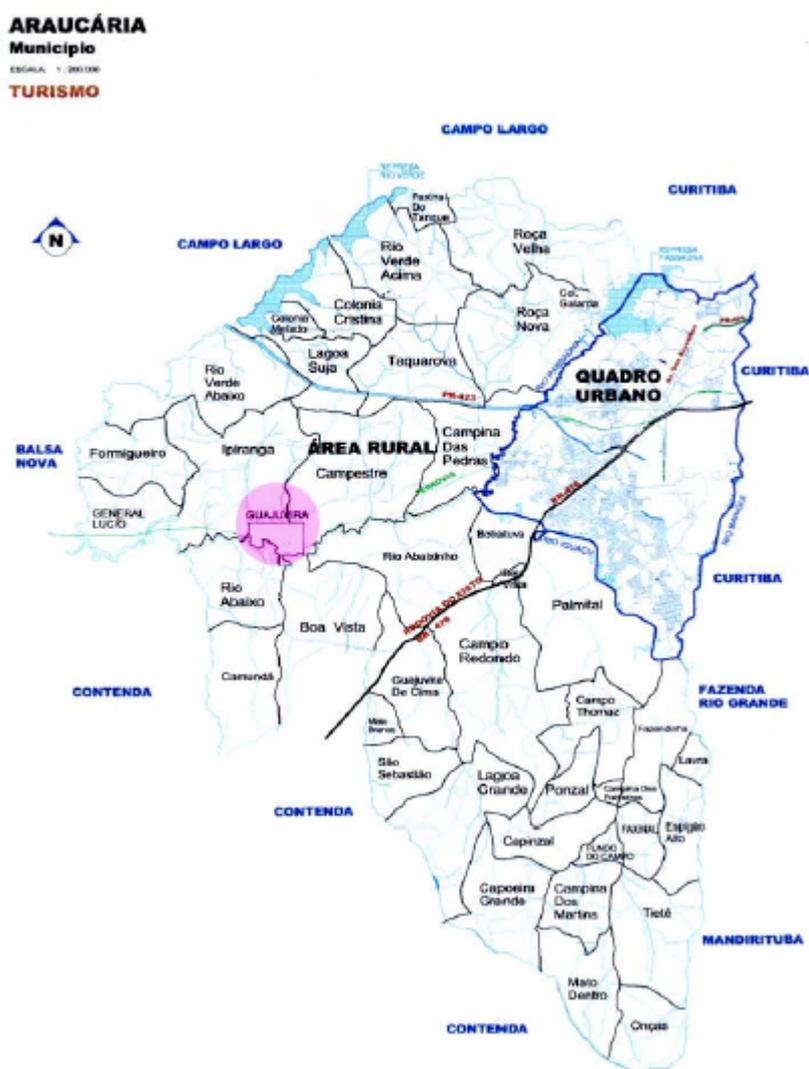


FIGURA 5 - MAPA DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA

FONTE: Adaptado da Prefeitura Municipal de Araucária

Nos traços e nos costumes, a população de Araucária cultiva ainda a vocação agrícola que lhe confere um ar campestre, legado dos imigrantes europeus colonizadores. A zona rural hoje representa 82% do município. A zona urbana divide seu espaço com mais de 200 indústrias instaladas ali, o que transformou Araucária em um dos maiores pólos industriais do Estado. Possui um parque fabril composto por empresas de médio e pequeno porte, instaladas há mais de 20 anos, associado, geograficamente, à Cidade Industrial de Curitiba – CIC (COMEC, 2002).

Os arredores da escola (cerca de 40 km) são constituídos por terrenos acidentados, não permitindo, assim, grandes criações de animais ou atividades agrícolas de forma extensiva. Formaram-se, então, pequenas propriedades rurais com a chegada dos imigrantes, em sua grande maioria poloneses. Cultivam, sobretudo, milho, feijão, cebola e verduras. Em menor escala estão o trigo, a soja, as frutas como morango e pêsego e as plantas medicinais como calêndula e camomila. As batatas já foram largamente produzidas, mas seu cultivo restringe-se agora à subsistência, devido à qualidade inferior em relação à produção que vem de fora.

Algumas características da população que mantém contato com a escola investigada: 80,6% da população é descendente de poloneses e 13,4% de italianos; 90,7% da população é católica; o tamanho médio das propriedades é 7,58 alqueires; 92% residem em casa própria, sendo que a maioria recebeu a propriedade por herança; 83% dos produtores são independentes, isto é, não se ligam a nenhum sistema cooperativo ou associativo; 84% dos habitantes não estudam; pela restrição da abertura de novas áreas agricultáveis, há uma crescente desvinculação dos descendentes com a propriedade rural (COMEC, 2002).

O estudo da problemática em *um caso* teve como objetivo aprofundar o nível de compreensão de um momento vivido por um grupo previamente escolhido, ainda que de modo indireto e fragmentário. A adoção de questionários teve o propósito de adquirir consciência de alguns fatores que pudessem contribuir para a construção do modo de ser e de atuar dos sujeitos escolares em relação aos usos e significados do caderno.

A pesquisa baseou-se na aplicação de questionários a todos os funcionários da escola – estejam eles ligados direta ou indiretamente à área docente ou pedagógica – e aos alunos da sexta série estudada, integrados no ano seguinte, 2008, às turmas de sétima série. A partir da coleta dos dados foi realizada a tabulação e representação sob a forma de quadros e gráficos.

Optou-se pela investigação de questões em um caso, ou seja, análise de problemáticas relacionadas aos significados dos cadernos para os sujeitos de

determinado contexto escolar e aos seus significados e usos para uma disciplina escolar, a História. Houve a preocupação em tornar evidentes algumas relações entre o contexto e o fenômeno analisado. O foco temporal e espacial é contemporâneo ao contexto de vida real onde a pesquisadora atua como professora.

Realizou-se um estudo piloto ao final do ano de 2005, com o objetivo de investigar cadernos dos alunos. Este estudo foi realizado em duas escolas municipais urbanas, com oito alunos de três professores. Três alunas pertenciam à sétima série, quatro alunas e um aluno, à oitava série. A principal intenção da pesquisa piloto foi analisar como esses alunos registravam o conhecimento histórico em seus cadernos. Esse momento da investigação teve como resultado a construção, por parte da pesquisadora, de uma técnica de análise dos cadernos, a qual será explicitada no capítulo três, pois servirá de referência para a análise dos cadernos no estudo principal. Ademais, o estudo piloto indicou a necessidade de ampliar o espectro da investigação, com vistas à obtenção de dados que fornecessem indícios sobre o significado dos cadernos para os sujeitos do universo escolar e, portanto, para que se pudesse entendê-lo em relação à cultura da escola e também como indiciário da forma pela qual as ideias históricas eram registradas pelos alunos. A descrição e análise do estudo piloto estão detalhadas no capítulo 3.

2.2 O CAMPO DA PESQUISA: A ESCOLA E OS SUJEITOS NO UNIVERSO ESCOLAR

O sistema público municipal de ensino da cidade de Araucária hoje é composto por 39 escolas, das quais 20 atendem até a quarta série, primeira etapa do ensino fundamental, 17 atendem até a oitava série, segunda etapa do ensino fundamental, e duas escolas são destinadas à educação especial. Há também a oferta de aulas para jovens e adultos – EJA (Educação de Jovens e Adultos)¹⁰.

¹⁰ Em 2007 essa modalidade foi ofertada em 29 turmas, distribuídas em 18 escolas municipais, mais três turmas descentralizadas e uma turma na empresa "Solo Vivo".

Atualmente, 30 escolas da rede municipal estão situadas em região urbana e seis em região rural¹¹. Essas escolas atendem cerca de 23 mil alunos de uma população de um pouco mais de 118 mil habitantes.

Até meados de 2008, esse sistema municipal de ensino contava com 36 professores de História que foram aprovados em concursos específicos para ministrarem a disciplina. Dentre esses, há um grupo de professores denominado *Grupo Araucária*, no qual se inclui a pesquisadora deste trabalho, que têm participado das elaborações curriculares no município e das investigações relativas ao ensino de História de forma intensa, sistemática e orientada.

A escola escolhida para realização da investigação pertence às chamadas *escolas rurais consolidadas*, que reúnem várias escolas isoladas e multisseriadas numa escola maior e central, com transporte público para os alunos e para professores. A implantação, ou consolidação dessa escola, aqui denominada escola F, ocorreu em 1991 de forma definitiva, com oferta de escolarização para oito anos. A implantação ocorreu de forma graduada (em 1991, turmas de quinta série, em 1992, turmas de quinta e sexta séries e assim por diante).

A idéia de consolidar distritos escolares reunindo várias escolas isoladas e multisseriadas numa escola maior, localizada num ponto central do município, servida por um sistema de transporte que traga os alunos das comunidades para este centro, surgiu nos EUA, em meados do século XIX (RAMOS, 1991, p.20). A justificativa para a consolidação baseava-se em dois princípios:

- a) proporcionar igualdade de oportunidades educacionais para alunos da zona urbana e rural;
- b) minimizar os custos de funcionamento, otimizando os recursos disponíveis nas escolas.

¹¹ É necessário considerar que, a maioria das escolas localiza-se na zona urbana, porém, há um número considerável de 12 escolas na zona rural, das quais, sete pertencem à rede municipal, uma de ensino especial e quatro pertencentes à rede estadual.

A idéia de consolidação desse modelo começou a ganhar espaço no Brasil a partir de 1975, com a criação do PROMUNICÍPIO (Projeto de Cooperação Técnica e Financeira Estado/Município) e posteriormente do PRO-RURAL (Projeto Integrado de Apoio do Pequeno Produtor Rural).

O PROMUNICÍPIO chegou a atender 43% dos municípios brasileiros entre 1975 e 1981 com programas diversos (BRASIL, 1981, p.9-30), apesar da insuficiência de recursos e da identificação de uma política de municipalização de encargos e serviços, a qual só viria com a *Constituição* de 1988. No Paraná, foram construídas, nessa primeira fase do programa, 17 escolas rurais consolidadas no período de 1977-1981. Destas, dez foram construídas na região noroeste e duas no sudoeste do Estado, áreas de intensa migração rural na década de 1970, embora o fato não fosse conhecido em toda sua extensão na época (FIBGE, 1981, p.3; RAMOS, 1987, p.170). Entretanto, duas foram desativadas pouco depois por falta de meios de transporte para os alunos; oito foram construídas em zona urbana ou suburbana, fugindo aos propósitos do programa. Nove foram construídas em zona rural, mas somente cinco destas ofertaram até a oitava série (as demais, só até a quarta série)¹².

A principal diferença do modelo americano para o brasileiro está no fato de que as escolas americanas consolidadas já ofertavam ensino fundamental completo (oito anos de escolaridade), sendo mantidas pelas comunidades que as criaram, enquanto no Brasil essas escolas restringiam-se aos quatro primeiros anos do ensino fundamental. São dados peculiares com características históricas, culturais e sociais diferenciadas com relação a outras sociedades. São considerados *rurais* grupos da sociedade que estão diretamente ligados à produção agropecuária.

¹² Os resultados dessa primeira fase de implantação das escolas rurais consolidadas refletem parte dos programas sociais realizados no período (BANCO MUNDIAL, 1990). Os objetivos iniciais são desvirtuados no decorrer da implantação para atender a interesses políticos e econômicos, aumentando os custos e diminuindo significativamente o impacto do programa.

No caso em estudo, os familiares dos alunos em sua maioria fazem parte do grupo dos pequenos agricultores. Sendo a atividade agrícola a principal – quando não a única – componente da renda para a maioria das famílias.

Em 1991, ocorreu a municipalização de algumas escolas rurais do ensino fundamental, no município de Araucária. Houve então, como já foi dito, a consolidação de algumas escolas rurais de pequeno porte, muitas das quais foram extintas, tendo sido seus alunos transferidos para outras escolas. Tal processo envolveu, no município, 22 escolas que se consolidaram em três escolas rurais de grande porte, entre elas a escola F, escolhida para o desenvolvimento deste trabalho.

Os sujeitos escolares ora analisados são frutos, também, das mudanças políticas ocorridas na educação. Anteriormente, as escolas públicas rurais brasileiras não ofertavam ensino fundamental completo até a oitava série. Em meados dos anos 70, escolas rurais municipais paranaenses eram escolas multisseriadas, ofertando ensino até a terceira ou quarta séries – caso dos pais desta pesquisadora e da grande maioria dos outros pais de professores; escolaridade possível nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970. Entre os vizinhos e parentes, olhava-se com desconfiança o fato de a família permitir o acesso aos estudos, no caso, das filhas moças e mesmo dos filhos, em alguns casos.

Nesse quadro, o programa de consolidação de escolas, visando à ampliação da escolaridade até a oitava série, foi visto principalmente como um auxílio para a possibilidade de se implantar a Lei n.º 5.692/71, que indicava oito anos de escolaridade básica, ou seja, o ensino fundamental completo.

Com a consolidação do ensino fundamental na área rural, ampliaram-se os anos de escolaridade dos sujeitos escolares. A direção da escola escolhida para a investigação e uma grande maioria dos professores e funcionários que aí ingressaram, são frutos dessas mudanças e alterações ocorridas, principalmente, após 1991. O PROMUNICÍPIO, em parte, foi tanto quanto possível, responsável pelo desenvolvimento do ensino. O projeto, porém, tinha em vista um objetivo mais amplo, visava à

modernização da agricultura, à ampliação de empregos e mercados elevando o padrão de vida da população rural, e previa a valorização das culturas regionais.

A escola F, aqui investigada, ao todo possui doze salas de aula nas quais atendeu, durante o período da manhã, no ano de 2007, aproximadamente, a 280 alunos; segunda etapa do ensino fundamental, assim distribuídas: duas quinta séries, duas sextas, três sétimas, duas oitavas. Pertencentes à primeira etapa do ensino fundamental, duas turmas de quarta série e uma de terceira série. A escola, no ano de 2007, contou com um total de 29 professores, diretamente relacionados à atividade docente, para atender dois turnos: manhã e tarde.

No período da tarde o número total, aproximado, foi de 228 alunos, que fazem parte da primeira etapa do ensino fundamental, assim distribuídas: cinco turmas de primeira série, três de segunda série e duas de terceira série.

Para a investigação, formulou-se um questionário aberto que foi aplicado pela pesquisadora no final do mês de novembro de 2007, para 55 sujeitos, entre eles: 26 professores, três pedagogas, duas cozinheiras, cinco zeladoras, nove motoristas, sete assistentes, uma bibliotecária, um inspetor e uma secretária. O questionário foi distribuído em momento destinado ao "recreio" para os sujeitos escolares após a comunicação da justificativa para seu preenchimento. Alguns responderam em seguida e a maioria no decorrer da semana, devolvendo-o na maioria dos casos, também, durante o tempo do recreio.

Para identificação dos sujeitos escolares, foram propostas quatro questões simples e diretas: nome, função, tempo de exercício na escola e formação profissional, e para obter informações acerca da relação dos sujeitos com o caderno, foram propostas seis questões, que serão apresentadas e analisadas após a identificação desses sujeitos.

O quadro 1 demonstra o perfil profissional dos sujeitos da pesquisa diretamente relacionados à atividade docente.

QUADRO 1 - PROFESSORES QUE ATUAM NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA F

ÁREA DE FORMAÇÃO DOS SUJEITOS	SÉRIE DE ATUAÇÃO	TEMPO	DISCIPLINA DE ATUAÇÃO
História.a	1. ^a /5. ^a a 8. ^a	36 anos	Alfabetização/Geografia
Pedagogia.a	1. ^a	35 anos	Alfabetização
História.b	1. ^a /5. ^a a 8. ^a	28 anos	Alfabetização/Geografia
História.c	1. ^a	27 anos	História/Português/Artes
Geografia.a	1. ^a a 4. ^a	25 anos	Geografia/Matemática/Ciências
Matemática.a	5. ^a a 8. ^a	24 anos	Matemática
Pedagogia.b	1. ^a	22 anos	Alfabetização
Português/Inglês.a	5. ^a a 8. ^a	22 anos	Português/Inglês
Pedagogia.c	1. ^a	21 anos	Alfabetização
Educação Física.a	1. ^a a 4. ^a /5. ^a a 8. ^a	20 anos	Educação Física
Química	5. ^a a 8. ^a	20 anos	Matemática
Português/Inglês.b	5. ^a a 8. ^a	20 anos	Português/Inglês
Educação Artística.a	5. ^a a 8. ^a	18 anos	Educação Artística
Pedagogia.d	1. ^a a 4. ^a	17 anos	Português/História/Artes
Matemática.b	1. ^a a 4. ^a /5. ^a a 8. ^a	17 anos	Matemática/Ciências/Geografia
Português	5. ^a a 8. ^a	17 anos	Português
Pedagogia.e	3. ^a a 4. ^a	16 anos	Português/História/Artes
Biologia.a	5. ^a a 8. ^a	15 anos	Biologia
Educação Física.b	5. ^a a 8. ^a	13 anos	Educação Física
História.d	1. ^a a 4. ^a	13 anos	História/Português/Artes
Português/Inglês.c	5. ^a a 8. ^a	13 anos	Português/Inglês
Educação Artística.b	5. ^a a 8. ^a	10 anos	Vice-Direção
História.e	5. ^a a 8. ^a	9 anos	História
Pedagogia f	1. ^a a 4. ^a	5 anos	Matemática/Ciências/Geografia
Biologia.b	5. ^a a 8. ^a	4 anos	Biologia
Magistério	1. ^a a 4. ^a	4 anos	Matemática/Ciências/Geografia

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a formação profissional e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

O quadro 2 apresenta o perfil dos sujeitos da pesquisa indiretamente relacionados à atividade docente.

QUADRO 2 - DIFERENTES PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA F

FUNÇÃO DOS SUJEITOS	FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS SUJEITOS	TEMPO
Cozinheira.a	Ensino fundamental	25 anos
Zeladora.a	Ensino fundamental	21 anos
Pedagoga.f	Pedagogia	15 anos
Cozinheira.b	Ensino fundamental	15 anos
Pedagoga.g	Pedagogia	13 anos
Zeladora.b	Ensino fundamental	12 anos
Motorista.a	Ensino médio	12 anos
Inspetor	Administração	10 anos
Motorista.b	Ensino médio	10 anos
Motorista.c	Ensino médio	10 anos
Zeladora.c	Ensino médio (comissária de voo)	9 anos
Motorista.d	Ensino médio	09 anos
Motorista.e	Ensino fundamental	08 anos
Motorista.f	Ensino médio	08 anos
Secretária	Administração (cursando)	07 anos
Zeladora.d	Ensino fundamental	7 anos
Zeladora.e	Ensino fundamental	7 anos
Pedagoga.h	Pedagogia	05 anos
Bibliotecária	Ensino médio	05 anos
Assistente.a	Ensino fundamental	4 anos
Assistente.b	Ensino fundamental	4 anos
Assistente.c	Ensino médio	3 anos
Motorista.g	Ensino médio	02 anos
Motorista.h	Ensino médio	02 anos
Assistente.d	Não respondeu	2 anos
Assistente.e	Direito (cursando)	2 anos
Motorista.i	Administração (incompleto)	01 ano
Assistente.f	Ensino fundamental	10 meses
Assistente.g	Ensino médio (cursando)	5 meses

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a função exercida e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

Foram investigados um total de 55 sujeitos, profissionais ligados diretamente a essa escola. Os que não devolveram o questionário somam o total de quatro profissionais, entre eles, uma professora de primeira a quarta série, uma professora ligada à direção, um motorista e uma zeladora. O total dos professores envolvidos na pesquisa é de 26 – excluindo a pesquisadora e as duas professoras. O total dos profissionais ligados indiretamente à atividade docente, também, envolvidos na pesquisa, é de 29 – excluindo um motorista e uma zeladora.

Do total de quinze professores que atuam no período matutino, três professoras dão continuidade ao trabalho de docência no período vespertino, nessa mesma escola (quadro 3).

QUADRO 3 - PROFESSORAS QUE ATUAM NAS DUAS ETAPAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA F

PROFESSORAS	TEMPO DE ATUAÇÃO	DISCIPLINA DE ATUAÇÃO	SÉRIE DE ATUAÇÃO
História.a	36 anos	Alfabetização/Geografia	1. ^a /5. ^a a 8. ^a
História.b	28 anos	Alfabetização/Geografia	1. ^a /5. ^a a 8. ^a
Matemática.b	17 anos	Matemática	4. ^a /5. ^a a 8. ^a

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a formação profissional e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

Observa-se que os maiores tempos de serviços prestados na docência da escola, 36 e 28 anos, recaem exatamente nas professoras que atuam nas duas etapas do ensino fundamental, e com um detalhe: *são graduadas em História*, embora na escola atuem no ensino de Geografia e na alfabetização. A terceira professora que atua nas duas etapas do ensino é graduada em Matemática e atua apenas nessa área, ou seja, ensina matemática. Ela acumula 17 anos de exercício do magistério nessa escola.

No período matutino, devido à exclusividade de concentração das turmas de quinta a oitava séries, a concentração bem menor de turmas de primeira a quarta séries, os professores totalizam 15, dois homens e 13 mulheres (quadro 4).

QUADRO 4 - PROFESSORES QUE ATUAM NA SEGUNDA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO PERÍODO MATUTINO, NA ESCOLA F

ÁREA DE FORMAÇÃO DOS SUJEITOS	DISCIPLINA DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	SEXO
História.a	Geografia	36 anos	Feminino
História.b	Geografia	28 anos	Feminino
Matemática.a	Matemática	24 anos	Feminino
Português/Inglês.a	Português/inglês	22 anos	Feminino
Educação Física.a	Educação física.	20 anos	Feminino
Química	Matemática	20 anos	Masculino
Português/Inglês.b	Português/inglês	20 anos	Feminino
Educação Artística.a	Educação artística	18 anos	Feminino
Matemática.b	Matemática	17 anos	Feminino
Português.a	Português	17 anos	Feminino
Biologia.a	Biologia	15 anos	Masculino
Educação Física.b	Educação física	13 anos	Feminino
Português/Inglês.c	Português/inglês	13 anos	Feminino
História.e	História	9 anos	Feminino
Biologia.b	Biologia	4 anos	Feminino

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a formação profissional e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

No período vespertino, quando a exclusividade da presença é para turmas de primeira a terceira séries, as professoras, todas mulheres, totalizam 13. Constata-se uma "igualdade" no número de professores, tanto para a segunda como para a primeira parte do ensino fundamental, levando em conta, é claro, as duas professoras que não responderam ao questionário (quadro 5).

QUADRO 5 - PROFESSORES QUE ATUAM NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL, NO PERÍODO VESPERTINO, NA ESCOLA F

ÁREA DE FORMAÇÃO DOS SUJEITOS	DISCIPLINA DE ATUAÇÃO E SÉRIE	TEMPO DE ATUAÇÃO
História.a	Todas da 1. ^a série	36 anos
Pedagogia.a	Todas da 1. ^a série	35 anos
História.b	Todas da 1. ^a série	28 anos
História.c	Todas da 1. ^a série	27 anos
Geografia.a	Todas da 1. ^a série	25 anos
Pedagogia.b	Todas da 1. ^a série	22 anos
Pedagogia.c	Todas da 1. ^a série	21 anos
Pedagogia.d	Português/História/Artes da 4. ^a série	17 anos
Matemática.b	Matemática/Ciências/Geografia da 3. ^a série	17 anos
Pedagogia.e	Português/História da 3. ^a série	16 anos
História.d	História /Português/Artes da 2. ^a série	13 anos
Pedagogia.f	Matemática/Ciências/ Geografia 2. ^a série	5 anos
Magistério	Matemática/Geografia/Ciências da 4. ^a série	4 anos

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a formação profissional e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

Os significados que os sujeitos escolares ligados diretamente ou indiretamente à docência dão aos cadernos são importantes para esta pesquisa. Visa conhecer o *como* e os *porquês*, buscando elementos que evidenciem uma identidade própria para o caderno. É uma investigação particularística, que se debruça sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há de mais essencial e característico nela (quadros de 6 a 10), mas, tentando explicitar possibilidades e relações mais amplas. Por isso, expandiu-se a aplicação do questionário aos diferentes sujeitos do universo escolar.

QUADRO 6 - INSPETOR, SECRETÁRIA, BIBLIOTECÁRIA QUE ATUAM NA ESCOLA F

FUNÇÃO DOS SUJEITOS	FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS SUJEITOS	ATUAÇÃO	TURNOS	TEMPO
Inspetor	Administração	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	10 anos
Secretária	Administração (cursando)	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	7 anos
Bibliotecária	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	5anos

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a função para cada sujeito.

QUADRO 7 - PEDAGOGAS QUE ATUAM NA ESCOLA F

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	FUNÇÃO	ATUAÇÃO	TURNOS	TEMPO
Pedagogia.f	Pedagoga	1. ^a a 3. ^a	Tarde	15 anos
Pedagogia.g	Pedagoga	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	13 anos
Pedagogia.h	Pedagoga	5. ^a a 8. ^a	Manhã	5anos

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a formação profissional e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

QUADRO 8 - COZINHEIRA, ZELADORA QUE ATUAM NA ESCOLA F

FUNÇÃO	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	ATUAÇÃO	TURNOS	TEMPO
Cozinheira.a	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	25 anos
Cozinheira.b	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	15 anos
Zeladora.a	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	21 anos
Zeladora.b	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	12 anos
Zeladora.c	Ensino médio (comissária de voo)	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	9 anos
Zeladora.d	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	7 anos
Zeladora.e	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	7 anos

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a função e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

Podemos perceber um contraste na formação desses profissionais. A questão do gênero evidencia-se, como também a questão de acesso aos estudos. As mulheres (quadro 8) na sua maioria frequentaram apenas o ensino fundamental. Os homens, como se pode visualizar no quadro 9, tiveram acesso ao ensino médio, e em um caso, até parte do ensino superior.

QUADRO 9 - MOTORISTAS QUE ATUAM NA ESCOLA F

FUNÇÃO	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	ATUAÇÃO	TURNO	TEMPO
Motorista.a	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	12 anos
Motorista.b	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	10 anos
Motorista.c	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	10 anos
Motorista.d (fem.)	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	09 anos
Motorista.e	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	08 anos
Motorista.f	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	08 anos
Motorista.g	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	02 anos
Motorista.h (fem.)	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	02 anos
Motorista i	Administração (incompleto)	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	01 ano

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a função e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

Quanto às assistentes – atuam na viagem dos alunos – são: esposa, filha ou mãe de alunos. Como se pode ver no quadro 10, tem um tempo menor de atuação profissional, comparando com os demais profissionais. Parece ser entendido ou visto como um trabalho temporário e que, de alguma forma, pode permitir o acesso aos estudos – durante o período das aulas, tanto os motoristas quanto as assistentes têm "tempo livre", enquanto aguardam o término das aulas.

QUADRO 10 - ASSISTENTES QUE ATUAM NA ESCOLA F

FUNÇÃO	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	ATUAÇÃO	TURNO	TEMPO
Assistente.a	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	4 anos
Assistente.b	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	4 anos
Assistente.c	Ensino médio	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	3 anos
Assistente.d	Não respondeu	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	2 anos
Assistente.e	Direito (cursando)	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	2 anos
Assistente.f	Ensino fundamental	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	10 meses
Assistente.g	Ensino médio (cursando)	1. ^a a 8. ^a	Manhã e tarde	5 meses

FONTE: Pesquisa de campo

NOTA: Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, estabeleceu-se a denominação levando em conta a função e a ordem alfabética (letra minúscula) para cada sujeito.

Na turma selecionada para o estudo principal, uma sexta série do ensino fundamental, ao todo, se compõe de 31 jovens alunos. Há um predomínio de 17 jovens alunas com a idade entre 11 e 12 anos – relação idade/série, prevista em lei – contrastando com oito jovens alunos (gráfico 1).

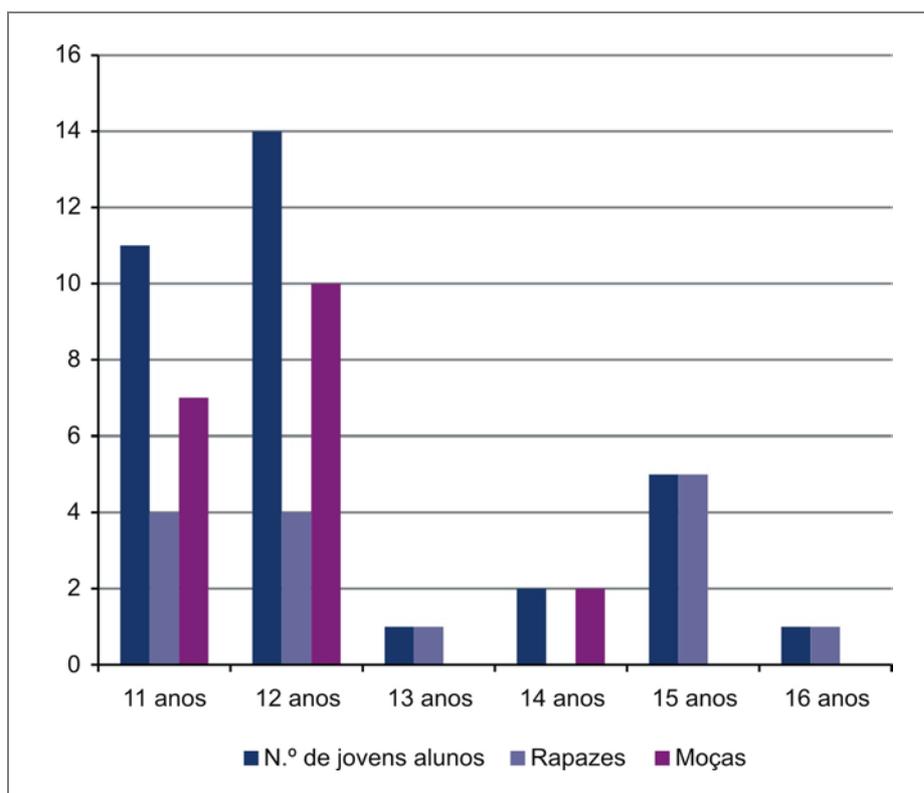


GRÁFICO 1 - ALUNOS DA 6.ª SÉRIE A, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA

FONTE: Pesquisa de campo

As duas jovens com 14 anos de idade, são alunas que vieram transferidas de outras escolas no segundo semestre; portanto, são novas na turma. Dos cinco rapazes com 15 anos de idade, dois foram aprovados, sendo um deles repetente (cursou pela segunda vez essa série). Outros dois foram reprovados e o outro jovem aluno abandonou seus estudos (quadro 11 e gráfico 2).

QUADRO 11 - SITUAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 6.ª SÉRIE A, EM 2007

	APROVAÇÕES	TRANSFERÊNCIAS	ABANDONOS	REPROVAÇÕES
Alunos	11	1	1	2
Alunas	18	1	0	0

FONTE: Pesquisa de campo

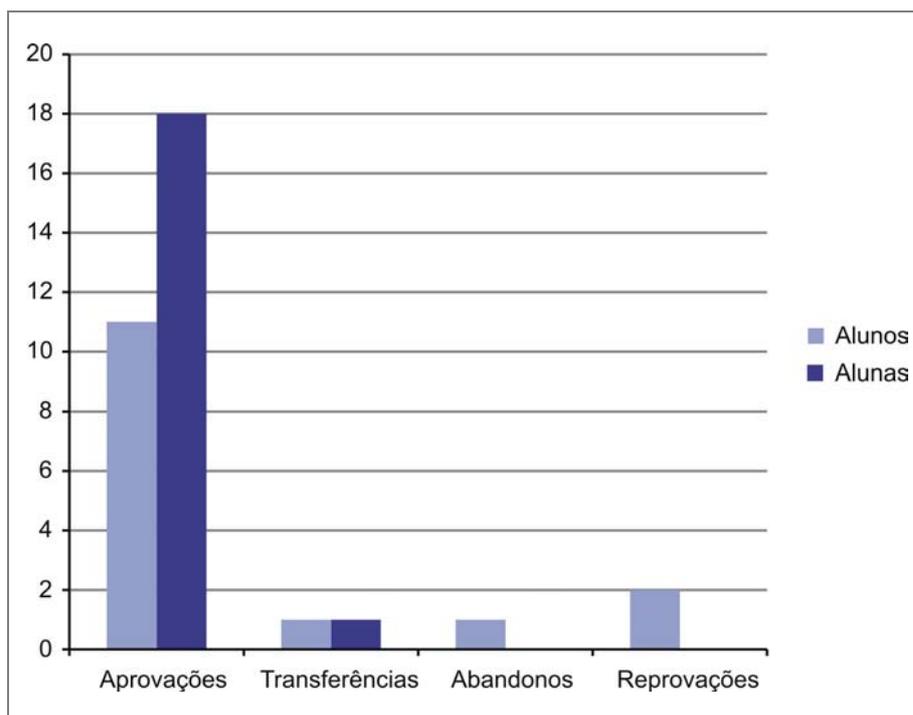


GRÁFICO 2 - SITUAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 6.ª SÉRIE A, EM 2007

FONTE: Pesquisa de campo

Alguns desses alunos são colegas desde a primeira série do ensino fundamental. Conhecem-se, sabem do cotidiano, da vida familiar, social e do trabalho. Alguns se visitam, além de colegas de sala e de escola, são amigos.

Em 2008 aplicou-se o mesmo questionário, porém, adaptado, aos alunos de duas turmas de sétima série (7.ª A e 7.ª B). Os alunos da sexta A de 2007 estavam distribuídos nas duas turmas de sétimas séries de 2008. O questionário foi aplicado pela pesquisadora com a colaboração da professora investigada, que cedeu tempo e espaço da aula de História para que os alunos respondessem em sala de aula. Tinha-se, inicialmente, o propósito de que respondessem mais livremente, em casa. Porém, "precaçando-me" da possível não devolução do material, a professora acompanhou o preenchimento das respostas ao questionário. Optou-se por aplicá-lo somente em final de 2008, nove meses após a entrega dos cadernos pelos alunos à pesquisadora.

Como a decisão da entrega tinha sido previamente combinada entre a professora, a pesquisadora e os alunos, considerou-se que a aplicação do questionário

simultaneamente ao combinado do caderno poderia trazer implicações às respostas dos alunos ao questionário.

As perguntas feitas para os alunos foram na mesma direção que a dos professores e outros profissionais da escola, sendo adequadas às características dos próprios alunos. Para identificação dos alunos, foram formuladas quatro questões simples e diretas: nome, idade, sexo, tempo de estudo na escola e sobre que turma pertenceu no ano passado (Apêndice 3).

Além das perguntas relacionadas à investigação do perfil dos sujeitos do universo escolar, foram elaboradas seis questões com o objetivo de levantar elementos que indicassem a relação desses sujeitos com o caderno.

Quanto à classificação, as perguntas caracterizam-se como abertas, incitando o informante a responder livremente e a emitir opiniões, usando linguagem própria. Esse viés nas perguntas abre possibilidades para investigações mais profundas e precisas, compensando fartamente o fato de a análise dessa ser mais complexa, exaustiva e morosa.

Para a produção das perguntas, inicialmente organizou-se uma lista com os temas que levam em conta as categorias e os níveis de cultura, segundo Williams (2003). A partir dos temas, extraíram-se aproximadamente duas perguntas para cada categoria e nível. Em seguida, continuou-se a seleção até chegar a uma questão para cada categoria e nível de cultura, de modo que ao todo resultaram seis questões que pretendem corresponder às três categorias e aos três níveis da cultura.

Perguntas elaboradas para os diversos profissionais que atuam na escola F:

- 1) Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?
- 2) Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:

- 3) Já presenciou algum caso de extravio ou perda de caderno de aluno, dentro da escola ou que estava sob sua responsabilidade? Que providências normalmente você toma? Relate sua experiência:
- 4) Você lembra de algum episódio relativo a algum caderno de aluno, que tenha acontecido com você, algum colega, amigo ou familiar? Caso lembre, escreva sobre o fato.
- 5) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?
- 6) Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?

Perguntas elaboradas para os alunos (7.^aA e 7.^aB) da escola F:

- 1) Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?
- 2) Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.
- 3) Relate algum episódio relativo a *cadernos* que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.
- 4) Na sua opinião, qual a *função* e a *importância* do caderno escolar?
- 5) Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?
- 6) Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.

Os principais objetivos com essas perguntas foram: verificar o significado do caderno na vida dos sujeitos investigados e o significado para a relação destes sujeitos com o conhecimento histórico.

2.3 O SIGNIFICADO DO CADERNO PARA OS SUJEITOS QUE NÃO ATUAM NA ESCOLA F COMO ALUNOS

Apresenta-se agora a análise das respostas (Apêndice 2) para as seis perguntas destinadas aos profissionais. Os adultos, assim como os jovens alunos têm experiências e habilidades extremamente variadas. Alguns dão respostas prontamente;

outros precisam de mais tempo para ponderar uma pergunta; há os que hesitam em participar voluntariamente mesmo quando têm muito a dizer; já outros têm dificuldade para ler e, ou para escrever. Ao avaliar cuidadosamente essas diferenças somos levados a pensar alguns detalhes que se revelaram significativos.

Da resposta um, fez-se uma teorização, levando em especial conta o termo *lembrança* utilizado no início da pergunta: *Você lembra [...]*. Da resposta dois, destaca-se o termo *arquivo* ou fonte, devido ao número de vezes que esse conceito foi reivindicado pelos sujeitos escolares, quando a responderam. Da resposta três, destaca-se a ação coletiva e social dos sujeitos em recuperar o caderno, a atitude de valorização desse suporte, privilegia-se, então, a *identificação* e, portanto, uma *personalização* desse material. Com relação às outras três questões, de várias formas, as respostas colaboram na confirmação do já dito anteriormente, o que permite a ampliação da teorização dos conceitos.

Levando em conta a discussão teórica referente aos conceitos de *cultura*, *cultura escolar* e *cultura da escola*, bem como as respostas dos sujeitos investigados, desenvolveu-se um confronto da discussão conceitual. O objetivo foi perceber quais os significados que os sujeitos escolares fornecem ao serem abordados com questões que versam sobre materiais escolares e como entre estes, aparece o *caderno* do aluno. Tentou-se descobrir quais inferências esses profissionais produzem, para significá-las, e quais estão presentes em suas respostas.

2.3.1 O Caderno: da Lembrança à Relíquia

A primeira questão teve como foco indagar se os sujeitos do universo escolar têm e quais seriam suas lembranças relacionadas ao caderno escolar.

- 1) *Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?*

Entre os materiais citados individualmente, figuram nas respectivas respostas os apresentados na tabela 1.

TABELA 1 - NÚMERO DE CITAÇÃO DO MATERIAL LEMBRADO

MATERIAL ESCOLAR CITADO	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS
Cadernos	42	Todos com exceção dos "outros".
Outros	6	História a; História d; Português/Inglês a; Português/Inglês c; Química; Assistente f
Não respondeu	5	Matemática a; Educação Física a; Educação Física b; Zeladora c; Zeladora e
Não especificou	1	Motorista c
TOTAL	55	

FONTE: Pesquisa de campo

Como fica explícito, o material escolar mais lembrado pelos 42 sujeitos desse universo escolar é o *caderno*. Ao todo, de cinquenta e cinco sujeitos, quarenta e dois sujeitos listam o caderno. Muitos incluem ao caderno um conjunto de materiais considerados, na sua maioria, como auxiliares¹³, ou como, nas palavras de uma das professoras: "consumíveis e apenas coadjuvantes secundários" (Português/Inglês.b, Apêndice 2, p.175). Entre eles, principalmente: o lápis, a caneta, a borracha, a cola etc. De alguma forma, no entanto, estão ligados diretamente ao uso do caderno ou à execução dos exercícios propostos.

A distribuição da conservação do material consta da tabela 2 e gráfico 3.

TABELA 2 - CONSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR COMO ALGUM TIPO DE LEMBRANÇA

RESPOSTA	N.º
Conservam algum material	18
Não conservam	24
Não responderam	12
TOTAL	55

FONTE: Pesquisa de campo

¹³ Nérici (1971) observa em sua classificação do material didático, uma classificação que é a de "*material de consumo*, como lápis, **cadernos**, giz etc.; e *material permanente*, como quadro negro, flanelógrafo, mapas, aparelhos diversos etc." No entanto, na classificação do autor, o "que mais parece convir a todas as disciplinas" (NÉRICI, 1971, p.387), exemplifica incluindo o caderno, como pertencente ao *material permanente de trabalho*, dessa forma, contradiz-se. Parece que, até aqui, afinal, não está clara a idéia do conceito de caderno.

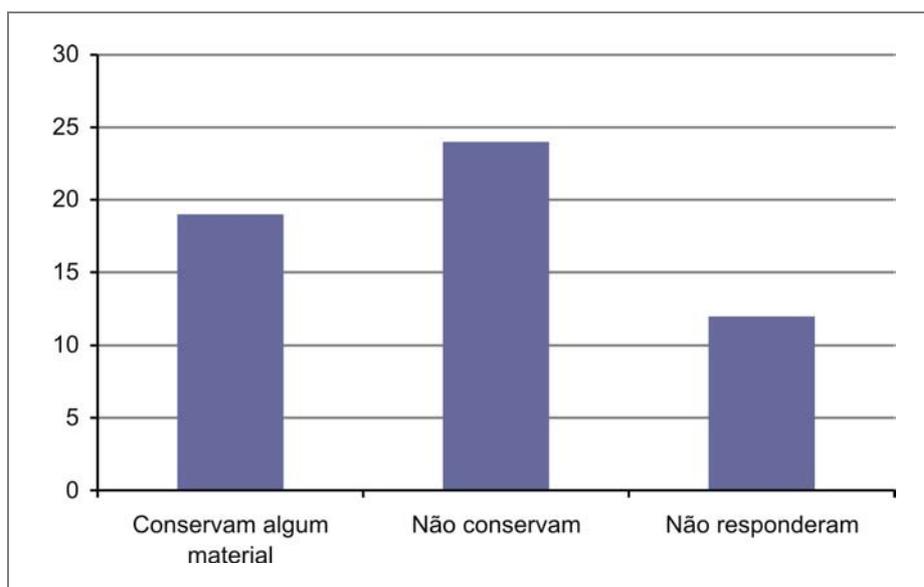


GRÁFICO 3 - CONSERVAÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR COMO UM TIPO DE LEMBRANÇA

FONTE: Pesquisa de campo

As respostas aqui apresentadas podem ser consideradas como pistas singulares que apontam, mais do que informam, sobre a forma de organização da vida escolar e seus valores na sua relação com a *cultura da escola*. Ao avaliar cuidadosamente essas diferenças somos levados a pensar alguns possíveis entendimentos e suas práticas.

Essas respostas, da pergunta um, de certa forma, antecipam a pergunta n.º 6) *Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?*

O material escolar, mais citado, compreendido e conservado como um tipo de lembrança é, sem dúvida, e fundamentalmente, o caderno escolar. Os boletins, as provas, os trabalhos escolares, os cartões do dia das mães e pais, apresentam aqui um caráter, apenas ilustrativo (tabela 3).

TABELA 3 - MATERIAL CONSERVADO, POR UM TIPO DE LEMBRANÇA

TIPO DE LEMBRANÇA	TIPO DE MATERIAL CONSERVADO	SUJEITOS	N.º DE CITAÇÃO
Como documento	Cadernos	Português/Inglês.b; Secretária; Zeladora.a; Zeladora.d; Assistente.c; Assistente.g	6
	TOTAL		6

FONTE: Pesquisa de campo

Quanto aos trabalhos e avaliações escolares, muitos alunos os anexam aos cadernos – colam nas páginas do caderno, como material extra do desenvolvimento das aulas, às vezes espontaneamente, às vezes, por imitação, às vezes por sugestão ou pedido do professor (tabela 4).

TABELA 4 - MATERIAL CONSERVADO, POR DOIS TIPOS DE LEMBRANÇA

TIPO DE LEMBRANÇA	TIPO DE MATERIAL	SUJEITOS	N.º DE CITAÇÃO
Como recordação	Cadernos	Matemática.b; Motorista.b; Assistente.e; Assistente.f	4
	Livro de Literatura	Português/Inglês.a; Português	2
	Livro de História	Bibliotecária	1
	TOTAL		7
Como lembrança familiar (guardada pela mãe)	Caderno	Biologia.a; Pedagogia.b	2
	Trabalhos, provas, boletins e penal de madeira.	Pedagogia.b (já citada nos cadernos)	-
	Cartão para comemoração do dia das mães e pais	Pedagoga.h	1
	TOTAL		3

FONTE: Pesquisa de campo

Quanto aos 24 sujeitos que responderam que não conservam seus materiais, a maioria justifica escrevendo que passaram a fazer parte das boas lembranças, como uma lembrança pessoal, diferente da lembrança dos livros que muitas vezes eram emprestados.

Embora o descarte do material escolar esteja até certo ponto naturalizado na cultura da escola, "*Não conservo por conta da influência da sociedade consumista e descartável*" (Pedagoga.b, Apêndice 2, p.172); a justificativa para a não conservação dos cadernos, está ligada, primeiramente, à *doação* ou *repasso*, no sentido de máximo aproveitamento do material – até o mesmo se extinguir – pensando principalmente, no sentido de material consumível. "*Não conservo porque usávamos até acabar*" (Pedagoga.c, Apêndice 2, p.171); "*Não. Não conservo porque o pouco que guardei os filhos usaram*" (Motorista.h, Apêndice 2, p.174).

Também elencaram-se outros motivos para os cadernos não serem guardados, entre eles, o da *mudança* de moradia e falta de *espaço*. "*Não existe mais nenhum, devido às mudanças e falta de cuidado que tive*" (Português.a, Apêndice 2,

p.170); "*Não porque mudava de escola constantemente por conta das mudanças dos pais*" (Matemática.a, Apêndice 2, p.170); "*Não. Não tenho lugar para guardá-los*" (Biologia.b, Apêndice 2, p.171).

No entanto, aqui, fica a observação de que muitos desses profissionais não responderam o *porquê* da não conservação. Interessante é que dos profissionais que não atuam como professores, apenas, um relata experiência com a não conservação, ao passo que dos professores e pedagogos o relato é diverso.

Quanto às cinco professoras graduadas em História, apenas uma delas atua na disciplina. Em primeiro lugar, aparece a lembrança dos livros emprestados: "*Não conservo porque os livros eram emprestados*". Quanto aos cadernos, escreve que: "*ficaram na casa da minha mãe, mas depois foram destruídos*" (História.c, Apêndice 2, p.170). No entanto, essa professora, escreve logo a seguir: "*O caderno é o único material que permanecerá definitivamente com o aluno. Nele constará diferentes assuntos e diferentes visões sobre o mesmo fato*" (História.c, Apêndice 2, p.175). Revela, portanto, uma compreensão e ao mesmo tempo um desejo diverso do que foi possível fazer em relação aos seus próprios materiais.

Em segundo lugar, para as professoras graduadas em História, mas que atuam no ensino de Geografia, é presente e próxima a lembrança dos cadernos e da tarefa escrita, que é feita, de modo mais frequente, nos cadernos. As atividades ou exercícios são, normalmente, realizados de forma menos intensiva na cartilha ou no livro didático adotado.

Entre as professoras de línguas, há algumas lembranças dos livros, em especial, do colorido desses materiais. Porém, uma delas inclui o colorido do próprio caderno como uma lembrança: "*Meus cadernos eram organizados, coloridos e alegres*" (Português.a, Apêndice 2, p.170). Por meio do caderno aparece, também, a necessidade do empréstimo ou repasse de livros e cartilha, para os irmãos, provavelmente, mais novos. A compreensão de que "*o registro é muito importante no processo de ensinar e aprender*" (Português/Inglês.c, Apêndice 2, p.175), é igualmente parte da cultura universal.

De forma bem particular, os cinco sujeitos escolares que responderam outros materiais que não o caderno – quatro professores e uma assistente – apresentam um tipo de *lembrança* com características elevadas e marcadas pela idéia da valorização do estudo ou da necessidade do mesmo. Um exemplo é a lembrança da "*caneta tinteiro*" (História.a, Apêndice 2, p.170).

A professora traz, provavelmente, lembranças fortes, principalmente pela dificuldade de uso, relatado por alguns estudiosos do tema. Portanto, é compreensível que tal objeto seja apresentado pela *lembrança* de uma professora, alfabetizadora por mais de trinta anos – como algo especial. Caso semelhante é: "[...] *uma caneta com detalhes em ouro*" (Assistente.f, Apêndice 2, p.174), mesmo sendo dado por uma parente (tia), o uso destinado foi o escolar, conforme relato. Algo similar é um livro de literatura infantil, *João e o pé de feijão*, dado pela professora que a alfabetizou (Português/Inglês.a, Apêndice 2, p.170). A cartilha *Caminho Suave* está inserida também em contexto semelhante ao anterior, o da alfabetização, que faz iniciar a vida escolar, portanto, o ingresso na "cultura escolar" (FORQUIN, 1993).

A apostila de desenhos geométricos, apresentada pela lembrança do professor – graduado em Química, que atua no ensino da Matemática –, revela-se como uma lembrança particular, uma fonte "única", capaz de criar lembranças da vida escolar.

A relação que os sujeitos estabelecem entre o caderno e suas lembranças pessoais, tais como citadas em algumas das respostas ao questionário, "[...] *os cadernos estão guardados para lembrar os anos passados*" (Matemática.b, Apêndice 2, p.170); "[...] *minha mãe possui em seu poder um caderno de caligrafia que usei*" (Biologia.a, Apêndice 2, p.171); "*Conservo porque tem as primeiras palavras e o modo que eu escrevia*" (Zeladora.d, Apêndice 2, p.173) permite que se caracterize esse produto da cultura escolar e da cultura da escola como uma espécie de relíquia.

O caderno está relacionado ao significado do lembrar – relembrar na memória individual e da exteriorização desta lembrança num artefato cultural, o que remete à possibilidade de considerar-se este artefato, também, como relíquia.

2.3.1.1 Memória: lembrar e relembrar – o lugar do caderno

Dentre as inúmeras vivências que temos ao longo da vida, selecionamos aquelas que consideramos significativas. A memória se apresenta sempre de forma seletiva e lembramos mediados pela significação proporcionada nos eventos mais singulares. Pode-se dizer que a lembrança carrega a possibilidade da existência, somos e pensamos por conta do que nos lembramos.

Lembrar é também dar um apoio para a memória. O fato de alguns sujeitos não evocarem o caderno não significa que não lembrassem deles. Ademais, para que as lembranças "aflorem", há necessidade de paciência em sua evocação e reconstituição por parte de quem procura relembrar (BOSI, 1994).

Lembrar não é um processo natural ou neutro, mas, uma construção social. Isso explica, em parte, a transformação das lembranças que ocorrem devido às experiências de vida e aos quadros sociais e culturais dos quais se faz parte, assim como os possíveis significados atribuídos pelos sujeitos. Ao destruir-se a memória, a lembrança é facilmente substituída pela "história oficial" ou comemorativa.

Entende-se que para que o caderno se transforme numa evidência sobre o passado, é importante que ele constitua parte da memória individual e coletiva. Um dos resultados obtidos por meio da aplicação do questionário foi o de informações relacionadas a como os sujeitos, individualmente, lembram ou recordam do caderno escolar. Percebe-se que os sujeitos escolares constroem suas lembranças somente a partir da experiência com o grupo social que as cerca, inicialmente, com a família e posteriormente na escola e na comunidade social em que vivem.

Segundo Fentress e Wickham (1992), um dos componentes da memória é a recordação pessoal. Para eles, a memória é naturalmente dividida em dois segmentos:

Há uma parte objetiva que serve de contentor dos factos, a maior parte dos quais podia alojar-se em muitos outros locais. E há uma parte subjetiva, que inclui informação e sentimentos que fazem parte integrante de nós e que, portanto, se situam adequadamente apenas dentro de nós. A primeira parte da memória é relativamente passiva; limita-se a conservar conhecimento. A segunda parte é mais activa; experimenta e registra para a consciência. Deste modo, a distinção entre facto objetivo e interpretação subjectiva situa-se na própria estrutura da memória (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p.17-18).

O que esses autores deixam claro é, simplesmente, o fato de que o que aparece como ponto de articulação não é a parte objetiva da memória, mas o seu aspecto social.

Em si e por si, a memória é simplesmente subjectiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas idéias colectivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isto constrói uma memória social. Qualquer tentativa de usar a memória, de uma maneira sagaz, como fonte histórica, tem que se confrontar à partida com o carácter subjetivo, embora social, da memória. Não quer isto dizer que a memória não seja também portadora de informação objectiva (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p.20).

Quando recordamos, elaboramos uma representação de nossa experiência para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Ao nos revelarmos de um modo articulado, somos aquilo que nos lembramos. O conteúdo da lembrança está diretamente relacionado à realidade vivida e aos interesses, tanto particulares quanto sociais dos sujeitos.

Entretanto, apresenta-se aqui uma questão: como a memória pode ou deve ser atualizada – para virar então uma lembrança, de acordo com o presente? Sabe-se que a memória é compreendida como um fenómeno social, o que significa que a lembrança é abordada e reconstituída do ponto de vista de um grupo do qual fazemos parte. A forma como a evocamos está condicionada pelo modo como o fato foi vivido no mesmo grupo, configurando, então, a memória pessoal ou individual.

Para concluir, se nossas memórias são constituídas e dependentes do social, o como e o quanto algo será lembrado parece ser também muito subjetivo e individual.

Vejamos, o modo de lembrar é individual tanto quanto social. A cultura escolar transmite, retém e reforça algumas práticas, mas os sujeitos escolares, ao refletirem, vão aos poucos individualizando a memória escolar no que lembram e no como lembram. Ao rememorar algo, imagens não se apresentam tal e qual como no momento acontecido, mas são reconstruídas mediante o ato de recordar e os efeitos da lembrança se fazem sentir no momento em que se recorda. Afinal, a memória evocada apresenta-se em contínua reconstrução e ressignificação das experiências tecidas pelo sujeito por meio de suas relações de permanência num grupo, neste caso, uma escola. As motivações para que essa lembrança se faça presente serão provenientes da reflexão que formos capazes de produzir. E, ainda, a construção da memória estará sempre atrelada ao seu contexto histórico.

Ao tratar o conceito de relíquia, segundo Lowenthal (1998a), percebe-se que as relíquias nos oferecem apenas conjecturas sobre comportamentos e convicções; sendo assim, "[...] para tratar reações e motivos do passado, os artefatos precisam ser ampliados por relatos e reminiscências" (LOWENTHAL, 1998a, p.156).

Contudo, as relíquias possibilitam uma remissão direta ao passado:

A acessibilidade é outra vantagem de remanescentes tangíveis. As relíquias expostas ao escrutínio público e potencialmente visíveis a qualquer observador fornecem impressões do passado que prescindem de intermediário. Observar a história no local é um processo menos ativo do que ler a seu respeito: os textos requerem um envolvimento deliberado, ao passo que as relíquias podem chegar até nós sem esforço ou propósitos conscientes. História e memória geralmente surgem na forma de histórias que a mente precisa filtrar deliberadamente; os fragmentos físicos permanecem diretamente ao alcance de nossos sentidos (LOWENTHAL, 1998a, p.159).

Pelo fato de que os cadernos são ao mesmo tempo passado e presente, seus papéis histórico e moderno interagem. Passa-se, então, por meio desse suporte que é o caderno do aluno, tratado pelos sujeitos escolares como relíquia, a rerepresentar a cultura da escola e a cultura escolar.

2.3.1.2 O lugar da lembrança – o caderno como relíquia

A maioria das respostas dadas ao questionário indica que apesar de ter recordações dos cadernos – os que não atuam como alunos na escola – guardam um ou outro caderno que eles consideram especial. Isso nos possibilita considerar o caderno como uma relíquia.

O dicionário Aurélio da *Língua Portuguesa* (1986, p.1.480) traz a seguinte definição para 'relíquia': "*coisa preciosa por ter valor material ou por ser objeto de estima e apreço: relíquia de família*". Essa identificação entre algo que se tem e se mantém porque faz parte da lembrança pessoal encontra amparo nas discussões que Lowenthal (1998a) faz sobre a relíquia e seu significado. É difícil tratar a questão em toda sua complexidade se a opção for por um olhar nostálgico que valorize apenas a preservação *per se*.

Por esse motivo a questão da reinterpretação do passado se impõe. Cabe questionar para que se preservam cadernos, por que e em nome de que passado? De um lado, a questão da lembrança pode ser pensada como transformadora e seletiva de reconstrução e destruição do passado, que é realizada no presente e nos termos do presente. De outro, essa questão pode vir, não apenas como "citação material" do que passou, mas como trazendo em si a possibilidade da transformação. Assim, a lógica da lembrança e conservação dos cadernos não reside neles, mas na pessoa, no sujeito que os seleciona e arranja.

Os dados sistematizados com a investigação relativa à questão da relação entre caderno e lembrança remetem à noção de relíquia, de Lowenthal (1998a), a partir da qual os cadernos podem ser olhados como resíduos de processos históricos. Nesse caso, os cadernos escolares seriam resíduos específicos de determinadas formas de escolarização (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

Como relíquia, esses resíduos existem a partir dos significados e sentidos a eles conferidos pelas experiências dos próprios sujeitos. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que, como relíquias, os cadernos propiciam determinadas relações com os

sujeitos, as quais fazem com que passado e presente se entremeeiem numa simultaneidade que revela aspectos subjetivos e objetivos da experiência escolar. Isso ocorre, principalmente, porque cada caderno é um caderno e é interpretado de maneira singular na lembrança de cada sujeito investigado. Esta natureza do caderno pode ser indicativa e, ao mesmo tempo, pode reforçar o seu caráter de relicário, qual seja, conforme Lowenthal (1998a), a característica de que ela requer a interpretação pessoal para que cumpra a sua função histórica. Essa situação pode ser observada na relação que os sujeitos evidenciaram ter com os cadernos.

2.3.1.3 O caderno como arquivo ou morada do conhecimento

O foco da segunda questão foi verificar a relevância que os cadernos têm para a relação dos sujeitos com o conhecimento escolar no caderno. O levantamento e sistematização das respostas indicou a predominância do caderno como lugar de registro, como "arquivo". Recorre-se a Derrida (2001), particularmente no que se refere ao significado de arquivo como "domicialização" ou "residência", para, de forma homóloga, aderir ao caderno como um tipo de "residência do conhecimento". "O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação" (DERRIDA, 2001, p.29).

O arquivo sempre foi um *penhor* e, como todo penhor, um penhor do futuro. Mais trivialmente: não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquiva da mesma maneira. O sentido arquivável se deixa também, de antemão, co-determinar pela estrutura arquivante. Ele começa no imprimente (DERRIDA, 2001, p.31).

A inscrição deixa uma marca na superfície ou na espessura de um suporte. "este se transforma num lugar de consignação, de 'inscrição' ou de 'registro', diz freqüentemente a *Metapsicologia* ('Niederlassung oder Niederschrift', 'instalação', 'hábitat ou registro') [...]".(DERRIDA, 2001, p.41).

Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã.

2) *Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:*

Os cadernos, como materiais didáticos de maior relevância, na opinião dos sujeitos escolares, estão em primeiro lugar com trinta indicações (tabela 5 e gráfico 4). Essa resposta, de certa forma, antecipa a pergunta n.º 5) *Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?*

TABELA 5 - MATERIAL DIDÁTICO, SEGUNDO A RELEVÂNCIA

RESPOSTA	N.º
Cadernos	30
Todos os materiais	17
Manuais didáticos (livros)	8
TOTAL	55

FONTE: Pesquisa de campo

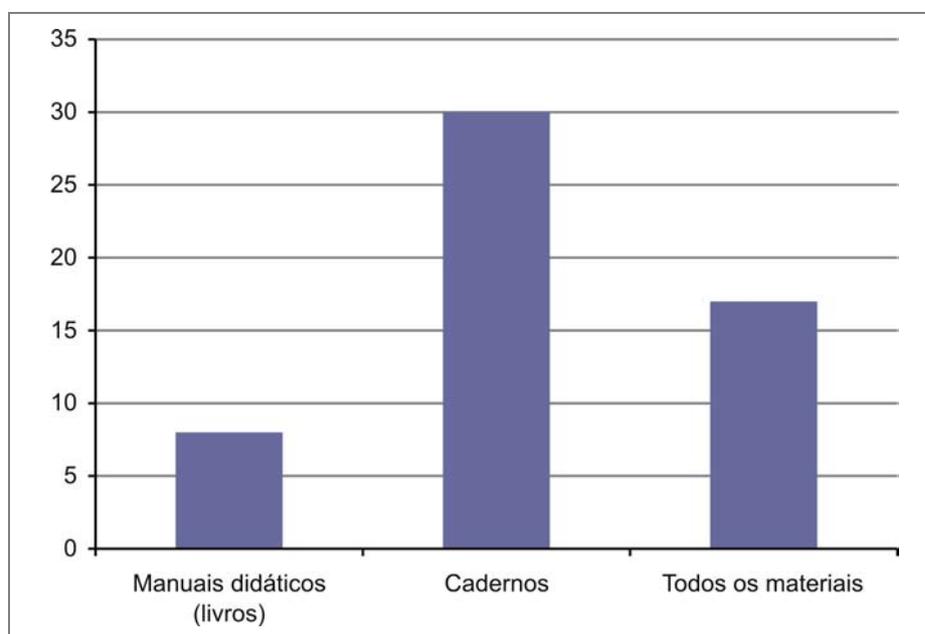


GRÁFICO 4 - MATERIAL DIDÁTICO, SEGUNDO A RELEVÂNCIA

FONTE: Pesquisa de campo

Algumas das justificativas estão transcritas a seguir:

Para ter recordações arquivadas de todas as matérias que participou em todas as aulas para quando precisar relembrar alguma coisa ali está tudo anotado. Pode servir para si ou até mesmo para os irmãos mais novos pesquisar (Motorista.d, Apêndice 2, p.187);

[...] Demonstra a organização e a sequência do que é registrado e possibilita sempre uma avaliação ou forma de acompanhamento na evolução da disciplina (Português.a, Apêndice 2, p.185);

É uma forma de registrar fatos de seu cotidiano. O que é registrado e se guardado poderá posteriormente ser resgatado por gerações (Português/Inglês.c. Apêndice 2, p.185);

No caderno fica registrado tudo o que o aluno aprendeu, o seu rendimento, progresso. Para o aluno é muito importante, pois, ali está tudo o que fez, construiu. É um material que pertence a ele [...] (Pedagogia.e, Apêndice 2, p.186);

Nele existem várias informações que se pode obter no futuro (Assistente.g, Apêndice 2, p.188).

Embora as respostas descritivas sejam subjetivas, dependam de interpretação, faz-se aqui uma classificação levando em conta o mais substantivo da resposta. Parece que a teorização possível é a do caderno como um tipo de *arquivo*. Onze professores explicando a relevância do caderno apresentam como principal argumento a própria *ação do registro*, como sendo o fator preponderante ou de maior relevância para a experiência do aluno.

Destaca-se o termo *arquivo* devido ao número de vezes (18) que esse conceito foi reivindicado pelos sujeitos escolares, quando a responderam (ver as respostas da pergunta n.º 5).

2.3.1.4 A identificação com o caderno

Quanto à terceira questão:

- 3) *Já presenciou algum caso de extravio ou perda de caderno de aluno dentro da escola ou que estava sob sua responsabilidade? Que providências normalmente você toma? Relate sua experiência.*

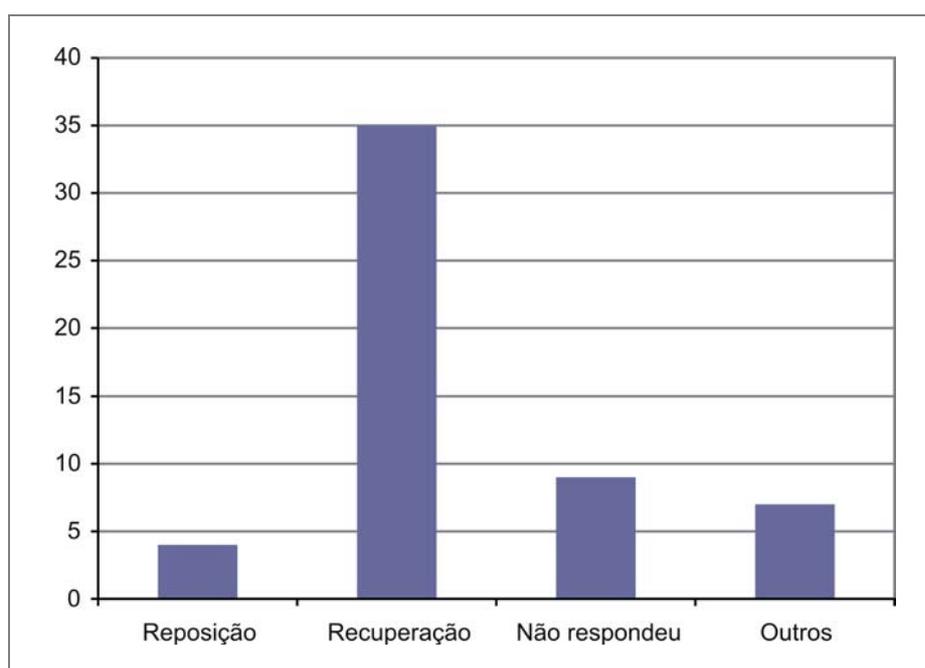


GRÁFICO 5 - ATITUDE PERANTE O EXTRAVIO OU A PERDA DO CADERNO

FONTE: Pesquisa de campo

Destaca-se o caderno escolar como sendo a identificação do saber e do conhecimento. A ação coletiva e social dos sujeitos em *recuperar* ou repor esse suporte de excelência que é o caderno, conduz necessariamente a esta significação. "[...] *Mas sempre voltam a procurar e encontram*" (Português/Inglês.c, Apêndice 2, p.180). Essa resposta, de certa forma, antecipa a pergunta n.º 4) *Você lembra de algum episódio relativo a algum caderno de aluno, que tenha acontecido com você, algum colega, amigo ou familiar? Caso lembre, escreva sobre o fato:*

As respostas demonstram a importância e a valorização (afetiva) do caderno, tal que, mesmo com uma pergunta clara, referindo-se ao caderno dos

alunos, os profissionais acabam por responder sobre suas próprias experiências, como nesses casos relatados a seguir:

Sim, livro de literatura: João e o pé de feijão que ganhei da minha professora na 1.ª série. Lápis de cor, eu adoro desde criança desenhar e pintar (Português/Inglês.a, Apêndice 2, p.170);

Sim. Conservo comigo o 1.º livro de literatura infantil que ganhei da professora alfabetizadora por me destacar em leitura: 'No país da bicharada' (Pedagoga.a, Apêndice 2, p.172);

Sim e isso aconteceu comigo, com o meu caderno. Quando era criança, na escola em que eu estudava havia só uma professora para as quatro classes e todas as matérias. Em outras palavras poderia até ser chamada de professora geral. Ela pegou os cadernos para corrigir e na hora de entregar para os alunos ela entregou o meu caderno para a minha irmã e o da minha irmã para mim. Eu questionei com a minha irmã e ela não aceitou. Questionei com a professora e ela deixou que nós nos entendêssemos já que éramos irmãs (Motorista.d, Apêndice 2, p.182).

Algumas observações podem ser feitas a respeito da importância do caderno como *identificação com o conhecimento*. Ele é imprescindível para que o saber, o conteúdo, circule na escola e deve ter alguma influência na natureza desse saber, desse conteúdo suportado. Mas isso não significa que o lugar ou a morada do conhecimento, determine o conteúdo e sim que o conteúdo exige um lugar especial.

A discussão sobre o caderno como identificação do conhecimento, nos leva a pensar como se dão a circulação, o uso, a disposição do conteúdo e do saber de uma disciplina, no caso deste trabalho em específico, na disciplina de História. Entretanto, alguns professores de outras disciplinas apresentam experiências que nos levam a pensar, como, por exemplo:

Lembro-me de um episódio que muito me entristeceu. Uma professora pegou um caderno para correção e leu para a sala algumas anotações minhas (particulares) uma vez o que o caderno não é só para conteúdos escolares (Biologia.a, Apêndice 2, p.183).

Pois é nele que o aluno faz a relação entre a escrita dos livros e a fala do professor. É o seu meio de entendimento e pesquisa do trabalho desenvolvido durante o ano letivo (Biologia.b, Apêndice 2, p.176).

Outras experiências revelam um sentido com a identificação mais artística:

Uma aluna da 5.^a série me deu o caderno de artes dela no final do ano. As folhas do final do caderno estavam cheias de poesia me dizendo que ela me adorava (Artes.a, Apêndice 2, p.183);

Encapei o caderno com uma bela imagem na capa e pedi para que a minha irmã me ajudasse a passar todos os pontos a limpo, pois a letra dela era mais bonita e por isso mais gostoso de estudar. Foi este caderno que eu guardei por muitos anos (Artes, b, Apêndice 2, p.183);

Aconteceu com meu aluno, este ano de 2007. O aluno esqueceu o caderno na escola nos primeiros dias de aula. Os alunos que estudam no período da noite pegaram o caderno e fizeram desenhos "pornôs". Dali alguns dias encontrei o caderno e devolvi ao aluno. O pai viu o desenho e veio até a escola indignado e assustado por ver que na escola acontece aquela barbaridade (Pedagogia.a, Apêndice 2, p.183);.

É todo o relato da vida escolar do educando, é sua forma de expressão e relação com o mundo (Biologia. b, Apêndice 2, p.185).

- 4) *Você lembra de algum episódio relativo a algum caderno de aluno, que tenha acontecido com você, algum colega, amigo ou familiar? Caso lembre, escreva sobre o fato:*

Em muitas vezes o caderno é valorizado e estimado como relatou a maioria dos sujeitos que atuam como profissionais na escola pesquisada. As respostas dão essa idéia quando, por exemplo, escrevem:

Aconteceu comigo quando terminei o Ensino Médio eu tinha um caderno com tudo anotado. Meu irmão foi estudar e precisou de ajuda e lá estava a solução para resolver suas questões. Meus filhos precisaram de alguns exemplos como de Matemática e lá estava o exemplo e por último as meninas, alunas do período da noite precisavam de um trabalho de Química e eu tinha anotado uma experiência que serviu para elas (Motorista.h, Apêndice 2, p.184).

Certa vez emprestei meu caderno para uma amiga fazer um trabalho. Quando ela terminou em vez de me devolver, levou para um outro amigo dela. Enfim o caderno retornou depois de ter servido de pesquisa para além desses dois, mais dois outros que precisavam de algumas informações (Assistente.e, Apêndice 2, p.184).

TABELA 6 - EPISÓDIO RELATIVO A CADERNO

RESPOSTA	N.º
Extravio	6
Lembrança afetiva	14
Não respondeu	35
TOTAL	55

FONTE: Pesquisa de campo

O episódio aconteceu entre eu e minha irmã que era preguiçosa, não fazia a lição de casa, tinha uma caligrafia graúda e as lições sem fazer. A professora ao corrigir os cadernos constatou vários questionários sem responder e o meu ao contrário do caderno dela. Minha irmã achou mais prático pegar o meu caderno prontinho e em ordem, apesar dela conhecer que era o meu até mesmo por causa da letra. Ela me obrigou a ficar com o caderno dela tudo bagunçado. Eu chorava só de lembrar que aquele não era o meu e não encontrei apoio de ninguém para que eu pudesse tê-lo de volta (Motorista.d, Apêndice 2, p.184).

TABELA 7 - EPISÓDIO ENVOLVENDO CADERNO

RESPOSTA	N.º
Sim	20
Não	35
TOTAL	55

FONTE: Pesquisa de campo

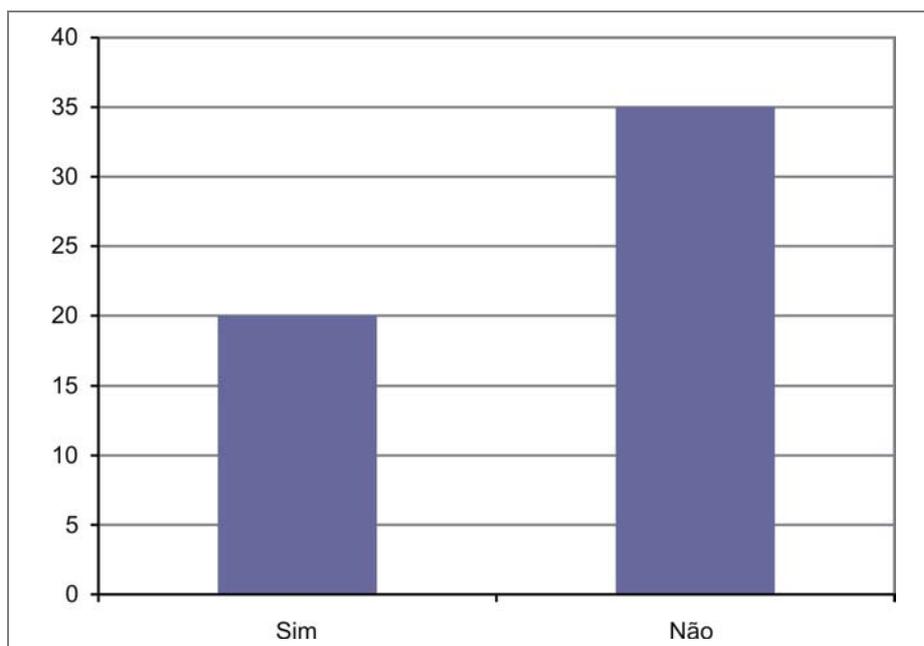


GRÁFICO 6 - EPISÓDIO ENVOLVENDO CADERNO

FONTE: Pesquisa de campo

5) *Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?*

TABELA 8 - FUNÇÃO DO CADERNO ESCOLAR

RESPOSTA	N.º
Registro	35
Registro para uso futuro	10
Outros	10
TOTAL	55

FONTE: Pesquisa de campo

Algumas professoras até, inicialmente, apontam para o caderno como sendo o lugar onde "[...] o aluno pode ler, interpretar, desenhar e opinar" (História.a, Apêndice 2, p.175); "Total importância pelo fato do aluno registrar, exercitar o que aprende em sala de aula" (História.e, Apêndice 2, p.186), porém, permanece para a maioria dos profissionais, não só de História, mas também das outras áreas do conhecimento e atuação, a idéia de que "é importante ter o caderno para fazer atividades e anotar ou registrar os conteúdos" (História.e, Apêndice 2, p.190).

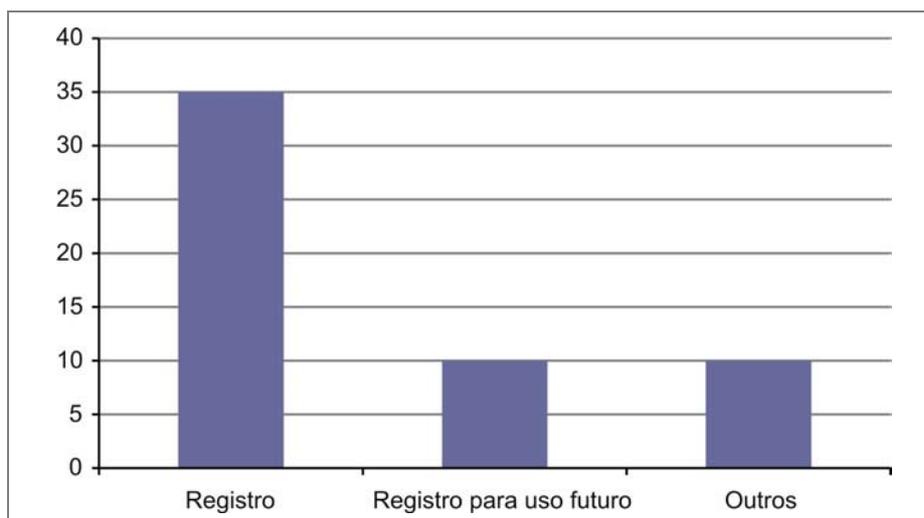


GRÁFICO 7 - FUNÇÃO DO CADERNO ESCOLAR

FONTE: Pesquisa de campo

6) *Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?*

TABELA 9 - IMPORTÂNCIA DO CADERNO DE HISTÓRIA

RESPOSTA	N.º
Sim	50
Não	2
Talvez	3
TOTAL	55

FONTE: Pesquisa de campo

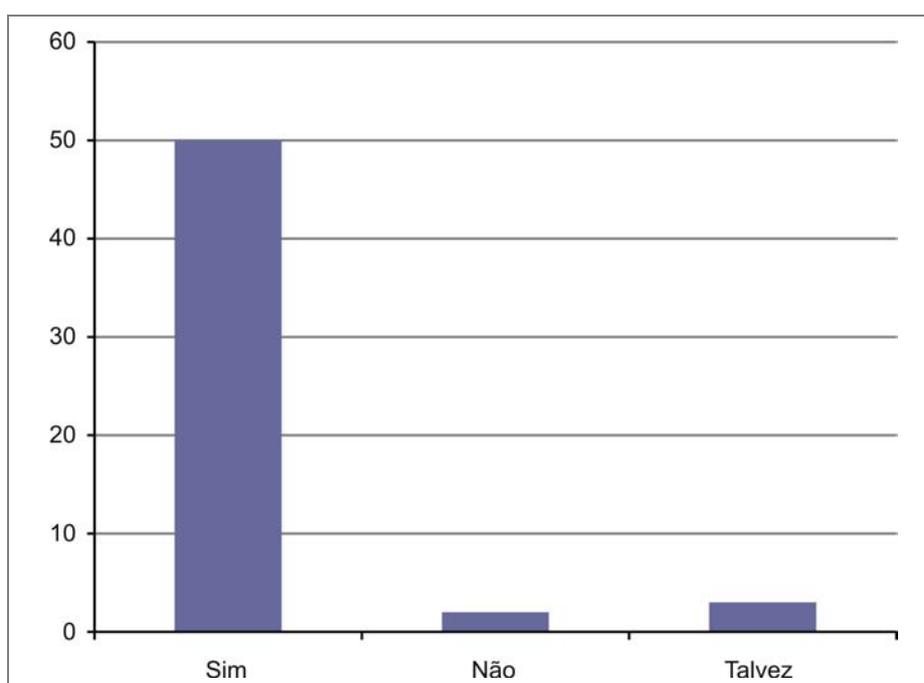


GRÁFICO 8 - IMPORTÂNCIA DO CADERNO DE HISTÓRIA

FONTE: Pesquisa de campo

Alguns dos depoimentos:

É muito importante resgatar a história ou os fatos históricos e analisá-los para poder compreender o presente (Português/Inglês.c, Apêndice 2, p.189);

Para registrar os acontecimentos marcantes do seu dia a dia, de sua família, parentes e amigos (Matemática.b, Apêndice 2, p.189);

Sim, fundamental. Pois além de retratar conteúdos ele mostra um histórico de evolução do conhecimento e pensamento crítico do aluno. Nossa maturação como pessoa se dá com o tempo. O caderno de história exige interpretação da história contada e com isso ele retrata as modificações na forma de pensar assuntos similares ao longo do tempo (Biologia, a, Apêndice 2, p.189);

Pois além de registrar tudo, pode guardá-lo para recordação ou para pesquisá-lo sempre que necessário (Pedagogia.c, Apêndice 2, p.190);

É importante o aluno ter um caderno de História pois a história faz parte do nosso cotidiano (Pedagogia.d, Apêndice 2, p.190);

Sim, pois através deste caderno o próprio aluno se conhece e conhece melhor sua família, pois pode começar contando a história do seu próprio nome e assim por diante (Cozinha.b, Apêndice 2, p.190);

Sim, porque ali ficam registradas todas as datas e as histórias que no decorrer do tempo jamais a gente vai se lembrar, por exemplo se me perguntarem se eu sei qual é o dia da mulher eu não sei. E se me perguntarem se eu sei o motivo desse dia, se eu conheço a história, eu conheço porque minha filha de 9 anos aprendeu na escola e me contou e ainda me mostrou por escrito no caderno dela. Por isso eu acho importante o aluno ter um caderno de história até mesmo porque quando a gente escreve algo que ouve ou lê a memória grava e registra melhor (Motorista.d, Apêndice 2, p.191);

Sim! Par ele ter mais idéias de como fazer uma história (Motorista.f Apêndice 2, p.191);

Sim, a matéria de história é uma que tem o conteúdo mais difícil de guardar na mente. São muitas datas, vários nomes de guerras, diversos países, diferentes fatos, enfim, o aluno só aprenderá com o auxílio do caderno (Assistente.f, Apêndice 2, p.191).

2.4 O SIGNIFICADO DO CADERNO PARA OS SUJEITOS QUE ATUAM NA ESCOLA F COMO ALUNOS

Para esta investigação, as perguntas do questionário foram pensadas na mesma direção – sujeitos escolares que atuam na escola F. O foco foi mudado, tendo-se em vista os alunos.

- 1) *Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?*
- 2) *Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.*
- 3) *Relate algum episódio relativo a cadernos que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.*
- 4) *Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?*
- 5) *Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?*
- 6) *Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.*

As respostas integrais ao questionário estão no Apêndice 4.

Apresenta-se agora a análise das respostas para as seis perguntas.

Ao todo, 55 alunos responderam ao questionário. Desse total, 20 alunos fizeram parte da turma: sexta série A, no ano de 2007 e doaram o caderno para a presente investigação.

A primeira questão teve como objetivo indagar se os alunos da sétima série A e B da escola F costumam guardar material escolar de seus estudos, quais e por quê?

- 1) *Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?*

Entre os materiais citados individualmente, figuram nas respectivas respostas os apresentados na tabela 10.

TABELA 10 - MATERIAL ESCOLAR GUARDADO 7.ªA e 7.ªB

MATERIAL ESCOLAR GUARDADO	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Todos os materiais (inclui o caderno)	22	9	13
Todos os cadernos	18	11	7
Guarda às vezes	6	4	2
Não guarda	4	1	3
Não especificou	3	1	2
Provas com boas notas; trabalhos	2	-	2
TOTAL	55	26	29

FONTE: Pesquisa de campo

O material que os alunos guardam está, inicialmente, relacionado ao sentido prático/uso: *"Sim, todos eles, porque se eu precisar um dia eu vou ter aquela pergunta que eu precisava para acabar com uma dúvida"* (Sávio, 12 anos, p.194); *"Sim, eu guardo os cadernos para mais tarde poder retomar algum assunto"* (Elizabeth, 13 anos, p.195); *"Sim, cadernos, provas, trabalho e outros, porque acho que algum dia se eu precisar vai estar tudo guardado ali"* (Aline, 13 anos, p.195).

TABELA 11 - SENTIDO DO MATERIAL ESCOLAR GUARDADO 7.ªA e 7.ªB

MATERIAL ESCOLAR GUARDADO	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Sentido prático (posso precisar)	16	-	-
Como lembrança	14	-	-
Não especificou	13	-	-
Como fonte para pesquisa	6	3	3
Como exemplo para os filhos	2	-	2
Não guarda	4	1	3
TOTAL	55	-	-

FONTE: Pesquisa de campo

Porém, o sentido da lembrança e do arquivo ou morada do conhecimento também está presente: *"Sim, pois eu gosto de lembrar o que eu fiz nos anos anteriores"* (Narciso, 17 anos, p.194); *"Sim. Cadernos. Porque é bom lembrar o passado"* (Eros, 12 anos, p.194); *"Sim, alguns um valor sentimental para mim, teve alguns que eu não guardei. Mas costumo sempre guardar para ter várias lembranças"* (Filomena, 13 anos, p.195).

TABELA 12 - MATERIAL ESCOLAR GUARDADO - ALUNOS DA 6.ªA DE 2007

MATERIAL ESCOLAR GUARDADO	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Todos os cadernos	9	6	3
Todos os materiais (inclui o caderno)	5	4	1
Não especificou	2	1	1
Alguns	2	1	1
Não guarda	1	-	1
Prova com boas notas	1	-	1
TOTAL	20	12	8

FONTE: Pesquisa de campo

Comparando as respostas dos 20 alunos da 6.ª A, nota-se que não há diferenças substanciais no conteúdo apresentado em relação aos demais 35 alunos que responderam ao questionário.

TABELA 13 - SENTIDO DO MATERIAL ESCOLAR GUARDADO - ALUNOS DA 6.ªA DE 2007

MATERIAL ESCOLAR GUARDADO	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Sentido prático (para pesquisa)	8	5	3
Como lembrança	6	4	2
Não especificou	4	2	2
Como exemplo para os filhos	1	-	1
Não guarda	1	-	1
TOTAL	20	11	9

2.4.1 O Uso do Caderno

Como fica evidenciado, o material escolar mais guardado e utilizado pelos sujeitos desse universo escolar é o *caderno*, com a observação de que é na sua maioria, de "todas as matérias". Aproximadamente, de cinquenta e cinco alunos, quarenta e seis listam o caderno. Alguns incluem ao caderno, as provas e trabalhos, que na maioria das vezes anexam ao caderno (capítulo 3).

Os argumentos relacionados à utilização do caderno são bastante variados e mais interessantes, comparando com as respostas dos profissionais que se limitaram, principalmente ao "registro".

Argumentos de alguns alunos:

[...] aprender mais e mostrar para os pais o que nós aprendemos na escola (Carlo, 16 anos, p.203);

[...] relatar os episódios da nossa aula na nossa sala (Tertuliano, 13 anos, p.203);

[...] ajuda a gente nas provas (Arnaldo, 17 anos, p.203);

Você pode aprender mais coisas e ter mais conhecimento do que só com o livro e a professora (Rosana, 16 anos, p.205);

Sim, eu costumo. Guardo cadernos, trabalhos e avaliações, porque acho que vou usar, posso usar em alguma dúvida, relacionada ao conteúdo, e quando minha irmã for estudar na 7.^a série ela terá meu caderno para usar, para melhorar o estudo (Sabrina, 12 anos, p.196);

Eu costumo guardar todos os materiais. Porque a gente sempre vai precisar deles para qualquer coisa, de História principalmente para a gente saber algumas coisas que a gente não lembra (Lucimara, 15 anos, Apêndice 4, p.196);

Sim. Meus cadernos. Porque lá para frente poderei usá-los para pesquisar, lembrar, rever, enfim, creio que posso usufruir do que um dia eu escrevi (Célia, 13 anos, p.196).

Quanto aos alunos que responderam não conservarem seus materiais, "Porque meu pai fala que não serve para nada e só ocupa espaço, então ele queima tudo" (Carolina, 13 anos, p.196), o argumento utilizado está ligado a outras idéias, diversas às da maioria dos profissionais. Por exemplo, o aluno que responde: "Não, não gosto de guardar tranqueira" (Artur, 13 anos, p.194) optou de forma individual e única, em não doar seu caderno para a pesquisadora. O argumento, na ocasião, foi a "caligrafia". Examinando a caligrafia apresentada no questionário, ela, realmente, destoava dos demais.

Os cadernos propiciam determinadas relações com os sujeitos, as quais fazem com que passado e presente se entremeeiem numa simultaneidade que revela aspectos subjetivos e objetivos da experiência escolar. Isso ocorre, principalmente,

porque cada caderno é um caderno e é interpretado de maneira singular na lembrança de cada sujeito investigado. Vejamos alguns exemplos:

O caderno não serve somente para usar na escola durante a aula, serve também para escrever momentos importantes e interessantes na nossa vida (Dayane, 14 anos, p.205);

Cadernos de todas as matérias porque quando eu precisar lembrar de alguma coisa para estudar ou pesquisar nos cadernos guardados. Eu reprovei na quinta e eu tinha o caderno em ordem do ano passado então eu tinha mais chance de passar de série pesquisando nos cadernos passados (Jhony, 16 anos, Apêndice 4, p.194);

Sim, caderno de matéria (todas as matérias) porque se um dia eu precisar usar para estudar aquilo de novo e para mostrar para os outros (Vanilda, 15 anos, p.196);

Sim, todos os cadernos usados durante o ano é bom guardá-los, para na série seguinte, se precisarmos podemos rever a matéria já estudada, e poder aplicar todos os meus conhecimentos (Cecília, 13 anos, p.195).

2.4.2 O Caderno como "Mal Necessário"

O foco da segunda e terceira questão foi verificar a relevância que os cadernos têm para os alunos desse universo escolar.

2) *Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.*

3) *Relate algum episódio relativo a cadernos que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.*

TABELA 14 - EXPERIÊNCIA COM PERDA DE CADERNO

RESPOSTA	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Sim	28	15	13
Não	27	11	16
TOTAL	55	26	29

FONTE: Pesquisa de campo

Alguns relatos de experiência com perda de caderno (jovens alunas):

Sim. Eu procurei por todos os cantos da casa, por todos os meus armários e chorei, pois fiquei triste que tinha perdido algo que eu adorava, mas são águas passadas. Foi legal, porque eu não sabia o que fazer, meus irmãos riem de mim, diziam que eu era "relaxada", mas qualquer um está sujeito, sem querer, perder algo (Célia, 13 anos, p.198);

Já. Tornei a falar com os professores. Foi uma experiência chocante, porque perder um caderno é perder a explicação da matéria e muitas outras coisas (Helena, 12 anos, p.198).

Observou-se que a perda do caderno para os jovens alunos é quase sempre definitiva, exigindo-se, então, a reposição do material. No caso das jovens alunas, apresentam o processo de recuperação na metade dos casos de perda.

TABELA 15 - EPISÓDIO RELATIVO A CADERNO

RESPOSTA	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Sim	46	23	23
Não	9	3	6
TOTAL	55	26	29

FONTE: Pesquisa de campo

Parece que a teorização possível é a do caderno como um tipo de "mal necessário". Comparando o número das respostas dos sujeitos que não atuam como alunos, é significativo o número de vezes apresentado pelos alunos, 46 contra 18 dos profissionais que atuam na escola.

Alguns dos relatos apresentados pelos jovens alunos:

Com um colega uma amiga que não tinha trazido o caderno porque tinham mudado de horário (Ricardo, 13 anos, p.200);

Já esqueci trabalhos em caderno de outra matéria e esqueci a lição de casa do caderno. E a Paola quando era minha amiga, mentia que esquecia a lição em outro caderno de outra matéria (Carolina, 13 anos, p.202);

Muitos dos meus colegas já perderam algum dos seus cadernos. Disseram-me que procuraram e procuraram, mas não encontraram. Uma semana depois descobriram que tinham emprestado o caderno a um amigo e este não devolveu no prazo marcado (Elizabeth, 13 anos, p.201).

2.4.3 A Função do Caderno

4) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

TABELA 16 - FUNÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CADERNO ESCOLAR

RESPOSTA	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Guardar, documentar e arquivar	19	4	15
Registro, escrita e estudo	16	10	6
Relembrar e rever	8	6	2
Ensino, aprendizado e conhecimento	7	4	3
Ajudar	5	2	3
TOTAL	55	26	29

FONTE: Pesquisa de campo

80% da nossa cultura está no caderno escolar (Robert, 15 anos, p.204);

A função é ser o portador das informações do dia a dia, contido nas aulas. A importância é que nele está registrado seu ano escolar, o seu aprendizado e tudo que você pode aprender e que ficará marcado para sempre, o caderno como se fosse o registro de uma vida inteira de estudos que no final é sempre bem recompensado (Marcelo A., 13 anos, p.204).

2.4.4 A Produção do Caderno de História

5) *Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?*

TABELA 17 - IMPORTÂNCIA DO CADERNO DE HISTÓRIA

RESPOSTA	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Sim	54	26	28
Não	1	0	1
TOTAL	55		

FONTE: Pesquisa de campo

A diferença entre o que os sujeitos escolares pensam e o que a professora pede aos alunos, quanto ao uso do caderno, faz com que pensemos algumas questões sobre o significado do caderno para os sujeitos escolares.

Destaques:

Sim, pois além de revermos a matéria, podemos emprestá-lo, para alunos que vão estudar a mesma matéria no ano seguinte (Cecília, 13 anos, p.207);

Sim. Porque por meio das palavras que escrevemos em História, podemos tirar dúvidas, esclarecer hipóteses, etc. (Célia, 13 anos, p.208).

2.4.5 O Caderno na Aula de História

6) *Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.*

TABELA 18 - ORIENTAÇÃO SOBRE O USO DO CADERNO DE HISTÓRIA

RESPOSTA	N.º DE CITAÇÃO	SUJEITOS	
		Jovens alunas	Jovens alunos
Orientação	50	26	25
Sem orientação	2		2
Não lembra	2		2
Estudou em outra escola	1		
TOTAL	55		

FONTE: Pesquisa de campo

Para um total de 50 alunos, as orientações seguidas foram no sentido da normatização: *"cuidado com o conteúdo, já que não teriam no livro; colar no caderno os textos xerocados e as provas; responder os exercícios, datar as páginas, escrever com letra legível, cuidar do que é nosso (caderno); ter tudo em dia."*

Alguns destaques, para as respostas, de alunos, sobre as orientações normativas:

A professora disse-me que o meu caderno deveria ser organizado, com todos os conteúdos, sem rasuras, que o caderno é nossa ferramenta de trabalho (Célia, 13 anos, p.211);

Ela nos orientou, mas, eu já sabia como fazer (Artur, 13 anos, p.209).

Apesar dessa orientação normativa aparecem, também, as categorias anteriormente denominadas como Identificação, Lembrança/Relíquia, Arquivo ou Morada do conhecimento:

Identificação: *"Dizia para cuidar do caderno porque o caderno é a nossa cara"* (Jorge L., 13 anos, p.209). Outra categoria, a Relíquia: *"Orientou para ser um caderno bonito e que no futuro alguém poderia ler, mostrar aos sobrinhos, primos, irmãos"* (Lucas A., 13 anos, p.209); *"Falou para guardar todos os cadernos, assim se lembra de todas as séries"* (Júlio, 13 anos, p.209). Também a categorização: Morada do conhecimento *"Orientou para que quando tivéssemos dúvidas, olhássemos o caderno usando-o de maneira que entendêssemos"* (Sabrina, 12 anos, p.211.); *"A professora disse que o caderno é uma fonte de pesquisa para ela e então eu achei importante dar o caderno"* (Ricardo, 13 anos, p.209).

A caracterização do caderno como uma possível *lembrança*, um arquivo ou uma morada do conhecimento e a Identificação (personalização) dos sujeitos escolares com esse material, fez com que a maioria dos sujeitos apontasse, de forma explícita, a identidade e a natureza deste elemento da cultura escolar e da cultura da escola para algo mais que um *simples caderno*. A análise demonstra ser o

caderno, mais que um material didático ou fonte documental das formas de escolarização. Com a comparação dos relatos dos sujeitos, percebe-se o caderno como resultado da relação com a cultura escolar.

Nesse sentido, na cultura da escola, parece haver uma pequena diferença de discurso entre os sujeitos que atuam como professores e não professores. Estes não professores parecem valorizar mais o caderno ou criam maiores expectativas, apresentando-se mais subjetivos e nostálgicos. Já, os que atuam como professores apresentam-se um tanto "desatentos" ou despercebidos da importância deste produto da cultura da escola (mesmo quando "atentos" para o fato de o caderno poder ser considerado um documento revelador de práticas pedagógicas).

Sobre um possível significado do caderno para a vida dos sujeitos investigados, em alguns, estão presentes a submissão e o silêncio:

Eu procurei por todos os cantos da casa, por todos os meus armários e chorei, pois fiquei triste que tinha perdido algo que eu adorava, mas são águas passadas (Célia, 13 anos, p.198);

Eu chorava só de lembrar que aquele não era o meu e não encontrei apoio de ninguém para que eu pudesse tê-lo de volta (Motorista.d, Apêndice 2, p.184);

[...] a gente anota coisas importantes nestes cadernos que a professora manda que é importante (Leandro, 15 anos, p.203).

Sobre as diferenças de gênero na relação dos alunos com o caderno, transparece, principalmente, uma feminilidade assentada na obediência às normas, na organização e na submissão. Entretanto, não de forma absoluta, pois rompida em espaços de maior liberdade como o recreio, e diante de seus pares, indicando a possibilidade de autonomia também no processo de aprendizagem escolar. Como aprofundamento deste estudo, pode ser interessante refletir sobre as relações sociais de gênero, masculinidades e feminilidades que informam as concepções de bom aluno, aprendizagem, disciplina, ao lado de outras hierarquias mais ou menos consagradas, como as de classe social e etnia.

CAPÍTULO 3

A PRESENÇA DAS IDEIAS HISTÓRICAS NO CADERNO DOS ALUNOS

Este capítulo apresenta o material de pesquisa, a técnica aplicada para análise e as ideias históricas presentes nos cadernos; conceitos substantivos e ideias de segunda ordem e por fim a relação dos sujeitos escolares com o caderno de História.

3.1 O ESTUDO PILOTO

Tendo em vista o estudo piloto e sabendo-se que alguns alunos utilizam, durante as aulas, um único caderno para todas as disciplinas e que conservam os "trabalhos" executados durante o ano, porém, próximo ao término do período letivo, muitos deles acabam por fazer algum tipo de seleção de seus materiais, foram tomadas algumas decisões.

A pesquisadora antecipou-se ao fechamento do ano letivo de 2005, para que, de forma mais planejada, oportunizasse a coleta do material utilizado nos estudos da disciplina de História, durante o ano letivo. No início do mês de novembro de 2005, a pesquisadora compareceu às escolas, formalizando o pedido desse material utilizado. Não houve aviso antecipado quando da solicitação desses cadernos, nem para a escola, nem para o professor e tampouco para o aluno. O material foi disponibilizado prontamente pelos alunos e seus professores.

O estudo foi realizado no final de 2005 e no ano de 2006, com o material disponibilizado por duas escolas públicas da cidade de Araucária, envolvendo três professores e oito cadernos de alunos na fase final do ensino fundamental – sétimas e oitavas séries. O estudo abordou questões relativas à *Educação Histórica* desses alunos (um aluno e sete alunas). Os cadernos pertencentes aos alunos desses três professores (duas professoras e um professor) graduados em História, com experiência

de ensino na disciplina, pertencem ao *grupo Araucária*, do qual também a pesquisadora faz parte.

De posse do material disponibilizado (cadernos tipo universitário e algumas folhas avulsas – provas e desenhos de mapas), fotocópias foram rapidamente providenciadas em preto e branco, para que esses materiais pudessem ser devolvidos aos alunos o mais breve possível (alguns foram devolvidos no mesmo dia, outros, no dia seguinte, conforme acordo firmado com alunos e seus professores).

O estudo deteve-se, especificamente, em oito cadernos. Na escola A: três cadernos de alunas – de uma turma de sétima série; dois cadernos da oitava série de um aluno e de uma aluna. Da escola B: três cadernos de alunas. Os alunos justificaram a disponibilidade ou não dos cadernos para a pesquisa, informando que estes continham todo o conteúdo ministrado, e esse argumento foi reiterado pelos professores, que entregaram o material, afirmando: "*São os cadernos mais completos, com as melhores letras*" (professores da escola A). Da escola B, a observação feita pela professora foi a de que as alunas eram "*as mais participativas e politizadas da sala, destacando-se na popularidade e liderança da escola*".

As cópias dos conteúdos da disciplina de História foram encadernadas e identificadas separadamente. As reproduções dos três cadernos das alunas da sétima série com um professor da escola A receberam capas amarelas e foram denominadas AMARELO A, B e C. As reproduções de dois cadernos da oitava série, também da escola A, aluno e aluna de uma professora, receberam capa verde e foram denominadas, respectivamente, VERDE A e B (aluno e aluna). Ficaram ainda três reproduções de cadernos da oitava série, de três alunas, de uma professora, com capa VERMELHA e, portanto, a nomeação de VERMELHO A, B e C. Logo, os últimos foram diferenciados dos outros cadernos da mesma série pela cor e pelo fato de serem reproduções dos cadernos de alunas da escola B.

Todos os cadernos apresentavam espiral e formato grande – em média, 21 x 30cm "tipo universitário". O número de páginas usadas na disciplina de História, durante o ano letivo, variava de 30 a 94, segundo essa amostra. Cada caderno era

muito particular, único, desde o número de páginas que apresentava, a caligrafia do aluno, o tipo de anotação, a presença de conteúdos para mais ou para menos e as ilustrações impressas e as desenhadas pelo autor/aluno ou copiadas das do professor, de algum livro ou, ainda, realizadas livremente. No momento de fotocopiar os conteúdos, a pressão para a entrega dos cadernos e o fato de identificar a disciplina de História entre as nove disciplinas do mesmo caderno não permitiram que a pesquisadora se ativesse ao fato de o caderno conter uma capa, uma personalidade, um autor (mesmo que não identificado). Observando-se esses cadernos, percebe-se que há a identificação da disciplina, no caso, a História, mas não há a identificação do autor/portador dessas páginas do caderno. No momento da devolução do material emprestado, a identificação pelos colegas de turma, do dono ou dona do caderno foi o de um "reconhecimento automático".

Para cada disciplina destinam-se em média 20 páginas no total. Essas páginas, normalmente, apresentam espaço pré-definido para que se date a aula; geralmente esse campo fica no canto superior direito e obedece a formatações muito variadas: ex.: __/__/__ podendo ocorrer até uma indiferença por parte do aluno, da finalidade de tal impressão, como visualizado em alguns dos cadernos.

Atualmente, os alunos dão preferência a cadernos de formato grande, cujas capas são duras, o que dispensa a obrigação de encapá-los. Internamente, os cadernos apresentam divisões por meio de uma folha sem linhas, geralmente colorida e com espaços para se anotar o nome da *disciplina* e do *professor*. Tal folha oferta espaço de forma ordenada para em média 20 disciplinas no total.

O número de disciplinas nesse nível de estudo é de nove (Matemática, Português, Literatura, Inglês, História, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física). Então, os alunos, preveem e planejam um uso maior das folhas por parte de algumas das disciplinas e agrupam dois conjuntos em vez de um, retirando a folha divisória.

Alguns cadernos são um tanto "sofisticados" apresentando figuras decorativas com personagens e ilustrações decorativas. Dos cadernos analisados, nenhum

deles apresenta numeração de páginas ou lugar para assinatura de seu autor (dono do material), talvez por não serem visitadas constantemente, como as páginas de um livro, ou também por serem mais "pessoais". Observa-se em geral que, em primeiro lugar, há uma preferência, por parte de quem participou da criação e do planejamento do caderno, em reservar espaço para o registro do nome da disciplina. Em segundo lugar, espaço para a escrita do nome do professor e em terceiro e último lugar um espaço para a construção do calendário com previsões de provas, trabalhos, disciplinas e horário. São poucos os cadernos que reservam espaço para que o aluno identifique o caderno como seu. Por serem constantemente utilizados, carregados soltos em suas mochilas, as bordas e os dos cadernos, ao chegar no final do ano letivo, estão visivelmente desgastadas.

3.1.1 A Investigação nos Cadernos

A Educação Histórica tem se constituído a partir de uma fundamentação teórica específica, sendo que as áreas contempladas são: a Epistemologia da História, a Metodologia de Investigação em Ciências Sociais, a Psicologia Cognitiva e a História. Os focos dessas investigações são: "princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História", com o pressuposto de que a intervenção do professor na qualidade da aprendizagem requer um conhecimento prévio e sistemático das "idéias históricas" dos alunos (BARCA, 2005, p.15).

Essas pesquisas, mais especialmente sob o foco de cunho qualitativo, têm investigado, por um lado, os conceitos substantivos e, por outro lado, as ideias sobre a "natureza da História" (BARCA, 2005, p.16).

Conceitos substantivos, como agricultor, impostos, datas, eventos, democracia, revolução, são considerados importantes no ensino de História. Entretanto, pesquisadores começaram a perceber que alguns outros conceitos são igualmente fundamentais, os que tratam da natureza da História. Esses conceitos denominados

"de segunda ordem" englobam idéias como narrativa, relato, explicação, evidência, significância, consciência histórica (LEE, 2001; BARCA, 2005).

Os primeiros estudos realizados nessa direção foram sistematizados por Dickinson e Lee (1978), com alunos de 12 a 18 anos. Esses pesquisadores preocuparam-se com o quadro teórico que deveria subsidiar pesquisas sobre o pensamento histórico, questionando a teoria que havia servido de base para estudos realizados anteriormente e que enfocavam a lógica "a histórica", assim como a noção de base piagetiana "da invariância dos estágios de desenvolvimento", aplicadas ao processo de compreensão histórica. Com essa preocupação, Peter Lee, após coleta de dados, construiu um modelo de como ocorre a progressão das idéias relacionadas à natureza da explicação histórica. Outros estudos foram realizados por Dickinson e Lee, com alunos de oito a 18 anos, que enfocam noções consideradas imprescindíveis para a explicação histórica.

Tendo presente essas noções e de posse do material de pesquisa, buscaram-se, nos registros dos cadernos, os *conceitos substantivos*, os que se referem a conteúdos da História, como, por exemplo, o conceito de industrialização, renascimento; e os *conceitos de segunda ordem*, que se referem à natureza da História, como, por exemplo, explicação, interpretação, compreensão (LEE, 2001).

Para visualizar os *conceitos substantivos* e as *ideias de segunda ordem* presentes nos cadernos, desdobrando a totalidade dos conteúdos, houve necessidade de criar uma técnica específica. Sem a técnica apropriada, não teria sido possível visualizar o material, pois os cadernos apresentavam escrituração heterogênea, como textos sem títulos e sem referências, páginas inteiras escritas só com perguntas, outras escritas somente com respostas, desenhos de mapas, ilustrações, cópias de desenhos feitos pelo professor, cópia de livros, cópia de documentos, respostas de exercícios propostos por livros e pelo professor, palavras cruzadas.

Como a pesquisadora é também professora de turmas que apresentam alguns detalhes semelhantes aos identificados nos cadernos dos alunos, aos poucos e com mais algumas leituras, puderam ser identificadas algumas referências e lógicas

utilizadas para esses registros. Sinalizaram-se os conteúdos substantivos e de segunda ordem, e as prováveis fontes requisitadas para o estudo da disciplina de História. Porém, isso ainda não mostrava o que se pretendia ver.

Primeiramente, ainda, houve a necessidade de paginar as folhas das reproduções dos cadernos e, em seguida, elaborar um índice como se eles fossem livros, dando assim maior visibilidade aos *conceitos substantivos e às idéias de segunda ordem*. Para fazer a correspondência entre os índices e os conteúdos, foi utilizado o recurso das cores, ou seja, foram pintadas de amarelo, azul e verde as folhas das reproduções dos cadernos, de acordo com o tipo de atividade realizada.

Mais especificamente, usou-se a cor azul para indicar trechos de cópias de livros; a cor amarela, para as cópias de textos e exercícios elaborados pelo professor e a cor verde, para todas as produções "independentes", escritas pelos alunos. Uma vez que, para colorir, foi utilizado giz de cera de uma caixa recém-aberta, pôde-se perceber qual a cor mais utilizada e, assim, ter também uma noção quantitativa em relação aos *conceitos substantivos e às ideias de segunda ordem* presentes nos cadernos.

3.1.2 Considerações a partir da Análise dos Cadernos

Verificou-se que os conceitos substantivos, agora identificados pela cor azul, aqueles relacionados aos conteúdos específicos da História, estão presentes por meio da cópia que o aluno faz de algumas das explicações às quais lhe é facilitado o acesso e, mesmo, "esperado" que o aluno as tenha registrado em seu caderno. Principalmente, a partir do texto que o professor passa no quadro de giz, também, trechos que o aluno seleciona para servirem de respostas às perguntas propostas, pelos professores de História. A fonte das explicações, contendo conceitos substantivos, não é expressa.

As explicações elaboradas pelo professor e copiadas pelos alunos são bem mais sintéticas e contêm desenhos, gráficos, mapas, cuja fonte, também, não é

expressa. Quando o aluno copia trechos, seja de um livro, seja dos textos trazidos pelo professor, não cita a fonte.

As ideias de segunda ordem, relacionadas à epistemologia da História, estão presentes de forma peculiar. Nem sempre os conceitos de *relato* ou *explicação* são focados, embora se perceba, ao investigar as reproduções dos cadernos de forma minuciosa, que as referências a tais conceitos estão presentes.

Em uma das situações, o professor solicita à aluna da sétima série, da escola A, que apresente uma explicação de um modo *pouco dirigido*: "*Escreva cinco temas que você aprendeu relacionados à História e escolha um para explicar*" (AMARELO B, p.2).

Nota-se aqui que o professor dá liberdade para a aluna quanto aos temas, bem como à escolha de um deles para a explicação. No entanto, a possibilidade de essa explicação levar em conta a natureza histórica e não apenas a ordem didática não é considerada, ainda, para a execução dessa tarefa, como pode ser visto.

Resposta da aluna: "*1. Civilização do açúcar; 2. Egito; 3. América espanhola; 4. Escravidão colonial; 5. Início da colonização; 'explicação' sobre: 3. América espanhola;*" (AMARELO B, p.2-4). A aluna registra um texto longo, contendo inclusive um desenho do mapa da América espanhola, apresentando, no total, três páginas. Observa-se o registro de um tema diacrônico: "*2. Egito*" (AMARELO B, p.2) em relação ao restante dos conceitos substantivos, do conjunto apresentado pela aluna.

Essa diacronia faz refletir sobre o possível significado e interesse histórico da aluna, já que destoa de todo o restante, mais homogêneo e sincrônico. No entanto, a *escolha* por *temas diversificados* feita pela aluna revela um conhecimento histórico escolarizado e que, de certa forma, não permite que ele seja apresentado sem os títulos didáticos, bem como sem a sua formatação textual. As ideias históricas, apresentadas por essa aluna, lembram uma "reorganização" ou *transcrição de resumos* e textos elaborados pelo professor para os estudos dessa disciplina. A hipótese baseia-se na possibilidade de a aluna ter consultado as próprias anotações de cadernos produzidos em anos anteriores, usando o material como fonte de informação.

Em outro caderno amarelo, o enunciado da tarefa foi registrado de maneira diversa. Há uma solicitação, por parte do professor, para que a aluna produza um relato sobre temas de História já estudados.

Resposta da aluna: "1. *Cristianismo*; 2. *Cultura romana*; 3. *Civilização romana*; 4. *A igreja na Idade Média*; 5. *Os bárbaros*" (AMARELO C, p.3). A seguir, a aluna apresenta um resumo sobre três temas, excluindo o tema 3, *Civilização romana*, e o tema 5, *Os bárbaros*.

A ação da aluna, ao excluir tais temas, nos faz perceber a *ideia* de uma tentativa de aproximação, ou de relação possível, na sua interpretação, entre temas da História e temas da Religião.

Em geral, outras observações merecem destaque. Os registros nos cadernos analisados, às vezes, não são datados. No entanto, seguem uma ordem para a escrita. Alunos utilizam-se de numeração e marcadores de texto. Vão além da explicação do professor – o professor pede um único relato e a aluna apresenta três relatos (com o registro de visto do professor).

Percebeu-se também nos cadernos, a presença de questões um pouco mais dirigidas em relação às questões comentadas anteriormente, como, por exemplo: "*A obra de Newton transformou radicalmente a maneira das pessoas compreenderem o Universo. Explique que mudança foi essa*" (AMARELO C, p.21).

Nessa questão, o professor propõe o tema a ser explicado mesclando então o conceito substantivo e a idéia de segunda ordem. Nos cadernos aparecem questões de modo muito dirigido. Propostas em que o professor privilegia apenas o conceito substantivo, como, por exemplo, a realização de palavras cruzadas, atividade que está presente nos três cadernos amarelos: "1) Regime político predominante na França na época de Luiz XIV: *absolutista*. 2) Medida que causou grande insatisfação popular na França foi o aumento dos: *impostos*."

Em algumas questões sobre os temas selecionados pelo professor, os enunciados solicitam ao aluno que ele produza explicações. Já quando esse mesmo livro apresenta documentos, o autor do livro recomenda que tais documentos sejam

apenas debatidos. No entanto, o professor pede a cópia do documento e das perguntas referentes a ele, solicitando também que elas sejam respondidas a seguir, logo abaixo da questão ou após a cópia de todas as questões, primando então pelo conceito substantivo.

Esses aspectos ou "detalhes" que são visualizados por meio da análise dos cadernos não podem ser ignorados, pois fazem parte do processo de compreensão e são necessários para a elucidação da *ideias históricas* dos alunos, objeto de investigação da Educação Histórica. Neste aspecto, é o caderno que possibilita o início da investigação do processo de preenchimento de conteúdo dos conceitos.

3.2 O ESTUDO PRINCIPAL: AS IDEIAS HISTÓRICAS NOS CADERNOS DOS ALUNOS

Alguns conceitos encontrados nos cadernos como: escravo, imperador, presidente, ou tratado são comuns quando se trabalha com tipos particulares de conteúdos históricos. Eles são parte do que se pode chamar de *substância* da História e, então, têm-se convencionado chamá-los de *conceitos substantivos*. A intenção consistiu em identificar, por meio da técnica utilizada no estudo piloto, quais eram as idéias históricas dos alunos. Constatou-se o texto do aluno como fazendo parte dos textos organizados pelo professor, combinando com trechos de obras da área de História¹⁴, de livros didáticos¹⁵ e da internet¹⁶. Há, portanto, formas de registros indicativos da orientação do professor e da intervenção do aluno.

Os cadernos permitiram ver quais as ideias históricas ali registradas e como elas foram registradas. Para verificar essas ideias históricas, realizou-se uma

¹⁴ BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental**. Porto Alegre:Globo, 1977. p.325, 329, 331 e 342. ROOKE, Patrick. **Os normandos**. São Paulo: Melhoramentos, 1991. p.36.

¹⁵ RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento: imagem e texto**. São Paulo: FTD, 2002. SCHMIDT, Mário Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999.

¹⁶ Internet.

análise a partir dos conceitos substantivos e das idéias de segunda ordem (LEE, 2001). Os conceitos substantivos pertencem a muitos tipos diferentes de atividade humana – econômica, política, social e cultural. Eles são numerosos e se ajustam em várias formas diferentes, o que torna difícil formar um quadro coerente das pressuposições dos alunos sobre esses conceitos.

Para se entender o que os *conceitos históricos* representam e significam no processo cognitivo da ciência da História, Jörn Rüsen (2007a, p.92) propõe inicialmente uma distinção entre *nomes próprios* e *categorias históricas*, que, segundo o autor, são materiais da apreensão teórica do todo da História.

Para tanto, observa-se que se faz necessário distinguir os conceitos históricos dos não-históricos, pois ambos ocorrem juntos no uso corrente da linguagem do conhecimento histórico e dificilmente são distinguidos um do outro com clareza. Um exemplo dessa ocorrência pode ser dado a partir de um dos primeiros conteúdos registrados nos cadernos, ora analisados: o conceito de *Império Romano* e o conceito, simplesmente, de *Império*; ou *República Parlamentarista* e, simplesmente, *República*. Tanto o conceito de Império como o de República não são conceitos históricos.

Os conceitos só são "históricos" quando na designação dos estados de coisas se referem à "história" como a supra-sumo do que está sendo designado. Vale dizer: exprimem, explícita ou implicitamente, a qualidade temporal de estados de coisas do passado humano, qualidade que esses estados de coisas possuem numa determinada relação de sentido e significado com o presente e o futuro (RÜSEN, 2007a, p.92).

Os conceitos de Império e de República não podem ser considerados históricos apenas e tão-somente porque se referem ao passado ou, mesmo, quando os contextualizamos em um passado. Antes de mais nada, esses conceitos fazem parte do quadro de orientação da vida prática presente, trabalham com "a lembrança do passado e a expectativa do futuro" (RÜSEN, 2007a, p.92). Muitos conceitos da linguagem dos historiadores, e conseqüentemente dos professores de História, não são especificamente históricos (por exemplo, alguns conceitos registrados no caderno:

"economia", "poder", "religião"). São os "conceitos gêneros", segundo a denominação utilizada por Max Weber.

Eles designam complexos de qualidades que eles têm em comum com outros estados de coisas, independentemente de sua relevância nos processos temporais. Assim que essa relevância é (co-)designada (por exemplo, "economia" da sociedade feudal, "poder" do rei na Idade Média, a "religião" na Roma Antiga), têm-se conceitos históricos.

3.2.1 Os Cadernos Pesquisados e suas Características Formais

A escola onde se aplicou os questionários do estudo principal, tanto para os sujeitos que não atuam como alunos quanto para os alunos das duas sétimas séries, é a escola F, que acolheu a idéia da pesquisa e se dispôs a colaborar no seu desenvolvimento. Nos primeiros dias do ano letivo de 2007, conversou-se com a professora da disciplina de História sobre a possibilidade de se fazer um acordo com ela e os alunos para doarem seus cadernos para estudos relativos à disciplina de História. A professora acolheu a idéia de forma quase imediata, não fosse, é claro, a necessidade do esclarecimento sobre a pesquisa, agora com os alunos. Levou-se em conta a hipótese do aviso da investigação provocar interferências na produção do caderno, por isso, no questionário, foi solicitado para descrever como a professora orientou sobre o uso do caderno de História.

Na conversa com os alunos houve um impasse na seguinte questão: a maioria dos alunos já havia comprado um único caderno para uso em todas as disciplinas, atendendo as suas divisões, que, em parte, a própria fábrica de cadernos se encarrega de fazer. Com o convite para doação, ponderaram sobre o caderno conter todas as disciplinas e não apenas a disciplina de História, alguns argumentando que não seria justo e que dependeria também de outros professores. Para resolver o problema, a pesquisadora propôs a eles, então, a doação de um caderno exclusivo para a disciplina de História. A proposta de doação do caderno foi aceita de pronto,

exceto por um aluno que logo anunciou, argumentando, problemas com a letra, ou seja, julgava sua caligrafia não muito boa e, por isso, não negociaria a doação do caderno.

Foram entregues 27 cadernos. Desses 27, apenas 20 alunos responderam ao questionário. Alguns não compareceram no dia da aplicação do questionário, outros mudaram de escola e dois alunos reprovaram, permaneceram na sexta série. Decidiu-se, então, analisar somente os cadernos dos alunos que responderam ao questionário. Desses 20 alunos que responderam ao questionário, o aluno que havia antecipado a decisão de não entregar o caderno manteve-se firme, definitivamente não o entregou. Um outro aluno respondeu ao questionário, mas entrou nessa turma da sexta A depois do acordo firmado e não se interessou em participar. Portanto, o número total de cadernos analisados é 18.

Os cadernos da Caderbrás¹⁷, uma das mais tradicionais fabricantes desse produto, da qual foram comprados os cadernos para a doação, figuram alguma proximidade na preferência dos alunos. Entretanto, alguns foram substituídos por outros, alguns foram encapados e outros perderam a capa, como se pode ver pelas fotos (Apêndice 5 e Apêndice 6).

Esse procedimento dos alunos permite colocar em discussão a transformação do caderno em mercadoria, evidenciando, também, que ele pode ter outros significados para os alunos. O design das indústrias de cadernos vem sendo "modernizado", com o objetivo de que os jovens encontrem neles elementos de identificação e comunicação com o mundo ou que expressem sua maneira de ser e ver o mundo.

¹⁷ Essa fábrica de cadernos aproveitou a época de compra de materiais escolares em 2009 para apresentar as novas capas dos cadernos Street Racer, dirigidos a garotos pré-adolescentes; Kiut, para meninas adolescentes; e Jean Book, voltados a universitários. Os banners dos cadernos Kiut trazem a mensagem "Garotas boas vão para o céu. Estrelas já nascem lá". Para a linha Street Racer, as peças digitais mostram uma animação com cadernos em uma pista de corrida, em estilo de videogame, junto com o título "Escolha o carro mais turbinado. E deixe todo mundo para trás". Já para os cadernos Jean Book, é mostrado um zíper que abre e revela o texto "Liberdade é uma capa azul, moderna e descolada". Nota-se um empenho, cada vez maior, em provocar uma identificação com o possível usuário e a aposta na venda desse material é a razão da propaganda.

Nesse sentido, chama a atenção a resposta de uma aluna sobre o caderno escolar: "[...] *só nós escrevemos nele, então ele mostra o que somos realmente*" (Cecília, 13 anos, Apêndice 4, p.204). Aponta, principalmente, para a singularidade do caderno; segundo a aluna "só ela escreve nele".

Então, confirmam-se alguns aspectos da maneira de ser e ver dos portadores. "*Como dizem, o caderno é o espelho do aluno, o caderno é uma cópia do aluno e esta cópia é o próprio aluno que cria, que cuida, que usa, que lê...*" (Assistente.f, Apêndice 2, p.188).

Pode-se dizer que houve uma transformação dos cadernos quando encaparam, substituíram "escolhendo outro" ou, ainda, desenharam nos versos das capas de seus cadernos; pode-se dizer que as alunas emprestaram uma feminilidade ao suporte da escrita escolar. Dos onze cadernos das alunas, sete foram transformados (Apêndice 5, p.225-231). Quanto aos alunos, em específico, a transformação de seus cadernos se deu de modo um pouco diverso. Também houve substituição, uma integral e outra em parte (apenas a capa), e apresentaram um desgaste maior, talvez, devido ao manuseio e transporte de forma menos adequada ou cuidadosa em comparação com as alunas (Apêndice 5, p.214-215).

Há uma tendência, que se tem definido no decorrer dos séculos, de se adaptar materiais *flexíveis* para superfície da escrita e materiais *duros* para capas. Nota-se, entretanto, muita confusão a respeito de formas e materiais. O termo *caderno* compreende tanto o material como a forma. Ou mais precisamente: os cadernos transmitem as informações por meio da escrita ou ilustrações, ou ambos, e consistem de vários elementos, em geral reunidos. É o que se constata na análise desta investigação. A forma mais antiga e, por algum tempo, a única forma dos cadernos, foi a tábua, seguida logo pelos rolos, não obstante o conceito, atualmente popular, de que o caderno é um códice de folhas de papel.

Os cadernos comprados e entregues para essa turma são do "tipo universitário", tamanho 21 x 30cm, porém contém uma única divisão, ou seja, destina-se a uma só disciplina. Contêm 96 folhas e na capa trazem fotografia de lugar turístico do Brasil, tais como: Cataratas do Iguaçu-PR, Arembepe-BA, Recife-PE, Porto de Galinhas-PE, Rio de Janeiro-RJ, Paraty-RJ, Fernando de Noronha-PE.

Ao todo, o número de alunos presentes na negociação e no estabelecimento do acordo foi de trinta alunos. Quando do recebimento da doação dos cadernos, estavam presentes e mantendo o acordo firmado, vinte e oito alunos, não esquecendo do aluno que se negou a participar desse acordo. Então, foram acolhidos vinte e sete cadernos, mas, desse total, dezoito fazem parte do trabalho principal, pois levou-se em consideração o número de alunos que estavam presentes no dia da aplicação do questionário.

Percebe-se que entre os cadernos devolvidos, poucos mantiveram suas características iniciais, precisamente, seis cadernos. No quadro a seguir, nota-se que entre os alunos, apenas um substituiu o caderno, integralmente. No entanto, devolve-o sem a capa e dentre todos os alunos é o que menos escreveu¹⁸. No total 20 folhas das 96 existentes (Eros, 12 anos). Entre os alunos, três devolvem o caderno sem a capa. Já entre as alunas, isso não ocorreu; das 11, sete substituíram ou encaparam, modificando-o.

¹⁸ Um anônimo homem do povo escreveu numa parede grega: "Muitos muito escreveram, só eu não escrevi". Pedro Paulo A. Funari. A vida quotidiana na Roma antiga. São Paulo: Annablume, 2003.

QUADRO 12 CARACTERIZAÇÃO DAS CAPAS DOS CADERNOS DE ALUNOS E ALUNAS

IDENTIFI- FICAÇÃO	DESCRIÇÃO			
	Caderno original		Caderno substituído	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
1	Sem a capa do caderno original.	Arembepe BA	-	-
2	Com capa substituída do caderno original.	Paraty RJ	Somente a capa	-
3	Paraty RJ	Recife PE	-	-
4	Recife PE	Recife PE	-	-
5	Recife PE.	-	-	<i>Credeal</i> , decorado com desenho estilizado de um esquilo, "I'm a lover, not a fighter", capa dura.
6	Porto de galinhas PE	-	-	<i>São Domingos</i> , decorado com vários tamanhos de desenhos bocas pintadas na cor "pink", capa dura.
7	-	-	Por outro e sem capa.	<i>Froni</i> , www. Smiley-word.com decorado com desenho estilizado de uma "diva" e caracteres em japonês das palavras: <i>amor, sonho e sorte</i> . Capa dura. A primeira página é de material plástico (uma espécie de envelope).
8 ⁽¹⁾	-	-	-	<i>Credeal</i> , decorado com desenho estilizado de uma pantera, "Bicho Vivo", capa dura, com 120 páginas .
9 ⁽²⁾	-	Fernando de Noronha PE, mas, encapado com plástico decorado com o desenho do Pio-pio.	-	-
10	-	Recife PE, mas, encapado com papel de presente, resistente e colorido. Desenho de coração, flechado na capa, em vermelho.	-	-
11	-	Paraty, RJ, mas, encapado com folha, contendo foto de rosas na capa e pássaros na contra capa. (Pertencentes anteriormente a um calendário de 2006).	-	-

(1) O aluno não devolveu.

(2) O aluno não participou.

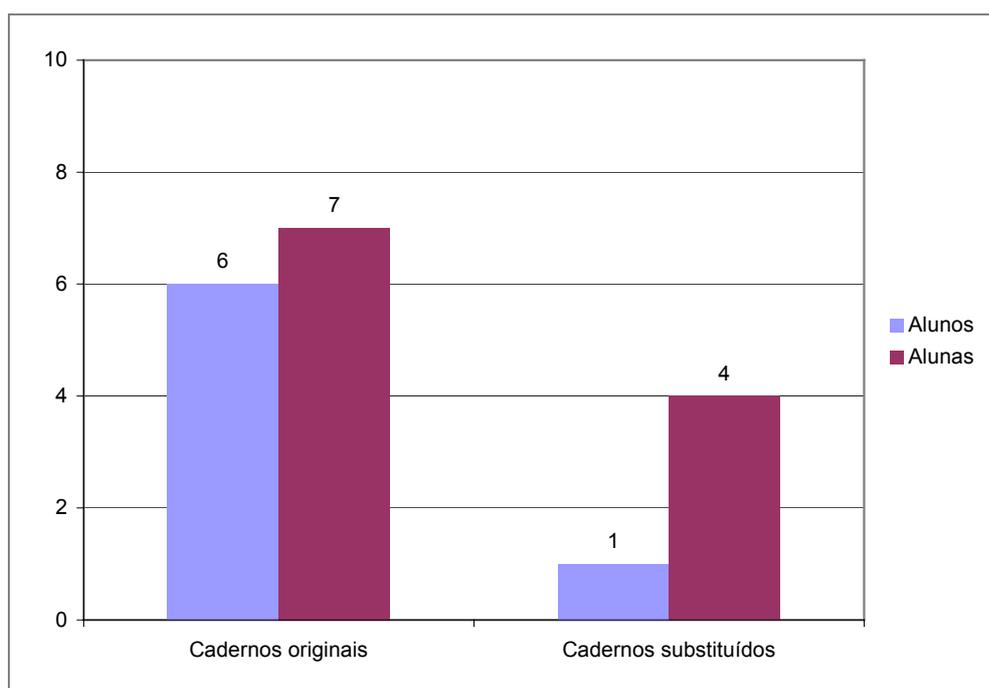


GRÁFICO 9 - CARACTERIZAÇÃO DAS CAPAS DOS CADERNOS DE ALUNOS E ALUNAS

3.2.2 As Ideias Históricas de Cunho Didático

Admite-se que as transformações no ensino são inseparáveis das transformações sociais mais amplas. O ensino de História compreende os processos que ocorrem no meio social, nos quais os sujeitos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem *socialmente*. Nesse sentido, a prática de ensino varia com as atividades decorrentes da organização econômica, política e cultural. As influências do contexto social correspondem a processos de conhecimentos, experiências, idéias, valores, práticas, que nem sempre estão ligadas especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. Entretanto, existem métodos, técnicas, lugares e condições específicas prévias criadas para suscitar as idéias históricas nos alunos.

As formas praticadas no ensino de História, sejam não-intencionais ou intencionais, formais ou não-formais, escolares ou extraescolares, se interpenetram. O processo de ensino, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente; há uma subordinação à sociedade que lhe faz exigências, determina objetivos e lhe provê condições e meios de ação. Em muitas ocasiões a disciplina de

História é tratada isoladamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida. O método, muitas vezes, é dado pela lógica e sequência da matéria, meio utilizado pelo professor para ministrar a matéria e não dos alunos para aprendê-la. Exemplo de um dos registros dos cadernos (primeira página):

Pré Requisitos

1- Organizar as palavras no quadro correspondente.

a - monarquia l - Agricultura
 c - Monarquismo d - Presidencialismo
 e - Pecuária f - Estratensismo
 g - Democracia h - Cidadania
 i - comércio j - República
 k - Parlamentarismo l - Politeísmo
 m - Absolutismo n - Hereditário
 o - Constitucional

Economia	Poder	Religião
Barueira c	monarquia c	monoteísmo c
Pecuária c	Presidencialismo c	Politeísmo c
comércio c	Democracia c	
Estratensismo c	Cidadania c	
	República c	
	Parlamentarismo c	
	Constitucional c	
	Absolutismo c	
	Hereditário c	

2- Explique o que é:

a - monarquia hereditária, constitucional.
 forma de governo, rei, onde o poder passa de pai para filho e não se altera a constituição.

b - República Presidencialista
 forma de governo onde o poder

FIGURA 6 - PRÉ-REQUISITO

FONTE: Caderno de aluna

É comum professores utilizarem essa lógica sem levar em conta seu objetivo principal que é estimular o aluno a pensar historicamente. A didática denominada *instrumental*, segundo Libâneo (1991), é a principal interessada na racionalização do ensino por meio de etapas: a) especificação de objetivos; b) avaliação prévia para estabelecer *pré-requisitos* para alcançar os objetivos; c) ensino ou organização das experiências de aprendizagem; d) avaliação dos alunos relativa ao que se propôs nos objetivos iniciais. O arranjo decorrente dessa sequência resulta na fórmula do que vem sendo praticada nas escolas pela maioria das disciplinas: *objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação*.

O professor é um administrador e executor do planejamento, o meio de previsão das ações a serem executadas e dos meios necessários para se atingir os objetivos. Boa parte dos livros didáticos em uso nas escolas são elaborados com base na tecnologia da instrução (LIBÂNEO, 1991, p.68).

Entende-se aqui por idéias de cunho didático essas idéias provenientes do trabalho pedagógico que o professor realiza na intenção de ministrar os conteúdos. Entre elas (essas idéias), os objetivos específicos estão entre os que direcionam o trabalho docente "tendo em vista promover a aprendizagem dos alunos. Passam, inclusive, a ter força para alteração dos conteúdos e métodos" (LIBÂNEO, 1991, p.235). Priorizam-se, assim, as habilidades para a organização de um possível estudo e não o estudo do *conceito substantivo*, ou das ideias de segunda ordem, o que acaba provocando uma alteração do próprio conteúdo.

Segundo esse mesmo autor, na área das ciências humanas essas ideias se referem a determinadas operações mentais simples (definir, listar, identificar, reconhecer, classificar, aplicar, reproduzir) e operações mais complexas (comparar, relacionar, analisar, justificar, diferenciar etc.). Exemplo de atividade realizada no caderno:

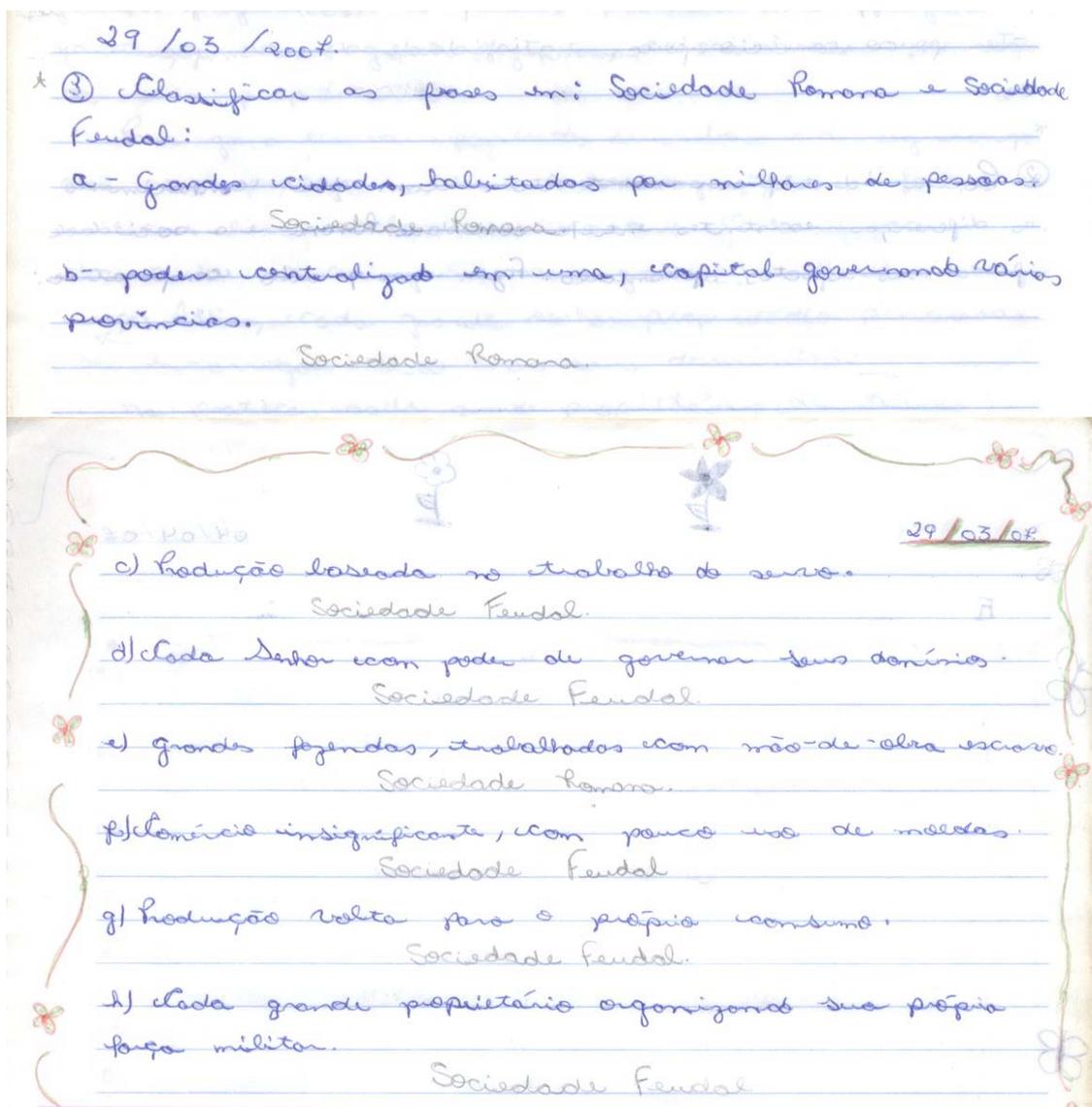


FIGURA 7 - CLASSIFICAÇÃO 1

FONTE: Caderno de aluna

Classificar as frases em colônias de exploração e colônias de povoamento:

a) nestas colônias produzem-se produtos diferentes aos da metrópole, não haviam manufaturas, as colônias fornecem matérias-primas para a metrópole e compravam manufaturas da metrópole.

Colônias de Exploração C

b) Existia relativa autonomia administrativa e liberdade de comércio, os produtos desta colônia eram parecidos ao da metrópole, desta forma suas matérias-primas ficavam no país sendo transformadas em manufaturas.

Colônia de Povoamento C

c) A produção colonial só poderia ser vendida para a sua metrópole, havia o controle pelo Pacto Colonial.

Colônias de Exploração C

d) Estavam localizadas na América Espanhola, Brasil e no Sul das Treze Colônias Inglesas.

Colônia de exploração C

e) Produziam monocultura em grandes latifúndios utilizando mão-de-obra escrava.

Colônia de exploração C

f) Sua produção estava voltada para o mercado interno, podiam praticar o comércio entre si, não produziam diretamente para a metrópole.

Colônias de Povoamento C

g) Estavam localizadas no Norte e Centro-Norte das Treze Colônias Inglesas.

Colônias de Povoamento C

FIGURA 8 - CLASSIFICAÇÃO 2

FONTE: Caderno de aluna

Outras atividades se repetem (constantemente) nos cadernos e que incluem os verbos *relacionar, destacar, organizar, completar, identificar, diferenciar, comparar*.

Primeiro identificar no texto e com os conhecimentos de diferenças existentes entre a sociedade Romano e a sociedade feudal nos aspectos apresentados fazer um quadro comparativo.

Características	Sociedade Romano	Sociedade feudal
1 Poder	Poder centralizado	Poder descentralizado
2 Governantes	1 poder estocados	Senhores feudais
3 Economia e Reprodução	modo de produção econômico desenvolvido de escravos	Auto-suficiente produz para o consumo
Trabalhadores	escravos	Servos
5 - Questões de Comércio	o comércio de escravos de sua cidade	tomava-se difícil e caro a aquisição
6 - Questões das Cidades	Tudo a cidade ficava pobre	Baixa produção industrial
7 - Questões Militares	disputa pelo Poder	

FIGURA 9 - QUADRO COMPARATIVO DE ALUNO

FONTE: Caderno de aluno

2. Procure manifestar no texto e com seu conhecimento as diferenças existentes entre a sociedade romana e a sociedade feudal nos aspectos apresentados. Faça um quadro comparativo.

Características	Sociedade Romana	Sociedade Feudal
1. Poder	poder centralizado	poder descentralizado
2. governantes	o imperador que controla todo o território	Senhores Feudais
3. Economia e Produção	agricultura e pecuária	auto-suficiente para o consumo
4. Trabalhadores	escravos	servil
5. Questão do comércio	Muito comércio bastante desenvolvida	pouco trabalho do que há comércio
6. Questão da cidade	Bastante gente no campo e pouca na cidade	Rara vida urbana
7. Questão militar	um único exército para todo o império	Cada feudo possui o seu próprio exército

FIGURA 10 - QUADRO COMPARATIVO DE ALUNA

FONTE: Caderno de aluna

Embora a preocupação da professora deva ser a de formular um objetivo com suficiente clareza para ser compreensível a ela própria e pelos alunos, não há a necessidade de prender-se à sua "forma" de redação. Entretanto, vale-se do emprego de alguns verbos que a ajudam a explicitar com mais precisão o que ela espera da atividade de estudo dos alunos; ela os utiliza, principalmente, como "objetivo" didático, mesmo quando pede uma *explicação* ou uma *produção de narrativa*. Serão mostrados alguns exemplos, mais adiante.

Exemplos de verbos utilizados pela professora: "traçar" as viagens no mapa, quando do estudo das viagens de portugueses e espanhóis, "desenhar" o globo terrestre, nomear os meridianos e os países que fizeram parte do Tratado de Tordesilhas; destacar as ilhas de Cabo Verde.



FIGURA 11 - MAPA DAS NAVEGAÇÕES

FONTE: Caderno de aluna

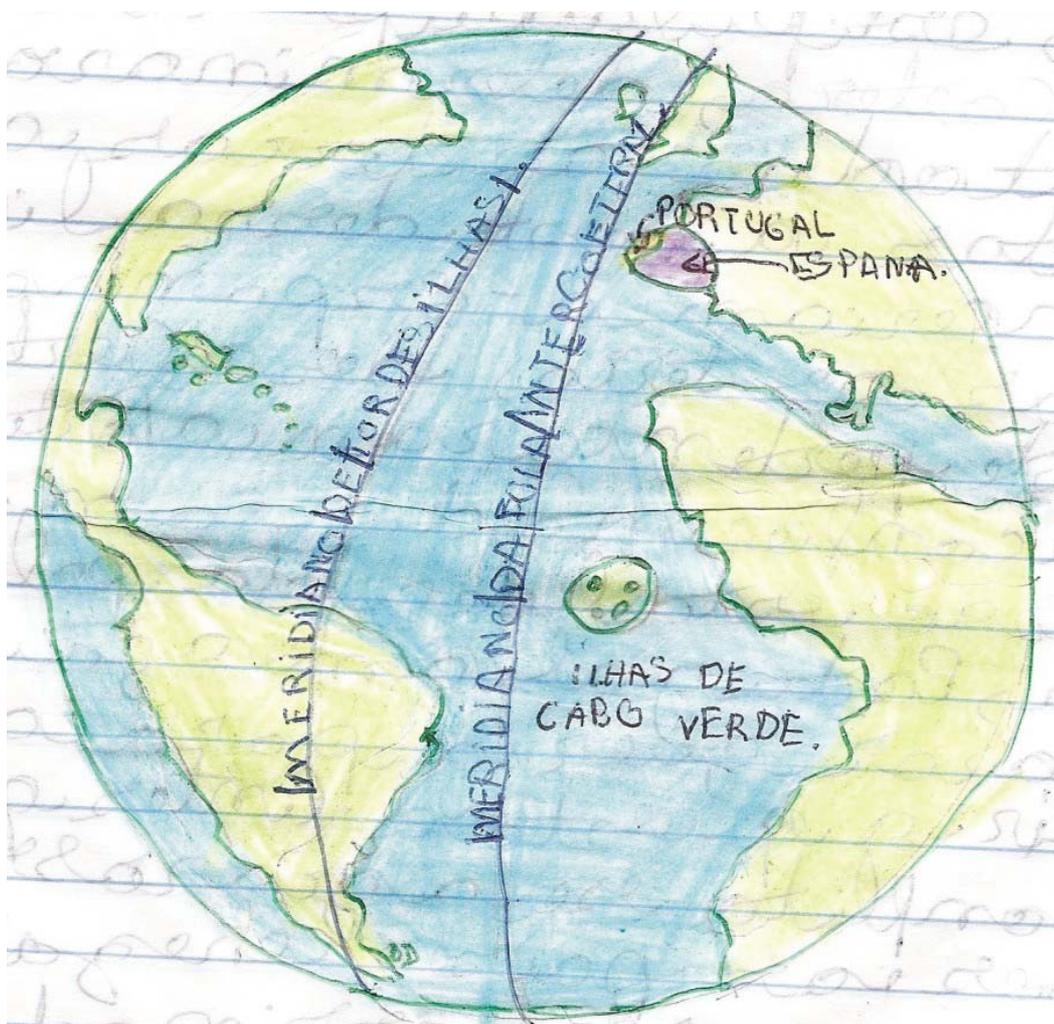


FIGURA 12 - GLOBO TERRESTRE

FONTE: Caderno de aluna

A folha anexada com o desenho dos caminhos das Grandes Navegações, assim como o desenho do Globo Terrestre, figura mais como ilustração e está presente em todos os cadernos sem o desenvolvimento de ideias relativas aos temas. Ao que parece, houve o pedido para colorir, pois todos a apresentam de forma colorida; uns mais, outros menos, mas, coloridos.

Trata-se de exercícios mecânicos, que, de modo geral, implicam ausência de ideias históricas. Estão associados a um entendimento do processo de aprendizagem como um sistema essencialmente lógico e racional de aquisição de conhecimentos e competências, inscrito na tradição racionalista-positivista da cultura escolar, em detrimento da consideração da complexidade envolvida em tal processo; do peso

O currículo escolar não tem considerado o ensino de História nesta perspectiva. Essas atividades são quase sempre vistas como momentos lúdicos, ou apenas ilustrativos da aprendizagem e raramente colocadas como *essência* do trabalho escolar a ser executado levando em conta as ideias de segunda ordem.

Ao se pensar na História, não se começa por definir *objetivos*, e, no entanto, as histórias pensadas a partir da estrutura da História tornam-se instrumentos eficientes para comunicação de significados. Pode-se dizer que ensinar tem a ver com a organização de significados e, para isso, a intenção principal precisa consistir em estruturar os conteúdos e conceitos em forma de História, ou seja, de acordo com uma outra lógica, mais rica de significado e mais adequada à estrutura interpretativa e organizativa do pensamento dos alunos.

A lógica da História desde sempre foi usada para compreender, organizar e atribuir sentido ao mundo, no entanto negligenciada pela educação formal ao não levar em conta, por exemplo, a imaginação.

Compreender a realidade econômica, política do Império Romano, mediante situações organizadas em forma de narrativa, poderia, a nosso ver, ilustrar a compreensão mais ampla dos contextos históricos trabalhados pela professora. Começar com conceitos de segunda ordem; esses conceitos são mais importantes que os conceitos substantivos, dão "consistência à disciplina". Esse tipo de conceito envolve a narrativa, o relato, a explicação que a professora referencia (no total de vezes o conceito de "explicação" é citado 17 vezes; de narrativa quatro vezes), no entanto, na essência, privilegia a "didática instrumental", os "pré-requisitos", os conceitos substantivos e não a explicação, conforme Topolski (1992, p.419), que entende o processo da "compreensão" como identificando-se ao da "explicação".

Utilizar a forma narrativa e com ela as vivências individuais e coletivas pode constituir vantagens para os alunos no sentido de instrumentalizá-los para uma reflexão e análise mais ricas e significativas da História como compreensão do homem e da sociedade. Essa abordagem pode possibilitar uma História que permita aos alunos compreender e sentir a complexidade do devir da humanidade, como no

caso de cada um de nós, com experiências únicas, complexas, mas interessantes e que constituem a *consciência histórica*. É uma consciência que faz com que cada sujeito construa um quadro interpretativo já que há, ou identifica-se uma empatia nessa relação. Essa consciência é concebida pela *descrição, análise e explicação* que é resultado do método – uma relação metódica com a experiência pessoal.

Também, sobre a formulação de hipóteses, não se pode perder de vista que no ensino elas podem desempenhar um papel importante. Topolski (1992) denomina como "hipóteses fotográficas", ou seja, aquelas que são elaboradas ao ler (decodificar, interpretar semanticamente) a informação que os documentos proporcionam; as que são necessárias para formular ao criticar externa e internamente as fontes e as que são formuladas ao estabelecer fatos ou sequências de fatos.

3.2.3 As Ideias Históricas Substantivas

Pode-se ver que a professora trabalha um total de 15 conceitos intitulados por ela como *Pré-requisitos* e que, apenas, de forma diversa estão relacionados à *Proposta Curricular* pertencente às Diretrizes Municipais da Educação – Araucária – 2004.

Conteúdos trabalhados pela professora durante o período letivo do ano de 2007:

- *Decadência, divisão e declínio do Império Romano*
- *Como surgiu a Sociedade Feudal*
- *A vida cotidiana na Europa Medieval*
- *O fim da Idade Média*
- *O tratado de Tordesilhas*
- *O Renascimento*
- *A questão das indulgências*
- *A Reforma Luterana: Católicos e Protestantes (séc. XVI)*
- *Contra Reforma*
- *Mercantilismo*

- *Sistema Colonial: colônias de povoamento e colônias de exploração*
- *A primeira riqueza a ser explorada no Brasil*
- *O início da colonização no Brasil*
- *As Capitanias Hereditárias*

Conteúdos previstos pela Proposta Curricular – Secretaria Municipal de Educação 2004.

- *FAMÍLIAS: os jovens e a vida pública e privada das famílias.*
- *PODER: as relações de vassalagem; a inquisição; a formação dos estados modernos; o significado da terra na sociedade ocidental cristã; o feudo; o conhecimento de novas terras.*
- *TRABALHO: o conceito de trabalho e trabalhador na sociedade medieval e moderna; quem trabalhava, quando, como, por quê?; a igreja entre os árabes e bárbaros; desenvolvimento do trabalho urbano e comercial.*
- *CULTURA: religiões: cristianismo e islamismo; renascimento; o modo de vida dos reinos "bárbaros"; transformações no conhecimento científico (invenções, saber do mar, imprensa).*
- *COTIDIANO: a mulher; o amor no ocidente medieval; contato entre os europeus e indígenas americanos.*
- *MOVIMENTOS SOCIAIS: revoltas camponesas; heresias; as cruzadas.*

Inicialmente, para a realização do ensino percebe-se a opção por substituições e alterações quanto aos temas previstos pela Proposta Curricular, por exemplo, para o tema "Trabalho" apresenta o conceito de *Economia* e para o tema "Cultura" apresenta o conceito de *Religião*. Quanto ao tema "Poder", conceito utilizado na Proposta Curricular, é o mais explorado como registro escrito, no caderno – faz-se acréscimo de nove outros conceitos relacionados ao tema (monarquia, presidencialismo, democracia, parlamentarismo, absolutismo, constitucional, ditadura, república, hereditário), contrastando com dois outros conceitos para o tema *Religião* (monoteísmo, politeísmo) e quatro outros para o tema *Economia* (comércio, agricultura, pecuária e extrativismo).

Os alunos, em resposta à atividade, apresentam à sua maneira, também, diferenças quanto às escolhas de vocabulário e prioridades para registrar esses conceitos. Em nenhum caderno o registro da atividade é igual.

Para introduzir os *conceitos substantivos* da História na disciplina, a professora propõe a execução de dois tipos de exercícios. Um de *classificação* a partir de temas "maiores" por ela indicados: ECONOMIA, PODER E RELIGIÃO e outro de *explicação* de conceitos de *segunda ordem*, o que exige por parte do aluno uma boa compreensão desses conceitos substantivos. Pode-se dizer que exige, mesmo, *uma ideia de História*. O que os 18 alunos registram nessa atividade inicial, de um modo geral, é uma ideia dirigida, orientada pela professora no sentido de identificar e classificar, seguida fielmente pelos alunos. Exemplo de registro realizado pela aluna (Beatriz, 13 anos).

Pré-requisitos

1) *Organizar as palavras no quadro correspondente.*

- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| a) <i>Monarquia</i> | b) <i>Agricultura</i> |
| c) <i>Monoteísmo</i> | d) <i>Presidencialismo</i> |
| e) <i>Pecuária</i> | f) <i>Extrativismo</i> |
| g) <i>Democracia</i> | h) <i>Ditadura</i> |
| i) <i>Comércio</i> | j) <i>República</i> |
| k) <i>Parlamentarismo</i> | l) <i>Politeísmo</i> |
| m) <i>Absolutismo</i> | n) <i>Hereditário</i> |
| o) <i>Constitucional</i> | |

<i>Economia</i>	<i>Poder</i>	<i>Religião</i>
<i>Comércio</i>	<i>Monarquia</i>	<i>Monoteísmo</i>
<i>Agricultura</i>	<i>Presidencialismo</i>	<i>Politeísmo</i>
<i>Pecuária</i>	<i>Democracia</i>	
<i>Extrativismo</i>	<i>Parlamentarismo</i>	
	<i>Absolutismo</i>	
	<i>Constitucional</i>	
	<i>Ditadura</i>	
	<i>República</i>	
	<i>Hereditário</i>	

- 2) Explique o que é:
- a) *Monarquia Hereditária Constitucional*
Forma de governo onde quem governa é o rei, o poder passa de pai para filho e o rei deve obedecer às leis da constituição.
 - b) *República Presidencialista*
Forma de governo onde o povo escolhe seus representantes sendo o poder exercido pelo presidente.
 - c) *Monarquia Absolutista*
Forma de governo onde quem governa é o rei tendo poder absoluto.
 - d) *Democracia*
Liberdade de escolher seus representantes, existindo as leis previstas na constituição.
 - e) *Ditadura*
Não existe liberdade política e social.
 - f) *Monarquia ou República Parlamentarista*
Forma de governo onde existe o rei ou representantes do povo, mas, quem governa é o primeiro ministro.
 - g) *Comércio*
Atividade econômica de compra e venda de produtos.
 - h) *Monoteísmo e politeísmo*
É uma crença em um único deus e crença em vários deuses.

Essa atividade, denominada pela professora como *Pré-requisito*, pode ser identificada como aprendizado, mas, na verdade, é apenas uma repetição do que alguém já sabe e conseqüentemente não engloba um desenvolvimento no aprendizado. Muito frequentemente se desenvolve uma relação estranha. Qual é a utilidade do conhecimento histórico, quando é ensinado como algo para ser repetido na "prova" ou "atividade avaliativa", nas palavras da professora?

Conceitos não são o mesmo que nomes e datas. É importante lembrar que entender conceitos – tais como *república*, *absolutismo* ou *democracia* – envolve conhecer uma regra (o que faz algo ser *democracia*, por exemplo) e ser capaz de identificar exemplos daquela regra.

Os conceitos substantivos que nós encontramos na História podem vir de qualquer outra disciplina, no entanto, cada conceito denota um conjunto de coisas. Nomes e datas são particularidades que os alunos devem conhecer apenas como

tipos de itens individuais. Essa discussão é muito frequente no ensino de História e importante o suficiente para que não a deixemos de lado, ignorando-a. Na verdade, aprender sobre particularidades históricas sempre envolve estudar acontecimentos históricos; em outras palavras, significa conhecer conteúdos históricos.

A professora da turma dá indicação de que os alunos precisam conhecer alguma *História substantiva*. Os alunos, todos, colam em seus cadernos fotocópia de partes de algum livro didático (não há citação da fonte), fotocópias de textos digitados (produzidos e organizados pela professora, mas, sem indicar sua autoria) – Apêndice 8.

Em todos os cadernos, invariavelmente, há esse material impresso colado em seus cadernos. No próprio material há marcas de sublinhado; de manuseio ou utilização desses anexos.

Sabe-se que os alunos precisam ter acesso à fundamentação de fatos e conceitos e, principalmente, entender estes fatos e ideias em uma estrutura mais ampla. Entretanto, por medida de "extrema economia", é usada a redução para o tamanho das letras, comprometendo a leitura e compreensão desse material (Apêndice 8).

A qualificação "alguma" História é importante porque aquilo que os alunos realmente conhecem deve ser organizado de modo que possam acessá-lo e usá-lo, sabendo como fazer análises cautelosas e realísticas sobre o quanto e quando aplicá-las. Com a análise do caderno é possível perceber algumas "dificuldades" quanto a este aspecto da História no procedimento do ensino da disciplina.

Seria um erro o aprendizado histórico de seu objeto – isto é, a História que deve ser aprendida como uma experiência cultural que coloca objetivos orientativos a disposição do aluno. Tal diferenciação levaria a uma didática histórica organizada com os assuntos arrumados de acordo com um cânone histórico de objetos. A dinâmica da subjetividade fica estagnada quando a História é ensinada como algo certo, dado. O conhecimento histórico que é aprendido simplesmente pela recepção evita – ao invés de promover – a habilidade de dar sentido a História, e se orientar de acordo com a experiência histórica. Um sentido que é simplesmente "dado" não pode ser observado como um sentido que é ignorado em sua função fundamental de organizar o conhecimento. Além disso, a subjetividade como fonte de novas

questões e uma boa vontade para novas experiências acaba não sendo explorada. E também, o conhecimento histórico adquirido não pode ser empregado de forma produtiva para orientar os problemas da vida prática. Quando o conhecimento histórico se torna muito objetivo, ele perde sua função de orientação cultural – e no fim das contas, o conhecimento histórico é produzido exatamente para preencher esta função cultural (RÜSEN, 1993).

Consta, inicialmente, no caderno, também a opção por *reflexões*. Em algum momento é trabalhado o conceito substantivo: *Império Romano*. Todos os alunos registram a palavra "Reflexões". A ideia foi tratar da Crise e *Decadência do Império Romano*, conforme subtítulo registrado em todos os 18 cadernos de alunos.

- ***Decadência do Império Romano***

Reflexões:

- *Descreva todas as causas e fatores que a seu ver provocam crises e problemas dentro de um país, destacando: crise política, crise econômica e social, crise ambiental.*

Para a execução da atividade, os alunos são orientados quanto à forma do registro. Todos utilizam marcadores e realizam a mesma formatação de texto. Um registro bem organizado e de modo crescente auxilia e faz com que os alunos entendam e possam refletir. Quanto às ideias, cada um prioriza um aspecto, e à sua maneira. Na essência, as idéias ficam próximas, mas, observando detalhadamente, percebem-se a opinião e a ideia do aluno. Revelam preocupações e interesses bem particulares.

- ***Crise política:*** *Os governantes dizem que vão cumprir as promessas, mas, nunca cumprem. Desvio de dinheiro público em benefício próprio.*
- ***Crise econômica e social:*** *Dificuldade de encontrar emprego, a agricultura está em dificuldades no país; produtos com preço baixo, devido ao país comprar mais do que vender. A sociedade enfrenta o problema da violência, desemprego que gera falta de todas as necessidades mínimas, alimentação, vestuário, educação, lazer, moradia. Crise econômica quando o agricultor perde uma safra e a crise social é quando tem assaltos, contrabando, desemprego e mortes.*
- ***Crise ambiental:*** *desmatamentos, queimadas, animais em extinção, destruição da camada de ozônio, falta de água potável e o aquecimento global (Beatriz, 13 anos).*

- **Crise política:** *Mensalão, roubos em hospitais, corrupção, desvio de dinheiro público.*
- **Crise econômica e social:** *desemprego, assaltos, falta de produtos, produtos com preços baixos.*
- **Crise ambiental:** *o aquecimento global, destruição da camada de ozônio, animais em extinção (Alice, 12 anos).*

Em seguida, uma cópia de texto seguindo a formatação do exercício anterior, porém, tratando da crise do Império Romano – em média, uma página escrita com caneta de cor azul, às vezes de cor preta, no caderno de cada aluno, com subtemas bem destacados com cores vermelha e ou verde.

- *Crise econômica:*
- *Descontentamento com os altos impostos:*
- *O quase desaparecimento da moeda romana:*
- *Desorganização política e militar:*
- *As invasões bárbaras:*

Como proposta para produção de texto estão registrados passos seguidos e passos a servir como modelo para que consigam compor informação histórica utilizando-se de palavra-chave. Como subtítulo da tarefa aparece a palavra: "Relacionar" (já comentada anteriormente).

A professora desenvolve, então, um caminho para que os alunos percebam como o texto escrito, que ora ela constrói e apresenta, segue uma lógica. Para fechar a ideia do uso de palavra-chave, oportuniza o registro desse mesmo texto, com a forma "cursiva, por extenso, corrida", a escrita tradicional, ou seja, excluindo o uso de marcadores e esquemas.

A seguir transcrevem-se o registro do enunciado e a execução da tarefa realizada no caderno de uma aluna (Filomena, 13 anos).

Relacionar:

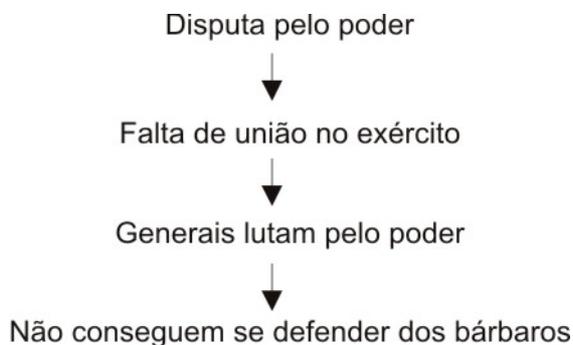
Precisamos entender que as crises existentes em um país podem provocar sua decadência, sabemos também que os problemas, ou seja, as crises estão diretamente ligadas umas com as outras, assim sendo, vamos relacionar os acontecimentos que provocaram a decadência do Império Romano Ocidental.

- *Crise econômica com o descontentamento com os altos impostos e a falta de produtos e moedas.*



Neste período ocorreu falta de escravos, estes se tornaram muito caros, conseqüentemente começou a faltar produtos sendo necessário sua importação. Desta forma o Império precisou cobrar cada vez mais impostos da população que se revoltou, pois, não haviam moedas suficientes.

- *Desorganização política e militar com as invasões bárbaras*



O imperador necessitava de um exército forte para manter seu poder, mas neste período os generais levaram seus soldados a disputarem o controle sobre o exército e pelo poder, desta forma quando os bárbaros invadiam o território romano não encontraram resistência, o exército romano já estava basicamente derrotado pelas lutas internas. Escreva, portanto, todos os fatores e causas que levaram a decadência do Império Romano:

Não conseguiam se defender dos bárbaros, corrupção e disputa pelo poder, falta de escravos, falta de produtos, falta de emprego, altos impostos, desaparecimento da moeda romana, desunião dos soldados, não estudavam, falta de alimentos.

Dando continuidade, aparece em destaque o registro do título:

Divisão e declínio do Império Romano.

A professora monta quatro parágrafos sobre o tema e os alunos copiam. A lápis os alunos separam os parágrafos classificando-os em A, B, C e D, talvez com o intuito de estudar e compreender – é possível que estivessem tentando aplicar um esquema. Com o título: **Atividade** em destaque, a professora pede para que os alunos respondam a alguns questionamentos utilizando algumas *ideias de segunda ordem: descreva a razão, escreva sobre, explique os motivos, comente o que ocorreu.*

Como resposta, os alunos variam bastante na forma e são fiéis ao conteúdo. Entretanto, no momento da cópia dos enunciados das questões, os alunos deixaram exatamente o mesmo número de linhas para cada pedido da professora. Foi então que, para executar a primeira e a segunda das questões, sentiram falta de mais espaço, já que as questões apresentavam desdobramentos, vejamos: *a) Descreva a razão da divisão do Império e como foi esta divisão. b) Escreva sobre os bárbaros e sua organização militar.*

Ficou a impressão de má vontade do aluno para escrever, quando é apenas uma questão de forma. As tarefas que não incluíam desdobramentos foram bem respondidas, levando em conta, principalmente, a fidelidade ao conteúdo ofertado pela professora. Veja-se o enunciado destas duas outras questões: *c) Explique os motivos de Roma não conseguir se defender das invasões bárbaras. d) Comente o que ocorreu a cada uma das partes do Império Romano.*

Então, apesar da tentativa da professora em fazer o aluno apresentar sua própria idéia, propondo que *explique, comente, descreva* e por fim que *escreva*, a "forma escolar" por si mesma, impõe e prioriza a "forma didática tradicional" e não o pensamento histórico ou uma ideia de História. Por isso evidencia-se mais a fidelidade ao conteúdo ofertado e não à ideia de História.

Porém, com o olhar um pouco mais atento, percebem-se, sim, as ideias dos alunos. Às vezes as revelam quando correm o risco de acrescentar, por exemplo, um adjetivo: para os guerreiros bárbaros, além de valentes, "atentos" (Léia, 12 anos).

Um outro detalhe, não menos importante, é o registro realizado a lápis, quando da exposição de suas idéias. Em média somam 12 a 15 páginas em cada caderno e aparecem a lápis o registro das idéias históricas. A História mostra que tatuagens eram pintadas em vermelho, verde e azul, com tintas feitas de produtos naturais, muito antes de a escrita ser conhecida. É muito significativo que todas as civilizações sem exceção no "Oriente e no Ocidente – Egito, Índia e América Latina tenham usado somente o vermelho e o preto para escrever letras" (KATZENSTEIN, 1986). A tinta preta, naturalmente, se destaca sobretudo no branco – mas preferem-se o azul ao preto para a escrita nos cadernos escolares e o lápis ou lapiseira para o registro das idéias e respostas dos alunos.

Apostando, talvez, na capacidade de pensamento dos jovens alunos, a professora propõe mais uma atividade à qual também intitula: "Reflexão", destacando-a. A hipótese do destaque feito pela professora em parte explica-se porque para o registro dessa palavra, agora pela segunda vez, percebe-se também a unanimidade no destaque registrado nos cadernos. Todos os alunos fazem o destaque.

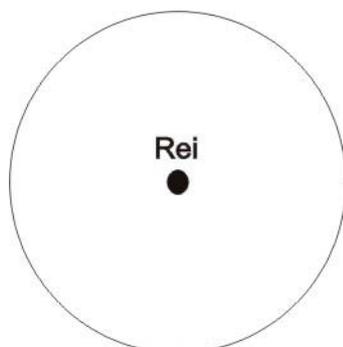
A questão para a reflexão é: *procure explicar com suas palavras o que você entende sobre os questionamentos referentes aos fatores da formação da sociedade feudal, procure estabelecer causas e conseqüências.* A seguir aparece o registro de palavra-chave para que então seja feita a reflexão. Os alunos escrevem suas hipóteses e pensamentos chegando a uma conclusão prevista ao relacionarem de fato os três acontecimentos.

- *Declínio da vida urbana*
- *Declínio do comércio*
- *Declínio da escravidão*
- *Escreva a **relação** existente entre os três acontecimentos*
- *Determine a **diferença** entre centralizado e descentralizado, depois **explique** como seria um poder centralizado e como seria um poder descentralizado.*

Os alunos escrevem de maneira orientada, sendo fiéis ao conteúdo e às informações ofertadas.

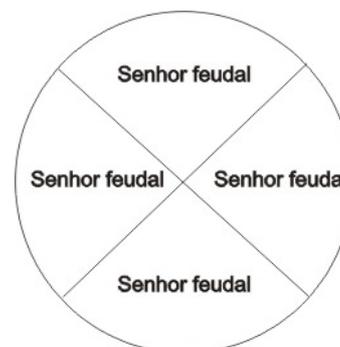
Diferença entre:

Poder centralizado



No império romano o poder estava concentrado nas mãos de uma única pessoa, a do imperador. Ele controlava todo o território e determinava o que devia ser feito.

Poder descentralizado



Com a formação da sociedade feudal o poder se fragmentou, ou seja, neste período o poder foi controlado pelos senhores feudais e cada um comandava somente o território que lhe pertencia.

Esses quadros organizados por conceitos substantivos, com desenhos e esquemas, sobre os quais os alunos, de modo crescente, entendem, riscam e podem refletir, podem *significar para o ensino*, que também eles precisam de um conhecimento aprofundado de passagens contidas no passado, com tempo relativamente longo para explorar o jeito de vida e a visão de mundo das pessoas que estão estudando. É estímulo para que eles comecem a ter consciência das inter-relações complexas envolvidas e possam exercitar o pensamento e a reflexão sobre analogias que fazem com outros tempos e lugares.

Na continuidade, percebe-se de modo acentuado a direção dada pela professora. Os alunos arriscam pouco, mantêm-se fiéis ao contexto fornecido pela professora e escrevem seus textos a lápis. Completam os quadros com alguma dificuldade, por conta principalmente da caligrafia – a maioria "quase" ilegível, principalmente os textos dos jovens alunos.

Tendo como base o último parágrafo do texto, tente explicar a sociedade feudal, observe suas características.

- Ser auto-suficiente.
- Produção para o próprio consumo.
- Conseguir se manter sozinho em outra sociedade.
- Ter rara vida urbana existiam poucas cidades e poucas pessoas morando nela.
- Poder descentralizado: quando várias pessoas mandam no seu território.
- Ter trabalho servil, trabalho realizado pelos servos que prestam serviço ao senhor feudal tendo que dar a metade do que produziu.
- Ter pouco comércio, pouca atividade de compra e venda.

Quadro comparativo

Características	Sociedades romanas	Sociedade feudal
1. Poder	<i>Centralizado</i>	<i>Descentralizado</i>
2. Governantes	<i>Imperador</i>	<i>Senhor feudal</i>
3. Economia e produção	<i>Agricultura e pecuária</i>	<i>Auto-suficiente</i>
4. Trabalhadores	<i>Escravos</i>	<i>Servos</i>
5. Questão do comércio	<i>Comércio bastante desenvolvido</i>	<i>Mais trabalho que comércio</i>
6. Questão das cidades	<i>Grandes cidades e habitadas por milhares de pessoas</i>	<i>Rara vida urbana, poucas pessoas vivendo nas cidades</i>
7. Questão militar	<i>Um único exército par proteger todo o território</i>	<i>Cada feudo possuía sua própria força militar</i>

Utilizando as informações dos exercícios anteriores, escreva um texto sobre a Sociedade Romana e outro sobre a Sociedade Feudal.

Sociedade Romana

A sociedade Romana tinha o poder centralizado. Nessa sociedade quem governa é um imperador. A economia era a agricultura e a pecuária. Quem trabalhava era escravo. Tinha muito comércio e as cidades eram habitadas por milhares de pessoas e havia um único exército para proteger o território.

Sociedade Feudal

A sociedade feudal tinha o poder descentralizado. Quem governava era o Senhor Feudal, sendo auto-suficientes economicamente eles tinham pouco comércio, rara vida urbana, poucos pessoas vivendo nas cidades. Cada feudo possuía sua própria força militar (Aline, 13 anos).

A seguir transcrevem-se apenas as propostas da professora para deixar mais evidenciada a idéia de trabalho com os conceitos de segunda ordem nos pedidos de tarefa a ser executada por alunos.

Utilizando as informações do texto, responder os questionamentos:

- a) **Explique** as causas que contribuíram para a instalação do Feudalismo na Europa.
- b) Referente a questão do poder **explique** a situação do rei e dos senhores feudais neste período.
- c) Referente a questão econômica da sociedade feudal, **explique** como estava organizada.
- d) **Explique** como estava organizada a sociedade no feudalismo, destacando seus componentes.
- e) **Explique** todas as obrigações dos servos para com o seu senhor.

Na seqüência, conceitos substantivos e idéias de segunda ordem trabalhados. Trechos ilustrativos que compõem e formatam a execução das tarefas solicitadas. Observa-se que ao aluno é deixado pouca opção na formatação de seu texto. Os esquemas com suas setas e os quadros indicam previamente as idéias históricas dos alunos para a realização dos registros de sua produção escrita. O texto a seguir é o único em que não aparece um trabalho prévio da professora. Não se indica referência da fonte. Em seguida aparecem já os esquemas que dirigem e orientam as idéias dos alunos.

- **A VIDA COTIDIANA EUROPA MEDIEVAL**

As condições de vida da nobreza feudal eram bastante ruins, mesmo para os ricos. Os homens morriam muito cedo, não viviam em geral, mais que 44 anos. A alimentação dos nobres e de sua família, embora abundante, não era apetitosa. Os alimentos principais eram carne e peixe, queijo, couve, nabos, cenoura, cebola, feijão e ervilhas. As frutas mais comuns eram maçã e pêra. Não conheciam o café nem o chá, nem as especiarias do Oriente.

A vida do servo feudal não era nada invejável. Nas estações de plantio e colheita, ele trabalhava do nascer do dia ao pôr-do-sol. O servo morava em geral, numa cabana miserável, construída de varas trançadas e recobertas de barro. Um buraco no telhado de palha era a única saída para a fumaça do fogão. O piso era de terra batida, geralmente frio e encharcado pela chuva ou pela neve. Alimentação era o pão preto ou misto, algumas verduras, queijo, carne e peixe salgado. A cama do servo era uma caixa cheia de palha.

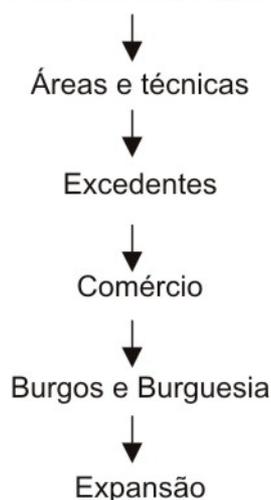
As maneiras pouco refinadas embora os nobres não trabalhassem, eram obrigados a levar uma vida ativa de guerras, violentas aventuras e esportes. As maneiras da nobreza feudal estavam bem longe de serem gentis e refinadas. As mulheres eram tratadas com brutalidade e desprezo. Naquele tempo o mundo pertencia aos homens. Nos séculos XII e XIII as maneiras foram melhoradas pelo desenvolvimento da cavalaria.

A miséria das casas e da alimentação Os servos passavam fome e conseqüentemente estavam sujeitos às epidemias, que eram constantes.

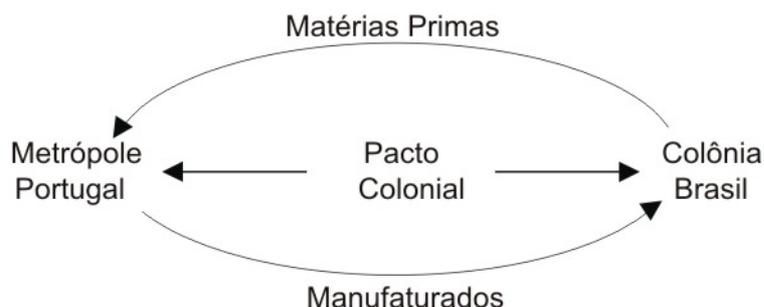
Os ignorantes e desprezados servos não sabiam ler nem escrever e eram desprezados pelos nobres e habitante das cidades. Dizia-se que eram velhacos, vsgos, feios, estúpidos e mesquinhos, que tinham nascido do esterco do burro. Mas nem tudo era desvantagem, sofrimento ou miséria da vida do servo feudal. Ele tinha direito a posse usual da terra.

Se a terra fosse vendida, ela conserva o direito de cultivar o seu lote. Quando o servo ficava muito velho ou fraco para trabalhar, era dever do senhor feudal cuidar dele até o fim de seus dias. Eles também tinham folga. Em algumas partes da Europa eles tinham seis meses de folga (Elizabeth, 13 anos).

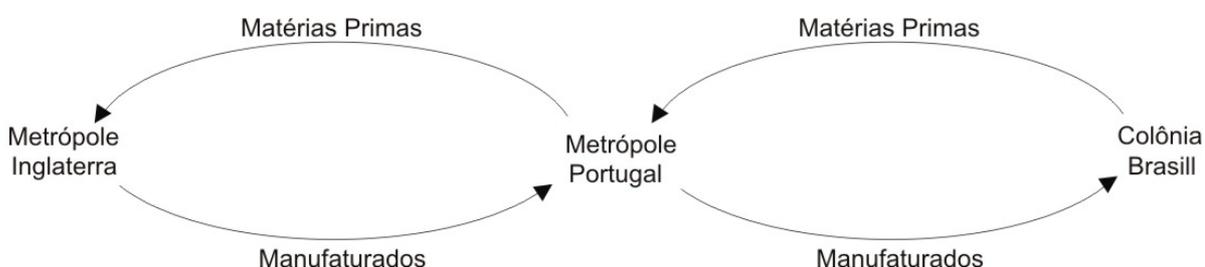
Desenvolvimento agrícola



O desenvolvimento agrícola começou com as diversas revoltas dos servos. Ampliou-se o cultivo agrícola com a ocupação de novas áreas, ao mesmo tempo, aperfeiçoaram-se técnicas que aumentaram a produtividade. Essa atividade era realizada pelos burgos e burguesias. Nesse cenário de expansão agrícola, houve um crescimento populacional. O comércio ganhou um significativo impulso com a melhoria dos meios de transporte. O desenvolvimento urbano era o maior contato com os orientais (Helena, 12 anos).



Pacto colonial é um acordo entre a metrópole e a colônia e com isso a colônia só poderia fornecer produtos para a Metrópole e na maioria das vezes quem sairia beneficiado era a metrópole porque a colônia vendia os produtos baratos e a metrópole vendia os mais faturados com o preço muito maior (Marcélia, 12 anos).



Devido ao monopólio, a metrópole tinha direito exclusivo sobre a colônia e no caso do Brasil quem tinha direito de explorá-lo era Portugal. Mas Portugal não produzia, então, eles vendiam matéria prima para a Inglaterra e a Inglaterra vendia para Portugal as manufaturas. Era comum serem com um preço muito maior e a Inglaterra ficava apenas só o que ela precisava e depois Portugal revendia para o Brasil e quem saía com a vantagem era a Inglaterra (José, 14anos).

Quadro comparativo

Características	Colônias de Exploração	Colônias de Povoamento
1. Localização	América espanhola, Brasil, Caribe, Sul da Treze Colônias Inglesas.	Norte e centro, das treze colônias Inglesas, Canadá.
2. Clima da região	Nesta região o clima era diferente ao da metrópole.	Nestas colônias o clima era bastante parecido com a da metrópole.
3. Interesses	A metrópole possuía o Interesse de explorar a riquezas de suas colônias.	Os colonos possuíam o desejo de construir e desenvolver uma nova nação.
4. Propriedade	Latifúndio	Pequenas e médias fazendas.
5. Trabalho	Compulsório (escravo e formas de trabalho servil)	Livre e família.
6. Objetivo econômico	Voltadas para a produção de metais preciosos e de produtos de exportação para a metrópole.	Voltadas especialmente para o mercado interno.
7. Ligações com a metrópole	Subordinadas a metrópole colonial; só podem comercializar com a metrópole; permite (em geral, as manufaturas são proibidas).	Policultura de produtos de clima temperado (trigo, aveia, etc.) e aparecimento de manufaturas. Autonomia e liberdade de comércio triangular. Treze (colônias – África – Antilhas).
8. Administração	Grande controle de governo da metrópole sobre os colonos. Não se contestam as ordens do rei.	Bastante autonomia. Os colonos podem eleger assembleias que trabalham junto com os governadores.

Utilizando as informações do quadro escrever um texto sobre as colônias de Exploração e outro sobre as colônias de povoamento, destacar todas as suas características.

Colônia de Exploração

A colônia de exploração se localiza na América Espanhola, Brasil, Caribe, Sul das Treze, Colônias Inglesas.

Nessa colônia o clima era diferente ao da metrópole, por que o da colônia de povoamentos era um pouco diferente.

A metrópole tinha o interesse e o direito de explorar as riquezas de suas colônias.

A colônia de Exploração tinha como propriedade o latifúndio.

O trabalho era compulsório (escravo e formas de trabalho servil como a mita).

Nestas colônias o objetivo econômicos eram voltados para a produção de metais produção de metais preciosos e de produtos de exportação para a metrópole.

As ligações com a metrópole era subordinadas ao monopólio colonial; 1.º só podem comercializar com a metrópole; 2.º só podem produzir o que a metrópole permite, em geral, as manufaturas são proibidas.

A administração era um grande controle de governo da metrópole sobre os colonos. Não se contestam as ordens do rei (Cecília, 13 anos).

Colônia de Povoamento

A colônia de povoamento se localiza no norte e centro-norte das Treze colônias Inglesas, Canadá. Nesta colônia o clima era bastante parecido com a da metrópole.

Os colonos possuíam o desejo de construir e desenvolver uma nova nação.

A colônia de povoamento tinha como propriedade as pequenas e médias fazendas.

O trabalho era livre e familiar.

Nesta colônia os objetivos econômicos eram voltadas especialmente para o mercado interno.

As ligações com a metrópole era a policultura de produtos de clima temperados (trigo) aveia e etc., e aparecimento manufaturas.

A administração era bastante autonomia. Os colonos podem eleger assembléia que trabalham junto com os governadores.

A administração era bastante autonomia. Os colonos podem eleger assembléias que trabalham junto com os governadores (Cecília, 13 anos).

Embora possa parecer simples para o professor ajustar os procedimentos de ensino-aprendizagem aos objetivos, nem sempre existe esta simplicidade. É fácil ajustar quando os objetivos pretendidos são informativos e têm relação, apenas, com a

transmissão de conhecimentos. Entretanto, quando os objetivos são diversificados e mais complexos, referindo-se às habilidades intelectuais, a seleção de diversos tipos de atividades torna-se complexa.

O ensino da professora talvez permita aos alunos pensarem em termos de temas de longo prazo, num primeiro momento, um pouco isolados um do outro, mas de modo crescente conectados enquanto a compreensão dos alunos aumenta e progride.

Informações em formas significantes permitem aos alunos lidar com a "longa duração" na História, mais do que ficarem sobrecarregados com uma enorme quantidade de detalhes.

Sabe-se que os alunos têm ideias sobre o passado e sobre a História indiferente do que e como nós os ensinamos. "O passado é inescapável; ele é construído em nossas formas de pensar sobre nós mesmos" (LEE, 2005).

Essa forma de organizar os conceitos substantivos contrapõe-se à perspectiva da natureza narrativística da História. Ao trabalhar privilegiando a didatização formadora de habilidades mentais, sem recorrer aos processos de produção do próprio conhecimento histórico, a professora não desenvolve o pensamento histórico dos alunos ou a sua cognição situada na própria História. A tensão e a ambigüidade entre o significado do caderno para os alunos e a maneira normativa com que a professora o utiliza podem fazer com que o conhecimento histórico fique perdido no caminho entre o ensino e a aprendizagem da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever as considerações finais para este trabalho não foi em nenhum momento "tranquilo". Sempre achamos que mais poderia ser discutido, ampliado e esclarecido. No entanto, chegou a hora em que devemos, então, pontuar algumas considerações e sistematizações. Para tanto foram escolhidos alguns tópicos que, de alguma forma, apresentam o panorama geral do que foi trabalhado, analisado e, por último, perspectivado.

A primeira consideração a ser feita refere-se à própria definição do que é o caderno. Para isso, fomos a vários autores para explicitar a cultura escolar e a cultura da escola. Nesse percurso, encontramos a possibilidade de o caderno existir como sendo um de seus muitos componentes. Ao analisarmos a presença do caderno como elemento da cultura (WILLIAMS, 2003) e, graças aos autores com os quais dialogamos, na cultura escolar e na cultura da escola, como Forquin (1993), encontramos a possibilidade de olhar o caderno como um fenômeno da cultura, resultado das relações que se estabelecem no âmbito da cultura vivida, e, portanto, das relações construídas nos contextos a partir dos quais eles são produzidos, distribuídos e consumidos. Ademais, esta perspectiva foi importante para entender os cadernos como produtos culturais, simbolicamente vinculados à estrutura de sensibilidades dos sujeitos que vivem e atuam nestes contextos, contrariando definições e proposições veiculadas pela Didática Geral, as quais têm apresentado o caderno como um recurso ou meio auxiliar para o ensino, tal qual outros materiais escolares, como borrachas e lápis.

A segunda consideração só pode ser sistematizada porque tecemos uma natureza para o caderno, a partir das tonalidades e das multiplicidades de vozes produzidas com base na análise de experiências dos sujeitos no universo escolar. Essas vozes foram apreendidas por meio de questionários abertos aplicados a alunos e não-alunos de uma determinada escola pública.

Assim, tendo como referência a escola como o espaço da experiência social com o conhecimento (DUBET; MARTUCCELLI, 1998), pudemos sistematizar, a partir da relação entre experiências do passado e do presente destes sujeitos, alguns elementos caracterizadores do caderno, ou seja, a congregação de elementos definidores a partir de lugares onde eles se agregam, dando uma existência qualitativamente nova ao caderno. Encontramos assim, nas lembranças dos sujeitos, um lugar onde o caderno pode ser definido como relíquia, na perspectiva de Lowenthal (1998a) e como morada do conhecimento ou arquivo, como aponta Derrida (2001).

A realização desse procedimento de definição do caderno indicou a sua importância para investigar as maneiras pelas quais as ideias históricas nele estavam presentes, levando-se em conta que a forma de registrar as ideias históricas trabalhadas nas escolas é um dos fatores fundamentais na educação histórica de jovens e crianças. Trata-se de uma terceira consideração a ser relevada, dado que o referencial de análise dos estudos e investigações realizadas no âmbito da educação histórica têm destacado a necessidade de se conhecer e analisar ideias históricas e as formas pelas quais elas se apresentam na escolarização. Nesse processo, uma das dificuldades encontradas consistiu em definir estratégias de investigação, o que nos levou a optar pela doação dos cadernos, bem como a técnica de análise deles, que pôde ser construída a partir do estudo piloto.

Resultados apreendidos a partir do estudo principal realizado nos cadernos dos alunos indicaram determinada forma de registrar as ideias substantivas da História e também uma maneira peculiar de elas serem normatizadas, priorizando certas habilidades ou operações mentais de cunho mais didático do que relacionados ao pensamento histórico. Podemos concluir que a forma pela qual o conteúdo foi normatizado pela professora e registrado pelos alunos pode levar os alunos a aprenderem a História fragmentadamente e como algo dado, em que a "dinâmica da subjetividade" fica estagnada.

Concluimos que, ao não privilegiar as categorias da cognição histórica situada na própria História, como a *narrativa*, essa maneira de construir o ensino e o

registro do conhecimento histórico provoca a separação entre as formas de aprender a pensar e as formas de pensar com e a partir da História, ou seja, entre a aprendizagem e o seu objeto.

Tomar uma posição em favor do ensino e da aprendizagem situada na própria História não significa que estamos defendendo o que Cuesta Fernandez (1998) chama das duas ilusões, a "ilusão epistemológica" e a "ilusão psicológica", que consiste "em uma reivindicação da peculiaridade da História como forma de conhecimento" e da psicologia construtivista como fundamento da História escolar" (p.158). Para este autor, essas duas "ilusões" reificam a História como ciência porque a tratam como um conhecimento objetivo, historicamente acumulado, que está à disposição para ser ensinado adequadamente aos jovens e às crianças.

No entanto, nossa pesquisa constatou, como afirma Cuesta Fernandez (1998, p.159), que

Essa visão de ciência como depósito de conhecimentos que tem que ser transposto à realidade escolar está profundamente arraigada no campo profissional dos docentes e é uma dimensão essencial da ideologia dominante sobre a escola e sua função social [...]

Nesse caso, fica difícil relacionar a formação das ideias históricas com a finalidade didática da História, que é a formação da consciência histórica e da contra-consciência histórica dos jovens, bem como da compreensão da escola como espaço da experiência social com o conhecimento.

Segundo Schmidt (2009), o ensino e a aprendizagem da História podem ser considerados como um processo de internalização de determinada consciência histórica pelos sujeitos. Assim, diz a autora, podemos falar em internalizar para manter e conservar, como também falar na possibilidade de internalização como subjetivação (interiorização mais ação dos sujeitos), com vistas às intervenções e transformações na vida prática. Portanto, seja em função da manutenção ou da mudança de uma determinada concepção de mundo, coloca-se como fundamental a necessidade de modificar, de maneira duradoura e concreta, modos de internalização

do conhecimento, historicamente existentes, desafiando as formas atualmente dominantes de cognição, consolidadas em favor do capital, pois, na esteira do pensamento de Rüsen (2007b, p.101), a formação da consciência histórica

[...] não é, por conseguinte, poder dispor de saberes, mas de formas de saber, de princípios cognitivos, que determinam a aplicação dos saberes aos problemas de orientação. Ela é uma questão de competência cognitiva na perspectiva temporal da vida prática, da relação de cada sujeito consigo mesmo e do contexto comunicativo com os demais.

Naturalmente, essas competências dependem dos conteúdos do saber. Elas não podem estar vazias da experiência do tempo passado, elaborada e interpretada cognitivamente.

Ainda, segundo Schmidt (2009), se, para Jörn Rüsen (2007b), a História tem uma função didática de formar a consciência histórica, na perspectiva de fornecer elementos para uma orientação, interpretação (para dentro – construindo identidades, e para fora – fornecendo sentidos para ação na vida prática), podemos, na esteira de Mészáros (2007), falar da importância da História para uma "contrainternalização", ou uma "contraconsciência histórica", que não se esgote na pura "negação" ou "consciência crítica" à moda de Rüsen (2007b), mas uma "contraconsciência" que abrange a situação objetiva e a reação subjetiva das pessoas envolvidas. Nesse sentido, os princípios orientadores de uma contraconsciência histórica devem ser absolutamente desatados da lógica do capital e da imposição da conformidade, incorporando, também, o pressuposto inegociável de que qualquer aprendizagem é autoeducação e é inseparável da prática significativa da autogestão, em que os jovens e as crianças sejam agentes ativos de sua própria educação (SCHMIDT, 2009).

Em nosso entendimento, a didatização do conhecimento histórico e as formas pelas quais ele é registrado e arquivado nos cadernos escolares pelos alunos, além de separar a aprendizagem do seu objeto que é a História, dificultam ou até impedem a formação da consciência histórica e da contraconsciência histórica.

Sabemos que há caminhos a percorrer. Conhecer e aprender a trilhar estes caminhos são desafios aos investigadores da área da Educação Histórica, na qual este trabalho se insere, e é nesta direção que nos permitimos algumas prospecções

de continuidade das investigações. Entre elas estão as questões como a necessidade de se investigar quais as intervenções que os alunos fazem no conhecimento registrado nos cadernos, por que os professores privilegiam o registro de determinados conhecimentos e não de outros e que relação existe entre os conhecimentos registrados nos cadernos, as aulas dos professores e os manuais didáticos.

Para nós, tais possibilidades entraram em cena graças, principalmente, à existência do caderno como lugar de morada do conhecimento e do seu significado como relíquia, para os sujeitos que viveram e vivem no universo escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drumond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

APPLE, Michael W. **Trabalho docente e textos**: economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005. (Série Pesquisa, v.13)

ARAÚJO, E. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial 1990**: a pobreza; indicadores do desenvolvimento mundial. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens**: idéias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica. Braga (PT): CEEP, Universidade do Minho, 2000.

_____. Educação histórica: uma nova área de investigação? In: ARIAS NETO, J. M. (Org.). **Dez anos de pesquisas em ensino de história**. Londrina: Atrioart, 2005.

BARCA, Isabel; GAGO, Marília. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos no 6.º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Educação**, v.14, n.1, p.239-261, 2001.

BERRIO, Julio Ruiz (Ed.). **La cultura escolar de Europa**: tendencias históricas emergentes. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **O projeto de coordenação e assistência técnica ao ensino municipal – PROMUNICÍPIO**. Brasília, 1975.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **PROMUNICÍPIO**: projeto de ação para o meio rural paranaense; a escola consolidada. Brasília, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **PROMUNICÍPIO**: relatório 1975-1981. Brasília, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. **Subsídios para o planejamento da educação no meio rural**. Brasília, 1979.

CARVALHO, Irene Mello. **O processo didático**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n.3, p.9-26, jan./jun. 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998. p.95-107.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COLLINGWOOD, R. G. **A idéia de história**. Portugal: Presença, 2001.

COORDENAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA (COMEC). **Macrozoneamento ecológico-econômico da APA do Rio Verde**. Curitiba, 2002.

CUESTA FERNANDEZ, Raimundo. **Sociogenesis de una disciplina escolar: a história**. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1997.

_____. **Clio en las aulas**. Madrid: Akal, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: una impresión freudiana**. Trad. Paco Vidarte. Madrid: Trotta, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIEUZEIDE, Henri. **As técnicas audiovisuais no ensino**. Lisboa: Europa-América, 1973.

DRAY, William H. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

DUBET, François. **Lês Lyceens**. Paris: Éditions du Seuil, 1991.

_____. **Sociologie de l'expérience**. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

_____. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. **En la escuela: sociologia de la experiencia escolar**. Buenos Aires: Losada, 1998.

EDWARDS, Verônica. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.

ESCOLANO, Augustin. Arquitetura como programa: espaço, escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

- EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FENTRESS, James; WICKAM, Chris. **Memória social**. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.
- FIBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), **Tabulações avançadas do censo demográfico**: resultados preliminares. Rio de Janeiro, 1981.
- FORQUIN, Jean Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.5, p.28-49, 1992.
- _____. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- _____. (Org.). **Sociologia da educação**: dez anos de pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2007. (Série Pesquisa, v.6).
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FUNARI, Pedro Paulo A. **A vida quotidiana na Roma antiga**. São Paulo: Annablume, 2003.
- GAXOTTE, Pierre. **Histoire des Français**, t. I. Paris: Flammarion, 1951.
- GARCIA, Tânia M. F. Braga. **Origens e questões da etnografia educacional no Brasil**: um balanço de teses e dissertações (1981-1998). 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GINZ, Petr; PRESSBURGER, Chava. **Diário de Praga**: 1941-1942. Barcelona: Acantilado, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- GREDEL, Marlene Terezinha. O trabalho de produção do conhecimento histórico. In: V ENCONTRO NACIONAL: Perspectivas do Ensino de História, sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro, 2004. (Digitalizado)
- GREDEL, Marlene Terezinha. **Recrutamento e seleção de professores de Filosofia para o ensino médio**: a prova de conhecimentos específicos do concurso público de provas e títulos realizado no Estado do Paraná, em 1991. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação na área de História e Filosofia da Educação) – PUC, São Paulo, 2000.
- GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar a traves de los cuadernos de clase**: Argentina 1930-1970. 1997. 315 p. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 1997.
- _____. **El discurso escolar a traves de los cuadernos de clase**: Argentina 1930-1970. Buenos Aires, Eudeba, 1999.

_____. **Do currículo prescrito ao currículo ensinado**: um olhar sobre os cadernos de classe. Trad. Jaime A. Clasen. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2005.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n.1, p.115-141, jan./jun. 2001.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1998.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **O aparecimento da escola moderna**: uma história ilustrada. São Paulo: Autêntica, 2006.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas Paulo, n.1, p.9-44, jan./jun. 2001.

KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. **A origem do livro**: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. São Paulo: Hucitec, 1986.

LEE, Peter. Explanation and understanding in history. In: DICKINSON, A.; LEE, P. (Eds.). **History teaching and historical understanding**. Londres: Heinemann, 1978.

_____. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org.). **Perspectivas em educação histórica**. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia e Instituto de Educação e Psicologia/Portugal: Universidade do Minho, 2001.

_____. Putting principles into practice: understanding history. In: BRANSFORD, J. D.; DONOVAN, M. S. (Eds.). **How students learn: history, math and science in the classroom**. Washington, DC: National academy Press, 2005. (Tradução de Clarisse Raimundo).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LOPES, Isa Cristina da Rocha. Representação discursiva em cadernos escolares. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v.3, n.7, 2005.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n.17, p.63-201, 1998a.

_____. **El pasado es un país extraño**. Madrid: Akal, 1998b.

LÜDKE, Hermengarda; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOLERO PINTADO, Antonio. En torno a la cultura escolar como objeto histórico. In: RUIZ BERRIO, Julio (Org.). **La cultura escolar de Europa: tendencias históricas emergentes**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Introdução à didática geral: dinâmica da escola**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1971. v.2.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e; GUIMARÃES, Sonia Dantas Pinto; BOMÉNY, Maria Bousquet. **A política do livro didático**. São Paulo: Summus; Ed. da UNICAMP, 1984.

PARANÁ. Governo do Estado. **Projeto Integrado de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - PRO-RURAL**. Curitiba, 1982a.

PARANÁ. Depto. de Ensino de 1.º Grau. Equipe de Currículo. **Relatório de Projeto: definição da filosofia da educação em escolas rurais consolidadas**. Curitiba, 1982b.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 2007.

PROST, Antoine. **Doce lecciones sobre la Historia**. Edición y traducción de Anacleto Pons y Justo Serna. Madrid: Ediciones Cátedra Universitat de Valencia, 1996.

RAMOS, Graciliano. **Infância: memórias**. São Paulo: Martins, 1955.

RAMOS, Lílian M. P. de Carvalho. **Escolas rurais consolidadas paranaenses: mito e realidade**. Dissertação, UFPR, 1987.

_____. **Escolas rurais consolidadas paranaenses: a experiência paranaense. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.77, p.19-23, maio 1991.

ROCKWELL, Elsie. **Reflexiones sobre el proceso etnográfico (1982- 85)**. México, Departamento de Investigaciones Educativas. (mimeografado)

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. A construção social da escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.66, n.152, p.106-19, jan./abr. 1985.

RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa em el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **FLACSO - Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, 1992.

_____. **Studies in Metahistory**. Pretoria (África do Sul): Human Sciences Research Council, 1993. Tradução de Márcio E. Gonçalves.

_____. **Razão histórica: teorias da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2001.

_____. **Reconstrução do passado**: teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UNB, 2007a.

_____. **História viva**: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007b.

SANTOS, Anabela Almeida Costa e. **Cadernos escolares na primeira série do ensino fundamental**: funções e significados. 2002. 152p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANTOS, Anabela Almeida Costa; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar? **Revista de Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.2, p.291-302, 2005.

SANTOS, Vera Mendes dos. **Nascimento dos cadernos escolares**: um dispositivo de muitas faces. 2002. 134p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis: UDESC, 2002.

_____. Caderno escolar: um dispositivo feito peça por peça para a produção dos saberes e subjetividades. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL/ANPED SUL, 5., 2004, [S.l.]. **Anais...** [S.l.], 27-30 abr. 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Santos. Itinerários de pesquisa em ensino de História. In: ARIAS NETO, J. M. (Org.). **Dez anos de pesquisas em ensino de História**. Londrina: Atrioart, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Santos; GARCIA, Tânia Maria Braga (Org.). Pesquisas em educação histórica: algumas experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, n.164, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Santos. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Santos; BARCA, Isabel. **Aprender história**: possibilidades da Educação Histórica. Ijuí: Unijuí, 2009.

SÓFOCLES. **Antígona**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

TOPOLSKI, Jerzy. **Metodologia de la Historia**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1992.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sur l'histoire et la théorie de la forme scolaire. In: VINCENT, Guy (Dir.). **L'éducation prisonnière de la forme scolaire?** Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1994 (Traduzido e publicado no Brasil com o título Sobre a história e a teoria da forma escolar, em *Educação em Revista*, n.33, p.7-47, jun. 2001).

VINCI, Leonardo da. **Os cadernos de cozinha de Leonardo da Vinci**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Innovación pedagógica y racionalidad científica**: la escola graduada pública em Espana (1998-1936). Madrid: Akal, 1990.

_____. **Alfabetização na sociedade e na história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.0, p.63-82, set./dez. 1995.

_____. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998a.

_____. **Por una historia de la cultura escolar**: cuestiones, enfoques, fuentes. In culturas y civilizaciones. III Congreso de la Asociación de Historia Contemporânea. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1998b. p.167-183.

_____. **Culturas escolares**. 2000. 8p. (mimeografado)

_____. Fracasan las reformas educativas? In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (Org.). **Educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.21-52.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Nacional, 1969.

_____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Sites consultados:

ASSOCIATION OF AMERICAN PUBLISHERS. Disponível em: <<http://www.publishers.org/>>.

BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://catalogos.bn.br/>>.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Paris. Disponível em: <www.bnf.fr/>.

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/papel.php

<http://gonzodesign.wordpress.com/2008/10/24/tmdg2008-001/>

APÊNDICES

- 7) Já presenciou algum caso de extravio ou perda, de caderno de aluno, dentro da escola ou que estava sob sua responsabilidade? Que providências normalmente você toma?

Relate sua experiência:

- 8) Você lembra de algum episódio relativo a algum caderno de aluno, que tenha acontecido com você, algum colega, amigo ou familiar? Caso lembre, escreva sobre o fato.

- 9) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

- 10) Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?

APÊNDICE 2

RESPOSTA DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLA MUNICIPAL F

1. Lembrança de modo especial de algum material escolar

1) *Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?*

continua

SUJEITOS	MATERIAL ESCOLAR CITADO	CONSERVAÇÃO SIM/NÃO/PORQUE	RESPOSTA INTEGRAL
História.a	- Caneta tinteiro	Não respondeu.	O que mais marcou quando eu estudava, era carregar todos os dias para a escola um tinteiro onde molhava a pena para escrever.
História.b	- Livros didáticos - Livros de literatura - Quadro negro (hoje verde) - Mapas - Caderno - Lápis, etc.	Não. Pois foram anos de estudo e não teria onde guardá-los.	Livros didáticos, livros de literatura, quadro negro (hoje verde), mapas, caderno etc. Não conservo porque foram anos de estudo e não teria onde guardá-los.
História.c	- Lápis - Canetas - Borracha - Régua - Lápis de cor - Cadernos e - Livros didáticos	Não. Os livros eram todos emprestados e meus cadernos ficaram inicialmente na casa de minha mãe, mas, depois foram destruídos.	Meus materiais eram os básicos, lápis, cadernos, livros. Não conservo porque os livros eram emprestados e meus cadernos ficaram na casa da minha mãe, mas depois foram destruídos.
Português/Inglês.a	- Livro de literatura "João e o pé de feijão" - Lápis de cor	Sim. Ganhei da minha professora da primeira série.	Sim, livro de literatura: João e o pé de feijão que ganhei da minha professora na 1.ª série. Lápis de cor, adoro desde criança desenhar e pintar.
Português/Inglês.b	- Livros - Cadernos e - Trabalhos de artes	Sim. Como lembrança e histórico da minha evolução como estudante.	Conservo alguns livros, cadernos e trabalhos de artes como lembrança e histórico da minha evolução como estudante.
Português.a	- Cadernos	Não. Devido às mudanças e a falta de cuidado que tive.	Meus cadernos eram organizados, coloridos e alegres. Não existe mais nenhum, devido às mudanças e a falta de cuidado que tive.
Português/Inglês.c	- Cartilha	Não. Porque tive que repassá-lo aos meus irmãos.	Uma cartilha chamada de "Caminho Suave". Não a conservo porque tive que repassá-la aos meus irmãos.
Matemática.a	- Não	Não. Porque mudava de escola constantemente.	Não porque mudava de escola constantemente por conta das mudanças dos pais.
Química	- Apostila de desenhos geométricos - Instrumentos	Não. Não respondeu.	Lembro da <i>apostila de desenhos geométricos e dos instrumentos</i> mas não conservo.
Matemática.b	- Livros didáticos - Cadernos - Dicionários - Mapas - Atlas	Sim. Porque na época os livros eram comprados e também alguns cadernos estão guardados para relembrar os anos passados.	Livros didáticos, cadernos, dicionários, mapas, atlas. Conservo alguns livros porque na época eles eram comprados. Alguns cadernos também estão guardados para relembrar os anos passados.

1) Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?

continua

SUJEITOS	MATERIAL ESCOLAR CITADO	CONSERVAÇÃO SIM/NÃO/PORQUE	RESPOSTA INTEGRAL
Biologia.a	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis - Caneta - Borracha - Cadernos - Caderno de caligrafia 	Sim. Em meu poder não, porém acredito quase (que) com certeza que minha mãe possui em seu poder um caderno de caligrafia que usei.	Em meu poder não, porém, acredito quase com certeza que minha mãe possui em seu poder um caderno de caligrafia que usei.
Biologia.b	<ul style="list-style-type: none"> - Cadernos - Livros - Pasta de artes - Lápis - Canetas - Borrachas - Lápis de cor 	Não. Não tenho lugar para guardá-los.	Sim, cadernos, livros, pasta de artes, lápis de cor, etc. Não conservo porque não tenho lugar para guardá-los.
Educação Física.a	<ul style="list-style-type: none"> - Não 	Não respondeu.	Em especial de nenhum.
Educação Física.b	<ul style="list-style-type: none"> - Não 	Não respondeu.	Não.
Artes.a	<ul style="list-style-type: none"> - Giz - Livros - Caderno - Borracha - Lápis - Régua - Compasso - Transferidor - Tinta guache - Outros 	Sim. Porque não inventaram o que os substituíam a preços acessíveis nas escolas.	Giz, livros, cadernos, etc. Conservo até hoje porque não inventaram o que os substituíam a preços acessíveis nas escolas.
Artes.b	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno de Estudos Sociais da 4.ª série 	Não. Não respondeu.	Lembro do meu caderno de Estudos Sociais da 4.ª série, o qual ainda, guardava como recordação ate pouco tempo atrás.
Pedagogia.a	<ul style="list-style-type: none"> - Cadernos de linguagem e xadrez - Tabuada - Caderno de 200 folhas para os "pontos" - Caderno de cartografia - Caderno de caligrafia - Livro de português - Penal (saquinho plástico de sal) 	Não respondeu.	Para mim particularmente, foi o livro didático pois eu adorava estar folheando, lendo as histórias, chegava a decorar os textos, pois a gente não tinha acesso a outros livros para ler. Lembro até hoje a 1.ª leitura do livro da 2.ª série.
História.d	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de geografia 	Não respondeu.	Meu livro de geografia. Eu adorava fazer as atividades nele, olhar os mapas e ficava imaginando um outro mundo. O mar me fascinava.
Geografia.a	<ul style="list-style-type: none"> - Cadernos - Alguns livros 	Não respondeu.	Cadernos e alguns livros. Não tenho nenhum guardado.
Pedagogia.b	<ul style="list-style-type: none"> - Dois cadernos - Penal de madeira - Trabalhos - Provas - Dois boletins 	Sim. Porque minha mãe guardou para lembrança e hoje eu conservo.	Sim. Tenho ainda 2 cadernos, o penal de madeira, alguns trabalhos e provas e também 2 boletins porque minha mãe guardou para lembrança e hoje eu conservo a dedicação deste material.
Pedagogia.c	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis de escrever e de cor - Borracha - Cadernos - Canetas 	Não. Pois usávamos até acabar.	Lápis de escrever e de cor, borracha, caderno, canetas. Não conservo porque usava-se até acabar.

1) Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?

continua

SUJEITOS	MATERIAL ESCOLAR CITADO	CONSERVAÇÃO SIM/NÃO/PORQUE	RESPOSTA INTEGRAL
Pedagogia.d	- Lápis - Caderno - Borracha - Caneta - Régua - Livro	Não. Alguns livros eram emprestados e foram devolvidos.	Sim, lápis, caderno, borracha, caneta, régua, livro. Não conservo e alguns livros eram emprestados e foram desenvolvidos.
Pedagogia.e	- Caderno - Livro didático - Livros de literatura infantil	Não. Não respondeu.	Cadernos, livro didático, livros de literatura infantil. Não conservo esse material.
História.e	- Cadernos - Lápis - Caneta - Borracha - Cola - Tesoura - Régua - Livros	Não. Não respondeu.	Cadernos, lápis, caneta, borracha, cola, tesoura, régua, livros. Não tenho mais nenhum desses materiais.
Pedagogia.f	- Cadernos - Livros - Apostilas	Não. Pela defasagem	Cadernos, livros, apostilas. Não conservo nenhum pela defasagem.
Magistério	- Livros - Fichas de tabuada	Não. Com o tempo foram doados para outras pessoas.	Lembro dos livros, fichas de tabuada. Mas não tenho nada guardado porque com o tempo foram doados para outras pessoas.
Pedagoga.a	- Caderno - Lápis - Borracha - Livros	Sim. Conservo comigo o 1.º livro de literatura infantil que ganhei da professora alfabetizadora por me destacar em leitura: "No país da bicharada".	Sim, lembro de vários materiais escolares (caderno, lápis, borracha,... e livros em especial). Conservo comigo o 1.º livro de literatura infantil que ganhei da professora alfabetizadora por me destacar em leitura: "No país da bicharada".
Pedagoga.b	- Livros - Cadernos - Lápis - Canetas - Borracha - Lápis de cor - Régua	Não. Não conservo por conta da influência da sociedade consumista e descartável.	Vários: livros, cadernos, lápis, canetas, borracha, lápis de cor, régua e não conservo por conta da influência da sociedade consumista e descartável.
Pedagoga.c	- Cadernos - Livros - Lápis - Lápis de cor - Canetas	Sim. Acho que minha mãe tem alguma coisa guardada como caderno, folhas de atividades e algum cartão feito para o dia dos pais e mães.	Sim, cadernos, livros, lápis, lápis de cor, canetas. Acho que minha mãe tem alguma coisa guardada como caderno, folhas de atividades e algum cartão feito para o dia dos pais e mães.
Inspetor	- Caderno - Lápis - Borracha	Sim, mas porque no tempo antigo usava-se só um de cada.	Sim, caderno, um lápis e uma borracha. Porque no tempo antigo usavam só um de cada. Agora é demasiado os materiais.
Secretária	- Caderno - Lápis - Caneta - Borracha - Livros	Sim. Ainda tenho cadernos guardados porque é bom olhar nos cadernos e lembrar os estudos.	Caderno, lápis, caneta, borracha e alguns livros. Ainda tenho cadernos guardados porque é bom olhar nos cadernos e lembrar os estudos.
Bibliotecária	- Cadernos - Lápis - Borracha - Livros didáticos	Sim. Tenho ainda um livro de história da 6.ª série.	Sim. Cadernos, lápis, borracha, livros didáticos, etc. Tenho ainda um livro de história da 6.ª série. Não sei.

1) Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?

continua

SUJEITOS	MATERIAL ESCOLAR CITADO	CONSERVAÇÃO SIM/NÃO/PORQUE	RESPOSTA INTEGRAL
Cozinheira.a	- Caderno - Livros	Não. Não respondeu	Um caderno, poucos e raros livros. Lembranças e histórias.
Cozinheira.b	- Cadernos - Livros	Não. Não conservo nenhum material, mas sim, muitas lembranças.	Sim, na época a gente não tinha mala ou mochila, por isso levava os cadernos em pacotes de arroz ou então a mãe fazia bolsas de pano que a gente chamava de "bocó" e por isso era somente cadernos. O livro ficava na escola com a professora. Não conservo nenhum material, mas sim, muitas lembranças.
Zeladora.a	- Livros - Cadernos - Caneta - Lápis - Borracha	Sim. Eu guardo para ter uma prova para meus filhos, como era os estudos no passado.	Livros, cadernos, caneta, lápis, borracha. Sim, guardo meu caderno e os trabalhos que a professora pediu. Eu guardo para ter uma prova para meus filhos, como era os estudos no passado.
Zeladora.b	- Cadernos - Lápis - Borracha - Caneta - Lápis de cor - Régua - Boletins	Sim. Conservo meus boletins de 2. ^a , 3. ^a , 4. ^a séries.	Cadernos, lápis, borracha, caneta, lápis de cor, régua. Os uniformes eram diferentes: as meninas usavam saias e blusas, hoje são iguais. Conservo meus boletins de 2. ^a , 3. ^a , 4. ^a séries.
Zeladora.c	Não respondeu	Não respondeu	Não.
Zeladora.d	- Caderno	Sim. Conservo porque tem as primeiras palavras e o modo que eu escrevia.	Eu tenho um caderno que eu conservo desde o tempo que eu estudava. Conservo porque tem as primeiras palavras e o modo que eu escrevia.
Zeladora.e	Não respondeu	Não respondeu.	Não.
Motorista.a	- Caderno - Cartilha - Lápis - Borracha	Não. Não respondeu	Caderno, cartilha, lápis, borracha, etc.
Motorista.b	- Cadernos - Livros	Sim. Para recordação.	Vários cadernos e livros para recordação.
Motorista.c	Não especificou	Não. Não respondeu	Sim. Não
Motorista.d	- Caderno - Gilete - Caneca plástica	Não respondeu	Caderno de linguagem, gilete para apontar o lápis, pacote plástico para levar os materiais e uma canequinha plástica para a hora da merenda porque lá na escola não tinha vasilha para o lanche.
Motorista.e	- Caderno - Lápis de cor - Dicionário - Tabuada	Não respondeu	Caderno, lápis de cor, dicionário e tabuada.
Motorista.f	- Caderno de linha - Caderno de matemática (tudo bem simples)	Não respondeu.	Caderno de linha, de matemática, mala, mas era bem simples.
Motorista.g	- Caderno de borrão - Tinteiro - Caneta	Não. Não respondeu.	Caderno de borrão, tinteiro, tabuada, caneta esferográfica, mas não os conservo.

1) Você lembra, de modo especial, de algum material escolar que usava na sua época de estudante do ensino fundamental? Ainda conserva esse material? Por quê?

conclusão

SUJEITOS	MATERIAL ESCOLAR CITADO	CONSERVAÇÃO SIM/NÃO/PORQUE	RESPOSTA INTEGRAL
Motorista.h	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno - Dicionário - Tabuada - Lápis de cor - Livros 	Não. Não conservo porque o pouco que guardei os filhos usaram.	Caderno, dicionário, tabuada, lápis de cor, livros, etc. Não conservo porque o pouco que guardei os filhos usaram.
Motorista.i	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis - Borracha - Caneta - Cadernos - Lápis de cor - Canetinha 	Não. Não conservei nenhum. Achei que não usaria nenhum no futuro, por isso não guardei.	Lápis, borracha, caneta, cadernos pequenos, lápis de cor, canetinhas, etc. Não conservei nenhum. Achei que não usaria nenhum no futuro, por isso não guardei.
Assistente.a	<ul style="list-style-type: none"> - Cadernos (eram mais fracos) - Lápis - Borracha 	Não respondeu.	Sim, naquela época os cadernos eram mais fracos, os lápis e borracha também e minha mãe que fazia nossa mochila que era de pacote de arroz.
Assistente.b	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno - Caneta 	Não. Não respondeu.	Os mesmos de hoje em dia: caderno, caneta. Não conservo nada.
Assistente.c	<ul style="list-style-type: none"> - Cadernos - Provas - Trabalhos 	Sim. São provas, trabalhos, cadernos, porque são trabalhos bonitos que eu fico com dó de jogar fora e depois quero mostrar pra o meu filho para servir de exemplo para ele.	Sim. São provas, trabalhos, cadernos, porque são trabalhos bonitos que eu fico com dó de jogar fora e depois quero mostrar pra o meu filho para servir de exemplo para ele.
Assistente.d	<ul style="list-style-type: none"> - Lapiseira - Corretivo - Caderno capa dura - Livro didático - Régua 	Não. Não respondeu.	Sim. Lapiseira, corretivo, caderno capa dura, livro didático, régua. Não.
Assistente.e	<ul style="list-style-type: none"> - Cadernos (pequenos) - Lápis - Borracha - Apontador - Lápis de cor - Canetinhas - Cola - Tesourinha - Régua - Tabuada 	Sim. Tenho apenas alguns cadernos que me fazem lembrar o tempo bom de escola.	Sim, cadernos pequenos, lápis, caneta, borracha, apontador, lápis de cor, canetinhas, cola, tesourinha, régua, tabuada, etc. Tenho apenas alguns cadernos que me fazem lembrar o tempo bom de escola.
Assistente.f	<ul style="list-style-type: none"> - Caneta 	Sim. Usei essa caneta durante o ano letivo escolar e quando a tinta desta acabou, eu a guardei porque ela era de ouro, mas depois esta adquiriu um valor sentimental.	Lembro que no meu aniversário de 12 anos, ganhei da minha tia uma caneta com detalhes em ouro. Usei essa caneta durante o ano letivo escolar e quando a tinta desta acabou, eu a guardei por causa que ela era de ouro, mas depois esta adquiriu um valor sentimental, hoje deve estar guardado em algum canto da casa.
Assistente.g	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis - Borracha - Apontador - Canetinhas - Cadernos (pequenos) - Dicionário 	Sim. Porque sempre que preciso de algo posso encontrar nos meus antigos cadernos.	Sim. Lápis, borracha, apontador, canetinhas, cadernos (pequenos), dicionário. Sim. Porque sempre que preciso de algo posso encontrar nos meus antigos cadernos.

2. Material didático de maior relevância

- 2) *Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos, etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:*

continua

SUJEITOS	RESPOSTA INTEGRAL	MAIOR RELEVÂNCIA	EXPLICAÇÃO
História.a	Na minha opinião todos os materiais são importantes para o aluno, mas o mais relevante são os materiais didáticos onde o aluno pode ler, interpretar, desenhar e opinar para tornar-se um cidadão crítico.	Manuais didáticos	Onde o aluno pode ler, interpretar, desenhar e opinar para tornar-se um cidadão crítico
História.b	Cadernos, pois é neles que os alunos farão anotações que se fazem necessários.	Caderno	Pois é neles que os alunos farão anotações que se fazem necessários.
História.c	Todos são necessários e importantes para que os alunos registrem suas produções, mas entre todos o caderno seria o mais relevante. O caderno é o único material que permanecerá definitivamente com o aluno. Nele constará diferentes assuntos e diferentes visões sobre o mesmo fato, sendo que se tornara fonte de pesquisa acessível pelo resto da vida.	Caderno	É o único material que permanecerá definitivamente com o aluno. Nele constará diferentes assuntos e diferentes visões sobre o mesmo fato, sendo que se tornara fonte de pesquisa acessível pelo resto da vida.
Português/Inglês.a	Caderno. Pois é ali que o aluno registra todas suas experiências e informações que no futuro, poderá ser lhe útil. Livro de literatura. Pois é lendo que amplificamos nossos conhecimentos de vida e metalinguagem.	Caderno	Pois é ali que o aluno registra todas suas experiências e informações que no futuro, poderá ser lhe útil. Livro de literatura. Pois é lendo que amplificamos nossos conhecimentos de vida e metalinguagem.
Português/Inglês.b	Cadernos e livros por serem fonte de registro e pesquisa dos acontecimentos. Os outros materiais são consumíveis e apenas coadjuvantes secundários.	Caderno	Por serem fonte de registro e pesquisa dos acontecimentos. Os outros materiais são consumíveis e apenas coadjuvantes secundários.
Português.a	O caderno devido aos registros que se faz.	O caderno	Devido aos registros que se faz.
Português/Inglês.c	Todos possuem uma certa importância, mas o caderno e a caneta não podem faltar, pois o registro é muito importante no processo de ensinar e aprender.	O caderno	Todos possuem uma certa importância, mas o caderno e a caneta não podem faltar, pois o registro é muito importante no processo de ensinar e aprender.
Matemática.a	<i>Todos</i> são relevantes pois nas aulas de matemática todos são usados. Sem cadernos, lápis, borracha não se consegue trabalhar.	Todos	Todos são relevantes pois nas aulas de matemática todos são usados. Sem cadernos, lápis, borracha não se consegue trabalhar.
Química	<i>Todos</i> os materiais são relevantes. O aluno precisa ter a sua disposição esses instrumentos para suas aulas do dia a dia e para pesquisar sobre as questões sugeridas pelo professor.	Todos	Todos os materiais são relevantes. O aluno precisa ter a sua disposição esses instrumentos para suas aulas do dia a dia e para pesquisar sobre as questões sugeridas pelo professor.

- 2) Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos, etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:

continua

SUJEITOS	RESPOSTA INTEGRAL	MAIOR RELEVÂNCIA	EXPLICAÇÃO
Matemática.b	Os cadernos porque neles ficam contidos informações e assuntos importantes registrados a cada dia.	Caderno	Porque neles ficam contidos informações e assuntos importantes registrados a cada dia.
Biologia.a	O caderno é sem dúvida o mais importante, é onde estão seus registros.	Caderno (sem dúvida)	É sem dúvida o mais importante, é onde estão seus registros.
Biologia.b	Caderno, pois é nele que o aluno faz a relação entre a escrita dos livros e a fala do professor. É o seu meio de entendimento e pesquisa do trabalho desenvolvido durante o ano letivo.	Caderno	Pois é nele que o aluno faz a relação entre a escrita dos livros e a fala do professor. É o seu meio de entendimento e pesquisa do trabalho desenvolvido durante o ano letivo.
Educação Física.a	Acredito que todos esses materiais são importantes, uma vez é imprescindível que o aluno traga diariamente para que o processo realmente aconteça. Um depende do outro.	Todos	Acredito que todos esses materiais são importantes, uma vez é imprescindível que o aluno traga diariamente para que o processo realmente aconteça. Um depende do outro.
Educação Física.b	Todos. Um material dá suporte ao outro. O aluno sempre necessitaria de um ou mais materiais durante sua vida escolar.	Todos.	Um material dá suporte ao outro. O aluno sempre necessitará de um ou mais materiais durante sua vida escolar
Artes.a	Cadernos e livros didáticos	Caderno	(não respondeu)
Artes.b	Todos são importantes, pois cada tem uma função específica conforme o uso.	Todos	Todos são importantes, pois cada tem uma função específica conforme o uso.
Pedagogia.a	Para mim particularmente, foi o livro didático pois eu adorava estar folheando, lendo as histórias, chegava a decorar os textos, pois a gente não tinha acesso a outros livros para ler. Lembro até hoje a 1.ª leitura do livro da 2.ª série.	Manual didático	Para mim particularmente, pois eu adorava estar folheando, lendo as histórias, chegava a decorar os textos, pois a gente não tinha acesso a outros livros para ler. Lembro até hoje a 1.ª leitura do livro da 2.ª série.
História.d	Eu acho que o caderno de língua portuguesa e matemática são muito importantes para o aluno pois ali fica registrado quase todo o trabalho que é realizado com o aluno na escola.	Caderno	Eu acho que o caderno de língua portuguesa e matemática são muito importantes para o aluno pois ali fica registrado quase todo o trabalho que é realizado com o aluno na escola.
Geografia.a	Os cadernos pois é neles que estão os conteúdos trabalhados em sala de aula.	Caderno	Os cadernos pois é neles que estão os conteúdos trabalhados em sala de aula.
Pedagogia.b	Todos tem suas importância para que não caia no esquecimento, mas o que eles assimilam é de grande importância.	Todos	Todos tem sua importância para que não cais no esquecimento, mas o que eles assimilam é de grande importância.
Pedagogia.c	O caderno porque é ali que ficará registrado tudo que aprendeu e aprenderá durante sua vida escolar.	Caderno	Porque é ali que ficará registrado tudo que aprendeu e aprenderá durante sua vida escolar.
Pedagogia.d	Todos são importantes para a experiência do aluno.	Todos	Todos são importantes para a experiência do aluno.

- 2) *Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos, etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:*

continua

SUJEITOS	RESPOSTA INTEGRAL	MAIOR RELEVÂNCIA	EXPLICAÇÃO
Pedagogia.e	Eu acho que o caderno é muito importante para os alunos, pois ali está registrado o que fez o ano todo, o progresso do aluno.	Todos	Eu acho que o caderno é muito importante para os alunos, pois ali está registrado o que fez o ano todo, o progresso do aluno.
História.e	Cadernos, porque é onde o próprio aluno registra o que aprendeu.	Caderno	Porque é onde o próprio aluno registra o que aprendeu.
Pedagogia.f	Todos são relevantes pois são as ferramentas que ele (aluno) utiliza em qualquer situação de ensino –aprendizagem.	Todos	Todos são relevantes pois são as ferramentas que ele (aluno) utiliza em qualquer situação de ensino-aprendizagem.
Magistério	Os cadernos porque neles ficam registrados a maioria dos conteúdos que realizou em sala, isso pode ajudá-lo a lembrar quando consultado.	Caderno	Os cadernos porque neles ficam registrados a maioria dos conteúdos que realizou em sala, isso pode ajudá-lo a lembrar quando consultado.
Pedagoga.a	Livro didático e caderno. Um por ser instrumento de estudo daquilo que se pretende ensinar sendo mais uma possibilidade de contato direto com o conhecimento. Outro, o caderno, porque expressa o registro pessoal do aluno, sendo valioso instrumento de observação do professor sobre o desempenho do aluno em particular.	Manual didático e caderno	Livro didático e caderno. Um por ser instrumento de estudo daquilo que se pretende ensinar sendo mais uma possibilidade de contato direto com o conhecimento. Outro, o caderno, porque expressa o registro pessoal do aluno, sendo valioso instrumento de observação do professor sobre o desempenho do aluno em particular.
Pedagoga.b	Cadernos: registro de conteúdos = conhecimentos.	Caderno	Cadernos: registro de conteúdos = conhecimentos.
Pedagoga.c	Livros e cadernos pois através deles o aluno terá apoio para consultar informações (livro) e registrar o que aprendeu (caderno) para consultar posteriormente. Porém acho que o caderno nos níveis elevados do ensino (nível superior, médio) já poderia ser substituído por notebooks e outras formas de armazenar informações.	Manual didático e caderno	Livros e cadernos pois através deles o aluno terá apoio para consultar informações (livro) e registrar o que aprendeu (caderno) para consultar posteriormente. Porém acho que o caderno nos níveis elevados do ensino (nível superior, médio) já poderia ser substituído por notebooks e outras formas de armazenar informações.
Inspetor	Não especificou.	Não respondeu	Não respondeu
Secretária	Caderno, lápis, caneta e borracha. Esses são os materiais mais importantes, pois com eles o aluno pode registrar os conteúdos trabalhados em sala de aula.	Todos	Caderno, lápis, caneta e borracha. Esses são os materiais mais importantes, pois com eles o aluno pode registrar os conteúdos trabalhados em sala de aula.
Bibliotecária	Acho que são os cadernos que ele faz anotações sobre as matérias que aprende em sala de aula e assim quando tem algumas dúvidas sobre a matéria, consulta-os.	Caderno	Acho que são os cadernos que ele faz anotações sobre as matérias que aprende em sala de aula e assim quando tem algumas dúvidas sobre a matéria, consulta-os.
Cozinheira.a	Não respondeu.	Não respondeu	Não respondeu.

- 2) *Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos, etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:*

continua

SUJEITOS	RESPOSTA INTEGRAL	MAIOR RELEVÂNCIA	EXPLICAÇÃO
Cozinheira.b	Caderno, lápis e borracha para o aluno escrever. Livro para o aluno aprender a ler.	Todos	Caderno, lápis e borracha para o aluno escrever. Livro para o aluno aprender a ler.
Zeladora.a	Lápis, borracha e o caderno.	Todos	Lápis, borracha e o caderno.
Zeladora.b	Os cadernos e os livros, os cadernos para fazer a lição de casa e os livros para estudar e tirar exemplos das lições.	Cadernos e livros	Os cadernos e os livros, os cadernos para fazer a lição de casa e os livros para estudar e tirar exemplos das lições.
Zeladora.c	Todos porque todos são necessários para os estudos.	Todos	Todos porque todos são necessários para os estudos.
Zeladora.d	Na minha opinião é o lápis, caneta, cadernos e borracha. Que a pessoa nunca pode esquecer, sem eles você não tem como estudar.	Todos	Na minha opinião é o lápis, caneta, cadernos e borracha. Que a pessoa nunca pode esquecer, sem eles você não tem como estudar.
Zeladora.e	Todos, porque todos são necessários para os estudantes.	Todos	Todos, porque todos são necessários para os estudantes.
Motorista.a	Cadernos porque é nele que é relatado o aprendizado do aluno e se ele os leva e traz com o devido cuidado não terá dificuldade quando precisar estudar.	Caderno	Cadernos porque é nele que é relatado o aprendizado do aluno e se ele os leva e traz com o devido cuidado não terá dificuldade quando precisar estudar.
Motorista.b	Cadernos e canetas. É onde o aluno pode guardar as suas lembranças.	Todos	Cadernos e canetas. É onde o aluno pode guardar as suas lembranças.
Motorista.c	Caderno. Nele os alunos fazem anotações.	Caderno	Caderno. Nele os alunos fazem anotações.
Motorista.d	São os materiais didáticos porque é a doutrina do ensino que dá direção da aprendizagem que instrui e beneficia para o próprio ensino. Ainda que no decorrer do tempo esqueça de algum detalhe, consulta o manual e já se resolve.	Manual didático	São os materiais didáticos porque é a doutrina do ensino que dá direção da aprendizagem que instrui e beneficia para o próprio ensino. Ainda que no decorrer do tempo esqueça de algum detalhe, consulta o manual e já se resolve.
Motorista.e	Com certeza é o caderno porque é nele que se reúne grande parte da aula e o aluno tem algum meio de relembrar lendo-o.	Caderno	Com certeza é o caderno porque é nele que se reúne grande parte da aula e o aluno tem algum meio de relembrar lendo-o.
Motorista.f	Todos são necessários para o aprendizado dos alunos. Em primeiro lugar tem que ter a educação de casa, do pai e da mãe, senão não adianta todas as coisas materiais.	Todos	Todos são necessários para o aprendizado dos alunos. Em primeiro lugar tem que ter a educação de casa, do pai e da mãe, senão não adianta todas as coisas materiais.
Motorista.g	Livro didático, caderno, caneta, lápis e borracha.	Todos	Livro didático, caderno, caneta, lápis e borracha.
Motorista.h	Com certeza é o caderno porque é nele que se resume grande parte da aula e o aluno tem algum meio de relembrar lendo-o.	Caderno	Com certeza é o caderno porque é nele que se resume grande parte da aula e o aluno tem algum meio de relembrar lendo-o.

- 2) *Entre os materiais didáticos que ficam sob a responsabilidade do aluno, que os leva e traz diariamente – caneta, lápis, borracha, régua, cadernos, manuais didáticos, etc. – qual, em sua opinião, é mais relevante para a experiência desse aluno? Explique:*

			conclusão
SUJEITOS	RESPOSTA INTEGRAL	MAIOR RELEVÂNCIA	EXPLICAÇÃO
Motorista.i	Cadernos, pois nele guardamos informações para nosso entendimento, nossa aprendizagem.	Caderno	Cadernos, pois nele guardamos informações para nosso entendimento, nossa aprendizagem.
Assistente.a	Sob a responsabilidade do aluno ficavam os lápis, borracha e caderno. O mais relevante para a experiência do aluno é o livro pois é com ele que aprendemos a ler.	Manual didático	Sob a responsabilidade do aluno ficavam os lápis, borracha e caderno. O mais relevante para a experiência do aluno é o livro pois é com ele que aprendemos a ler.
Assistente.b	Caneta, lápis, borracha, régua tem importância relativa. Na experiência do aluno, cadernos e materiais didáticos são.	Todos	Caneta, lápis, borracha, régua tem importância relativa. Na experiência do aluno, cadernos e materiais didáticos são.
Assistente.c	Manuais didáticos pois eles contém mais conteúdos que o aluno dispõe.	Manual didático	Manuais didáticos pois eles contém mais conteúdos que o aluno dispõe.
Assistente.d	Manuais didáticos e cadernos. Os manuais para os alunos acompanhar a aula e estudar em casa. Os cadernos para fazer anotações e copiar matéria.	Manual didático	Manuais didáticos e cadernos. Os manuais para os alunos acompanhar a aula e estudar em casa. Os cadernos para fazer anotações e copiar matéria.
Assistente.e	Na minha opinião, com certeza é o caderno porque é nele que o aluno coloca o que pensa, nele se resume as aulas fazendo com que tenha um bom desempenho, deixa registrado informações importantes que podem lhe servir para o futuro.	Caderno	Na minha opinião, com certeza é o caderno porque é nele que o aluno coloca o que pensa, nele se resume as aulas fazendo com que tenha um bom desempenho, deixa registrado informações importantes que podem lhe servir para o futuro.
Assistente.f	O caderno, pois o aluno dedicado sempre guarda os cadernos dos anos anteriores, assim ele sempre terá lembranças da sua vida. Terá onde consultar, conteúdos e o caderno servirá como registros, anotações, um diário.	Caderno	O caderno, pois o aluno dedicado sempre guarda os cadernos dos anos anteriores, assim ele sempre terá lembranças da sua vida. Terá onde consultar, conteúdos e o caderno servirá como registros, anotações, um diário.
Assistente.g	São todos, mas o principal é o caderno pois para frente você pode tirar dúvidas com ele.	Caderno	São todos, mas o principal é o caderno pois para frente você pode tirar dúvidas com ele.

3. Experiência com extravio ou perda de caderno

3) Já presenciou algum caso de extravio ou perda de caderno de aluno dentro da escola ou que estava sob sua responsabilidade? Que providências normalmente você toma? Relate sua experiência.

continua

SUJEITOS	EXPERIÊNCIA	RELATO (RESPOSTA INTEGRAL)
História.a	Reposição	Já presenciei extravio de caderno de aluno na escola pelo próprio aluno. Simplesmente o aluno providenciou outro.
História.b	Não	Não
História.c	Reposição	Isso ocorre com alguma frequência. Muitos alunos, por descuido, acabam extraviando ou perdendo o seu caderno. Quando o fato ocorre com o caderno da minha disciplina, solicito ao aluno que providencie outro e coloque o conteúdo em dia. Em alguns casos peço o conteúdo de todo o bimestre.
Português/Inglês.a	Recuperação	Sim, presenciei. Em primeiro lugar ajudo o aluno a procurar seu caderno em seu próprio material, caso não seja encontrado, procuramos com uma das zeladoras para ver se ela achou e guardou. Caso não encontre, refaz todo o conteúdo.
Português/Inglês.b	Recuperação	Já aconteceu de os alunos dizerem que esqueceram o caderno em sala e não encontrarem mais depois. Nesse caso pedi que conversassem com as zeladoras e a direção. Quando realmente não encontram o material, solicitei que emprestassem o caderno de algum colega para anotar principalmente os tópicos mais importantes do conteúdo.
Português.a	Não	Nada relevante.
Português/Inglês.c	Recuperação	Sim, de vez em quando algum aluno esquece de seu caderno ou livro na classe. Mas sempre voltam a procurar e encontram.
Matemática.a	Recuperação	Recolho e levo até a secretaria, ou se sei de quem é devolvo pessoalmente.
Química	Outros	É comum o aluno comparecer as aulas sem o seu material necessário para participar de modo efetivo das aulas. Nesse caso solicito que use material alternativo, como folhas avulsas, caderno de outra disciplina.
Matemática.b	Não	Não
Biologia.a	Outros	Sim, normalmente o fato ocorre por mero esquecimento do aluno. O caso, na maioria das escolas onde trabalhei e trabalho, é resolvido de forma similar. A zeladora que faz a limpeza ou quem encontrar o material, entrega na supervisão pedagógica que possui um arquivo para este fim.
Biologia.b	Recuperação	Já. Se fornece um novo caderno não dando importância ao que foi perdido.
Educação Física.a	Não	Por se tratar de Educação Física é mais raro ocorrer esse tipo de episódio. Não lembro.
Educação Física.b	Outros	Sim, procuro conversar com a turma e depois encaminhar para a equipe pedagógica.
Artes.a	Recuperação	Já. Espero que ele sinta falta do material o que às vezes leva meses e se não vieram buscar eu peço para alguém entregar.
Artes.b	Outros	Quando isso acontece, chamo o aluno, converso com ele a questão de cuidados e mais responsabilidade. É mais comum o extravio de blusas (agasalhos) durante as atividades esportivas.
Pedagogia.a	Recuperação	Sim. Já aconteceu diversas vezes o extravio de cadernos. A providência que eu tomo é procurar na escola, em casa e perguntar para as zeladoras que geralmente guardam.
História.d	Reposição	Muitas vezes os alunos deixam embaixo da carteira ou em casa. Quando isso acontece dou outro caderno para o aluno.
Geografia.a	Recuperação	Sim várias vezes os alunos acabam esquecendo no final da aula o caderno na sala. As tias guardam e no outro dia devolvem para o aluno.
Pedagogia.b	Reposição	Muitos alunos esquecem ou perdem cadernos. Dei outro e continua o registro, quando não é encontrado.

3) Já presenciou algum caso de extravio ou perda de caderno de aluno dentro da escola ou que estava sob sua responsabilidade? Que providências normalmente você toma? Relate sua experiência.

continua

SUJEITOS	EXPERIÊNCIA	RELATO (RESPOSTA INTEGRAL)
Pedagogia.c	Recuperação	Sim. Quando desapareceu o caderno, foi verificado se ninguém o pegou sem querer ou levou por engano. Com a descrição do caderno passou-se em todas as salas para saber se foi visto. Falou-se com as zeladoras e graças a Deus uma delas tinha visto e guardado. O caderno foi devolvido e assim solucionado o caso. O dono agradeceu prometendo não mais esquecer. Por isso sempre é dado o aviso para não esquecer nenhum material, tanto em sala como em casa. Caso não houver a recuperação do caderno, é dado outro ao aluno.
Pedagogia.d	Recuperação	Não
Pedagogia.e	Recuperação	Já presenciei dentro da sala, o aluno esqueceu na sala, embaixo da carteira, mas todas as vezes alguém achou e foi devolvido.
História.e	Recuperação	Sim, normalmente procuramos saber se algum aluno da sala encontrou. Conversamos com as zeladoras que limpam a sala e que sempre guardam os materiais encontrados.
Pedagogia.f	Outros	Geralmente alunos menores acabam perdendo algum material, quando isso ocorre, comunico aos pais para que auxiliem a criança a organizar-se melhor.
Magistério	Reposição	Sim, presenciei alunos perdendo cadernos, então entrego outro para refazerem as atividades.
Pedagoga.a	Recuperação	Sim. Providências: 1) caixa ou armário próprio para guardar materiais esquecidos na escola. 2) devolução posterior quando identifica-se o dono. 3) devolução aos alunos que procuram por materiais extraviados e identificam "o seu". 4) informo a família para "procurar" em casa quando o material não é encontrado na escola (telefone, bilhete ou agenda).
Pedagoga.b	Não	Não
Pedagoga.c	Outros	De caderno não lembro, só de canetas, lápis e outras miudezas, sempre causa transtornos e confusão. Procuo conversar com a turma onde isso aconteceu, as vezes aparece (devolvem) as vezes não! Procuo orientar os alunos no sentido de que cada um cuide do seu material.
Inspetor	Recuperação	Todos os materiais pertencentes a alunos são entregues na secretaria ou entregue ao mesmo.
Secretária	Recuperação	Já aconteceu de o aluno deixar o caderno ou o livro em sala de aula e a zeladora trazer na secretaria para que eu entregasse para o aluno assim que procurasse. Mas tem vezes que o aluno não procura então eu vejo o nome e a turma que estuda e levo pessoalmente.
Bibliotecária	Recuperação	Não, mas se encontro algum caderno perdido procuro devolver imediatamente ao aluno que perdeu.
Cozinheira.a	Recuperação	Sim, ajudo a procurar e dar outro.
Cozinheira.b	Recuperação	Não participo da rotina de sala de aula, mas quando precisam da minha ajuda na limpeza das salas e quando acho algum material levo para a cozinha e procuro entregar no dia seguinte para o aluno.
Zeladora.a	Recuperação	Sim, as salas que eu limpo eu encontrando algumas coisas que os alunos esquecem eu guardo na minha caixa de coisas perdidas e no dia seguinte eu devolvo porque o aluno ou aluna vai precisar.
Zeladora.b	Recuperação	Sim, cadernos esquecidos dentro da sala de aula,, ate mesmo boné, blusa, etc. eu levo ate a secretaria da escola e deixo o número da sala e a hora que foi encontrado.
Zeladora.c	Recuperação	Sim, quando achado por mim, normalmente é entregue na secretaria ou para o próprio aluno.
Zeladora.d	Recuperação	Quando eu acho algum caderno eu marco a sala e guardo para esperar o aluno procurar. Se ele não vier eu deixo na secretaria. Porque geralmente o aluno que perde pergunta para quem limpa aquela sala.
Zeladora.e	Recuperação	Sim, quando é achado por mim, normalmente, é entregue na sala ou entregue na secretaria.

3) Já presenciou algum caso de extravio ou perda de caderno de aluno dentro da escola ou que estava sob sua responsabilidade? Que providências normalmente você toma? Relate sua experiência.

conclusão

SUJEITOS	EXPERIÊNCIA	RELATO (RESPOSTA INTEGRAL)
Motorista.a	Recuperação	Sim e quando são esquecidos dentro do ônibus pego-os e guardo. Depois pergunto aos alunos quem perdeu um caderno.
Motorista.b	Não	Não lembro.
Motorista.c	Recuperação	Sim, roubo de materiais mas fui atrás do ladrão e não encontrei.
Motorista.d (fem.)	Recuperação	Sim e isso aconteceu comigo, com o meu caderno. Quando era criança, na escola em que eu estudava havia só uma professora para as 4 classes e todas as matérias. Em outras palavras poderia até ser chamada de professora geral. Ela pegou os cadernos para corrigir e na hora de entregar para os alunos ela entregou o meu caderno para a minha irmã e o da minha irmã para mim. Eu questionei com a minha irmã e ela não aceitou. Questionei com a professora e ela deixou que nós nos entendêssemos já que éramos irmãs.
Motorista.e	Não	Não
Motorista.f	Recuperação	Não e se caso me acontecer eu entregaria à diretora da escola.
Motorista.g	Recuperação	Procuro o aluno para entregar.
Motorista.h	Recuperação	Sim e ajudei a procurar até encontrar, pois não é do aluno e sim dos alunos.
Motorista.i	Outros	Já presenciei vários casos, mas não estavam sob minha responsabilidade.
Assistente.a	Recuperação	Entrego ao aluno que perdeu.
Assistente.b	Não	Na perda de um caderno é primeiro comunicado ao professor ou a secretaria da escola. E no meu caso não aconteceu extravio de caderno.
Assistente.c	Recuperação	Sim, dentro do ônibus acontece. Eu pego o caderno ou qualquer que seja o objeto e procuro o dono.
Assistente.d	Não	Não
Assistente.e	Recuperação	Já presenciei um caso de perda e a pessoa que encontrou o caderno deixou em um lugar seguro onde logo depois o dono foi e o pegou em perfeitas condições.
Assistente.f	Recuperação	Quando se perde um objeto procura-se por todo os lugares onde ele pode estar, mas como segurança nunca é demais, eu tinha material reserva em casa e assim o prejuízo não foi tão grande.
Assistente.g	Recuperação	Sim, quando é perda procuro encontrar de todas as formas. Em caso de roubo reponho o material. Uma vez pedi o caderno de uma amiga e por descuido perdi, tive que dar a ela outro caderno.

4. Episódio relativo a caderno

- 4) Você lembra de algum episódio relativo a algum caderno de aluno, que tenha acontecido com você, algum colega, amigo ou familiar? Caso lembre, escreva sobre o fato:

continua

SUJEITOS	EPISÓDIO	RELATO (resposta integral)
História.a	Não.	Não
História.b	Não.	Não
História.c	Sim	Gosto bastante de pegar meus cadernos da época da faculdade e ficar relembando através das anotações ali contidas aqueles momentos. É muito interessante que você se lembre nitidamente dos detalhes e das emoções através das páginas amarelas de um caderno antigo.
Português/Inglês.a	Não.	Não
Português/Inglês.b	Não.	Não respondeu.
Português.a	Não.	Não ocorre nenhum caso na lembrança.
Português/Inglês.c	Sim	Um aluno fingiu ter deixado seu caderno na escola. Sua mãe ligou para a escola e colocou todos para procurar sem verificar a mochila de seu filho. Depois de algum tempo o menino confessou ter escondido seu caderno no meio dos livros da biblioteca somente para não realizar as tarefas de casa.
Matemática.a	Não	Não. A não ser vários alunos deixam o livro embaixo da carteira.
Química	Não	Não lembro.
Matemática.b	Não	Não
Biologia.a	Sim	Lembro-me de um episódio que muito me entristeceu. Uma professora pegou um caderno para correção e leu para a sala algumas anotações minhas (particulares) uma vez o que o caderno não é só para conteúdos escolares.
Biologia.b	Não respondeu.	Não respondeu.
Educação Física.a	Não	Não lembro.
Educação Física.b	Não	Não
Artes.a	Sim	Uma aluna da 5.ª série me deu o caderno de artes dela no final do ano. As folhas do final do caderno estavam cheias de poesia me dizendo que ela me adorava.
Artes.b	Sim	Lembro quando eu estava na 4.ª série, o meu caderno de Estudos Sociais, era simples, eu mesma não estava gostando da minha letra, apesar que sempre procurei fazer tudo muito caprichadinho. Um dia cheguei em casa e falei para minha irmã que era responsável por mim (pois eu morava com ela para estudar, que a professora pediu para comprar um novo caderno e passar a limpo todos os pontos (mentira). Passei o maior sufoco, pernas bambas e tremia no dia em que minha irmã bateu na porta da sala e perguntou para a professora sobre que tipo de caderno que ela tinha de comprar. Eu rapidinho, antes que a professora questionasse falei que era um caderno grosso para pontos. Ainda bem que minha irmã saiu rapidinho. Encapei o caderno com uma bela imagem na capa e pedi para que a minha irmã me ajudasse a passar todos os pontos a limpo, pois a letra dela era mais bonita e por isso mais gostoso de estudar. Foi este caderno que eu guardei por muitos anos.
Pedagogia.a	Sim	Aconteceu com meu aluno, este ano de 2007. O aluno esqueceu o caderno na escola nos primeiros dias de aula. Os alunos que estudam no período da noite pegaram o caderno e fizeram desenhos "pornô". Dali alguns dias encontrei o caderno e devolvi ao aluno. O pai viu o desenho e veio até a escola indignado e assustado por ver que na escola acontece aquela barbaridade.
História.d	Sim	Um dia eu perdi um caderno de recordação de uma aluna da 2.ª série. Fiquei quase um mês procurando o caderno. Felizmente encontrei e devolvi o caderno para a aluna.
Geografia.a	Não respondeu	Não respondeu.
Pedagogia.b	Não.	Não lembro.
Pedagogia.c	Não respondeu	Não respondeu
Pedagogia.d	Não	Não
Pedagogia.e	Não	Não lembro.
História.e	Não respondeu	Não respondeu.
Pedagogia.f	Não	Não

4) Você lembra de algum episódio relativo a algum caderno de aluno, que tenha acontecido com você, algum colega, amigo ou familiar? Caso lembre, escreva sobre o fato:

conclusão

SUJEITOS	EPISÓDIO	RELATO (resposta integral)
Magistério	Não	Não
Pedagoga.a	Sim	Lembro somente o fato de uma professora de inglês ter arrancado algumas folhas de meu caderno, por eu ter feito alguns exercícios "errados".
Pedagoga.b	Sim	Sim, o aluno foi colocado em situação vexatória porque estava reaproveitando um caderno do ano anterior tendo destacado as páginas utilizadas. A professora o humilhou em sala de aula diante de todos os colegas.
Pedagoga.c	Sim	Sim. Vários, sujeira no caderno! Borradeira, folhas amassadas. Pede-se aos alunos que passem a limpo, organizem-se melhor, enfim orienta-se para que caprichem mais e principalmente que façam uma letra legível.
Inspetor	Não	Não lembra.
Secretária	Não	Não
Bibliotecária	Não	Não
Cozinheira.a	Não	Não
Cozinheira.b	Sim	Minha sobrinha emprestou um livro na biblioteca e acabou perdendo. Ela veio pedir minha ajuda. Aconselhei a comprar outro livro para reposição. E foi isso que aconteceu.
Zeladora.a	Não	Não respondeu.
Zeladora.b	Não	Até hoje tudo foi bem resolvido, sem problemas com alunos.
Zeladora.c	Não	Não
Zeladora.d	Sim	Eu lembro que uma vez um aluno deixou embaixo da carteira, bem no fundo e eu não vi. Daí ele veio perguntar se eu achei, mas eu não tinha visto então eu acho que entrou uma turma e deve ter pegado.
Zeladora.e	Não	Não
Motorista.a	Sim	Várias vezes alunos esquecem seus cadernos dentro do ônibus e quando achei seus donos entreguei.
Motorista.b	Não	Não
Motorista.c	Não	Não
Motorista.d	Sim	O episódio aconteceu entre eu e minha irmã que era preguiçosa, não fazia a lição de casa, tinha uma caligrafia graúda e as lições sem fazer. A professora ao corrigir os cadernos constatou vários questionários sem responder e o meu ao contrário do caderno dela. Minha irmã achou mais prático pegar o meu caderno prontinho e em ordem, apesar dela conhecer que era o meu até mesmo por causa da letra. Ela me obrigou a ficar com o caderno dela tudo bagunçado. Eu chorava só de lembrar que aquele não era o meu e não encontrei apoio de ninguém para que eu pudesse tê-lo de volta.
Motorista.e	Não	Não
Motorista.f	Não	Não
Motorista.g	Não	Não lembro.
Motorista.h	Sim	Sim! Aconteceu comigo quando terminei o ensino médio eu tinha um caderno com tudo anotado. Meu irmão foi estudar e precisou de ajuda e lá estava a solução para resolver suas questões. Meus filhos precisaram de alguns exemplos como de matemática e lá estava o exemplo e por último as meninas, alunas do período da noite precisavam de um trabalho de química e eu tinha anotado uma experiência que serviu para elas.
Motorista.i	Não	Não lembro.
Assistente.a	Não	Não
Assistente.b	Não	Não. Não lembro.
Assistente.c	Não	Não
Assistente.d	Não	Não
Assistente.e	Sim	Certa vez emprestei meu caderno para uma amiga fazer um trabalho. Quando ela terminou em vez de me devolver, levou para um outro amigo dela. Enfim o caderno retornou depois de ter servido de pesquisa para além desses dois, mais dois outros que precisavam de algumas informações.
Assistente.f	Sim	Uma amiga minha, fazia no final do caderno, um pequeno diário, no qual anotava fatos de sua vida. Certa vez uma outra amiga pegou este caderno e foi ler justamente esta parte do caderno. Deu uma briga, coisa rara na escola rural onde eu estudava.
Assistente.g	Sim	Como respondi na questão 3, o caderno de uma amiga.

5. Função e importância do caderno

5) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

continua

SUJEITOS	FUNÇÃO/IMPORTÂNCIA	RESPOSTA INTEGRAL
História.a	Anotações diárias. É importante.	O caderno é importante para o aluno fazer suas anotações diárias das aulas.
História.b	Anotar algo. Suma importância.	É de suma importância pois é nele que o aluno deve anotar algo que possa esquecer e precise lembrar mais tarde.
História.c	Fonte de registro e fonte de pesquisa. Pode-se encontrar diferentes assuntos, visões e idéias.	A função do caderno escolar é ser uma fonte de registro diário das atividades escolares e fonte de pesquisa para todos. A sua importância é que no caderno pode-se encontrar diferentes assuntos e diferentes visões e idéias. Nele pode estar a idéia do autor do livro didático, a idéia e a visão do professor e constará também a própria idéia dos alunos na construção do seu conhecimento.
Português/Inglês.a	Registrar. Não respondeu.	Registrar experiências, informações e conhecimentos científicos acumulados por cada aluno.
Português/Inglês.b	É a principal fonte de registro. Sem o caderno é difícil.	É a principal fonte de registro dos conteúdos trabalhados. Material de apoio para as avaliações. Sem o caderno é difícil se organizar enquanto estudante.
Português.a	Organização e acompanhamento. Não respondeu.	Demonstra a organização e a seqüência do que é registrado e possibilita sempre uma avaliação ou forma de acompanhamento na evolução da disciplina.
Português/Inglês.c	Registrar. Resgate por outras gerações	É uma forma de registrar fatos de seu cotidiano. O que é registrado e se guardado poderá posteriormente ser resgatado por gerações.
Matemática.a	Registrar. Não respondeu.	Registro de atividades e um meio de avaliação, também para consulta, revisão de conteúdos, etc.
Química	Anotar, realizar exercícios, fazer observações, organizar. Não respondeu.	O caderno é importante para que o aluno anote a aula do dia, realize exercícios de fixação e faça todas as observações possíveis das explicações da aula. O caderno deve ser organizado para auxiliar o aluno em suas tarefas de estudo ou realização de atividades.
Matemática.b	Registrar. Não respondeu.	O caderno é o registro de assuntos importantes no dia a dia escolar.
Biologia.a	Registrar e impressões. Suma importância.	É de suma importância, todos os registros e impressões são relatados ali. Muitas vezes os professores fogem da complexidade do livro didático e simplificam com termos mais acessíveis ao histórico do aluno.
Biologia.b	Relato da vida escolar/forma de expressão e relação com o mundo. Não respondeu.	É todo o relato da vida escolar do educando, é a sua forma de expressão e relação com o mundo.
Educação Física.a	Registrar. Serve de parâmetro para avaliação.	Tem a função e importância de conter todos os registros de atividades realizados em sala, servindo de parâmetro para avaliação tanto do aluno quanto do professor.
Educação Física.b	Registrar. Não respondeu.	No caderno, o aluno irá registrar conteúdos, atividades, experiências que ele estará vivendo naquele momento escolar. É também um suporte a mais que vem complementar o livro didático.

5) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

continua

SUJEITOS	FUNÇÃO/IMPORTÂNCIA	RESPOSTA INTEGRAL
Artes.a	Copiar e gravar. Não respondeu.	Sem caderno não copia e sem copiar não grava na memória. São raros os casos de alunos que não precisam copiar mas esses as vezes nem precisam de professor.
Artes.b	Registrar e relembrar. Não respondeu	Registro das atividades, relembrar e rever os conteúdos trabalhados.
Pedagogia.a	"Copiar conteúdos" "Moda, novo"	O caderno na minha opinião já teve muita importância. Eu mesma cheguei a guardar por muitos anos meus cadernos da 3. ^a e 4. ^a séries. Hoje em dia os alunos não valorizam os cadernos, arrancam folhas, etc. No meu entender o aluno não dá importância ao seu caderno, sempre quer comprar o novo, o da moda.
História.d	Registrar. Apoio.	O caderno escolar é muito importante para o aluno, pois ali está registrado a maior parte de seu trabalho em sala de aula onde o aluno tem um apoio para estudar e retomar algumas atividades.
Geografia.a	Apresentar conteúdos trabalhados em sala de aula e fora de sala também. Não respondeu	É de suma importância pois é nele que o aluno traz os conteúdos trabalhados em sala de aula e fora de sala também.
Pedagogia.b	Registrar. Acompanhamento.	O nosso ensino fundamental é por nota, conceito. O caderno tem a importância do registro do que está aprendendo e os pais acompanham o que o filho aprende.
Pedagogia.c	Registrar. Auxiliam e muito na aprendizagem.	Registrar os conteúdos e todas as atividades realizadas. É de grande importância pois esses registros auxiliam e muito na aprendizagem.
Pedagogia.d	Registrar. Auxílio na aprendizagem.	O caderno é importante para registrar conteúdos. É um material didático que nos auxilia muito na aprendizagem.
Pedagogia.e	Registrar. O pertence.	No caderno fica registrado tudo o que o aluno aprendeu, o seu rendimento, progresso. Para o aluno é muito importante pois ali está tudo o que ele fez, construiu. É um material que pertence a ele e através dele os pais tem um acompanhamento do ensino aprendizagem dos filhos.
História.e	Registrar e exercitar. Total importância.	Total importância pelo fato do aluno registrar, exercitar o que aprende em sala de aula.
Pedagogia.f	Diário de bordo. Fonte de memória.	Para mim o caderno escolar é como se fosse um diário de bordo ou algo semelhante. Nele estão contidas informações importantes que em nossa memória podem não permanecer e que assim podemos a ele recorrer.
Magistério	Registro. Não é o único meio.	É um objeto importante para registrar o que os alunos estão aprendendo, mas, não é o único meio.
Pedagoga.a	Registro pessoal. (idem ao n.º 6 e n.º 10) expressa o registro pessoal do aluno, sendo valioso instrumento de observação do professor sobre o desempenho do aluno em particular. Pode realizar atividades proposta pelo professor, apontar fatos importantes sobre a matéria, organizar e solicitar esclarecimentos de suas dúvidas, entre outros.	(idem ao n.º 6 e n.º 10) expressa o registro pessoal do aluno, sendo valioso instrumento de observação do professor sobre o desempenho do aluno em particular. Pode realizar atividades proposta pelo professor, apontar fatos importantes sobre a matéria, organizar e solicitar esclarecimentos de suas dúvidas, entre outros.

5) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

continua

SUJEITOS	FUNÇÃO/IMPORTÂNCIA	RESPOSTA INTEGRAL
Pedagoga.b	Registrar para se apropriar dos conteúdos ensinados. A função do caderno escolar é registrar os conteúdos e desta forma possibilitar que o aluno se aproprie dos conhecimentos ensinados na escola. Além de registro é uma forma de organização do trabalho do professor.	A função do caderno escolar é registrar os conteúdos e desta forma possibilitar que o aluno se aproprie dos conhecimentos ensinados na escola. Além de registro é uma forma de organização do trabalho do professor.
Pedagoga.c	Registrar e exercitar. Ter registrado um pouco do que ouviram do professor (explicações, textos). Importante também para exercícios práticos, etc.	Ter registrado um pouco do que ouviram do professor (explicações, textos). Importante também para exercícios práticos, etc.
Inspetor	Anotação dos acontecimentos escolares. É importante porque nele é anotado todos os acontecimentos escolares de sua vida.	É importante porque nele é anotado todos os acontecimentos escolares de sua vida.
Secretária	Registrar o que é trabalhado. O caderno é de suma importância, pois é nele que o aluno registra todos os conteúdos trabalhados.	O caderno é de suma importância, pois é nele que o aluno registra todos os conteúdos trabalhados.
Bibliotecária	Registrar o que aprendeu. Acho importante o uso do caderno para registrar tudo o que o aluno aprendeu na escola.	Acho importante o uso do caderno para registrar tudo o que o aluno aprendeu na escola.
Cozinheira.a	Anotar o conhecimento. Não respondeu	Anotar o conhecimento.
Cozinheira.b	Aprender. Função de aprender e a importância da responsabilidade, pois é através do cuidado do caderno que você conhece melhor os hábitos do aluno.	Função de aprender e a importância da responsabilidade, pois é através do cuidado do caderno que você conhece melhor os hábitos do aluno.
Zeladora.a	Aprender a escrever e ler. O caderno é de muita importância para o aluno, pois é através dele que o aluno aprende a escrever e a ler.	O caderno é de muita importância para o aluno, pois é através dele que o aluno aprende a escrever e a ler.
Zeladora.b	A função dos cadernos é o aluno aprender a escrever e para ajudar a decorar as matérias.	A função dos cadernos é o aluno aprender a escrever e para ajudar a decorar as matérias.
Zeladora.c	Lembrar o que estudou. É para que o aluno lembre o que estudou durante o ano todo.	É para que o aluno lembre o que estudou durante o ano todo.
Zeladora.d	Estudar. Na minha opinião o caderno é muito importante porque nele tem as lições que a gente fez e se não cuidar como é que vai estudar na hora que precisa.	Na minha opinião o caderno é muito importante porque nele tem as lições que a gente fez e se não cuidar como é que vai estudar na hora que precisa.
Zeladora.e	Lembrar o que estudou. Para que o aluno lembre o que estudou durante o ano inteiro.	Para que o aluno lembre o que estudou durante o ano inteiro.
Motorista.a	Relatar o aprendizado. Para relatar todo o aprendizado do aluno referente ao tipo de caligrafia e a tudo que é ensinado nas aulas.	Para relatar todo o aprendizado do aluno referente ao tipo de caligrafia e a tudo que é ensinado nas aulas.
Motorista.b	Anotar. Para fazer anotações.	Para fazer anotações.
Motorista.c	Anotar. Para fazer anotações.	Para fazer anotações.
Motorista.d	Arquivar recordações das matérias que pode servir até mesmo para os irmãos mais novos estudar. Para ter recordações arquivadas de todas as matérias que participou em todas as aulas para quando precisar relembrar alguma coisa ali está tudo anotado. Pode servir para si ou até mesmo para os irmãos mais novos pesquisar.	Para ter recordações arquivadas de todas as matérias que participou em todas as aulas para quando precisar relembrar alguma coisa ali está tudo anotado. Pode servir para si ou até mesmo para os irmãos mais novos pesquisar.

5) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

conclusão

SUJEITOS	FUNÇÃO/IMPORTÂNCIA	RESPOSTA INTEGRAL
Motorista.e	Estudar. Ele é uma espécie de resumo onde o aluno anota as partes de aula e quando precisa estudar.	Ele é uma espécie de resumo onde o aluno anota as partes de aula e quando precisa estudar.
Motorista.f	Para aprender a escrever e ler. Para aprender a escrever, a ler.	Para aprender a escrever, a ler.
Motorista.g	Estudar. Para anotar deveres e lição que a professora escreve no quadro para depois estudar para as provas.	Para anotar deveres e lição que a professora escreve no quadro para depois estudar para as provas.
Motorista.h	Estudar e mais tarde pode servir para alguém. É uma espécie de resumo onde o aluno anota as partes da aula e quando precisa estudar para prova e usa ou até mais tarde pode servir para alguém.	É uma espécie de resumo onde o aluno anota as partes da aula e quando precisa estudar para prova e usa ou até mais tarde pode servir para alguém.
Motorista.i	Guardar informações. Guardar informações que utilizaremos no futuro.	Guardar informações que utilizaremos no futuro.
Assistente.a	Base para escrever nossas primeiras palavras. O caderno é a base porque é através dele que podemos escrever nossas primeiras palavras.	O caderno é a base porque é através dele que podemos escrever nossas primeiras palavras.
Assistente.b	Exercitar. A sua importância é fundamental porque sem o caderno os alunos não teriam onde exercer suas atividades.	A sua importância é fundamental porque sem o caderno os alunos não teriam onde exercer suas atividades.
Assistente.c	Aperfeiçoar a experiência de vida. Muito importante pois é nele que o aluno aperfeiçoa sua experiência de vida.	Muito importante pois é nele que o aluno aperfeiçoa sua experiência de vida.
Assistente.d	Anotar para estudar. A função é anotar as matérias e conhecimentos adquiridos. A importância é de conservar para ter as anotações para estudar para as provas, fazer trabalhos.	A função é anotar as matérias e conhecimentos adquiridos. A importância é de conservar para ter as anotações para estudar para as provas, fazer trabalhos.
Assistente.e	Trazer informação. Trazer informações que você obteve no passado, que hoje podem ajudar a responder questões.	Trazer informações que você obteve no passado, que hoje podem ajudar a responder questões.
Assistente.f	Guardar informação. O caderno tem a função de guardar aquilo que o aluno consegue e/ou não consegue guardar na mente. Como dizem o caderno é o espelho do aluno, o caderno é uma cópia do aluno e esta cópia é o próprio aluno que cria, que cuida, que usa, que lê...	O caderno tem a função de guardar aquilo que o aluno consegue e/ou não consegue guardar na mente. Como dizem o caderno é o espelho do aluno, o caderno é uma cópia do aluno e esta cópia é o próprio aluno que cria, que cuida, que usa, que lê...
Assistente.g	Guardar informação para o futuro. Nele existem várias informações que se pode obter no futuro.	Nele existem varias informações que se pode obter no futuro.

6. Importância do caderno de História

6) Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?

continua

SUJEITOS	IMPORTÂNCIA	PORQUE (resposta integral)
História.a	É bom.	É bom para fazer suas anotações e sínteses dos conteúdos estudados.
História.b	Sim, como para todas as disciplinas.	Sim, como para todas as disciplinas. Ele precisa ter uma organização e mantê-lo sempre em dia.
História.c	Sim, como para todas as disciplinas.	Sim, como para todas as disciplinas Nele constará o registro das atividades escolares e a forma como ocorreu a aquisição do conhecimento por parte do aluno.
Português/Inglês.a	Sim	Sim, pois é através da história que nos situamos no tempo e espaço para que nossa vida não fique perdida no tempo.
Português/Inglês.b	Sim, como para todas as disciplinas.	Sim, como para todas as disciplinas. Principalmente porque ali está construindo a sua própria história e perfil de estudante, o que se reflete na organização, síntese, análise e cuidado com seus materiais.
Português.a	Sim	Porque o que não é registrado se perde.
Português/Inglês.c	Sim	É muito importante resgatar a história ou os fatos históricos e analisá-los para poder compreender o presente.
Matemática.a	Sim, como para todas as disciplinas.	Não respondeu
Química	Sim	Mas para anotar as observações que geralmente não são tão explícitas nos textos e realizar as atividades que o livro propõe.
Matemática.b	Sim	Para registrar os acontecimentos marcantes do seu dia a dia, de sua família, parentes e amigos.
Biologia.a	Sim, fundamental.	Sim, fundamental. Pois além de retratar conteúdos ele mostra um histórico de evolução do conhecimento e pensamento crítico do aluno. Nossa maturação como pessoa se dá com o tempo. O caderno de história exige interpretação da história contada e com isso ele retrata as modificações na forma de pensar assuntos similares ao longo do tempo.
Biologia.b	Sim, como para todas as disciplinas.	Sim, como para todas as disciplinas. Principalmente uma separada da outra para uma melhor organização.
Educação Física.a	Sim	Porque essa disciplina é bastante teórica no meu ponto de vista, daí a importância do caderno.
Educação Física.b	Sim	Não respondeu.
Artes.a	Sim	Todas as anotações são importantes mas o ideal seria cada aluno ter um laptop.
Artes.b	Sim	Desde que neste caderno ele traga um bom registro de fatos políticos, sociais, econômicos e culturais notáveis na vida dos povos e da humanidade.
Pedagogia.a	Sim	Sim, porém os alunos no dias de hoje, não estão nem aí. No meu tempo o caderno de "pontos" era muito cobrado pelo professor pois todos os conteúdos eram copiados ali e eram estudados e decorados. A professora tomava os pontos e questionários.
História.d	Não	Eu trabalho história no mesmo caderno de língua portuguesa.
Geografia.a	Sim como para todas as disciplinas.	Sim, como para todas as disciplinas Acho importante ter um caderno de cada matéria, não só de história pois pelo caderno você já sabe se o aluno é organizado, tem boa letra, etc.
Pedagogia.b	Sim	A história se constrói a todo momento mas os fatos antigos é só para a função de registro.

6) Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?

continua

SUJEITOS	IMPORTÂNCIA	PORQUE (resposta integral)
Pedagogia.c	Sim	Pois além de registrar tudo, pode guardá-lo para recordação ou para pesquisá-lo sempre que necessário.
Pedagogia.d	Sim	É importante o aluno ter um caderno de história pois a história faz parte do nosso cotidiano.
Pedagogia.e	Sim, como para todas as disciplinas.	Não respondeu.
História.e	Sim	Porque além dos livros didáticos é importante ter o caderno para fazer atividades e anotar os conteúdos.
Pedagogia.f	Sim	Facilita para o aluno na hora de estudar tal matéria, apesar de sempre haver integração entre todas as matérias é importante separar alguns fatos das disciplinas existentes.
Magistério	Sim	Porque ele pode se tornar um objeto de consulta.
Pedagoga.a	Sim	Sim, porque pode realizar seus registros pessoais sobre a matéria, realizar atividades propostas pelo professor, apontar fatos importantes sobre a matéria, organizar e solicitar esclarecimentos de suas dúvidas, entre outras.
Pedagoga.b	Sim como para todas as disciplinas.	Sim, como as outras áreas do conhecimento, a história é um registro da humanidade.
Pedagoga.c	Sim como para todas as disciplinas.	Sim. Bem como em todas as áreas do conhecimento. É importante para que o aluno possa consultar este caderno sempre que for necessário, isto é, quando este aluno faz todas as anotações, exercícios que são a ele propostos.
Inspetor	Talvez	Talvez sim! Talvez não porque cada um tem um gosto pela matéria.
Secretária	Sim	Sim. É muito importante ter um caderno de história e também para cada disciplina para que o aluno possa separar os conteúdos trabalhados em cada uma.
Bibliotecária	Sim	Sim, porque assim ele pode acompanhar a explicação do professor e quando tiver dúvidas consultar o caderno para tirar as dúvidas que surgirem.
Cozinheira.a	Sim	Sim, para futuras consultas.
Cozinheira.b	Sim	Sim, pois através deste caderno o próprio aluno se conhece e conhece melhor sua família, pois pode começar contando a história do seu próprio nome e assim por diante.
Zeladora.a	Sim	O aluno tendo o caderno de história é um meio dele ou dela aprender mais sobre as coisas deste mundo e poder comentar com aqueles que não sabem ler.
Zeladora.b	Sim	Sim é importante para ele saber as descobertas e o passado do nosso país e tudo o que acontece de importante que fica na história.
Zeladora.c	Talvez	Talvez não porque nem todos os alunos gostam de história, mas seria muito importante que todos os alunos guardassem esse caderno.
Zeladora.d	Sim	Eu acho importante sim, porque nele você pode decorar muitas histórias passando do livro para o caderno.
Zeladora.e	Talvez	Talvez não, porque nem todos os alunos gostam de história, mas seria muito importante que todos os alunos guardassem esse caderno.
Motorista.a	Não	Não porque a história já está bem escrita e explicada em livros e a cada ano que se passa alguma coisa nova entra para a história.
Motorista.b	Sim	Sim, neste caderno que o aluno irá rever as suas matérias escolares.
Motorista.c	Sim	Sim, para lembrar no futuro informações de agora.

6) Você acha importante o aluno ter um caderno de História? Por quê?

conclusão

SUJEITOS	IMPORTÂNCIA	PORQUE (resposta integral)
Motorista.d	Sim	Sim, porque ali ficam registradas todas as datas e as histórias que no decorrer do tempo jamais a gente vai se lembrar, por exemplo se me perguntarem se eu sei qual é o dia da mulher eu não sei. E se me perguntarem se eu sei o motivo desse dia, se eu conheço a história, eu conheço porque minha filha de 9 anos aprendeu na escola e me contou e ainda me mostrou por escrito no caderno dela. Por isso eu acho importante o aluno ter um caderno de história até mesmo porque quando a gente escreve algo que ouve ou lê a memória grava e registra melhor.
Motorista.e	Sim como para todas as disciplinas.	Sim, mas não só de história, mas para todas as matérias.
Motorista.f	Sim	Sim! Par ele ter mais idéias de como fazer uma história.
Motorista.g	Sim	É importante ter um caderno de história para anotar o que a professora passa no quadro e estudar para a prova.
Motorista.h	Sim como para todas as disciplinas.	Sim, não só de história mas para todas as matérias. Porque um dia ele precisa relembrar alguma coisa, vai até seu caderno e procura lendo ou revisando ele terá mais facilidade de solucionar sua curiosidade e até resolver as questões que estejam anotadas.
Motorista.i	Sim como para todas as disciplinas.	Sim, mas não só um caderno de história que tem utilidade, outras matérias também são importantes.
Assistente.a	Sim	É através das histórias que os alunos descobrem o mundo.
Assistente.b	Sim	Sim, toda criança tem que ter conhecimento da história, sua importância é fundamental. Os fatos acontecidos no passado estão relativamente ligados nos dias de hoje.
Assistente.c	Sim	Sim, para fazer pesquisa, recordar a matéria que teve.
Assistente.d	Sim	Sim, porque fazemos muitas anotações como datas, durações, fatos e histórias.
Assistente.e		Sim, mas não é só o caderno de história, outras matérias também são importantes.
Assistente.f	Sim	Sim, a matéria de história é uma que tem o conteúdo mais difícil de guardar na mente. São muitas datas, vários nomes de guerras, diversos países, diferentes fatos, enfim, o aluno só aprenderá com o auxílio do caderno.
Assistente.g	Sim como para todas as disciplinas.	Não só de história como de todas as matérias, pois é neles que se relata todas as informações da matéria.

APÊNDICE 3
QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DA SÉTIMA SÉRIE QUE
ESTUDAM NA ESCOLA MUNICIPAL F

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____ Sexo: _____
- 3) Desde quando estuda nessa escola? _____
- 4) No ano de 2007, quando você estava na sexta série, você pertencia à turma da sexta A, da sexta B ou outra? _____
- 5) Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- 6) Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- 7) Relate algum episódio relativo a *cadernos* que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

8) Na sua opinião, qual a *função* e a *importância* do caderno escolar?

9) Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?

10) Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.

APÊNDICE 4
RESPOSTA DOS ALUNOS DA SÉTIMA SÉRIE QUE
ESTUDAM NA ESCOLA MUNICIPAL F

Turma: 7.^a A e 7.^a B

1. Lembrança de algum material escolar

1) *Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?*

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Narciso	12	17	Sim, pois eu gosto de lembrar o que eu fiz nos anos anteriores.
Carlo	10	16	Sim. Provavelmente todos porque isso é um registro que nós temos que guardar para ver algum dia e mostrar para os filhos.
José	10	14	Sim, todos os meus cadernos que eu estudei. Só meus trabalhos que eu joga fora porque se jogar o caderno fora, joga o que aprendi.
Sávio	09	12	Sim, todos eles, porque se eu precisar um dia eu vou ter aquela pergunta que eu precisava para acabar com uma dúvida.
Ricardo	08	13	Sim alguns de todas as matérias.
Tertuliano	08	13	Sim, os cadernos porque eles fazem parte dos estudos anteriores.
Eros	08	12	Sim. Cadernos. Porque é bom lembrar o passado
Artur	05	13	Não. Porque eu não gosto de guardar tranqueira.
Arnaldo	02	17	Sim, só as provas que teria nota boa para mostrar para os pais e as ruins, joga fora porque eles vão ficar bravos comigo.
Lucas	09	13	Sim, de todas as matérias porque faz bem pegar o caderno e ir lembrando das lições e aprender o que você não conseguia aprender nos anos anteriores.
Jorge L.	08	13	Sim, borracha, lápis, caneta, caderno, outros. Porque a escola fornece a nós.
Rodrigo	08	13	Sim, porque mais tarde eu possa mostrar para o meu filho (a).
André	08	13	Sim, pois um dia poder servir para material de pesquisa.
Anderson	08	13	Sim, porque estudo neles quando esqueço alguma coisa.
Julio	08	13	Sim, cadernos, livros, para se lembrar como era bom estudar.
Paulo	08	12	Sim, porque eles podem ajudar a gente para o próximo ano e se a gente esquecer de alguma coisa a gente poderá lembrar.
Jhony	07	16	Cadernos de todas as matérias porque quando eu precisar lembrar de alguma coisa para estudar ou pesquisar nos cadernos guardados. Eu reprovei na quinta e eu tinha o caderno em ordem do ano passado então eu tinha mais chance de passar de série pesquisando nos cadernos passados.
Leandro	07	15	Alguns deles eu guardo porque eu posso usar para outras coisas como meu irmão pode usar para alguma coisa.

1) Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Jerônimo	06	16	Sim, por exemplo eu guardo meus materiais porque a minha mãe fala que quando o meu irmão estudar, pode...
Alessandro	05	17	Não. Porque sempre meus cadernos não duram ate o final do ano, mas, eu sempre guardo lápis, caneta sempre o que durarem o ano inteiro.
Marcelo	05	14	Sim, porque é bom lembrar as séries passadas.
Jhonatan	04	16	Não. Porque eu não tenho um lugar apropriado para guardar
Adriano	04	15	Sim. O caderno de matéria que tem 20 matérias. Para ter de recordação.
Fabiano	03	14	Sim, são eles. Provas, trabalhos, cadernos. Eu guardo, pois acho que é importante guardar, pois quem sabe algum dia a gente precisa.
Tiago	03	13	Sim, cadernos, trabalhos, etc. para ter lembrança.
Elton	02	16	Sim, cadernos. Para ficar de lembrança.
Robert	02	15	De vez em quando, às vezes eu jogo fora as vezes guardo por ter gostado da matéria.
Lucas P.	01	13	Sim. Eu costumo guardar trabalhos em uma pasta para não perder.
Marcelo A	01	13	Só guardo os que eu não vou usar no próximo dia da aula. Exemplo os livros.
Cecília	08	13	Sim, todos os cadernos usados durante o ano é bom guardá-los, para na série seguinte, se precisarmos podemos rever a matéria já estudada, e poder aplicar todos os meus conhecimentos.
Antônia	08	13	Sim, todos os meus cadernos porque talvez um dia sirva para alguma coisa e deixar de lembrança.
Beatriz	08	13	Costumo, como os cadernos, eu tenho desde do pré.
Filomena	08	13	Sim, alguns um valor sentimental para mim, teve alguns que eu não guardei. Mas costumo sempre guardar para ter várias lembranças.
Léia	08	12	Sim, eu guardo todos os meus materiais. Porque talvez algum dia eu vou precisar dele.
Alice	08	12	Depende do material, cadernos. Para ter lembrança, quando eu olhar naquela "linda letra", que eu tinha.
Marcélia	08	12	Sim, cadernos, provas, mas somente dos anos anteriores.
Helena	08	12	Sim, de preferência de todas matérias. Porque eu gosto e às vezes ficam como lembranças de anos que se passaram.
Elizabeth	07	13	Sim, eu guardo os cadernos, para mais tarde poder retomar algum assunto.
Rosane	03	13	Sim, todos para que quando eu precisar algum dia eu possa ter.
Aline	02	13	Sim, cadernos, provas, trabalho e outros, porque acho que algum dia se eu precisar vai estar tudo guardado ali.
Rosana	12	16	Às vezes quando a matéria anterior me interessou muito.
Jocasta	11	15	Sim, de Português, Matemática, etc. Porque sempre deixo tudo na mochila para não sujar, ou na gaveta e trago o que mais preciso.

1) Você costuma guardar material escolar de seus estudos? Quais? Por quê?

conclusão

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Patrícia	10	15	Sim. Todos os cadernos porque se algum dia você tiver alguma dúvida você já olha nos cadernos. E também para lembrança [...]
Vanilda	09	15	Sim, caderno de matéria (todas as matérias) porque se um dia eu precisar usar para estudar aquilo de novo e para mostrar para os outros.
Terezinha	09	15	Sim, às vezes guardo cadernos principalmente de Matemática e Inglês, porque eu acho importante a matéria porque sempre depois precisa para lembrar algumas coisas.
Regiane	08	14	Sim, cadernos, provas, para pesquisar quando eu estiver na outra série, quando as professoras mandarem fazer pesquisa.
Célia	08	13	Sim. Meus cadernos. Porque lá para frente poderei usá-los para pesquisar, relembrar, rever, enfim, creio que posso usufruir do que um dia eu escrevi.
Eliete	08	12	Sim. Provas cadernos e trabalhos para que no ano seguinte eu possa relembrar o que eu estudei.
Sabrina	08	12	Sim, eu costumo. Guardo cadernos, trabalhos e avaliações, porque acho que vou usar, posso usar em alguma dúvida, relacionada ao conteúdo, e quando minha irmã for estudar na 7.ª série ela terá meu caderno para usar, para melhorar o estudo.
Tatiana	07	13	Sim. Cadernos. Porque quando eu crescer eu vou ver o que eu estava estudando antes.
Paola	06	12	Sim, porque posso precisar no outro ano.
Dayane	05	14	Às vezes guardo. Depende o conteúdo. Porque o conteúdo pode ser interessante e é bom lembrar às vezes quando esquece é só olhar e ler novamente.
Lucimara	04	15	Eu costumo guardar todos os materiais. Porque a gente sempre vai precisar deles para qualquer coisa, de História, principalmente, para a gente saber algumas coisas que a gente não lembra.
Jeniffer	03	14	Sim, os materiais que no outro ano eu possa estudar porque dá pra usar de novo no outro ano, como caneta, lápis, borracha, entre outros.
Carolina	03	13	Não porque meu pai fala que não serve para nada e só ocupa espaço então ele queima tudo.

2. Experiência com ou perda de caderno

2) Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Narciso	12	17	Estava chovendo na escola tinha uma poça de água, o meu caderno caiu e ficou lá mesmo.
Carlo	10	16	Não, nem uma e nem pretendo perder.
José	10	14	Eu só esqueci o caderno quando estava na 3.ª série era o caderno de desenho, mas no outro dia a professora me devolveu.
Sávio	09	12	Não. Nem uma.
Ricardo	08	13	Sim, uma vez, mas, era caderno da 4.ª série eu já estava na 5.ª série por isso não fiquei tão preocupada.
Tertuliano	08	13	Sim, eu perguntei a todos os meu colegas se eles não tinham visto.
Eros	08	12	Não. Eu sempre cuidei.
Artur	05	13	Não.
Arnaldo	02	17	Sim, foi na sala que eu estava e não achei não foi bom porque tinha alguns documentos eu tive que fazer outros.
Lucas	09	13	Sim. Nenhuma. Porque eu nem me dei conta que esqueci o caderno, mas eu comprei outro, pedi para a professora se ela não tinha os textos que eu tinha no caderno.
Jorge L.	08	13	Nunca não tomei nenhuma providência, não perdi nem um caderno devido ser um aluno bom.
Rodrigo	08	13	Eu já perdi e fui na diretoria da escola e falei que eu tinha perdido.
André	08	13	Não. Nunca perdi um caderno.
Anderson	08	13	Sim. Tomei uma providência de procurá-lo.
Julio	08	13	Sim. Comprei outro. Quando eu vim de São Mateus do Sul. Eu deixei cair do caminhão da mudança.
Paulo	08	12	Sim, mas, minha providência tomada foi conversar com a professora e no outro dia encontrei. Estava no armário.
Jhony	07	16	Sim, deixei de baixa da carteira e no outro dia fui procurar e nunca mais encontrei comuniquei com a diretora. sobre o sumiço do meu caderno e perguntei se ela não tinha guardado ou visto ele, ela falou que não tomei a providencia de comprar um caderno novo e começar tudo do zero.
Leandro	07	15	Já. Procurei, chamei a diretora e ela tentou achar, mas, não encontrou e tive que começar outro.
Jerônimo	06	16	Sim, já perdi vários cadernos.
Alessandro	05	17	Não, nunca perdi caderno nem um. Sempre cuidei do meu caderno para não perder.
Marcelo	05	14	Eu nunca perdi o caderno.
Jhonatan	04	16	Não. Eu nunca perdi porque onde eu vou na escola eu levo a minha mala. Porque na carteira eu nunca deixei porque antes de ir para outra sala eu olho se eu não esqueci nada.
Adriano	04	15	Não porque é um caderno de matéria e tem que cuidar bem porque si não perde todas as matérias que eu estudei, e para não ter que copiar tudo de novo, eu cuidava bem.
Fabiano	03	14	Não. Isso nunca me aconteceu.

2) Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Tiago	03	13	Não.
Elton	02	16	Não.
Robert	02	15	Nunca. Só esqueci em casa.
Lucas P.	01	13	Não. Eu verifico meus materiais na vinda e na ida para a casa.
Marcelo A	01	13	Nunca, que eu me lembre. Mas a única coisa que me aconteceu foi de eu esquecer o caderno em casa.
Cecília	08	13	Felizmente não, sempre procuro cuidar e zelar de tudo o que me pertence.
Antônia	08	13	Não, nunca perdi mas se eu perdesse eu procuraria em todas as salas, perguntaria às serventes, professoras ou amigas.
Beatriz	08	13	Não. Não perdi nem um, mas se eu perdesse, eu ia comprar outro e passar toda a matéria.
Filomena	08	13	Nunca perdi e nunca esqueci um caderno na escola.
Léia	08	12	Sim, comprei outro e emprestei o caderno da minha amiga para colar a matéria em dia.
Alice	08	12	Sim, tentei procurar mas não encontrei. Eu perdi quando coloquei o caderno em uma caixa dentro do meu guarda-roupas. Pensei que estava dentro da caixa, mas não estava.
Marcélia	08	12	Nunca perdi um caderno desde pré, sempre fui muito organizada e cuidadosa. Mas não cheguei a perder nada.
Helena	08	12	Já. Tornei a falar com os professores. Foi uma experiência chocante, porque perder um caderno é perder a explicação da matéria e muitas outras coisas.
Elizabeth	07	13	Não, nunca perdi nenhum caderno durante o ano letivo. Mas se tivesse perdido, iria procurar até encontrar.
Rosane	03	13	Sim. Procurei até achar. Um dia eu coloquei o caderno na gaveta do meu quarto quando fui pegar ele sumiu. Revirei a casa inteira e achei o caderno no porta copos da cozinha.
Aline	02	13	Ate hoje não perdi nenhum caderno.
Rosana	12	16	Sim. Procurei muito. É muito preocupante.
Jocasta	11	15	Não, porque eu costumo deixar tudo na mochila ou na gaveta.
Patrícia	10	15	Bom que eu sei, eu nunca perdi o meu caderno.
Vanilda	09	15	Não.
Terezinha	09	15	Sim, um caderno de português procurei e perguntei na escola mas não achei, e aí eu comprei outro.
Regiane	08	14	Já perdi, fui atrás pra tentar recuperar o caderno e consegui.
Célia	08	13	Sim. Eu procurei por todos os cantos da casa, por todos os meus armários e chorei, pois fiquei triste que tinha perdido algo que eu adorava, mas são águas passadas. Foi legal, porque eu não sabia o que fazer, meus irmãos riam de mim, diziam que eu era "relaxada", mas qualquer um está sujeito, sem querer, perder algo.
Eliete	08	12	Sim, só fui perceber que tinha perdido o caderno quando eu já estava em casa e no outro dia quando eu cheguei em casa a minha amiga me devolveu o caderno que eu tinha esquecido na carteira.

2) Já perdeu algum caderno? Que providências tomou? Relate sua experiência.

conclusão

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Sabrina	08	12	Sim, procurei por todos os lugares. Foi horrível, pois, achei que não iria achar, mas achei.
Tatiana	07	13	Não.
Paola	06	12	Não nunca perdi nenhum caderno escolar.
Dayane	05	14	Já. Nem uma pois a pessoa que havia pegado tinha ido embora, e eu não sabia para onde, se não havia procurado.
Lucimara	04	15	Eu nunca perdi meus cadernos e não tive nem uma experiência e nem providência porque nunca perdi nada.
Jeniffer	03	14	Já a providencia que eu tomei foi copiar a matéria de novo eu pequei de outro aluno.
Carolina	03	13	Não. Nunca perdi, só rasguei sem querer um caderno pequeno quando estava na mala.

3. Episódio relativo a caderno

3) *Relate algum episódio relativo a cadernos que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.*

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	RESPOSTA INTEGRAL
Narciso	12	Jogaram meu caderno em cima do telhado da escola, daí eu falei pros pia subi e pega.
Carlo	10	Só aconteceu quando eu estava na 4.ª série quando os alunos arrancaram a folha de caderno escrito que era mais importante.
José	10	Só aconteceu quando eu estava na 4.ª série, arrancaram a folha de caderno e eu escrevi.
Sávio	09	Só aconteceu quando eu estava na quarta série arrancaram folhas do meu caderno escrita.
Ricardo	08	Com um colega uma amiga que não tinha trazido o caderno porque tinham mudado de horário.
Tertuliano	08	Não
Eros	08	Alguns alunos já esqueceram ou perderam o caderno na escola, ex: embaixo da carteira, no pátio, etc.
Artur	05	Não aconteceu nada.
Arnaldo	02	O acontecimento foi que eles escreveram besteiras nele de uma menina.
Lucas	09	Eu estava levando uma garrafa de suco para a escola quando o suco vazou na mochila molhando todos os meus cadernos.
Jorge L.	08	Um dia estava chovendo muito que até fez algumas poças da água na escola. Eu e meu amigo estávamos andando, quando um garotinho passou e derrubou o caderno na água. Não deu para recuperar, pois manchou inteiro.
Rodrigo	08	Meu amigo no final do ano de 2007. Jogaram o caderno dele na água e ainda ele tava com notas ruins e então ele foi falar com a Claudia e o menino que tinha jogado o caderno levou uma advertência.
André	08	Não sei de nem uma história de ter perdido o caderno.
Anderson	08	Aconteceu que quando eu rasguei a capa e as três folhas primeiras.
Julio	08	Na ---- que eu vim eu perdi o caderno na rua e um caminhão passou por cima.
Paulo	08	Aconteceu sim, porque quando eu fui tirar ele da mochila e eu peguei em só uma capa e caiu a capa, mas, eu achei novamente.
Jhony	07	O ponto da minha casa é longe então eu estava na escola estudando e começou um temporal e eu fui embora e ainda continuava chovendo desci do ônibus e fui correndo embora não deu tempo de chegar rápido abri a minha mala meus cadernos todos molhados perdi meu dois cadernos porque molhou tudo e borrou as letras tive que refazê-lo tudo de novo.
Leandro	07	Um amigo meu tinha um irmão deficiente que era meio doidinho e ele queria rasgar o caderno dele e ele escondeu na panela do fogão --- e queimou o caderno, e eu arranquei os arames do caderno do Adriano, pois isto era uma brincadeira e o caderno ficou caindo as folhas.
Jerônimo	06	Sim, uma vez emprestei um caderno do meu colega para copiar uma tarefa e deixei no sofá o caderno. De repente o meu irmão de apenas um ano e dois meses pegou e rasgou. O meu colega, quando eu falei, fez eu copiar tudo.
Alessandro	05	Não sei de nem um.
Marcelo	05	Não, não aconteceu nada.
Jhonatan	04	Roubaram o caderno do meu amigo que se chamava Julio. Ele deixava sua mochila na beira da porta da sala e quando estava na aula de ciências, foi pegar o seu caderno e o caderno não estava mais na mochila. O professor lhe deu um castigo que era copiar duas folhas do livro de ciências. Mas ele achou o caderno porque ele viu na mala de um colega de sua sala, que o devolveu.

3) *Relate algum episódio relativo a cadernos que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.*

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	RESPOSTA INTEGRAL
Adriano	04	No ano passado eu não perdi mas meus amigos arrancaram os arames de meu caderno e as folhas ficaram todas soltas. Mas quem arrancou hoje ta na 8. ^a série com o Adilson, Julio, Emerson e o único que ficou foi o Leandro.
Fabiano	03	Não me recordo de nenhum episódio acontecido com nenhum amigo meu.
Tiago	03	Um dia quando um amigo meu estava indo para a casa foi pular sobre uma valeta e seu caderno caiu no rio.
Elton	02	Quando eu estava indo embora eu fui pular uma valeta e o caderno caiu no rio.
Robert	02	Não com meu caderno, mas, uma vez estava vindo embora e deixei minha mochila no ônibus escolar.
Lucas P.	01	Eu já emprestei um caderno a um colega para ele por seu caderno em ordem e demorou muito para entregar. Por isso quase nem empresto o caderno para levar para casa.
Marcelo A.	01	Foi no primeiro dia que eu tive aula de História, aqui na Escola.f, já na primeira aula eu estarei sendo um moleque que esquece das coisas. Eu esqueci do caderno. A professora me deu uma bronca.
Cecília	08	Certa vez com um aluno, for rasgado, não sei porque qual motivo, mas não pode ser recuperado.
Antônia	08	Um dia estava fazendo lição fora de casa e acabei esquecendo meu caderno. Cheguei na escola e lembrei que o caderno estava lá em casa. Quando cheguei em casa vi o meu caderno em cima da minha cama, molhado. Minha mãe tinha juntado onde deixei.
Beatriz	08	Bom. Eu acho que não.
Filomena	08	Comigo aconteceu várias coisas com os meus cadernos, teve uma vez que a minha mãe queimou o meu caderno, quando eu fui perguntar onde ele estava ele já tinha virado em cinzas. Já perdi a capa de alguns mas eu coleí outras mas ficou feio.
Léia	08	Eu estava na sala de História, bateu o sinal e eu não percebi que havia deixado ele debaixo da carteira. No outro dia meu primo André veio me perguntando se era meu, eu olhei bem e eu vi que era meu e nem tinha percebido que eu havia perdido o caderno.
Alice	08	Comigo, que eu me lembre, não aconteceu nada, mas com uma amiga minha, quando um menino rasgou o caderno dela e pisou em cima. Os dois foram levados para a diretoria e depois eu não sei o que aconteceu.
Marcélia	08	Em um dia do ano passado que eu não me lembro o dia, foi que eu estava copiando a matéria que a professora estava passando no quadro a folha de um dos lados da folha tinha acabado então virei a página para escrever o resto da matéria em outra folha, mas, de repente no que eu virei a folha, rasgou e este foi o único fato que me lembro.
Helena	08	Em um certo dia minha amiga emprestou o caderno para um menino, e ao emprestar o menino começou a brincar com o caderno de minha amiga, e acidentalmente derrubou o caderno em uma poça de água.
Elizabeth	07	Muitos dos meus colegas já perderam algum dos seus cadernos. Disseram-me que procuraram e procuraram, mas não encontraram. Uma semana depois descobriram que tinham emprestado o caderno a um amigo e este não devolveu no prazo marcado.
Rosane	03	Sim, um dia eu emprestei o caderno para minha amiga e então eu achei que perdi mais daqui 3 dias ela me devolveu e eu fiquei aliviado.
Aline	02	Uma vez estava chovendo um colega meu estava voltando pra casa quando sua mochila abriu que caderno caiu em uma poça de água, quando molhou o seu caderno apagou tudo aquilo que estava escrito, ele passou tudo a limpo de novo.
Rosana	12	O dia em que eu perdi o caderno de Matemática e a professora no outro dia iria visar. A minha sorte foi que eu achei.

3) *Relate algum episódio relativo a cadernos que tenha acontecido com você, com algum colega ou amigo.*

conclusão

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	RESPOSTA INTEGRAL
Jocasta	11	Na sexta série eu emprestei o meu caderno para uma menina levar, para ela copiar o conteúdo das matérias, no dia seguinte ela não trouxe, foi quando ela me falou que tinha perdido, e que não sabia onde ela tinha colocado, depois saiu da escola e eu nunca mais a vi.
Patrícia	10	Bom. O meu caderno já foi rasgado quando eu estava na 6. ^a série. O meu pequeno irmãozinho brigou comigo e ficou com raiva de mim. Pegou o meu caderno e jogou no chão e começou a pular em cima do caderno e depois que ele parou de pisar no caderno que já estava rasgado e eu tive um trabalho para passar a limpo e depois disso ele nunca mais rasgou o meu caderno [...].
Vanilda	09	Se eu me lembro não, quem sabe pode ter acontecido e eu me esqueci.
Terezinha		Eu lembro de ter caído a capa do caderno ou, senão as folhas rasgadas.
Regiane	08	Já aconteceu quando eu estava na 5. ^a série no final do ano eu emprestei o meu caderno para minha amiga copiar o exercício ela ficou de recuperação e eu não. No outro ano ela não devolveu.
Célia	08	Com minha amiga Francieli. Ela derramou café sobre seu caderno de inglês e, no outro dia tinha uma avaliação breve sobre aquele assunto. Coitada ! Não estudou nada.
Eliete	08	Não me lembro. Mas tenho uma que em um dia uma colega perdeu o caderno e eu o achei.
Sabrina	08	A minha amiga deixou a mochila e o cachorro pegou quase destruiu tudo, mas ela pegou antes disso, mas não adiantou muito, o caderno ficou sujo e pegado de dente.
Tatiana	07	A minha prima um dia estava lá em casa copiando a matéria daquele dia porque ela tinha faltado na aula e ela deixou os cadernos dele lá fora no chão e os cachorros pegaram os cadernos dela rasgaram e sujaram.
Paola	06	Nunca aconteceu nada pelo que eu lembro.
Dayane	05	Eu quando estudava em Contenda, a professora da 3. ^a série, pegou o meu caderno, tomou a caneta da minha mão e riscou toda a folha do meu caderno, e foi por isso que eu nunca mais voltei para aquela escola e vim estudar aqui. Até hoje eu tenho esse caderno a professora era a Adriane.
Lucimara	04	Aconteceu com meu amigo que o caderno dele caiu na água e borrou toda a matéria.
Jeniffer	03	A não vir a escola e ter que copiar a parte da matéria que eu perdi.
Carolina	03	Já esqueci trabalhos em caderno de outra matéria e esqueci a lição de casa do caderno. E a Paola quando era minha amiga, mentia que esquecia a lição em outro caderno de outra matéria.

4. Função e importância do caderno

4) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Narciso	12	17	Boa para lembrar as matérias que você tinha ou tem dificuldade.
Carlo	10	16	A importância é que nós podemos aprender mais e mostrar para os pais o que nos aprendemos na escola.
José	10	14	E que marco tudo o que você estudou desde o pré até agora.
Sávio	09	12	A importância é que a gente vai aprendendo nele o ano todo, aprendendo muitas coisas legais.
Ricardo	08	13	Para guardar informações que conhecemos na escola.
Tertuliano	08	13	Ele serve para relatar os episódios da nossa aula na nossa sala.
Eros	08	12	E essencial na aprendizagem do aluno pois as vezes em algumas atividades, vamos procurar no caderno, no texto.
Artur	05	13	O caderno só serve pra escrever tem a função de ensinar.
Arnaldo	02	17	A importância é que ajuda a gente nas provas.
Lucas A.	09	13	Para quando eu fazer a faculdade eu veja estes caderno e me lembre das lições fáceis que eu não fazia.
Jorge L.	08	13	Tem a função de trazer mais organização para nós. É importante porque a gente relata tudo das aulas que nós temos.
Rodrigo	08	13	A função é de nós guardar informações da matéria que a professora passou.
André	08	13	Se não fosse o caderno nós não teria onde escrever.
Anderson	08	13	A minha opinião é que o caderno é bem importante porque eu estudo nele para as provas.
Julio	08	13	Boa para aprender escrever sem caderno ninguém sabia escrever.
Paulo	08	12	Na vida o caderno é muito importante porque a gente poder anotar o que a gente pode aprender com a professora e muitas outras coisas.
Jhony	07	16	Tem a função da gente relatar tudo o que aprende na escola e um objeto que quando a gente deixa ele em ordem a gente aprende coisas com ele quando vamos fazer uma prova e só consultar ele antes e entender o que vai ter na prova aí fica mais fácil da gente fazer a prova estudando.
Leandro	07	15	A função do caderno e que a gente anota coisas importantes nestes cadernos que a professora manda que é importante.
Jerônimo	06	16	Eu acho o seguinte, nós copiamos tudo a lição. A importância é guardar para os outros verem ou eu quando estiver velho e me lembrar do estudo, ou seja, da escola.
Alessandro	05	17	A importância é que o caderno não é só para você escrever nele é para cuidar muito bem dele e o que você sempre escreve nele sempre vai ficar gravado ali para você lembrar sua infância como era na escola.

4) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Marcelo	05	14	Ele serve para guardar seus estudos, e estudar o que você já estudou um dia.
Jhonatan	04	16	O caderno é importante para nós anotarmos o que nos aprendemos sobre cada matéria.
Adriano	04	15	Eu acho importante porque só caderno dá o que a gente aprendeu no decorrer do ano.
Fabiano	03	14	Na minha opinião a função do caderno é guardar as informações passadas pela professora. Para mim a importância do caderno é grande, pois, sem ele como poderíamos estudar para as provas os trabalhos e outras atividades?
Tiago	03	13	Anotar as coisas para o aluno poder estudar em casa.
Elton	02	16	Anotar as perguntas e textos para estudar depois para a prova.
Robert	02	15	80% da nossa cultura está no caderno escolar.
Lucas P.	01	13	E importante o caderno escolar para quando você tiver uma dúvida sobre os estudos.
Marcelo A.	01	13	A função é ser o portador das informações do dia a dia, contido nas aulas. A importância é que nele está registrado seu ano escolar, o seu aprendizado e tudo que você pode aprender e que ficara marcado para sempre, o caderno como se fosse o registro de uma vida inteira de estudos que no final é sempre bem recompensado.
Cecília	08	13	Pois é um modo de revermos o que já foi visto assim podemos aprender mais além do que já sabemos. E é importante pois é um documento nosso, vamos dizer, só nós escrevemos nele, então, ele mostra o que somos realmente.
Antônia	08	13	Sem o caderno não podemos escrever, estudar para a prova e ler.
Beatriz	08	13	Eu acho que, quando você guarda eles daqui um tempo você olha e se lembra de tudo o que estudou. E na escola é importante porque você aprendeu coisa nova.
Filomena	08	13	A nossa função sobre eles é colocar é escrever tudo o que aprendemos nele cada um o seu ele tem uma importância muito grande, ninguém deixa de usar, bom isso é um pouco das minhas opiniões sobre um caderno.
Léia	08	12	E é importante pois nós podemos rever a matéria que vimos nesse dia e podemos estudar para a prova.
Alice	08	12	A função do caderno é guardar histórias de um ano de aula que passou e a gente aprendeu. E a importância é você olhar no caderno e relembrar o que os professores ensinaram.
Marcélia	08	12	A função dele é deixar todas suas dúvidas em geral, de marcar toda a matéria que você prestou atenção etc. e a sua importância é deixar marcado para no dia da prova ter aonde estudar.
Helena	08	12	É uma importância muito grande quando cuidado e guardado, com tudo em ordem é uma lembrança dos estudos (sobre o que estudou, como foi).

4) Na sua opinião, qual a função e a importância do caderno escolar?

conclusão

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Elizabeth	07	13	A função do caderno é registrar tudo o que é ensinado. Ele é muito importante pois se esquecermos de algum assunto, podemos recorrer a ele para lembrarmos.
Rosane	03	13	Sem o caderno a gente não conseguiria aprender nada.
Aline	02	13	Eu acho que o caderno escolar é bastante importante, ali eu escrevo varias coisas interessantes que eu conheço e coisa novas também.
Rosana	12	16	Você pode aprender mais coisas e ter mais conhecimento do que só com o livro e a professora.
Jocasta	11	15	Na minha opinião a importância do caderno escolar é muito importante para escrever e estudar os conteúdos de todas matérias, como Português, Inglês, Geografia, etc.
Patrícia	10	15	Bom a função da importância do caderno do aluno é deixar em ordem, e também a importância do caderno para o ensino do aluno... Para o aluno aprender ser esperto...
Vanilda	09	15	A função do caderno é guardar tudo aquilo que nós aprendemos durante o ano e também voltarmos a estudar aquilo que nós esquecemos e quem sabe pode ser muito importante no futuro.
Terezinha	09	15	A importância do caderno escolar é muito bom porque a pessoa que tem toda a matéria dá para aprender muitas coisas novas.
Regiane	08	14	A importância é que quando nós crescer e guardar o caderno nós podemos precisar dele, a função é ajudar nós se nós esquecer alguma coisa que não nos lembrarmos.
Célia	08	13	É muito bom, pois se não existisse esta invenção, no que iríamos escrever. Eu acho que o caderno tem a função de nos ajudar no que precisamos.
Eliete	08	12	A minha opinião é que a importância do caderno é extremamente importante pois nele ficam anotações importantes sobre a matéria estudada.
Sabrina	08	12	A função é registrar os aprendizados e a importância é de que sempre que temos duvidas podemos olhar.
Tatiana	07	13	É muito bom ter um caderno escolar porque a gente aprende mais.
Paola	06	12	A importância do caderno escolar é que nós vamos aprender a escrever o que aconteceu antes de nós nascer.
Dayane	05	14	O caderno não serve somente para usar na escola durante a aula, serve também para escrever momentos importantes e interessantes na nossa vida.
Lucimara	04	15	A função do caderno para nos escrever, estudar e cada vez mais aprender coisas novas que nos aprende e que escrevemos nele.
Jeniffer	03	14	A importância é que a gente pode copiar para poder estudar e guardar esse caderno para o outro ano o que nós esquecermos nos lembrar pelo caderno.
Carolina	03	13	A importância é poder anotar as coisas importantes para não esquecer de nada. Nos ensinar e orientar sobre coisas que não sabemos fazer, então é só olhar no caderno e se tiver anotado a resposta estará lá.

5. Importância do caderno de História

5) *Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?*

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Narciso	12	17	Sim, pois você estuda História e aprende coisa de antepassados.
Carlo	10	16	E importante por que nós podemos anotar os textos de como surgiram os primeiros homens e a descoberta de ouro é muito importante a matéria de História e é interessante.
José	10	14	Sim porque eu vou saber tudo o que aconteceu no passado.
Sávio	09	12	Sim, porque ele me favorece nisso eu aprendo várias coisas que aconteceram no passado.
Ricardo	08	13	Sim, para entender melhor a História porque temos depois com a pesquisa.
Tertuliano	08	13	Sim porque ela diz o que aconteceu no passado e no tempo de hoje assim podemos saber como era antigamente nos outros séculos.
Eros	08	12	Sim. Para estudar os antepassados, as guerras que revolucionam o país, etc.
Artur	05	13	Não
Arnaldo	02	17	Sim, porque ele ajuda a gente aprender sobre a História do Brasil no passado.
Lucas A.	09	13	Sim, porque e sempre é bom receber o que aconteceu antigamente, saber como surgiu o homem.
Jorge L.	08	13	Sim, porque necessitamos de trazer o caderno com os outros todos os dias, assim só traremos quando haver aula.
Rodrigo	08	13	Sim, porque a gente escreve várias coisas acontecidas no passado e com isso a gente leva mais coisas a vida.
André	08	13	Sim porque se um dia precisa vai ter o caderno como material para pesquisa.
Anderson	08	13	Sim, porque nele eu estudo as Histórias que aconteceu antes ou depois de ter nascido.
Julio	08	13	Sim, aprendo mais sobre acontecimento do Brasil.
Paulo	08	12	Sim, porque a gente aprende muitas coisas que aconteceu no passado antes de a gente ter nascido.
Jhony	07	16	Sim, acho importante a gente relatar coisas do passado histórias antigas que aconteceram sobre quem eram os pessoas de antigamente.
Leandro	07	15	Sim porque a gente pode guardar anotações importantes para nós que usamos na escola e para fazer lições anotações e verem como lembranças.
Jerônimo	06	16	Porque nós sabemos o que acontece, na política, etc.
Alessandro	05	17	Sim, porque ele relata muita coisa importante. Ele vai carregar sua palavras até ele se acabar.
Marcelo	05	14	Sim, porque a gente no caderno olhando se lembra ou fica sabendo e que aconteceu antes.
Jhonatan	04	16	Sim eu acho importante ter um caderno de História para nós anotarmos o que aconteceu antes de nós nascermos e antes que vocês mesmos, professores não tinham nascido.
Adriano	04	15	Sim. Porque a História fala sobre as coisas do passado, como o Brasil como ele foi colonizado e como nos vai crescendo tudo vai ficando muito mais antigo.

5) Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Fabiano	03	14	Sim, pois com o caderno nós nos informamos mais sobre a História dos tempos antigos, entre outras.
Tiago	03	13	Sim. Para aprender as coisas.
Elton	02	16	Sim, porque com a História a gente aprende muitas coisas.
Robert	02	15	Acho, ela também vai ser útil no futuro.
Lucas P.	01	13	Eu acho muito importante saber dos tempos antepassados.
Marcelo A.	01	13	Sim, porque você pode imaginar, histórias, viver o que as pessoas e os tempos antigos como foram, por exemplo imagino como seria você imaginar como foi a revolução Francesa, viver como foi a pré-história, um livro de História, traz pra gente, traz e um mundo cheio de histórias.
Cecília	08	13	Sim, pois além de revermos a matéria, podemos emprestá-lo, para alunos que vão estudar a mesma matéria no ano seguinte.
Antônia	08	13	Sim porque relata coisas do passado e assuntos super interessantes.
Beatriz	08	13	Eu acho que sim. Todos os cadernos e matérias são importantes para quem estuda.
Filomena	08	13	Sim, aprendemos muito em História, tem vezes que eu adoro a matéria quando conta alguma coisa do passado é bem legal eu já aprendi varias coisas em História, eu acho muito importante ter usar um caderno de História escrevemos nele várias coisas do passado é bem interessante.
Léia	08	12	Sim, como a matéria é complicada (para mim) é sempre bom ter um caderno para História.
Alice	08	12	Sim. Porque você pode relembrar de fatos importantes e marcantes.
Marcélia	08	12	Sim, porque o caderno de História é como um diário que nós estudamos o passado, ou a idade média, etc e assim deixamos estes estudos marcados no caderno.
Helena	08	12	Com certeza porque é uma coisa muito interessante, e se não possuísse caderno a matéria ficaria complicada, não teria como estudar para provas e etc.
Elizabeth	07	13	É claro que sim, pois nós registramos tudo sobre Historia no caderno: textos, avaliações, simplesmente TUDO.
Rosane	03	13	Sim. Porque a gente fica sabendo como era antigamente. Pré História, etc.
Aline	02	13	Sim, pra mim é importante porque ali eu escrevo coisas que aconteceu no passado que eu não sabia.
Rosana	12	16	Sim, que alguns conteúdos que não tem no livro pode consultar o caderno.
Jocasta	11	15	Sim, porque se ter um caderno de História separado, fica mais fácil de estudar o conteúdo todo, do caderno.
Patrícia	10	15	Bom eu acho que sim. Porque o caderno de História serve ou seja, o nome já diz "História" serve para contar as histórias de muitos e muitos anos atrás [...] para saber o que acontece nos anos atrás [...].
Vanilda	09	15	Sim, porque entendemos mais sobre as leis de séculos passados, como as pessoas viviam, como comiam etc. nós aprendemos coisas que não sabemos se não estudarmos histórias sobre as coisas passadas.

5) *Você acha importante ter e usar um caderno de História? Por quê?*

conclusão

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Terezinha	09	15	Sim, apesar de que eu não gosto muito da matéria é bom para aprender sobre as escravidões e outros.
Regiane	08	14	Sim porque cada vez aprendemos mais.
Célia	08	13	Sim. Porque por meio das palavras que escrevemos em História, podemos tirar dúvidas, esclarecer hipóteses, etc.
Eliete	08	12	Sim, por que no caderno de História há anotações importantes sobre a História do nosso país e de outros países anos atrás.
Sabrina	08	12	Sim, porque em História estudamos muito acontecimentos e vendo caderno relembramos esses acontecimentos.
Tatiana	07	13	Sim, porque História é uma matéria muito legal pois nós estudamos o passado.
Paola	06	12	Sim
Dayane	05	14	Sim, para que quando estiver com dúvida do que estudou nos anos passados olhar e relembrar.
Lucimara	04	15	A função do caderno é para nós escrever, estudar e cada vez mais aprender. Coisas novas que nós aprendemos e que escrevemos nele.
Jeniffer	03	14	Sim, porque com o caderno nós aprendemos mais e se nos esquecemos de alguma coisa olhamos no caderno.
Carolina	03	13	Sim. Porque assim sabemos a História do que aconteceu há muito tempo atrás, e com o caderno, evitamos esquecer desses importantes fatos.

6. Orientação para o uso do caderno de História

6) Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Narciso	12	17	Bem falou para fazer todas as tarefas, fazer tudo e não deixar tarefas sem fazer.
Carlo	10	16	Ela orientou a cuidar o meu caderno para ser um caderno bonito e no futuro alguém poderia ler ele e ver o que eu aprendi na sexta série.
José	10	14	Primeiro ela orientou para encapar e depois pediu para nós não pular folha e escrever tudo aqui ela marcar no quadro.
Sávio	09	12	Ela orientou a cuidar o meu caderno, para ser um caderno bonito e no futuro alguém poderia ler ele e ver o que eu aprendi na sexta série.
Ricardo	08	13	Ela falou sobre ele e explicou que ela ia ter ele como fonte de pesquisa para ela então eu achei importante dar o caderno para ela..
Tertuliano	08	13	Sim ela disse para que nos usássemos e depois no final do ano devolvêssemos a ela para ela estudar o que nós escrevemos. Que nós deveríamos colar as provas no caderno, escrever com letras boas e ter capricho..
Eros	08	12	Que deveria ter capa, para não sujar, escrever direito para entender, pediu para colar provas no caderno, as vezes assinada.
Artur	05	13	Ela nos orientou, mas, eu já sabia como fazer.
Arnaldo	02	17	Sim cuidar da capa, não riscar, arrancar folha do caderno.
Lucas A.	09	13	Para não jogar fora porque um dia você vai precisar de seu caderno, no futuro para mostrar aos sobrinhos, primos, irmãos, etc.
Jorge L.	08	13	Ela orientou para a gente cuidar do caderno, colar todos trabalhos que são mandado, copiar as lições, fazer lições e cuidar do caderno porque o caderno é a nossa cara.
Rodrigo	08	13	Ela fazia os exercícios e fazia uma prova que ela mandava ser assinado pelos pais e coladas nos cadernos.
André	08	13	Não deixar folha em branco, fazer todas as tarefas não rabiscar caprichar a letra não perder conteúdo quando faltar copiar a matéria, etc.
Anderson	08	13	A minha professora orientou um caderno limpo bem organizado, quando faltar por a matéria em dia para estudar.
Julio	08	13	Bem falou para guardar todos assim se lembra de todas as séries.
Paulo	08	12	A professora orientou que a gente cuidasse do nosso caderno para que não o riscasse não o rasgasse e muito menos se ele estivesse sujo ela iria dar notas para o caderno.
Jhony	07	16	Orientou muito bem, eu aprendi bastante coisas com ela por isso que estou aqui na 7. ^a série.
Leandro	07	15	Ela falou que era para manter o caderno organizado e que a gente fizesse as lições para não deixar o caderno em branco, faltando matérias que importante para fazer provas para ganharmos notas.

6) Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Jerônimo	06	16	A professora da sexta série falava para nós colar alguns trabalhos ou prova e copiava alguns textos para nós copiar o texto.
Alessandro	05	17	Sempre limpo, cuidar muito bem dele, não rasgar e muito menos jogar no chão uma coisa que te ensinou muito.
Marcelo	05	14	Falou para cuidar o caderno, colar as provas refazer as provas, que tira vermelha.
Jhonatan	04	16	Ela queria o caderno organizado, com a matéria em dia.
Adriano	04	15	Eu não cheguei fazer esse caderno porque eu estudei pouco tempo com ela na 7.ª série no ano passado porque na 6.ª série eu estudei com outra professora.
Fabiano	03	14	Ela me orientou a responder todas as questões passadas para ela. Não faltar, principalmente nos dias de avaliação. Não colar nas provas e no caderno não rabiscar não borrar e não rasgar.
Tiago	03	13	De nenhuma maneira.
Elton	02	16	De nenhuma maneira.
Robert	02	15	Não lembro.
Lucas P.	01	13	Ela orientou que não poderia rasgar, não podia riscar ou fazer pichações e trazer sempre em suas aulas. Ela também orientou colar as provas nos cadernos.
Marcelo A.	01	13	Não me lembro de nenhuma delas me orientarem sobre o uso do caderno, mas se orientaram deveria ser sobre capricho, cuidado com caderno e a principal a minha letra.
Cecília	08	13	Orientou-nos para colocar data em que estávamos trabalhando tal matéria, para colocarmos todos os trabalhos provas, pois, são da mesma matéria, as atividades não poderiam estar faltando, pois fazem parte da matéria estudada, como devemos cuidar do caderno, não o rabiscando, rasgando, cuidando realmente do que é nosso.
Antônia	08	13	Ela fez vários textos, perguntas, colagens, trabalhos e avaliações ela explicava as coisas muito bem.
Beatriz	08	13	Ela deu o caderno para a turma, e pediu que escrevesse toda a matéria nesse caderno, e depois no final do ano era para devolver para ela, que ela ia estudar a nossa matéria da sexta serie A.
Filomena	08	13	Letra legível e bonita, não sujar, não riscar não borrar, bom eu acho que foi isso o que ela disse.
Léia	08	12	A professora pedia para colar textos provas e quando ela passa texto no quadro depois pedia para estudar para prova. Ela sempre falava que ter o caderno era importante para ter tudo em dia principalmente.
Alice	08	12	A professora sempre orientou, para que colássemos algumas provas no caderno, que fizéssemos produções de textos valendo nota, que fizesse atividades valendo nota e outras coisas que não lembro mais.
Marcélia	08	12	Bom a professora orientou e orienta muito bem, pois deixa tudo preparada antes de vir para a aula ela é muito organizada sabe deixar, nós felizes e sabe fazer nós deixarmos o nosso caderno em ordem.

6) *Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.*

continua

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Helena	08	12	Orientou para que mantivéssemos o caderno organizado com provas coladas, letra legível, atividades feitas e muito cuidado com o caderno.
Elizabeth	07	13	A professora entregou o caderno no começo do ano. Disse a nós, que deveríamos usá-lo e no final do ano entregar a ela novamente, no decorrer das aulas, a nossa professora de História sempre dizia que precisávamos caprichar no caderno, para poder entregá-lo no capricho no final do ano. Pedia para nós colarmos todos os textos xerocados no caderno, todas as provas não deixar os exercícios sem fazer.
Rosane	03	13	Falou para cuidar bem do caderno e que no final do ano uma professora levaria para fazer pesquisa também pediu para colar as provas no caderno.
Aline	02	13	A minha professora me orientou pedindo para não pular folhas não rabiscar o meu caderno.
Rosana	12	16	Para termos cuidado e quando não tinha o conteúdo no livro, procurava no caderno e pedia para colar provas responder todos os exercícios colocar título, data, etc.
Jocasta	11	15	A professora de História da sexta série me orientou para ter um caderno de História separado, porque no final do bimestre ela ia pegar para dar uma olhada em todo o conteúdo.
Patrícia	10	15	Bom o que eu lembro a professora pedia o caderno em ordem, responder as perguntas, nunca deixar em branco o caderno, colocar a data, colar a prova no caderno, nunca sujar o caderno e sempre manter limpo e em ordem...
Vanilda	09	15	A professora nos orientou a colar todas as provas no caderno manter em dia todas as atividades estudadas e caprichar na letra.
Terezinha	09	15	Eu acho que ela orientou para ter toda a matéria e caderno organizado os assuntos que nós íamos trabalhar.
Regiane	08	14	Que o caderno tinha que ser caprichado, as atividades tinha que ficar todo em ordem e podia ser caderno de matérias.
Célia	08	13	A professora disse-me que o meu caderno deveria ser organizado, com todos os conteúdos, sem rasuras, que o caderno é nossa ferramenta de trabalho.
Eliete	08	12	O caderno tinha que estudar em ordem com todas as matérias em ordem e deveriam estar completos, atividades respondidas e completas.
Sabrina	08	12	Cuidar do caderno, com capricho e letra bonita, fazendo todas as lições e atividades, sempre que tivesse dúvida olhasse nele usasse de maneira que entendesse.
Tatiana	07	13	Que era pra cuidar o caderno, não rasgar e no final do ano guardar o caderno.

6) *Descreva como a professora da sexta série orientou você sobre o uso do caderno de História.*

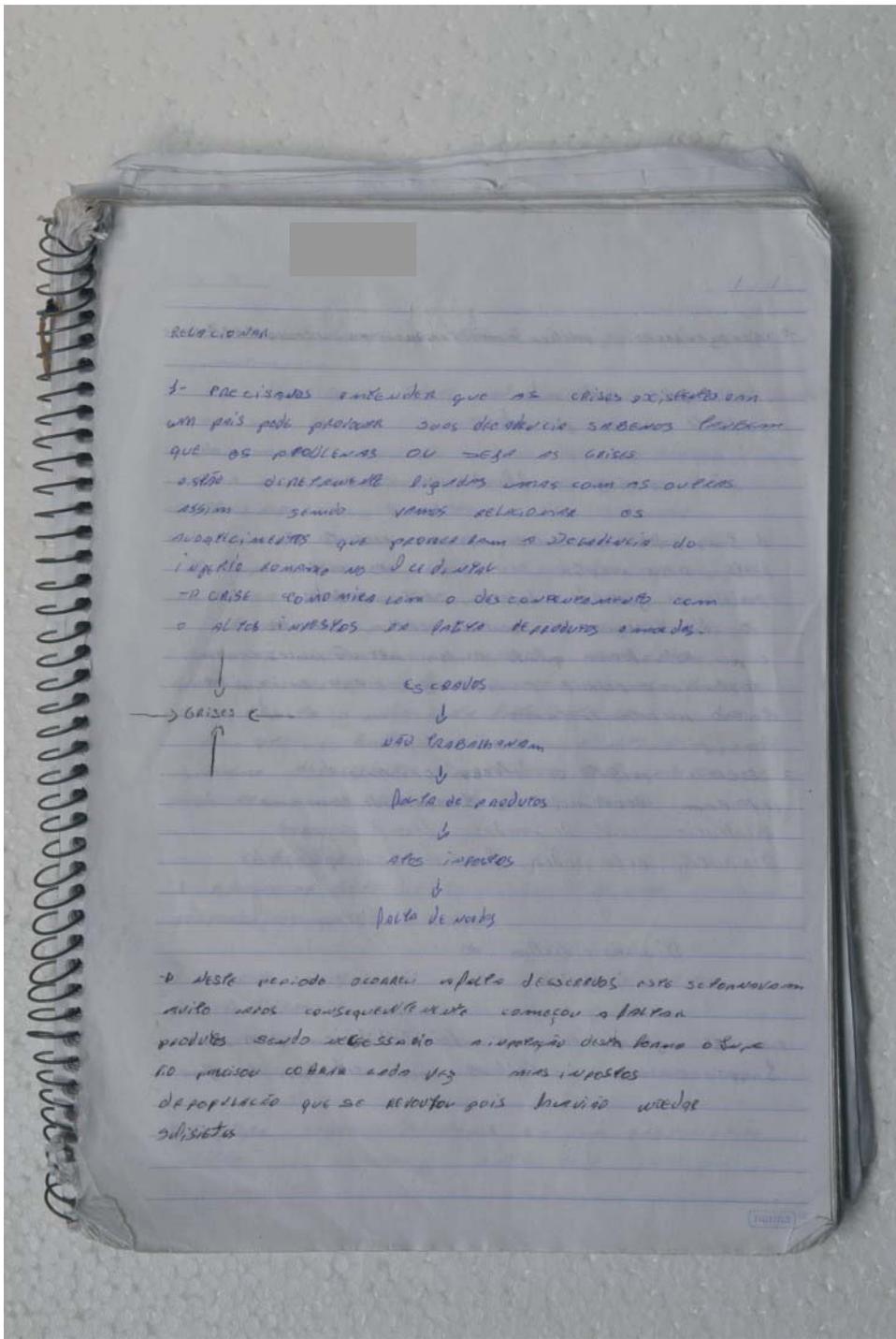
conclusão

SUJEITOS	TEMPO DE ESCOLA	IDADE	RESPOSTA INTEGRAL
Paola	06	12	Colar todas as provas no caderno.
Dayane	05	14	Sempre em ordem, sem deixar incompleto e não ter orelha de burro.
Lucimara	04	15	Ela orientou que nós separasse a matéria de História para que nos não misturasse as aulas de História com outras matérias e para que nos estudasse só História neste caderno.
Jeniffer	03	14	A professora disse que o caderno tem que ser bem organizado não faltar o que copiaram quando eu faltei não deixar grosso de lixo sujeira nem rasgar a capa do caderno.
Carolina	03	13	Orientou avisando o que era para colar onde copiamos o texto, até onde tem que copiar, como faz quando erramos em alguma coisa que não sabemos resolver no caderno, que cor de caneta usar e quando trocá-la em algum texto, o que temos que copiar quando esquecemos a lição de casa o que é muito importante, quando usar lápis, como copiar tabelas e questões.

APÊNDICE 5

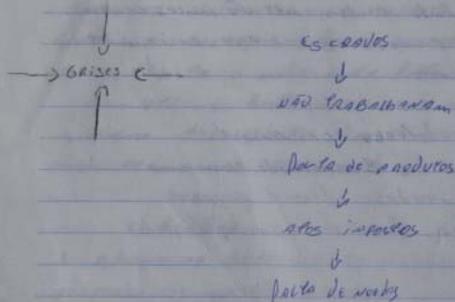
"CAPAS" DE CADERNOS (7 ALUNOS E 11 ALUNAS)

Aluno (Narciso, 17 anos)



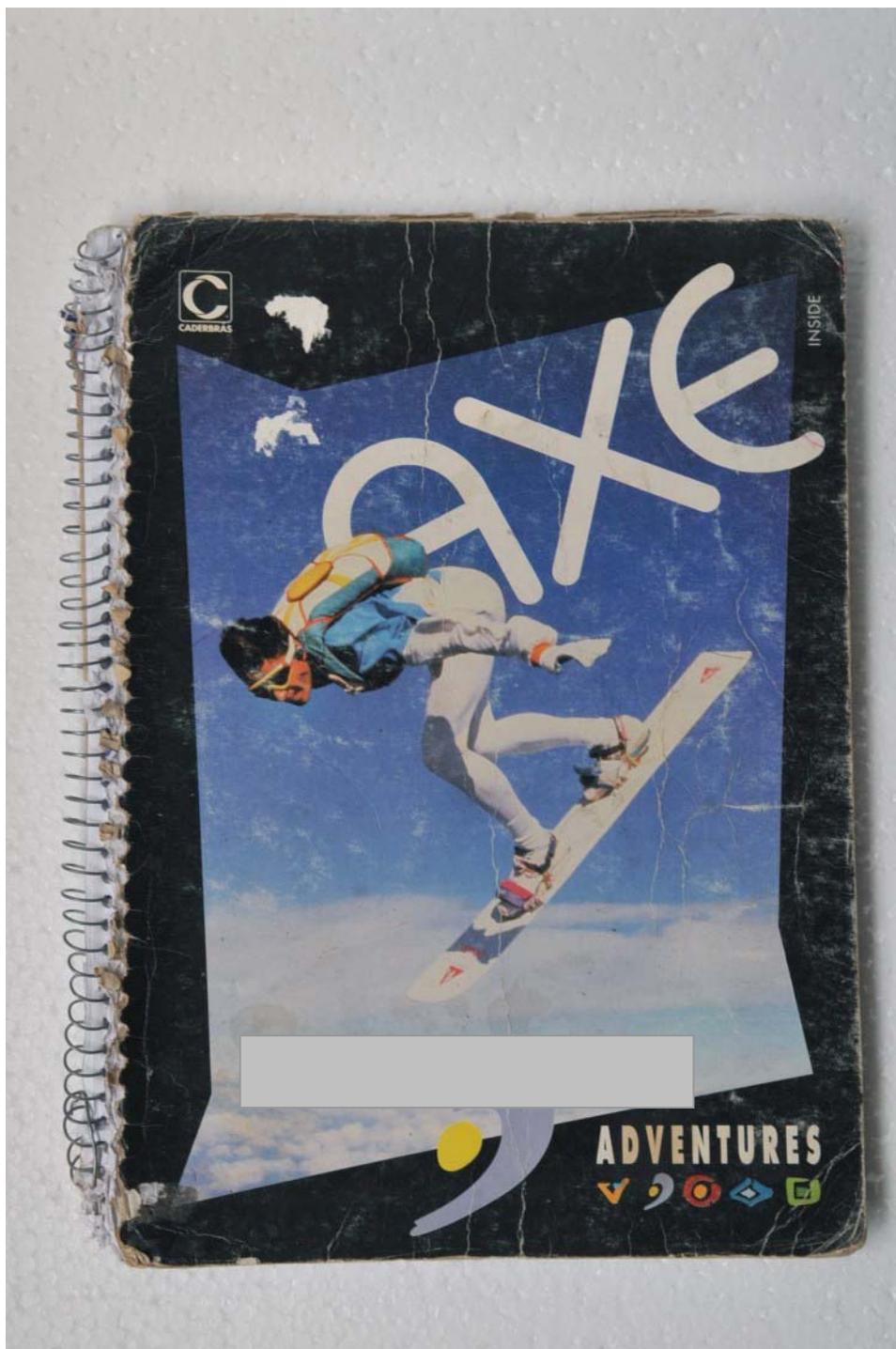
Relacionar

→ Precisamos entender que as crises ocorrem em um país pode provocar suas consequências portanto que os problemas ou seja as crises estão diretamente ligados umas com as outras assim sendo vemos relacionar os acontecimentos que provocam a deterioração do nível de renda no país
→ a crise como mira para o desenvolvimento com o alto nível de renda da falta de produtos e mais

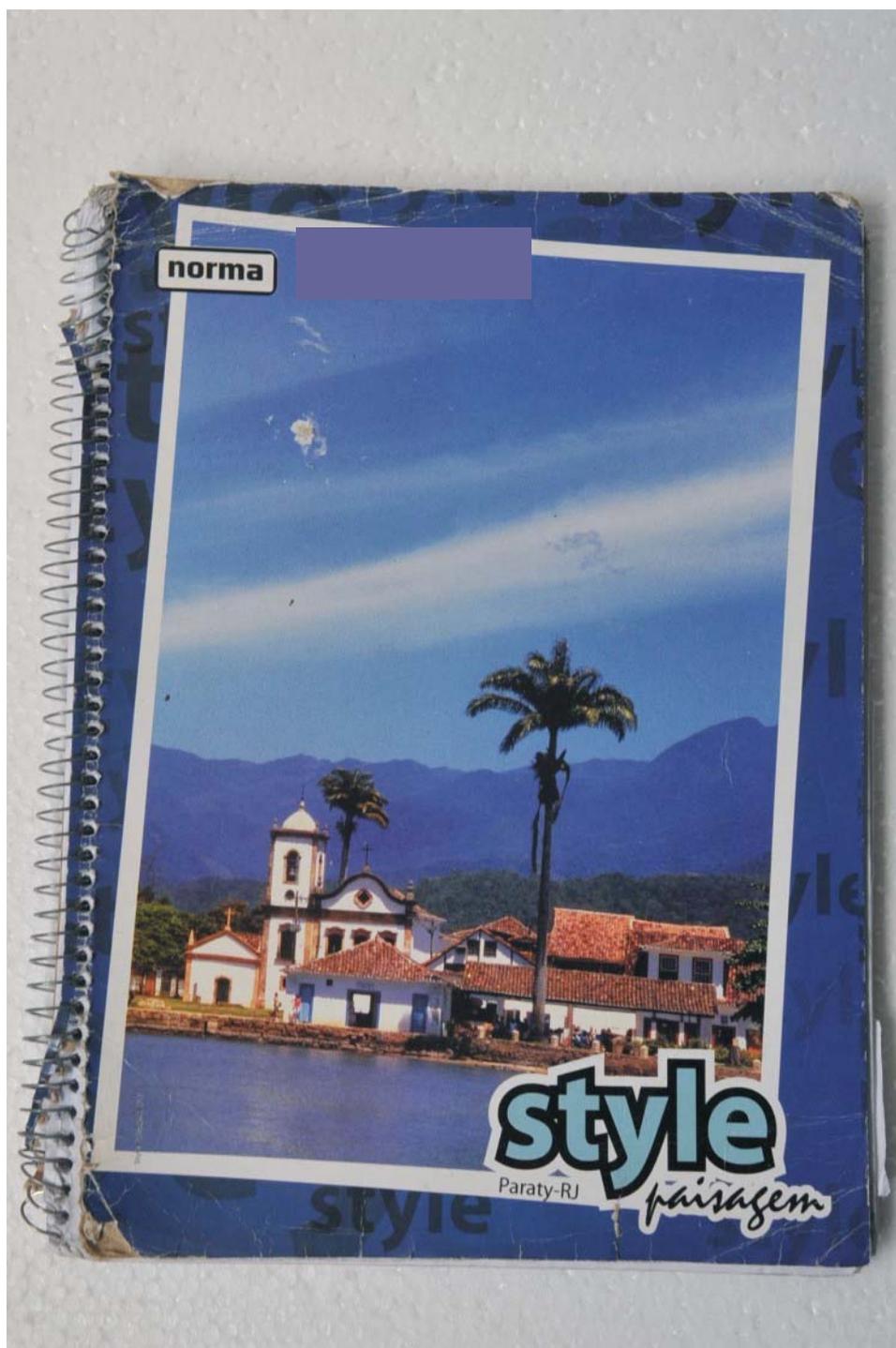


→ neste período ocorreu inflação decorrente, isto se tornava muito mais consequentemente começou a falta de produtos sendo necessário a aplicação desta forma o governo impôs cobrança cada vez mais impostos de população que se revoltou pois havia muitos subsídios

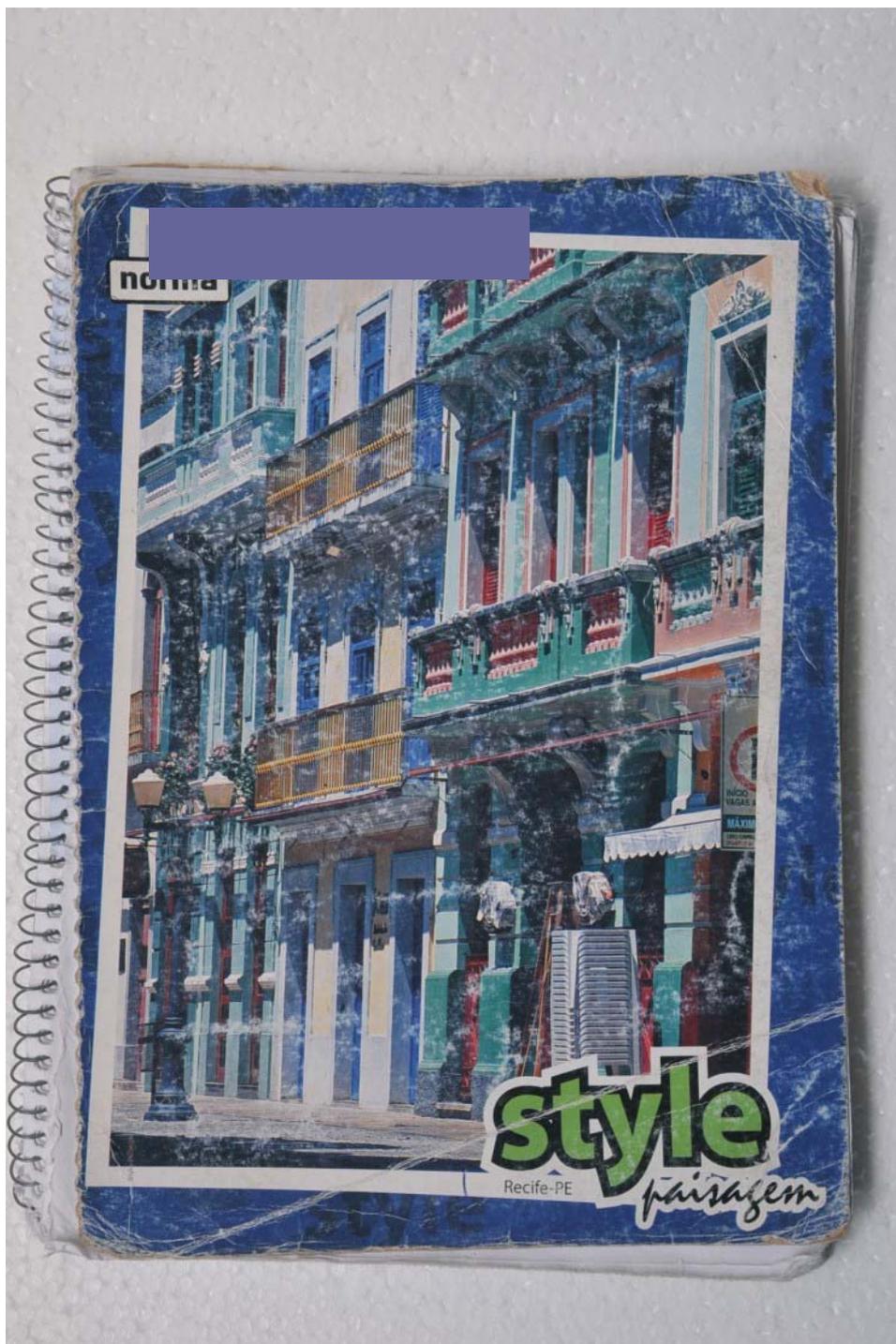
Aluno (Carlo, 16 anos)



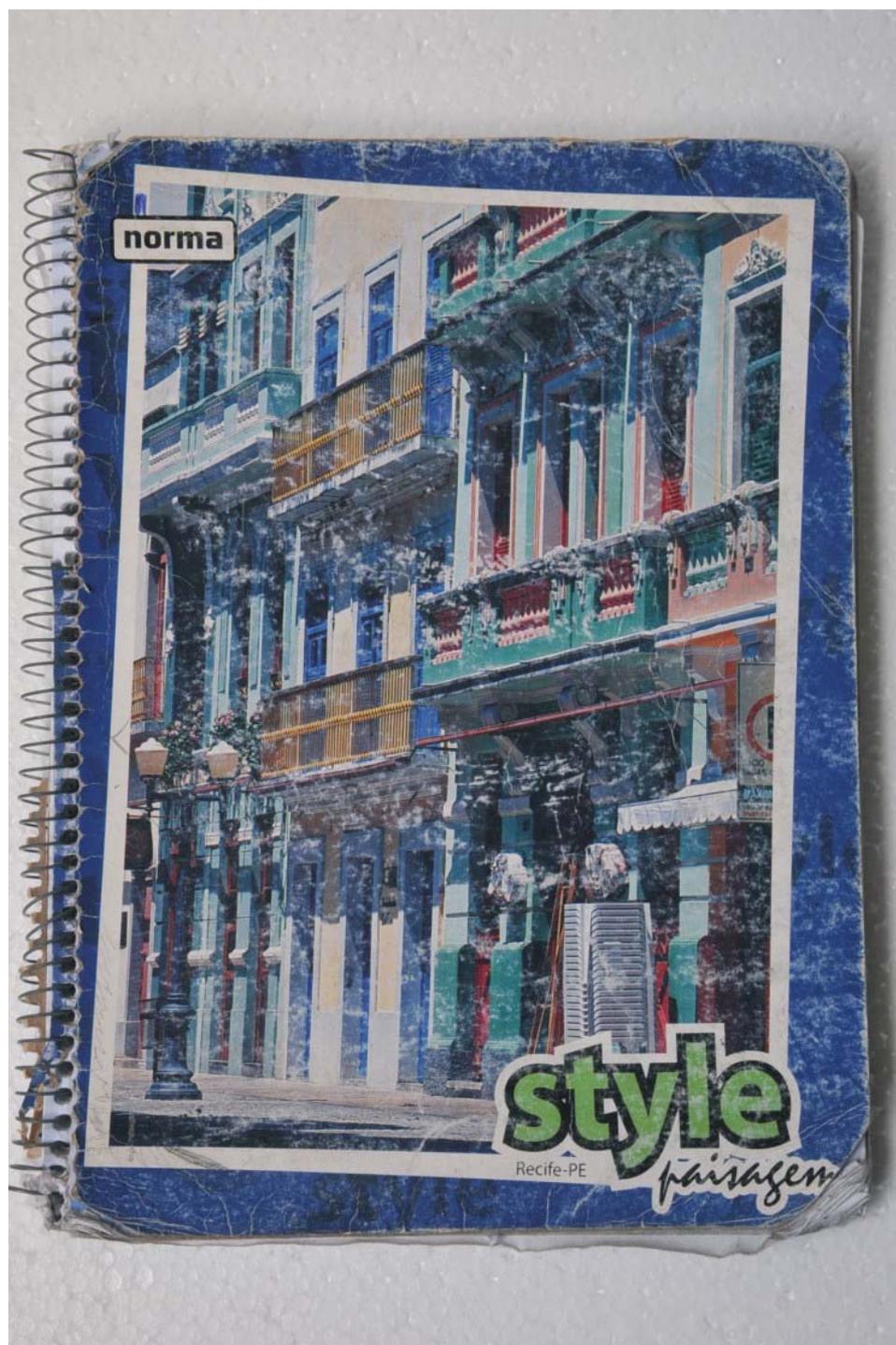
Aluno (José, 14 anos)



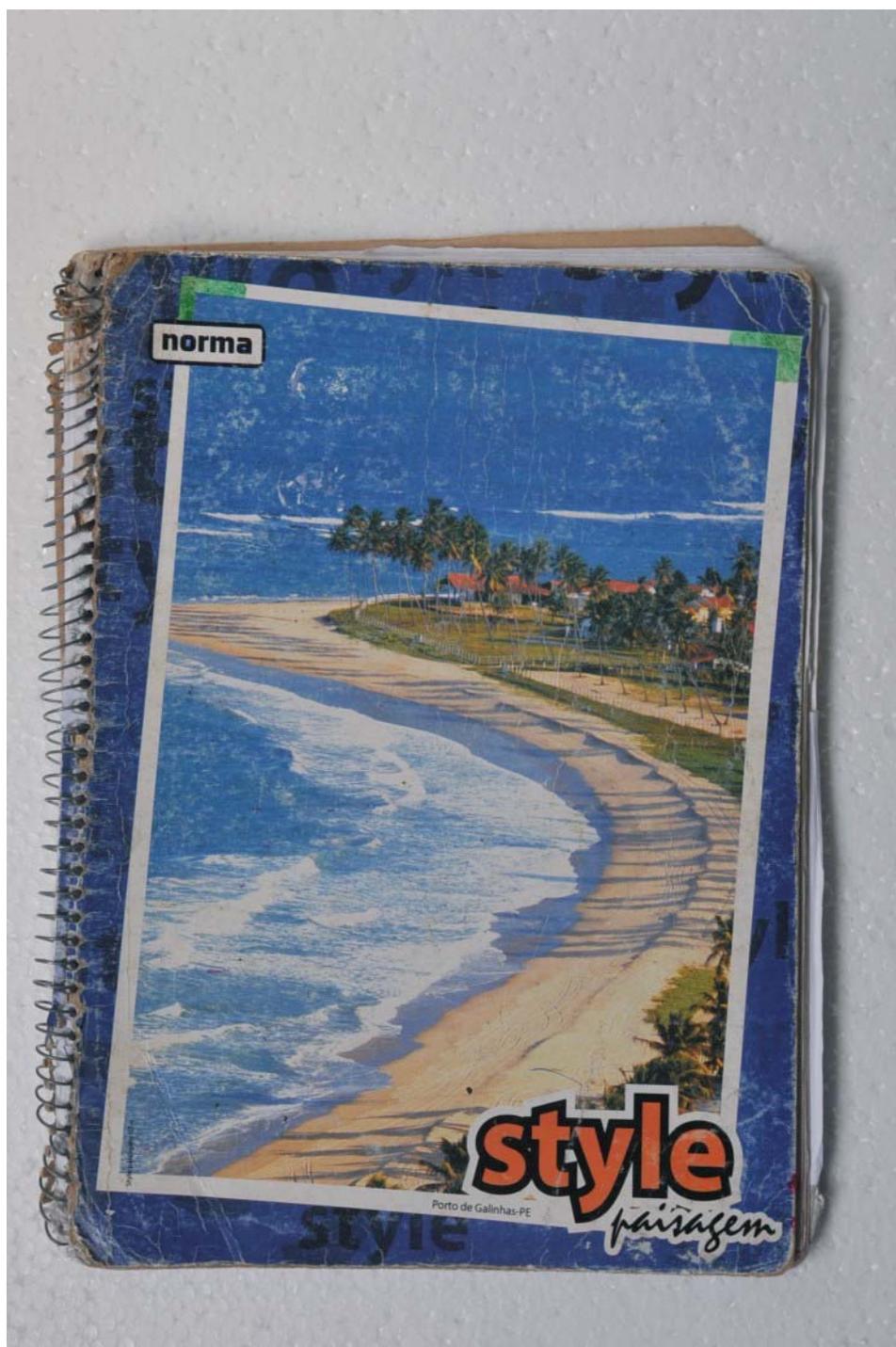
Aluno (Sávio, 12 anos)



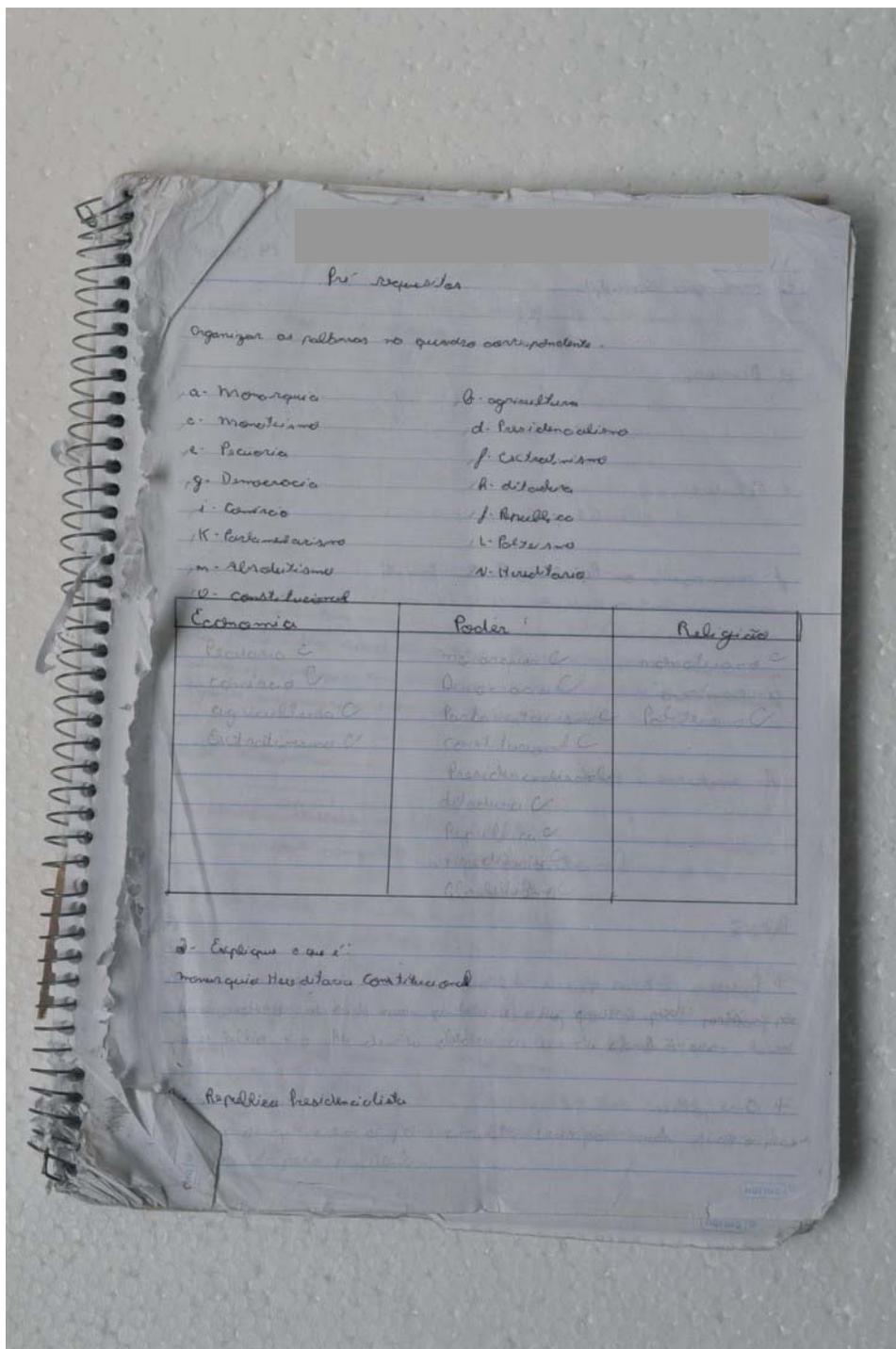
Aluno (Ricardo, 13 anos)



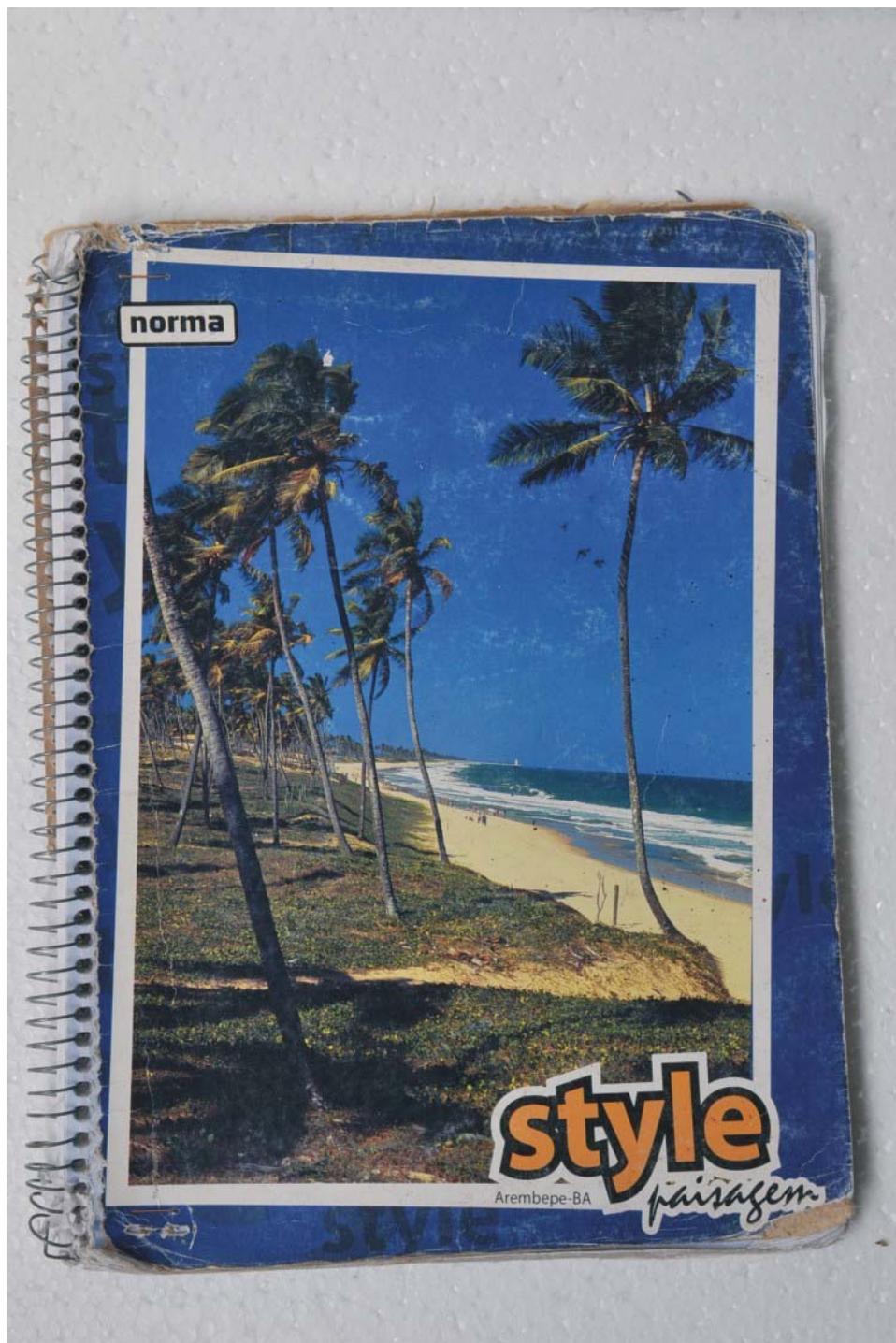
Aluno (Tertuliano, 13 anos)



Aluno (Eros, 12 anos)



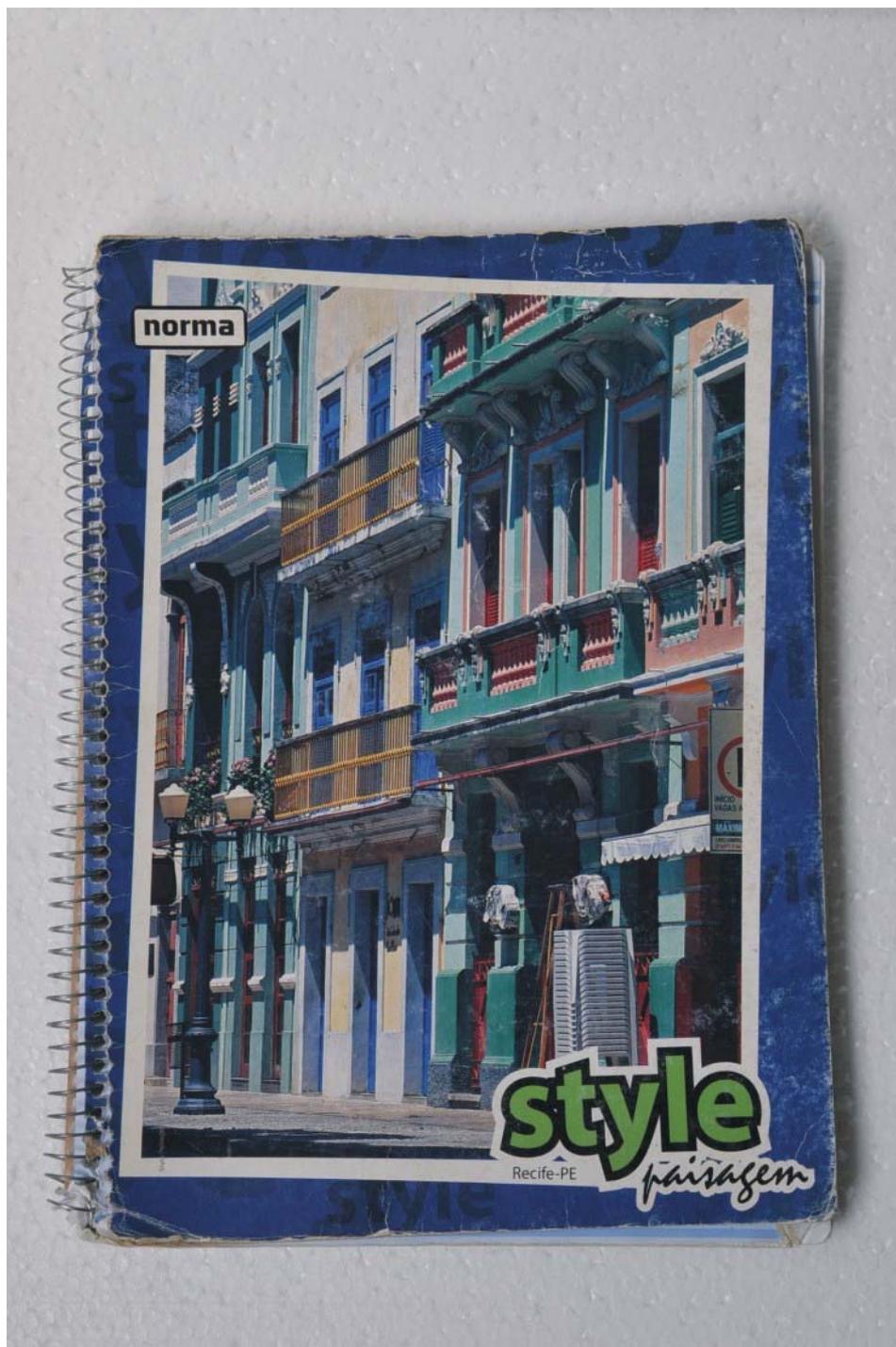
Aluna (Cecília, 13 anos)



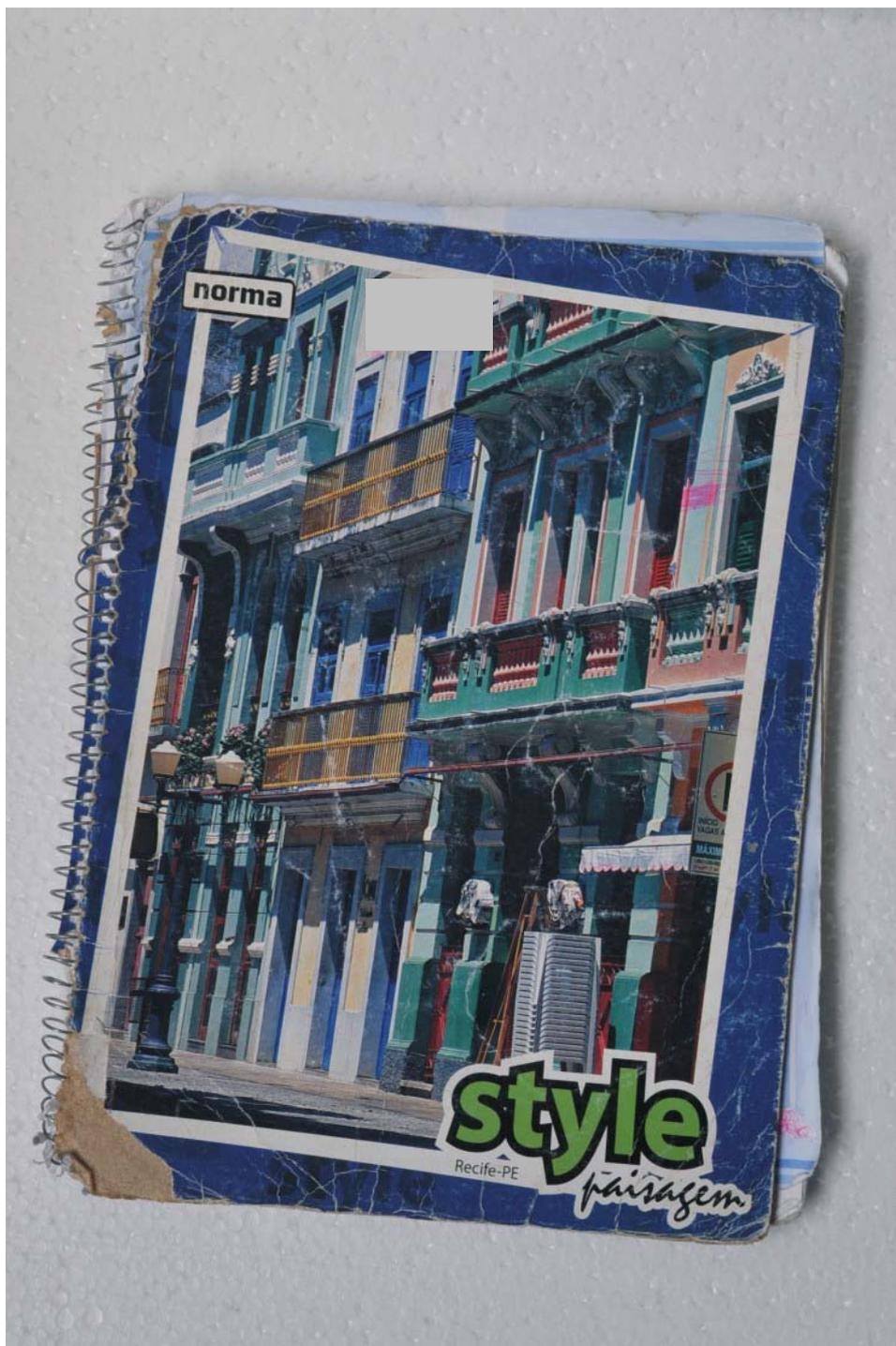
Aluna (Antônia, 13 anos)



Aluna (Beatriz, 13 anos)



Aluna (Filomena, 13 anos)



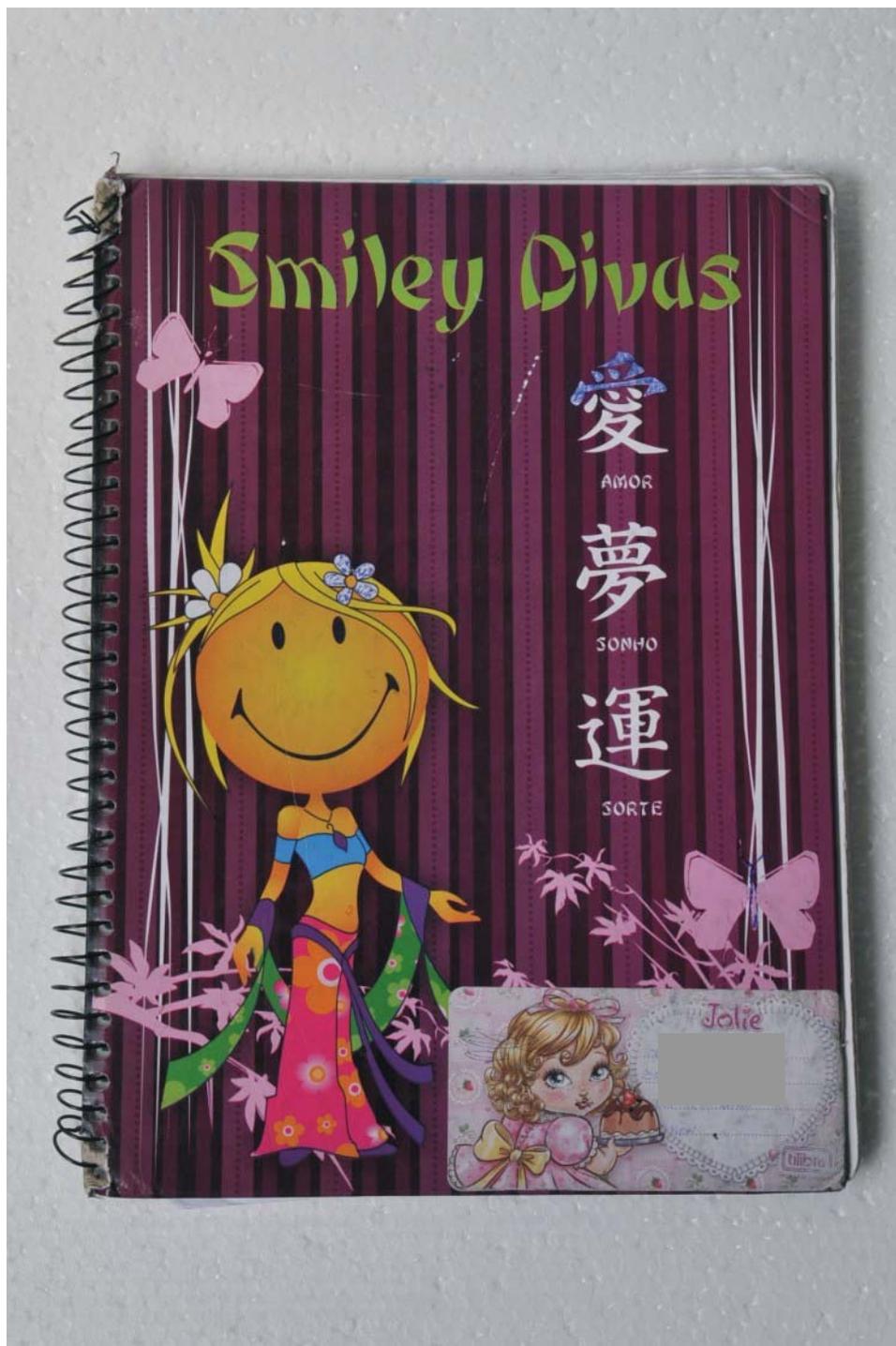
Aluna (Léia, 12 anos)



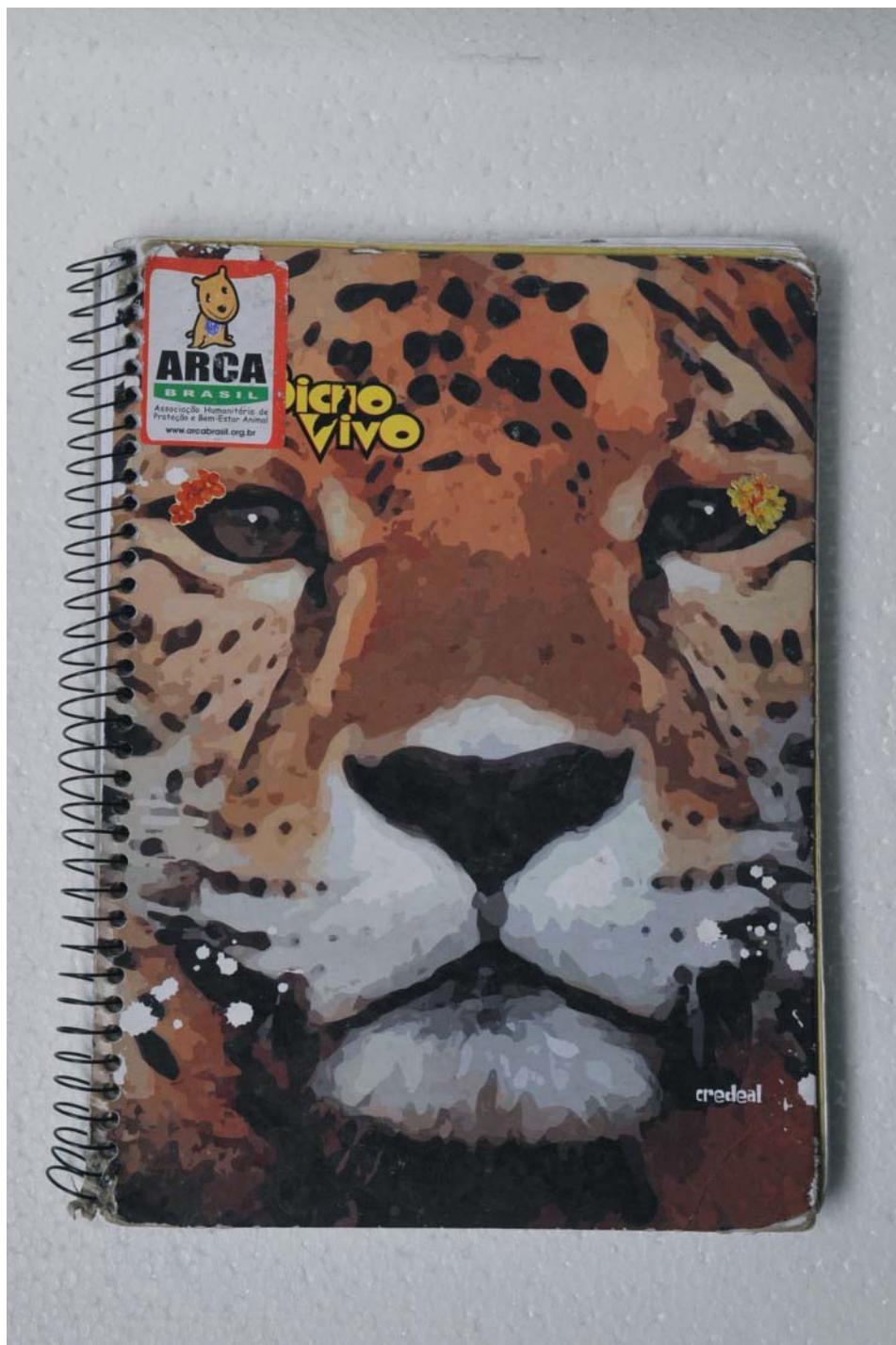
Aluna (Alice, 12 anos)



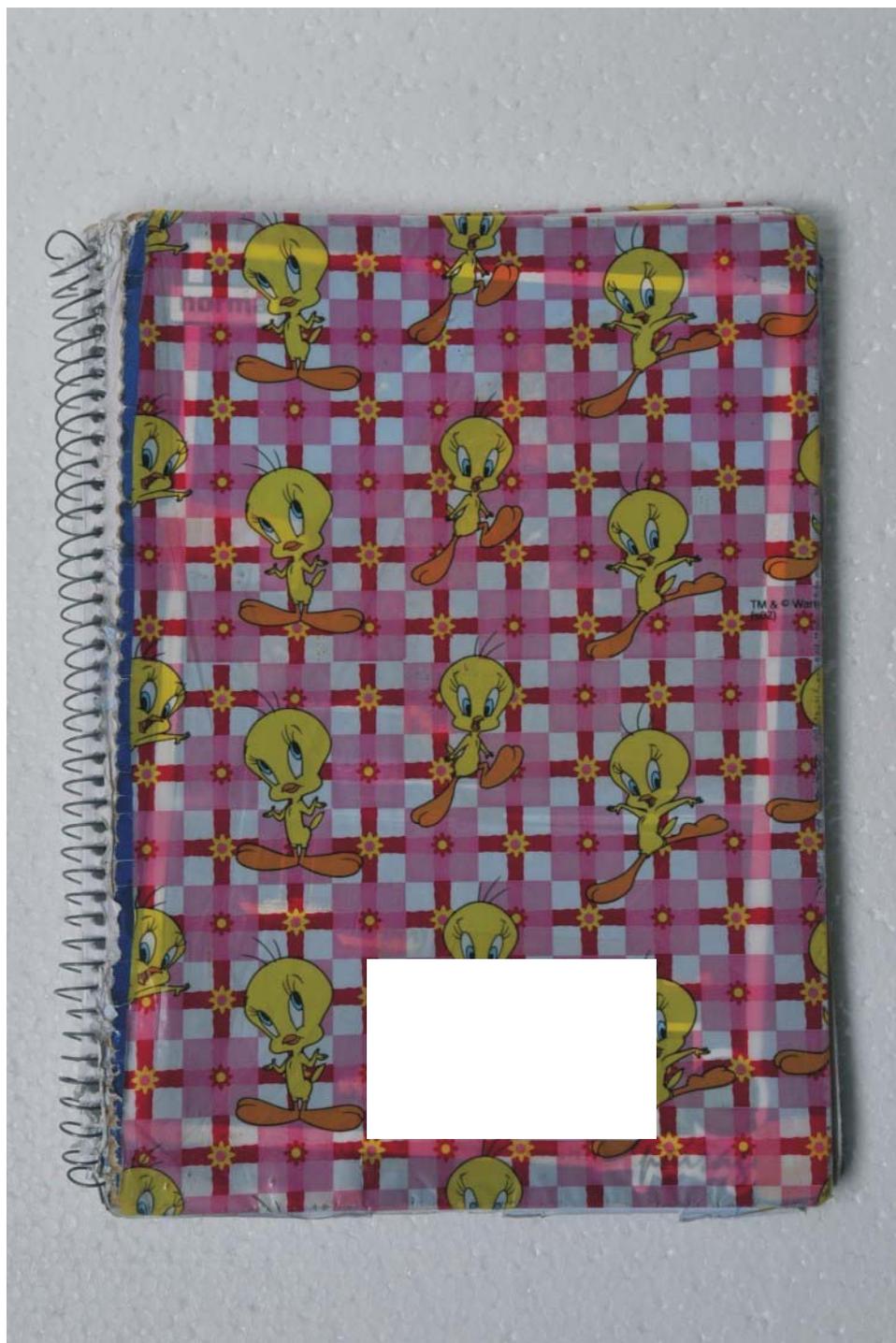
Aluna (Marcélia, 12 anos)



Aluna (Helena, 12 anos)



Aluna (Elizabeth, 13 anos)



Aluna (Rosane, 13 anos)

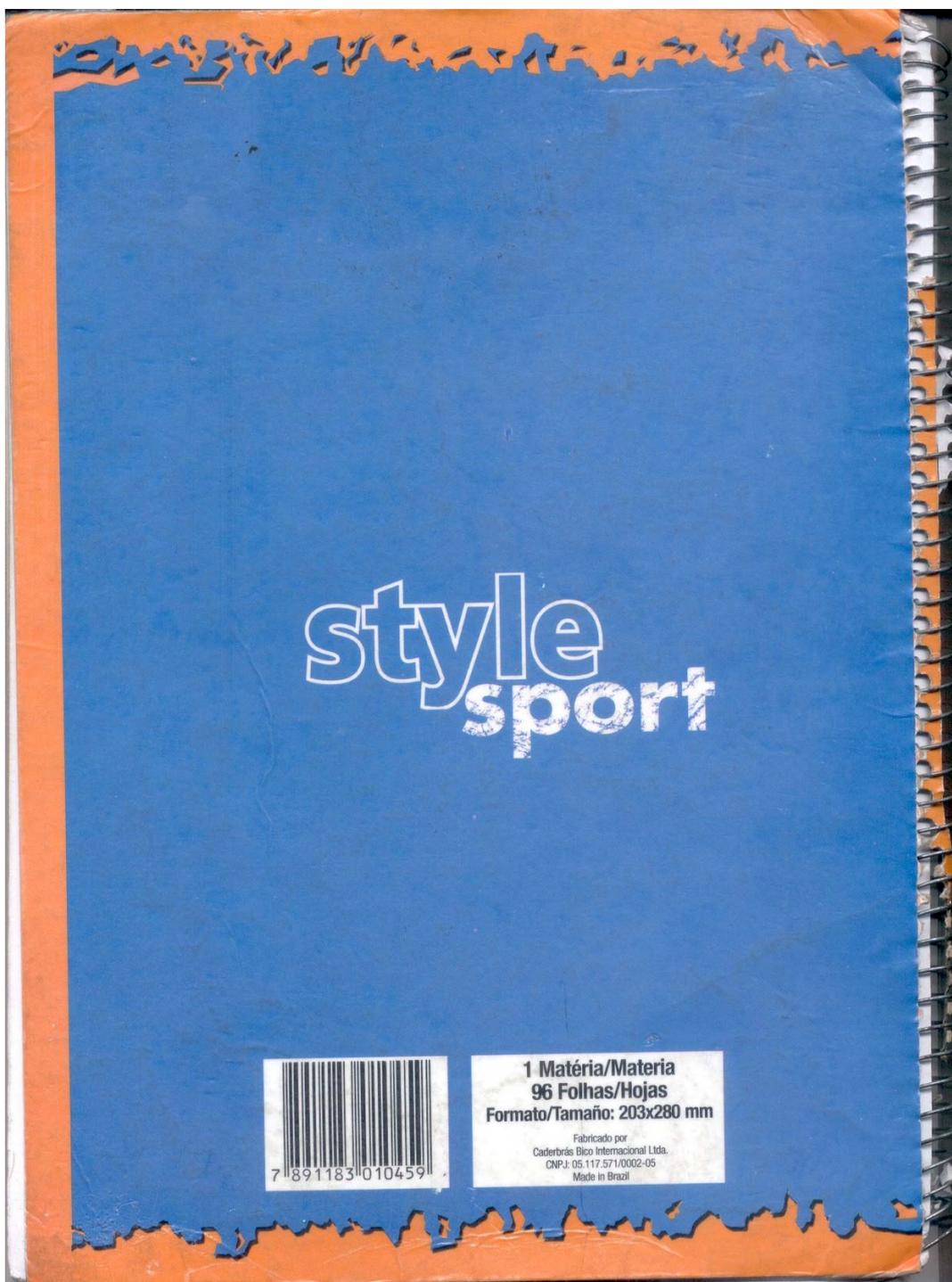


Aluna (Aline, 13 anos)



APÊNDICE 6
FOTOS DAS CONTRACAPAS DOS CADERNOS

Aluno (Eros, 12 anos)



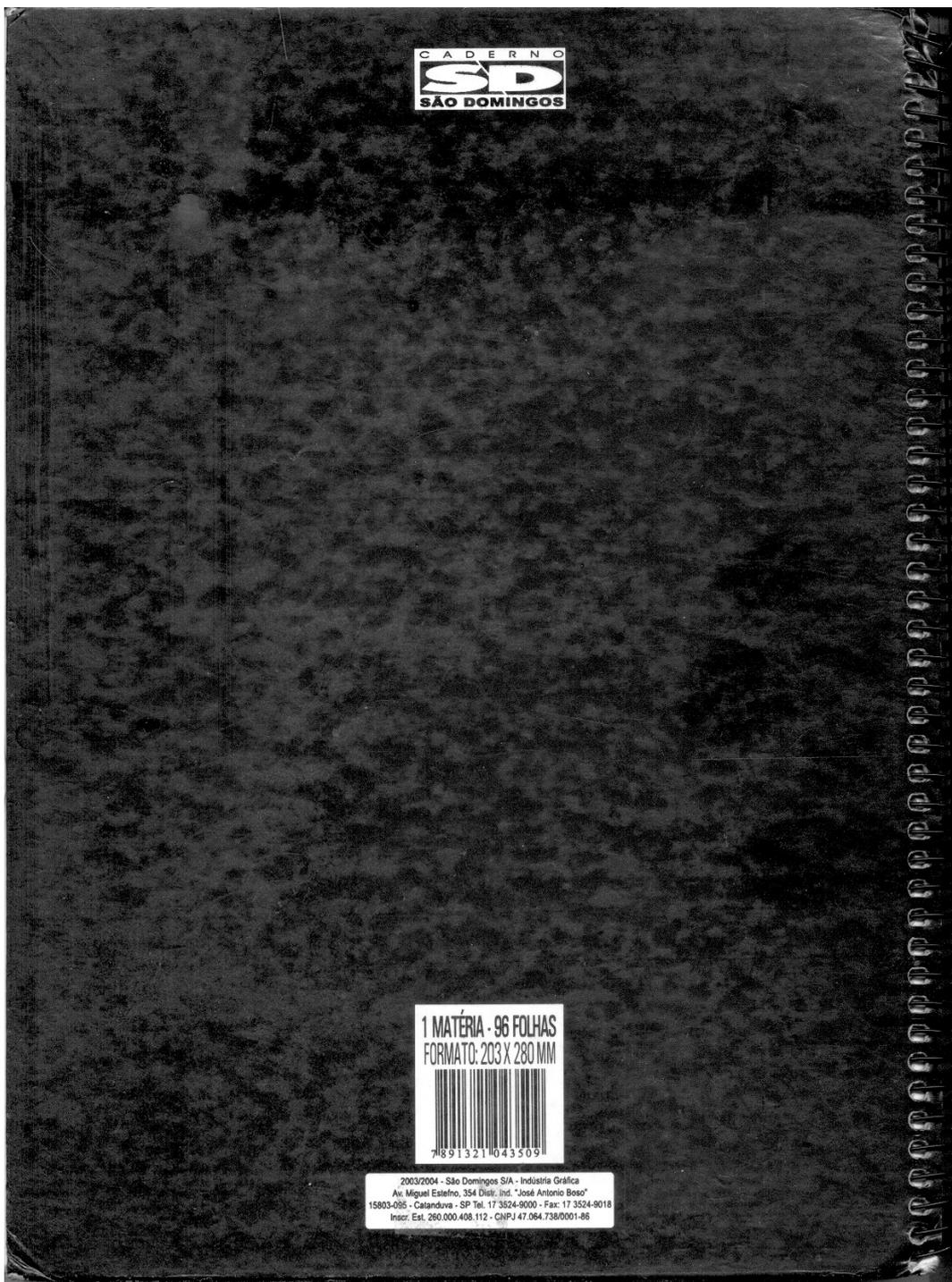
Alunos e alunas



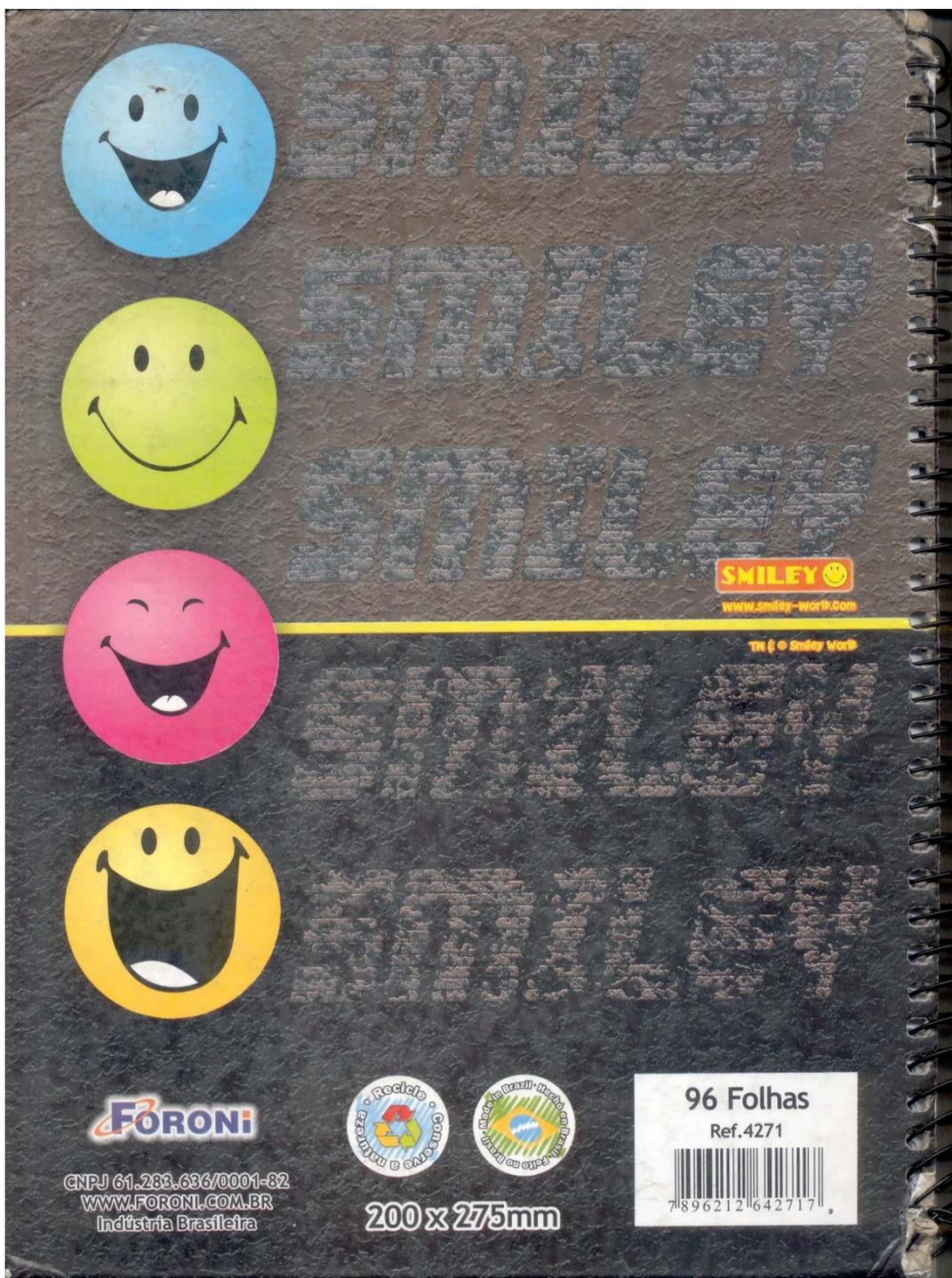
Aluna (Léia, 12 anos)



Aluna (Alice, 12 anos)



Aluna (Marcélia, 12 anos)



Aluna (Helena, 12 anos)

Bicho VIVO

A solidariedade salvou Tingo.

Consciência traz transformação.

credeal

Credeal Manufatura de Papéis Ltda.
C.N.P.J.: 87.864.237/0001-07
S.A.C.C. 0800-704-1366
www.credeal.com.br

Accesse o site Credeal e envie sua foto para "Galeria da Turma".

Largura/Breadth/Anchura: 200mm
Altura/Height/Altura: 275mm
Folhas/Sheets/Hojas: 120
Matéria/Subjects/Materia: 1

Fabricado no Brasil / Made in Brazil / Hecho en Brasil

Aluna (Aline, 13 anos)

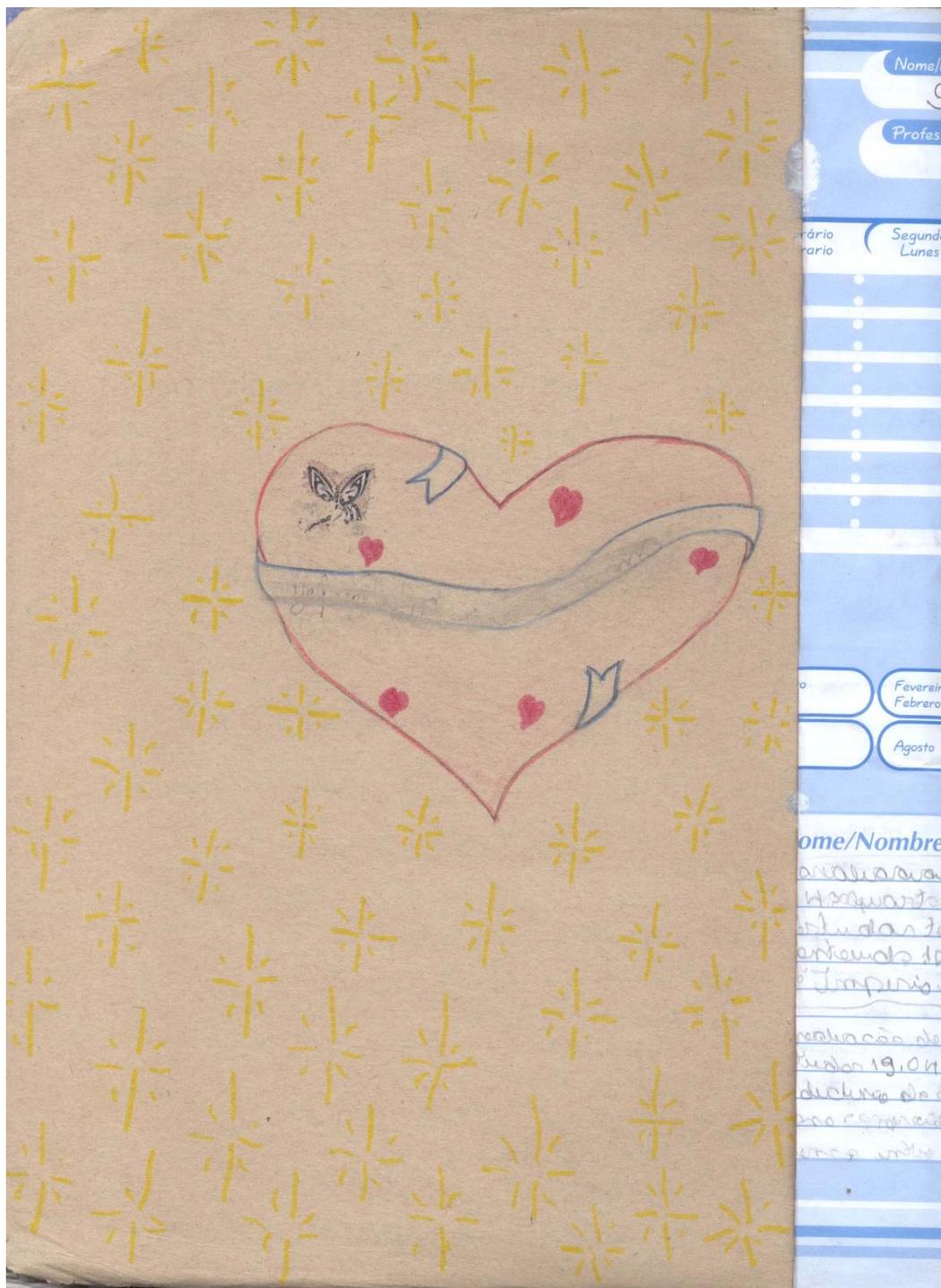


APÊNDICE 7
VERSO DA CAPA DE DOIS CADERNOS DE ALUNAS

Aluna (Elizabeth, 13 anos)



Aluna (Cecília, 13 anos)



APÊNDICE 8
QUATRO TEXTOS (FOTOCOPIADOS) PRESENTES NOS CADERNOS
CONFORME A ORGANIZAÇÃO APRESENTADA PELOS ALUNOS

TEXTO 1

FEU DALISMO *O modo de organização da sociedade medieval*

A insegurança e a intranquilidade provocadas pelas novas invasões (século IX e X) levaram os europeus ocidentais a se protegerem. Construíram-se várias vilas fortificadas e castelos cercados por grandes estacas. Cada um defendia-se como podia. Os mais fracos procuraram a ajuda dos senhores mais poderosos, em busca de segurança. Tudo isso contribuiu para a instalação do feudalismo na Europa.

O **feudalismo** ou **sistema feudal** é o modo como se organizou a sociedade europeia durante parte da Idade Média. Ele resultou da integração de elementos de origem romana e germânica.

Elementos romanos

Da herança romana podemos destacar:

Colonato – sistema de trabalho servil que se desenvolveu no período de decadência do império Romano. Nessa época, os escravos e plebeus pobres passaram a trabalhar como colonos em terras de um grande senhor. O grande proprietário oferecia terra e proteção ao colono, recebendo deste parte do rendimento do seu trabalho.

Fragmentação do poder político – no final do período imperial, a administração romana não tinha condições de impor sua autoridade em todas as regiões. O poder central enfraqueceu-se e, em consequência, os grandes proprietários de terra foram aumentando seus poderes locais.

Elementos germânicos

Da herança podemos destacar:

Economia agropastoril – a base da economia germânica era a agricultura e a criação de animais. As relações econômicas tinham um caráter comunitário. Não havia produção de excedentes para serem comercializados.

Comitatus – Instituição que estabelecia laços de fidelidade entre o chefe militar e seus guerreiros.

Beneficium – Os chefes militares recompensavam seus guerreiros, concedendo-lhes terras. Em troca, o beneficiado oferecia ao senhor trabalho e ajuda militar.

O sistema feudal desenvolveu-se por toda a Europa ocidental. Ele prevaleceu por um longo período de tempo, abrangendo uma área tão extensa que não poderia ser idêntico em todos os lugares mesmo assim, podemos destacar algumas características comuns ao feudalismo em termos de estrutura políticas, social e econômica.

POLÍTICA *A descentralização do poder*

Durante o predomínio do feudalismo, os reinos europeus não contavam com um governo forte e centralizado. Ou seja, os reis continuavam existindo, mas não tinham um poder efetivo sobre todo o reino. O poder político dividiu-se entre os senhores feudais, proprietários de grandes extensões de terras chamadas feudos. Eles governavam seus feudos de forma independente. Em cada feudo, o senhor feudal era a autoridade absoluta. Mandava e desmandava. Tinha poderes de administrador-geral, juiz e chefe militar.

ECONOMIA

Na sociedade feudal predominou a produção de bens destinados ao consumo de seus próprios produtores. E o relacionamento social no trabalho que caracterizou o feudalismo foi a servidão.

O feudo

O feudo era uma das principais unidades produtoras da economia feudal. Cada feudo produzia tudo que necessitava: cereais, carnes, leite, roupas e utensílios domésticos. Só alguns poucos produtos vinham de fora, como os metais utilizados na confecção de ferramentas e o sal.

As atividades econômicas predominantes nos feudos eram a agricultura (trigo, cevada, centeio, ervilha, uva, etc.) e a criação de animais (carneiros, bois, cavalos, etc.).

SOCIEDADE *A rigidez dos estamentos sociais*

A servidão

Apesar de ainda existir a escravidão, o principal regime de trabalho que marcou o feudalismo foi a servidão.

A servidão é uma relação de trabalho geralmente considerada superior à escravidão. Ao contrário do escravo, o servo era um "homem livre". Ele não era propriedade do senhor. Entretanto, trabalhava numa terra (feudo) da qual não era proprietário. Tinha apenas o direito de usá-la, sendo obrigado a produzir para seu próprio sustento e para o sustento da nobreza feudal.

A relação servil impunha uma série de obrigações e compromissos do servo para com o senhor feudal. Vejamos as principais.

Corvéia: O pagamento em trabalho

Era a obrigação do servo de trabalhar, gratuitamente, alguns dias da semana nas terras exclusivas do senhor feudal. Esse trabalho obrigatório podia ser realizado na agricultura, na criação de animais, na construção de casas etc.

Na sociedade feudal, a mobilidade social praticamente não existia: ninguém subia ou descia de sua posição social de origem. As pessoas estavam agrupadas em estamentos, permanecendo neles por toda a vida.

Os principais estamentos eram:

- Nobreza – constituída pelos proprietários de terra. Que se dedicavam basicamente às atividades militares. Eram os *bellatores* (palavra latina que significa guerreiros). Em tempos de paz, as atividades favoritas da nobreza eram a caça e os violentos torneios esportivos, que serviam de treino para a guerra.
- Clero – constituído pelos membros da Igreja católica, destacando-se o alto clero, formado pelos bispos, abades e cardeais. Eram os *oratores* (palavra latina que significa rezadores). O alto clero dirigia a Igreja, administrava suas propriedades agrárias e tinha grande influência política e ideológica, isto é, na formação das mentalidades e das opiniões.

- Servos – Representavam a maioria da população camponesa. Eram chamados, em latim, de *laboratores*, que significa trabalhadores. Realizavam todos os trabalhos necessários a subsistência material da sociedade. Produziam alimentos, roupas, etc.

Além dos três principais estamentos, havia na sociedade feudal um reduzido número de escravos e uma população urbana formada por pequenos mercadores e artesãos que se dedicavam ao comércio.

Retribuições: o pagamento em dinheiro ou bens

Havia diversos tipos de obrigações ou retribuições servis, que podiam ser pagas em dinheiro ou em bens. Exemplo:

- **Capitação** – imposto pessoal pago pelos servos.
- **Talha** – obrigação de entregar parte da produção agrícola ao senhor feudal.
- **Banalidade** – Pagamento que o servo devia fazer ao senhor pela utilização de equipamentos e instalações do feudo (celeiro, fornos etc.).

Prestações: o dever de hospitalidade

O servo era obrigado a hospedar o senhor quando este viajasse pelos seus domínios territoriais. O dever de hospitalidade compreendia a obrigação de oferecer ao senhor moradia e alimentos durante sua permanência.

As terras dos feudos podem ser divididas em três grandes áreas:

- **Campos abertos** – terras de uso comum. Nelas os servos podiam recolher madeira e soltar animais. A posse desses campos, que compreendiam bosques e pastos, era coletiva.
- **Reserva senhorial** – Terras que permaneciam exclusivamente ao senhor feudal. Tudo o que nela fosse produzido pertencia ao senhor feudal.
- **Manso servil ou tenência** – terras utilizadas pelos servos, das quais eles retiravam seu próprio sustento e recursos para cumprir as obrigações feudais.

TEXTO 2

Expansão Marítimo-comercial

A expansão marítimo-comercial europeia no período de 1400 a 1600 foi um dos mais grandiosos acontecimentos da época moderna. Constituiu um dos aspectos básicos da transição do feudalismo para o capitalismo nascente. Como resultado dessa expansão, continentes inteiros foram conquistados e explorados pelos europeus. Vários fatores contribuíram para a expansão marítimo-comercial europeia. Vejamos:

CRISE ECONÔMICA: FOME E DOENÇAS: O final da Idade Média foi marcado por grave crise econômica. A população das principais cidades aumentara. As terras agrícolas de boa qualidade tornaram-se insuficientes. E as velhas técnicas do sistema feudal não permitiam aumentar a produção. O resultado foi a falta de alimentos.

Para atender às necessidades gerais da população, era preciso conquistar novos mercados, fora da Europa, que fornecessem alimentos e também matéria-prima para incrementar as atividades econômicas. Assim, a expansão ultramarina apresentou-se como uma solução para a crise econômica.

UMA NOVA ROTA PARA O ORIENTE: No século XV, a vida mercantil europeia estava centrada no comércio de.

Especiarias (cravo, canela, pimenta, noz-moscada) e de artigos de luxo (porcelanas, tecidos de seda, marfim, perfumes).

Todos esses produtos vinham do Oriente (Ásia e África) e chegavam aos portos do Mediterrâneo através de mercados, principalmente árabes. Nesses portos, sobretudo no de Constantinopla, comerciantes de Gênova e Veneza compravam as mercadorias orientais e, depois, as revendiam na Europa cobrando preços elevadíssimos. Assim, o lucrativo comércio de especiarias e artigos de luxo era praticamente monopolizado pelos comerciantes italianos. Em Portugal, a burguesia queria romper esse monopólio dos genoveses e venezianos. Para isso era preciso descobrir rotas alternativas ao Mediterrâneo, que conduzissem ao Oriente. Lá poderiam comprar diretamente dos produtores as cobiçadas mercadorias. Esse desejo deu origem à expansão marítimo-comercial pelo Atlântico.

Quando os turcos tomaram Constantinopla, proibindo o comércio por essa região, chegou-se a afirmar que esse seria a principal razão que motivou a expansão o que não é verdade já que esse fato ocorreu em 1453 e os portugueses já haviam iniciado suas navegações em 1415.

NECESSIDADE DE NOVOS MERCADOS: O artesanato e as manufaturas urbanas precisavam ganhar novos consumidores. Do contrário, permaneceriam estagnados, atendendo apenas às modestas necessidades de consumo das populações locais. Esse projeto de crescimento só poderia ser desenvolvido com a conquista de mercados fora da Europa.

FALTA DE METAIS PRECIOSOS: As minas de ouro e prata existentes na Europa já não produziam o suficiente para a cunhagem de moedas. Esses metais se esgotaram porque, em grande parte, tinham sido utilizados na compra de especiarias e artigos de luxo. Para resolver o problema da falta de moedas, os europeus precisavam descobrir jazidas de metais preciosos em outras regiões.

ESTADOS NACIONAIS E SEUS INTERESSES: A expansão marítimo-comercial também está ligada à formação dos Estados nacionais, foram eles que, com governos centralizados e objetivos mercantis, impulsionaram a expansão. O rei queria aumentar seus poderes, a nobreza seus lucros. E a expansão marítima atendia a todos esses interesses.

PROPAGAÇÃO DA FÉ CRISTÃ: Os líderes da expansão marítima procuravam justificar a expansão dizendo que era preciso propagar a fé cristã, conquistar e converter os povos não-cristãos do mundo.

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: A expansão se concretizou graças ao desenvolvimento científico-tecnológico, que possibilitou a navegação a grandes distâncias. Ilustram esse desenvolvimento: o uso da bússola, a invenção da caravela pelos portugueses, o aperfeiçoamento dos mapas geográficos, e o estabelecimento do conceito de que a Terra é redonda.

NAVEGAÇÕES PORTUGUESAS

Portugal foi o primeiro país da Europa a se lançar às grandes navegações no século XV. Muitos fatores contribuíram para esse pioneirismo, entre eles:

***CENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA:** a centralização administrativa de Portugal permitiu que o monarca governasse de forma mais sintonizada com os projetos da burguesia.

***MERCANTILISMO:** Com a centralização política Portugal assumiu características de um Estado Absolutista. E a política econômica adotada por esse Estado era o mercantilismo, essa prática atendia tanto aos interesses do rei, que desejava fortalecer o Estado para aumentar seus poderes, como da burguesia, que desejava aumentar seus lucros e acumular capitais.

***AUSÊNCIA DE GUERRAS:** no século XV, Portugal era um país sem guerras. Vários outros países europeus estavam envolvidos em conflitos militares, isso acabou atrasando a entrada desses países na história das grandes navegações.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA: a posição geográfica de Portugal, banhado em toda costa oeste pelo oceano Atlântico, facilitou sua expansão por mares nunca antes navegados.

NAVEGAÇÕES ESPANHOLAS

Enquanto Portugal desenvolvia a navegação marítima e expandia seu comércio para novas regiões, a Espanha enfrentava o problema de expulsar os mouros que ocupavam seu território. Envolvida com a guerra de reconquista, não pôde se lançar à navegação marítima pelo Atlântico na mesma época que Portugal. Somente em 1492 quando conseguiram expulsar os mouros de seus territórios que os reis espanhóis iniciam o processo de navegação, dera atenção aos planos do navegador genovês Cristóvão Colombo.

Colombo apresentou aos reis espanhóis um novo plano para atingir as Índias. De modo bem diferente dos portugueses, que pretendiam chegar às Índias contornando a costa da África, Colombo planejava atingir as Índias viajando a partir da Europa no sentido oeste, isto é, dando a volta em torno do mundo. O plano de Colombo baseava-se na idéia de que a Terra era redonda, contrariando, assim, velhas crenças, segundo as quais a Terra era quadrada ou tinha forma de um disco plano, terminando subitamente num imenso precipício.

TEXTO 3

Conquista europeia no continente americano

Visão dos vencedores: os europeus

A expansão comercial europeia, que resultou na conquista de diversos povos do mundo, foi considerada um direito absolutamente natural da Europa. Por quê? Porque os europeus acreditavam ser o único povo civilizado do mundo (eurocentrismo), consideravam a civilização europeia muito superior às demais e, por isso, com direito de conquistar o resto do mundo.

A crença na superioridade da civilização europeia baseava-se nos seguintes pontos principais:

- * A Europa acreditava ter um povo superior desde o nascimento: pessoas da raça branca.
- * A Europa acreditava conhecer a única e verdadeira fé religiosa: o cristianismo.
- * A Europa acreditava possuir o melhor modelo de desenvolvimento no campo da técnica, da ciência e da arte.

Com esse conjunto de idéias racistas baseadas na superioridade cultural da raça branca, os europeus criaram argumentos para justificar a brutal conquista dos povos da América, da África e da Ásia.

Visão dos vencidos: os índios

Os povos que viviam na América, antes da chegada do europeu, são chamados de povos pré-colombianos. Essa é uma denominação que tem por base um referencial europeu, isto é, a chegada de Colombo no continente americano.

Totalizavam mais de três mil as nações indígenas que habitavam a América no século XVI. Muitas eram parecidas; outras eram bem diferentes entre si. Falavam línguas diversas. Tinham culturas diversas. Aproximadamente cinquenta anos depois da chegada do conquistador europeu, a população indígena estava violentamente reduzida. Nesse curto período, metade da população indígena foi eliminada.

Formas de violência contra o índio

O conquistador usou três formas principais de violência:

Violência militar: As armas dos conquistadores europeus eram superiores às dos povos pré-colombianos. A superioridade das armas do europeu ocorria por causa do uso da pólvora, o uso do cavalo e o uso do aço, todo este recurso era desconhecido aos povos pré-colombianos.

Violência econômica: Populações inteiras foram aprisionadas e obrigadas a deixar suas regiões de origem para trabalhar como escravos para o conquistador. Milhares de famílias indígenas foram dissolvidas. Pais foram separados de seus filhos, maridos foram separados das mulheres. Fora do seu meio natural, a população indígena sofreu com as mudanças no tipo de alimentação e no ritmo de trabalho. Enfim, a economia natural do índio foi destruída.

Violência cultural: Considerando-se muito superior aos povos conquistados, o europeu oprimiu de todas as maneiras os nativos americanos. Os principais elementos da cultura europeia foram trazidos e impostos aos povos da América. Exemplos: o idioma, a religião, as normas jurídicas, as idéias e práticas sobre política e economia, os padrões científicos e artísticos. As tradições indígenas, festas, crenças e costumes foram sendo destruídos.

Descobrimento ou Conquista?

Essa discordância terminológica tem raízes antigas. Já em 1556, havia determinações do rei da Espanha proibindo o uso da palavra conquista e propondo a utilização do termo descobrimento. Não se trata, contudo, de mera preferência. O conceito de descobrimento, na maioria das vezes relaciona-se a uma visão voltada para exaltar as ações dos europeus, ignorando os processos históricos que aconteciam no continente americano. Entretanto, a América não era um mundo a ser criado ou à espera de seu descobridor. Ela já havia sido descoberta e era habitada há milhares de anos antes da chegada do europeu.

TEXTO 4

Capitanias Hereditárias

Logo após o descobrimento do Brasil (1500), a coroa portuguesa começou a temer invasões estrangeiras no território brasileiro. Esse temor era real, pois corsários e piratas ingleses, franceses e holandeses viviam saqueando as riquezas da terra recém descoberta. Era necessário colonizar o Brasil e administrar de forma eficiente. Entre os anos de 1534 e 1536, o rei de Portugal D. João III resolveu dividir a terra brasileira em faixas, que partiam do litoral até a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Estas enormes faixas de terras, conhecidas como Capitanias Hereditárias, foram doadas para nobres e pessoas de confiança do rei. Estes que recebiam as terras, chamados de donatários, tinham a função de administrar, colonizar, proteger e desenvolver a região. Cabia também aos donatários combater os índios de tribos que tentavam resistir à ocupação do território. Em troca destes serviços, além das terras, os donatários recebiam algumas regalias, como a permissão de explorar as riquezas minerais e vegetais da região. Estes territórios seriam transmitidos de forma hereditária, ou seja, passariam de pai para filho. Fato que explica o nome deste sistema administrativo.

As dificuldades de administração das capitanias eram inúmeras. A distância de Portugal, os ataques indígenas, a falta de recursos e a extensão territorial dificultaram muito a implantação do sistema. Com exceção das capitanias de Pernambuco e São Vicente, todas acabaram fracassando. Desta forma, em 1549, o rei de Portugal criou um novo sistema administrativo para o Brasil: o Governo-Geral. Este seria mais centralizador, cabendo ao governo geral as funções antes atribuídas aos donatários.

Embora tenha vigorado por pouco tempo, o sistema das Capitanias Hereditárias deixou marcas profundas na divisão de terra do Brasil. A distribuição desigual das terras gerou posteriormente os latifúndios, causando uma desigualdade no campo. Atualmente, muitos não possuem terras, enquanto poucos possuem grandes propriedades rurais.

A colonização do Brasil, iniciada em 1530 com a expedição de Martim Afonso de Souza, não foi uma tarefa fácil. Em 1532, Martim Afonso fundou São Vicente, a primeira vila brasileira. No entanto, um único núcleo de povoamento na imensidade da costa não resolvia os problemas causados por navios franceses que vinham buscar pau-brasil. Era necessário povoar rapidamente a região costeira, mas a Coroa portuguesa não dispunha na época de recursos humanos nem econômicos para colonizar em curto prazo, o litoral brasileiro. Por isso, a partir de 1534, o governo português resolveu iniciar no Brasil um processo de colonização que havia sido aplicado, com muito sucesso, na ilha da Madeira e nos Açores: a divisão da terra em capitanias. Dessa forma, a coroa portuguesa pretendia ocupar o território brasileiro e torná-lo uma fonte de lucros. As capitanias eram imensos lotes de terra que se estendiam, na direção dos paralelos, do litoral até o limite estabelecido pelo tratado de Tordesilhas. Esses lotes foram doados em caráter litoral, até o limite estabelecido pelo tratado de Tordesilhas. Esses lotes foram doados em caráter vitalício e hereditário a elementos pertencentes a pequena nobreza lusitana. Os donatários tinham de explorar com seus próprios recursos as capitanias recebidas. Ao doar capitanias, a Coroa portuguesa abria mão de certos direitos e vantagens, em favor dos donatários, esperando com isso despertar seu interesse pelas terras recebidas. A Carta de Doação e o Foral garantiam os direitos do capitão donatário. Pertenciam-lhe todas as salinhas, moedas de água e quaisquer outros engenhos de capitania. Podia escravizar índios em número indeterminado, mas devia enviar 39 para Lisboa, anualmente. Ficava com a vigésima parte da renda do pau-brasil. Podia criar vilas, administrar a justiça e doar sesmarias, menos para a esposa, para o filho mais velho e para judeus e estrangeiros. Sesmaria era uma extensão de terra que o donatário doava a quem se dispusesse a cultivá-la. Ao contrário da capitania, da qual o donatário não tinha a propriedade (mas apenas o uso), a sesmaria era propriedade do sesmeiro, após dois anos de real utilização. O rei reservava para si algumas vantagens que na verdade, lhe garantiam os melhores proveitos que a terra poderia oferecer; dez por cento de todos os produtos da terra; vinte por cento (um quinto) das pedras e metais preciosas; monopólio do pau-brasil, das drogas e das especiarias. No Brasil, o sistema de divisão da terra em capitanias não deu bons resultados. A grande extensão dos lotes talvez a principal razão do insucesso. Sem recursos suficientes, os donatários só conseguiam fundar estabelecimentos precários na região costeira dos lotes que recebiam; não tinham condições de tentar a colonização do interior. A enorme distância que separava as capitanias da metrópole, de onde vinham os recursos necessários para a sobrevivência dos núcleos iniciais, dificultava ainda mais a colonização. As capitanias de São Vicente e de Pernambuco, apresentaram resultados melhores do que as outras. O sucesso dessas capitanias se deveu ao êxito da cultura canavieira e da criação de gado.